



Coimbra em Fralda

Coimbra deixou cair aos pés as roupagens ricas de verduras e esmaltes de boninas; quebrou os calices das magnolias por onde bebia orvalhos em orgias de lyrismo; afugentou os poetas, que lhe fervilhavam á porta, candidos, platonicos, meigos d'amor, ebrios de paixão; e em fralda, muito descarada, bateu nas ancas uma palmada rija, sacudiu a cabelleira d'ouro, perfumada, e com o tom finamente canalha d'uma peccadora chic, por entre sorrisos ironicos, frios como lanças, finos como agulhas, declarou aos pequenos — que não, que já não vivia de cantigas —.

Os vates, nas faces uma nodoa vermelha de pudor virginal, promettiam dar-lhe os ideaes — Elizas, Alices e Sophias, versos feitos d'auroras e clarões de lua, as musas anemicas com a tosse distincta das tísicas, e a pontinha de febre respectiva. E supplicantes — que se vestisse, que se des-acreditava assim, que até o Mondego se offuscava a desenhar-lhe a imagem nua —.

A garota ria sempre; cobria com as rendas largas da camisa os peitos chupados na aleitação de milhares de bachareis; punha com os dedos sonoridades sedutoras na elasticidade das ligas de seda; e affirmava com descaramento — estar assim muito á vontade —.

E ironica, no seu calão — que chamassem o bedel para lhe apontar as faltas...—.

Teimosa ahi a têm a expôr-se ao publico a meia tostão por cabeça.

No mercado escreveu por cima da porta em letras grandes — Entrada sem distincção de sexos; resta-lhe a fralda, está salva a moralidade publica.

COIMBRA EM FRALDA mostrar-se-ha publicamente de 15 em 15 dias. É simplesmente uma revista litteraria, que se não encarrega da satisfação d'encommendas, feitas pelos seus assignantes, e que não publica seccão charadistica. Está feita a apresentação.

	Assinatura: — Anno	1 \$ 200	} 1.º NUMERO — 1.º DE JUNHO
1.º NUMERO — 1.º DE JUNHO	» — Semestre	600	
	» — Trimestre	300	
	Numero avulso	60	

Editor: — JOSÉ CORREIA D'ALMEIDA JUNIOR

ASSIGNA-SE EM COIMBRA — Livraria Mesquita — rua das Covas. Livraria Popular — rua do Visconde da Luz.



PUBLICAÇÃO QUINZENAL

N.º 1 — Sexta feira, 1 de Junho de 1883

DIRECTOR: — SOLANO D'ABREU.

Collaboradores: — Acacio Guimarães, A. Pinto da Rocha, Affonso Vargas, Antonio Navarro, Costa Santos, Ezequiel David, E. Costa Macedo, Eduardo do Valle, J. Serras Conceição, J. Lorjô Tavares, M. Oliveira Ramos, Silvestre Falcão, Santos Mello e Trindade Coelho.



SYMPHONIA

Coimbra esqueceu as lendas, deu um piparote nas conveniências, meteu-se a estroina. Ella, a boa burgueza, media, as côres saudaveis d'uma boa alimentação, o olhar sereno das consciências tranquillias, tinha lá fóra a reputação de mulher seria, cuidadosa nos arranjos domesticos, rica na fecundidade, incansavel nos partos facéis, repetidos, de duzias de bachareis gemeos.

Na quietação da vida sentia apenas a influência das lendas a pôr-lhe na alma aspirações ideaes, e então deixava-se ficar pelos salgueiraes do rio, a ouvir gemer bandolins piegas á luz pallida da lua.

Mas ella não tinha a culpa: as gerações de Lemos, alimentavam-lhe a vaidade, dizendo-lhe — que nos seios da dhalia do Mondego faziam ninho os rouxinoes, e inspiravam-se os poetas. Um pequeno defeito, que o Penha teve tentações de lhe tirar substituindo-a nos cantos pelo aroma suave dos velhos vinhos, e na companhia, ás horas das noites calmas, pelo Homem do gaz e pela Maria Camella — duas entidades legendarias, que elle para ahí immortalisou em rimas douradas, explosões das alegrias ephemerias d'uma vida encantadora de bohemio inspirado. Nas lareiras das aldeias, ao doce consolo da fogueira, crepitante de resinas nos madeiros nodosos, no meio das narrações pitorescas d'encantos de mouras e paixões de príncipes, loucos por caras angelicaes d'uma raça de pastoras, que se sumiu. contavam-se de Coimbra casos extravagantes, de crueldades selvagens, envoltas em sacrilegios, que arripiavam cabellos e punham até incredulidades em espiritos atheus.

Entretanto *ella* pacata, e religiosa, estendia humildemente o dorso aos chicotes de todos os patifes, comprava uma machina á empresa da *Ordem*, ouvia á tarde practicas religiosas no convento de Santa Thereza e educava as filhas nas Ursulinas. O Junqueiro, um dos seus filhos, atirou-lhe ás faces o D. João e promettia matar-lhe mesmo nas bochechas o Jehovah; outros ainda desacreditavam as musas sentimentaes, tinham crueldades d'ironias no dissecar dos factos, descaramentos de sarcasmos no revolver da podridão.

E Coimbra foi com a corrente.

Uma noite que os poetas á porta lhe faziam lyricas, mandou-os entrar e recebeu-os no *boudoir* em fralda, muito á vontade. Reclinada na flaxidez d'almofadas de pennas, offereceu-lhes champagne, mostrou-lhes disfarçadamente, em descuidos de camisa, a seda das ligas, a tental-os, perdida de todo, com desejos de dinheiro a causarem-lhe vertigens. E riu então

muito das meninas da alta, filhas suas, viciadas no meio do bairro academico, que dizem aos namoros, *que jogaram de porta* se chegaram mais tarde á missa, e que lhes chamam *cabulas* se escreveram pouco na carta habitual, diaria.

E das da baixa em exposição constante defronte das vitrines do Visconde da Luz; em amostra continua pela Estrada da Beira n'um flamar pelintra, a traduzir desmazelos domesticos, e sempre grande cortejo de namorados piegas em actividade, com numero igual de substitutos na reserva. Os poetas em arrepios de nervos mettiam os dedos compridos, osudados, nas cabelleiras grandes, alvejantes de caspa, trocavam olhares significativos de compaixão e ficavam mudos, perdidos em abstracções, envergonhados d'aquelle descaramento. D'elles apenas um, com enthusiasmos de delirio no cerebro, se levantou; afastou os cabellos louros da testa da Coimbra, torceu-lhe o beicinho vermelho, cahido, e beijou-a na alvura do marfim dos dentes, bem cuidados com esmeros principescos; e quebrado de caricias — tens a queda, pequena, nasceste para isto.

Ella dava com a lingua estalidos de satisfação, significando prazeres de paladar, depois de beber pequenos goles de *champagne*; e despreocupada, nas faces um leve rubor, nos olhos um embaciado sensual, na phrase o calão *futrica* — estava-se nas tintas para se ralar; a sua missão de criadeira de bachareis dava-lhe para viver, ainda que o patrão Thomaz tentasse cortar-lhe os interesses; tinha a liberdade garantida, e senão que se lembrassem do enthusiasmo do oito de Maio, só em bandeiras n'esse dia 27200, azeite de luminarias meio almude, viverios ás duzias e a mudança do nome das ruas não queria dizer cousa nenhuma?... Era brincadeira talvez!...

O futuro não lhe dava cuidado; quando não podesse fazer bachareis e palitos, semear melões e lôas, tinha o caldo no Collegio Novo com o acompanhamento do bemdito; e para os filhos menores o *orphanado* com o seu orgão na imprensa — a *Violeta* —, e a instituição das conferencias de S. Vicente de Paula. Só esta já tinha uma peça de pano crú para vestir todas as crianças da freguezia... e muitos discursos do acompanhamento de piano, e cantos unctuosos de ladainha. Que por casa ainda tinha muita religião — confissões todos os dias e até a Senhora dos Navegantes no theatro...

Que fóra tempo... Antigamente ainda provava na cosinha o caldo do jantar, deitava pés nas meias e fundilhos nas ceroulas dos pequenos — uma peimtrice, tudo isso. Agora bordava bandeiras para a Senhora do Sameiro,

que as suas filhas levavam a Braga, em carros commodos de 1.^a classe as ricas, que as pobres iam em 3.^a, chegavam ao mesmo tempo, no ceu tambem ha distincções....

E atirava as pernas ao braço do sophá mostrando os pés pequenitos, apertados na pelica do sapato, com fivelas d'ouro onde a luz punha scintillações, decompondo-se em pedras boas. E por baixo das rendas abertas nos folhos compridos, a seda da meia côr de cana, como uma tentação, a escaldar os cerebros com desejos de adivinhações. Nos labios o sorriso das bacchantes, nos peitos o arfar de palpitações anormaes, nos olhos a languidez boa das sensações causticas.

Os poetas desceram e na escada, encarando-se, pasmados — perdida de toda, morta para nós e para a virtude.

Mezes depois uma menina da alta, sabendo d'essa perda, lastimava, uma lagrima no canto do olho, pisado, raiado de sangue, e que até

«As filhas, do Mondego a morte escura
«Longo tempo chorando memoraram.

S. d'A.

SCENAS VULGARES

(D'APRÈS NATURE)

Na visinhança a Emilia gosava creditos de rapariga finoria, que sabia levar muito bem a agua ao seu moinho.

— Oh! a Emilia — dizia-se com um longo assobio, castanholando com os dedos. — Grande gaja, a Emilia.

Parceiro que lhe caisse na unha, dizia a maledicencia femenina da visinhança, era *com'paxaste*; e piscavam o olho á laia de quem queria dizer — era parceiro esfolado.

É certo que se não arranjava mal, rendia-lhe aquelle modo de vida a que se entregara por calculo, e de quando em quando vinham-lhe já umas pequeninas vaidades de chegar a ser senhora, de ter casa sua, criadas a servir-a, minha ama isto, minha ama aquillo. E porque não? Tivesse ella juizo que o mais era questão de tempo. Conhecia-as que tinham começado como ella, e ricas que estavam e então muito respeitadas — sr.^a D. Fulana, V. Ex.^a....

— Juizo, juizo e olho fino, pensava. Que ainda o havia que escorregavam, ora essa...

Aos domingos a Emilia sahia com o seu casaco de caxemira, lenço de seda na cabeça, vestido de *pompadour* com rufos á moda, guarnecidos a fita de veludo e que ella erguia intencionalmente, presumida no seu saiote vermelho de ramagens pretas, — uma

prenda d'annos junctamente com o broche que levava, um embrincado de mau gosto, embirrento no seu esmalte verde.

Um luxo, um estadão, diziam as vizinhas quando a viam sahir de casa, toda cheia de uma circumspecção positiça, de quem não dá confiança.

— Como vac cheia, a sorna, diziam. Que não arrebetasse, que tivesse cautella.

— O estafermo, rematavam com desprezo.

— E então de sombrinha de cabo de osso, repararam? É de morrer. Ora não ha, ora não ha. Sempre a gente vê cousas.

E cuspinhavam para o lado, com franzimentos de nariz, indicativos de muito nojo pela Emilia e de muito desprezo pelo que ella levava no corpo — desde os brincos de ouro com pingentes, até ás botas de duraque com tacaõ *benoiton*.

Lá por dentro a Emilia ria-se com estas cousas, não fazia caso, dizia. Para que? Ora! Uma pingona que não tinham uma camisa para mudar ao domingo, que até cheiravam mal, — umas porças, resumia.

E depois fingindo uns vomitosinhos com intermitencias de calefrios na espinha, encolhendo-se toda — *brrr! caticha!* exclamava, pigarreando uns escarrositos.

Causavam-lhe nojo as vizinhas, umas engommadeiras de garibaldi amarello, peitos muito lisos, caras magras de coloração doentia, olheiras roxas de noites mal dormidas em quartos sem ar, infectos da fumarada do petroleo.

— Um nojo, tudo aquillo, uma pelintragem reles, dizia. O que ellas tinham eram inveja, ralavam-se.

Pois que se mordessem, as sostras. Ao menos ella não se abandalhava p'r'ahi, como ellas, com toda a casta de tonantes de taberna que lhes entravam bebados em casa, a *riscar* com a sombra, cambaleando, expectorando as obcenidades com os arrotos avinhados do de Torres. E depois para ellas, gingando os quadris, pé á frente:

— Risque lá, sua faia de uma cana.

Não, d'estas poucas vergonhas é que ninguem lhe lançava á cara. Tivera sempre cautela. Havia signaes para entrar, certo modo de bater, umas tantas pancadinhas. E depois não era quem quer, gente escolhida tudo, de gravata, que não era ella que gostava de se levar em pouca agua.

— Pois não gostaste! Estava-se rindo, dizia com um gesto significativo.

Tinha conhecido muitos estudantes, muitos, e boas mesadas que lhe davam, ricas prendas em aneis, fóra o mais em roupas, que tinha a sua arca bem surtida. Podia vender que ainda ficava com muito. Por esse lado não tinha medo a doenças. Não a apanhavam desprevenida, não. Fóra sempre a sua gente, os estudantes. Dava-se

bem com elles, então? Achavam-lhe modos de senhora, geitos de sala, certo donaire.

— Nas salas ha muita besta, diziam-lhe. Tomaram muitas o teu ar, Emilia, muitas.

E depois de a beijarem, mirando-a orgulhosos:

— Tu tens a linha, Emilia. Palavra de honra que tens a linha.

Lembravam-lhe muito. Uns eram agora delegados, deputados outros, engenheiros, medicos, militares.

E quando algum passava por Coimbra e se demorava não se esquecia de lhe mandar um bilhetinho a casa, que estava cá, muito de fugida, que fosse vel-o ao hotel, esperava-a á noite. «Sem falta, hein?»

Ceavam no quarto, bebia-se bem, ria-se muito.

— Que ella estava a mesma, talvez melhor, que o tempo não lhe fazia mal. Uma assim! Melhor, estava melhor, não havia que ver. Ora a Emilia!

E pondo-se a contemplal-a, sentando-a no joelho, ás cavalleiras, com minudencias de exame:

— O mesmo rostinho redondo, corado, as mesmas sardas no nariz delgado, o mesmo brilho nos olhos pequenos e travessos, aquella borbulha na testa, do lado direito e a risca do cabelo do mesmo lado, do esquerdo. A mesma, toda ella, concluia.

E dava-lhe beijos soffregos, cantarelados, e punha-se a dizer-lhe que tinha saudades do seu tempo de Coimbra, e até da *cabra*, que visse.

— Olha lá, Emilinha, a *cabra* ainda toca, filhinha?

Que sim, que ainda tocava.

— E toca duas vezes, Emiliasinha? Como d'antes?

— Tal e qual. — E lá para si: estás como uma *piela*...

E o bacharel lacrimoso, ternuras:

— Que não tornava a encontrar mulher assim — aquelle gagé, aquella *coisa*... — Olha lá, estás na mesma casa, já se vê?

— Na mesma, pois eu...

— No mesmo quarto talvez?

— No mesmo.

Fazia-se um silencio. Na rua a parallelipipedos carros rodavam a trote. O Tristão apregoava o *Noticias*, era o resto, meus senhores. A mente do bacharel perdia-se em labores retro-activos, lembranças de scenas velhas, rapasiadas. E interrogava:

— Lembras-te?

— De que?

— Ora de que! E muito p'egas, abraçando-a com força:

— Ai Emilia! Ui Emiliasinha! E arrastando muito as syllabas nos beijos estendidos: — Ora já te não lembras! choramingava.

.....
No dia seguinte ao entrar em casa ouvia a voz das engommadeiras vizinhas:

— Teve gajo, a lesma. Farta-te, bacora.

E ella indifferente, lá para si:

— Bem digo eu que ainda os ha.... Ai, asninhas, ai, bestinhas.

E ria, ria, a Emilia ria muito....

Padre Filho Espirito Santo.

COIMBRA EM FRALDA

Cansou-se emfim dos versos retumbantes
Que os vates lhe impingiam, reverentes,
E adeus dizendo aos pobres innocentes,
Largou no chão as roupas alvejantes.

Os tristes imploraram, soluçantes,
Que se pozesse em trajos mais decentes;
Mas ella a rir, mostrando os alvos dentes,
Solto a briza as fraldas petulantes...

Oh! tu que te apresentas triumphante
Em camisa d'alvura deslumbrante,
Dizendo que não vives de cantigas,

Permitte-me que eu seja o teu servente
E que tenha a meu cargo, ao meu sómente,
Calçar-te a meia fina e pôr-te as ligas...

Villa Real — Algarve.

Luiç Arthur.

Meu caro:

A principio assustou-me o titulo do jornal.

Coimbra em Fralda! É titulo para melindrar o pejo dos menos pudibundos, em cujo numero peço o favor de me contar.

Depois, á força de o ler, nos jornaes e annuncios avulsos, profusamente espalhados, acostumei-me a pronuncial-o, sem corar, e quando vi, que a maioria dos seus conterraneos, pessoas graves e conspicias, de consideração, bem collocadas, e respeitosa-mente escutados na sociedade, onde a gente se não diverte, se pronunciava abertamente contra o descaramento do titulo, eu, que não gosto de ter a opinião de toda a gente, acabei por achal-o deliciosamente appetitoso, soberbamente irreverente, e graciosamente moral.

Eu, que não juro nas palavras do Fontes, não adoro a eloquencia do Assumpção; não creio na sciencia dos doutores, nem no espirito dos estudantes laureados; eu, que não acredito na ingenuidade das virgens, que usam cuia e phrases, trazem olheiras, e recitam versos de Florencio, soffrem d'um calo, e d'uma paixão, que lhes põe no sangue a ardência voluptuosa d'uma febresinha interessante, e vem para janella namorar cheias de ideias,

e palitar os dentes, eu, que, como o meu amigo vê, sou quasi um descrente, ou pelo menos um dissidente, acredito na moral da *Coimbra em Fralda*, eu!

É claro que não fallo d'essa moral espevitada, convencional e myope, que diz sentenças, e toma rapé, boa pessoa, um quasi nada caturra, a velha moral das novellas, que premeia as Angelas perseguidas, e fulmina os Ataulfos perseguidores; nem d'essa outra moral, dos Catões, rigida e severa, admiravel nos heroes, mas in-supportavel n'uma obra de arte.

Fallo da moral scintillante e alegre, que despêde contra o que é balofo ou chato, insignificante e banal, o bando alado das frias ironias, o enxame doirado dos epigrammas mordentes.

Esta moral, fresca, juvenil, sadia, que se banha e faz gymnastica, educada no salutar desprezo da convenção, da basofia burgueza, rindo das notabilidades officiaes, dando piparotes nas reputações consagradas, na falsa virtude, e na falsa sciencia, esta é a moral, que a original irreverencia do titulo, o bello talento do meu amigo, o seu humorismo, e a sua *verve* delicadamente caustica me obrigam a attribuir á *Coimbra em Fralda*.

Se a *Coimbra em Fralda* é, pois, como penso, a expressão litteraria, faiscante de graça, do entusiasmo d'uma pleiade de rapazes, estrepitosamente alegres, corações de ouro, que amam o bello, espiritos generosos enamorados da justiça, phantasias brilhantes povoadas de ridentes chimeras, bem vindo seja o jornal, bem fadado' seja elle.

N'este caso, como o meu nome seria uma sombra na constellação de collaboradores da *Coimbra em Fralda*, o melhor que o meu amigo tem a fazer, é não o incluir na lista; mas se absolutamente o deseja, eu não posso recusar á sua amisade a permissão, que tão amavelmente me pede.

Abrantes, maio 1883.

J. Serras Conceição.

AS SOIRÉES DA BAIXA

A Narcisita, a do Machado, fazia annos e queria n'esse dia uma soirée ruidosa, de muitos convidados; viriam as do Magalhães, com loja de panos na visinhança; as Silvas, porque traziam o pae para a flauta e o irmão para o violão; a do Xavier, que animava muito uma sala e depois não era uma cabra como por ahí diziam; os Correias, manos bachareis, empregados no *civil*, litteratos conhecidos da baixa, collaboradores — da lenda de o sangue d'Ignez nas pedras de a fonte — obra curiosa, rica d'investigações historicas. Estudantes poucos

por causa da troça, um ou dois do *Tribuna* e da *Correspondencia* para dizerem depois no jornal a descripção da festa, e exaltarem a amabilidade dos donos da casa; e o Eduardinho, estudante d'humanidades, para a marca das quadrilhas; de resto mais tres ou quatro para que não faltasse a Isaura, cheia de bons dictos nas sentenças dos jogos de prendas.

É a Narcisita argumentava ao pae, desfazendo difficuldades — que tinha voltado o vestido havia pouco e então para que o queria? Que aprendera a dançar no club da Figueira, mas não sabia para que, se a sepultavam n'aquellas quatro paredes sem um divertimento, sem uma occasião para mostrar, que valia tanto como a filha d'um doutor.... — Mas deixem, ameaçava raivosa, hei de seguir o exemplo da Isaura, sempre janella, cinco e seis á porta...

O pae virado — que sim, que sim, que convidasse quem quizesse. O Machado era do commercio, ufanava-se com isso, batendo no peito repetia muitas vezes — cá nós, os negociantes. Embirrava com soirées, nos seus tempos não se dançava, entretanto consentia aquella; queria casar a filha, á noite viriam estudantes, um bacharel para genro era outra cousa, e depois boas fortunas lá pela terra, porque quem é pobre não os manda para cá, raciocinava.

Durante o dia entraram para casa do Machado muitos taboleiros d'arrufadas de Sant'Anna, e de manjar branco de Santa Thereza, envolvidas em toalhas finas de Guimarães.

A Narcisita queria sandwiches, comera-as de fiambre uma noite na Figueira e gostara; mandava-as vir agora do Lusitano senão custassem um dinheirão...

Lembrou-se então d'um expediente; fazia-as de chouriço do Alemtejo, tinha-o muito bom, trazido pelo Freitas, um caloirito dos lados de Portalegre, de quem o Machado era correspondente. A tarde gastou-se na ornamentação da escada — no ultimo degrau o busto de D. Luiz, em gesso, farda de generalissimo, e gravata branca de cambraia, que o Machado deixára d'usar para encobrir o pescoço partido do rei; cá em baixo os dois caixotes de flores, mudados da janella do primeiro andar; nas paredes cinco quadros grandes, alargartados de pinturas, representando os continentes, que a Narcisita mostrava ao pae, e cheia d'ufania de sciencia, apontando-os — a Europa, o Brazil, a Asia, a America e a Ingola. Na sala grinaldas d'hera, apanhadas em fitas azues, o candieiro grande da loja ao meio do tecto, fazendo decompôr a luz de quatro bicos de gaz nos pingentes faceitados, de vidro ordinario.

As oito horas dançava-se a primeira quadrilha, e a do Xavier impacientemente

— se não marcavam? E lançava aos pares olhares de curiosidade e supplica. Na sala levantou-se em côro o pedido — que marcasse o senhor Eduardinho. É elle influi-se, nos labios um sorriso de troça, nos olhos grandes, negros, o goso de boas alegrias, e marcava — tudo manobra á direita... alto ahí..., escovinhas *au côté*..., *ao redol*, e todos para o seu logar.

As do Magalhães riam muito, achavam-lhe muito graça, e até no fim apresentaram o marcador ao doutor Paiva, lente jubilado em canones, que muito se felicitou por ter a honra de comprimentar o animado moço. A Isaura fazia escandalo, só queria dançar com estudantes, affirmava sempre aos caixeiros, que tinha já par. É a Narcisita commentando, cheia de raiva — que se estava nas tintas para aturar aquella descarada, mesmo perdida de todo; Deus lh'o perdoasse.

O Machado quasi deitado no sofá comia sandwiches, achava o chouriço picante, que estava a pedir do novo da Bairrada e elle que o tinha de se lhe tirar o chapéu, um vinhão...; e estendia os beiços gulosos, unindo-os.

Por fim resolveu-se a ir proval-o lá dentro — que o não trazia para a sala, que não era para todos. A volta, nos olhos pequeninos, chorosos, a languidez alcoolica; no beiço grosso, imbecil, cahido, difficuldades de sorriso; e muito amavel para a filha — que ella era um anjo, que lhe desse um beijo e que cantasse o rouxinol, como a das comedias, no Conimbricense.

É para um estudante — que me diz á pequena doutor? Não ha filha de bacharel, que lhe chegue, tambem lh'o digo. Os estudantes faziam voltear pela sala os testos de barro do manjar branco, e depois procuravam achal-os debaixo das cadeiras, junto dos pés das damas.

O Mello, um caixeiro do Visconde da Luz, vencido na eleição de portestandarte da associação commercial no prestito de oito de Maio, resolveu recitar depois de muito pedido; e então caminhou para o piano: mão esquerda nas costas segurando as abas do frak, a direita livre para o gesto rasgado nas grandes situações, a voz melodiando

Filha! não posso agasalhar-te em vida;
rosa pendida quo te vaes finar!

.....

e no fim dos versos olhares de paixão piegas para a Nogueira, a filha do patrão, que namoriscava um caloiro, a quem já chamava o seu gajo em momentos de ternura. O Paiva, o velho doutor, e o Silva, da loja de ferragens, lembraram-se da bisca, queriam jogar-a, mas o Machado offendido com o escandalo não o consentia — a sua casa não era tavolagem — e repetia a phrase, apanhada ao Julio, arengador

da baixa, com o cerebro a fervilhar em aspirações de grandes cousas.

A meia noite sahiam todos, commentando cada um no seu calão: a Isaura—uma cambada as desvergonhadas; os caixeiros—ainda as havemos de ver a engommar na alta para os estudantes; os estudantes—um pagode as soirées da baixa....

S. d'A.

MINHA AMANTE

Encanta-me o seu collo immaculado e o bom aroma delicado e brando, que ella exhalla, me deixa fluctuando n'um ambiente morno e embalsamado!

Ai, eu quero passar a vida ao lado da minha cara amante assim... nadando nos effluvios, que em mim vai infiltrando o seu osculo doce e perfumado!..

Viver assim são, pois, os meus desejos, e eu juro assim viver, não obstante ella arrastar-me tórbido a seus pés...

Embora, embora! hei-de sorver-lhe em beijos as delicias do seio!—E minha amante esta bella garrafa de Xerez!—

Costa Santos.

CARTA DE LISBOA

Escrevo á ultima hora e com uma ausencia absoluta de noticias.

Um deserto isto.

Não chega mesmo a haver camellos. Vou, pois, fallar-lhes das duas unicas cousas que actualmente conseguem preoccupar Lisboa: a partida para Madrid do augusto chefe do estado—como creio que se chama ao senhor D. Luiz em linguagem official,—e as sessões de magnetismo de Emma Zanardelli.

Quanto á primeira não se imagina ali o immenso esforço consumido n'estes ultimos dias para que não façamos má figura na terra da pandeiretta; e emquanto Coimbra se põe em fralda, com grave offensa da moralidade e da ordem, e em riscos de se constipar ou se *pneumonisar*, a dandy, enverga a casaca, lustra a *claque* e areja o seu hespanhol, que, aqui para nós, ella tem aprendido nas frequencias de algumas *calles* de reputação avariada e na audição das companhias de zarzuela...

E é de ver qual dos felizes, que irão passear na *villa coronada* e flunar um pouco nos jardins do Prado, ou na *Puerta del Sol*, ha de dar melhores requiebro a phrase e mais gentil dic-

ção ao dialogo, fallando essa bella e energica lingua castelhana, tão sonora e tão imaginosa...

Um amigo meu, por exemplo, anda a colleccionar phrases n'uma carteira e já tem entre outras as seguintes:

Para dizer ás mulheres bonitas que vir «*Mira que hermosa eres niña; me parece ver el sol andando!*»

Para exclamar diante das obras primas do muzeu de pintura:

«*Gran Dios! Pero esto no es un museu, es el cielo, en la tierra y cierto, cierto que iremos a encontrar la Virgen hablando con su hijo amado, y los evangelista discreteando con los archangeles...*»

Para berrar n'uma praça de touros: «*Que venga el toro para picarlo Pollito.*»

Finalmente para um discurso n'um jantar:

«*Yo bebo señores, por la España, nuestra amada hermana, por el sangre y por la raza; en el camino de la civilisacion yo no veo mas que un gran pueblo—el pueblo peninsular—y una gran familia: los hijos de Camões y de Cervantes...*» Entre parenthesis este meu amigo é membro do 1.º de Dezembro, mas... emfim necessidade obriga; por isso elle dirá essas cousas y muchas mas porque se eu transcrevesse para aqui todo o caderno, os senhores ficavam talvez sabendo hespanhol, mas eu commettia um abuso de confiança...

—Fallemos comtudo de Emma. Ao que parece a gentil italiana tem dito coisas assombrosas, ella lê numeros de relógios, que estão na algibeira muito bem fechados, ella vê *jokey club* na cabeça de um espectador e minhocas nas de um outro, ella diz emfim o que os lenços têm desenhado, se uma borboleta se uma inicial; sómente não disse ainda... o que somos nós... que a tomámos a serio; mas descensem que ha de dizel-o... ao dr. May.

No emtanto os seus espectaculos têm tido um lado util como tudo tem n'este mundo, até o inutil. E entre as varias utilidades que muitos lhe têm encontrado eu encontrei-lhe esta: serve para ensaiar perguntas nas varias linguas que Emma falla e fornece ensejo aos que desejam praticar—*um pouco de idioma*.

O diabo é que ás vezes tem vindo a sua tolice á mistura; assim por exemplo n'uma das ultimas noutes um espectador perguntava-lhe, cheio de uma santa curiosidade insaciavel, *Emma qu'est ce que j'ai à la main droit?* Ora isto obrigou logo uma pessoa sabia que estava ao pé—talvez um professor de francez—a gritar furioso: *te, te*; mas como vêem até isto serviu, mostrou que a alludida pessoa—o alludido professor, suppondo sempre que fosse um professor—mostrasse que era forte nos *generos*.

E a proposito de Emma certamente

não vão esperar que lhes falle aqui em hypnotismo, em magnetismo, em somnambulismo e em varias outras cousas acabadas em *ismo*; isso falos-hia acommeter de um interminavel frouxo de riso e, verdade, verdade, não é meu proposito assassinal-os pela gargalhada.

—Conversemos antes de livros. Como sabem annunciava-se ha tempo um novo livro de Bento Moreno—*O Salustio Nogueira*; pois esse romance, de qual conheço algumas paginas deliciosas como observação e como critica, embora não tenham o largo colorido artistico de Eça de Queiroz, appareceu ha dias; e Jayme de Seguíer o brilhante Iriel da *Folha Nova*, um poeta-consul ou um consul-poeta, como quizerem, dá-nos tambem muito breve os *Adagios e Alegros*, que tambem conheço em parte mas de que só fallarei quando apparecerem.

Eis o que se annuncia no mundo litterario a par de dois romances de Eça de Queiroz, *A Capital* e *Os Maias* em que segundo me asseveram trabalha activamente o grande romancista que deseja publicar-os por estes mezes.

Por emquanto os que lêem deliciam-se com o bello volume de Gomes Leal *Historia de Jesus para as creancinhas lerem*, uma finissima perola, a qual por si só nos daria o cunho d'esse bello talento que, embora umas vezes por outras mergulhe na banalidade ou na doidice, tem de quando em quando vãos de condor até essas limpidas paragens iriantes onde vive a arte immaculada e eterna... e como hunca conseguirão tel-os aquelles que d'elle se riem.

E pois que nada mais sei agora, que possa interessar Coimbra, e nem o ministerio caiu, nem a opposição ralhou, até breve, que me vou deitar.

15 de maio.

Affonso Vargas.

O LUISIANO

Quando nascera, haviam-n'o cercado de muitos carinhos, affabilidades suavissimas, d'uma doçura de mel. Fôra-se creando assim, n'um meio mórno como uma tarde de maio, entre os beijos estalados das criadas e as meiguices adengadas da Maria, a ama, mulher alta, espadauda, d'uma coloração viva e penetrante; musculos tesos, feitos no Norte nas espadelladas e nas mondas dos trigos; seios fartos, braços trigueiros, picados de sangue e de sol, com uma pennugem tenuissima a sombreal-os. Esta Maria havia sido, em tempos, o encanto das romarias dos seus sitios, bellas romarias em que o vinho verde espuma á flôr

dos copos, no gôso largo da natureza que se abre em agosto ás expansões dos homens rudes, que andam a cuidar d'ella um anno inteiro, a acaricial-a, flagellados de granizo e vento, para lhe apanhar nas sombras humidas do estio, o primeiro beijo d'amor...

E com que saudades ella trazia á tona da alma o seu passado, ridente como uma primavera florida, com constellações d'esperanças a dourar-lhe a existencia feliz, coroando-a de rozas e d'alegrias!

Ainda se lembrava bem; nunca se esqueceria, nunca... Ia em tres annos que o Eduardo das Eiras lhe apparecera nos Remedios, em Lamego, jaqueta hespanhola ao hombro, faixa vermelha á cinta com franjas d'um amarello esbatido, ares farçolas de valentão, com requebros languidos, olhos em alvo, cantando á viola no meio da esturdia umas ternuras adocicadas, que enroscaram ao coração da pobre rapariga os primeiros enganos d'uma paixão ardente.

E depois, á sombra d'um castanheiro corpulento que estendia os braços umbrosos e frescos por sobre aquelle rancho feliz, o Eduardo levantando o copo ao ar:

— Lá vae á tua, Maria.

Oh! se se lembrava, e com que saudades! Estas cousas nunca esquecem.

Mais tarde, no anno immediato, ella tinha ido de noute com mais umas poucas de raparigas por uns molhos de trigo ao Velinho, uma quintarola do José Morgado, homem de teres, possuidor de bons cavallos e magnificos perdigueiros.

E quando a lua descia melancolicamente no horisonte, silenciosa e triste como uma pomba vagabunda, o Eduardo tinha-lhe roubado o primeiro beijo, fundido com o ultimo que o luar mandava á larga folhagem da figueira que escondia os dois amantes queridos, e á herva macia que se alastrava pelo campo fóra n'um supremo regalo de frescura...

Dois annos depois, uma familia de Lisboa, boa gente, grave e séria como a cartola d'um commendador, alugava-lhe o corpo redondo e franco, a carnalidade opulenta de saude e de força, com florescencias de sangue a transparecer-lhe na pelle tisonada, como se aluga uma vacca tenra e gorda, de leite puro e bem creado, rejuvenescedor para as madrugadas de abril, quando os rouxinoes fazem variações de violino nas balseiras do rio, e o sol rompe gloriosamente, como um corcel de luz, do fundo alaranjado do azul.

— Um arranjinho, dizia-lhe a irmã; um dinheirão! Com o pequeno fico-te eu. Não sejas tóla, rematava.—

E foi.

O Luisinho nascera, e a Maria co-

mecara a interessar-se por elle como se fosse seu filho: dispensava-lhe o melhor dos seus carinhos, o mais affectuoso das suas meiguices, o mel mais dôce dos seus beijos; agasalhava-o muito, animava-o no dôce calor do seu collo quente; trazia-o sempre perto do peito, n'um aconchego que faz quebrantos, amodorrando-lhe as pequeninas energias do organismo n'aquelle banho mórno de caricias, de volupias inconscientes, de languôres incomprehendidos; e o corpo ia-se fazendo goêdo e molle, os olhos sumiam-se pouco a pouco no fundo repolhudo e polpôso das faces. E ao rolar-o branco e carnudo pelas côxas largas e amplas, fazendo cócegas, vinha-lhe á lembrança o seu Zézito que ella tinha deixado á irmã com um abandono de que Deus talvez não gostasse muito,— pensava.

Encontrámo-lo depois em Coimbra, a cursar mathematicas, namorando uma florista em ruina que a mãe vendia baratamente a dez tostões por noute, mulher que tinha sido o tormento dos calouros boçaes, alta e tenra, d'uma pallidez viciosa, olhar amortecido e baço.

O Luisinho vinha de Lisbôa com theorias pandegas, novas, adquiridas na promiscuidade com o sexo masculino; sempre o mesmo, muito amencinado, muito dengue, calça clara curta e apertada, pondo n'uma evidencia palpitante a pôlpa generosa da sua carne, expansivo e franco, — bello rapaz, intelligente, tirado de excentricidades,— como lhe diziam os litteratos do Lusitano, dados a licôres e a homens.

Fez-se celebre: quando fallava, faziam-lhe côrte, uma roda larga, Luisinho cá, Luisinho lá,— bom moço: e tinha extravagancias *chics*, com um até dous amigos, d'um sabor todo moderna, regadas a champagne espumante, altas horas da noute, quando os rouxinoes cantam nos salgueiros do Mondego, e o luar desmaia nos calices dos lyrios melindrosos...

Depois resolveu ir para Paris fazer o curso de pontes e calçadas, para constituir um futuro largo em que elle afofasse o seu corpo molle como n'um bom *divan* macio.

E os intimos, para o obsequiar, na estação do caminho de ferro, sorriso a cahir-lhes ironico dos labios, abraços affectuosos comprimindo-lhe a gordura das espáduas:

— Adeus, Luizinho! Sempre ás tuas ordens.—

E um burguez, sentenciosamente:

— Uma vergonha é o que isto é!

Santos Mello.

Publicamos em seguida uns pedaços d'um espirituoso poema do nosso amigo Acacio Guimarães. Agradecemos a offerta a esse sympatico rapaz, e pedimos-lhe que não seja esta a ultima vez, que nos dê motivo para lhe manifestarmos a nossa gratidão.

Sentimos apenas não poder publicar o poema completo; a modestia dos seus heroes prohibe-o, não desejam entrar já no caminho da immortalidade...

A BATOTEIDA

INVOCAÇÃO

Tu, oh! musa cruel da jogatina
Que a tanta gente negas protecção,
P'ra que em verso cantar possa a má sina
De quem te presta culto e adoração,
Insulta-me uma parte da divina
Furta que o nome tem de Inspiração;
Concede-me esta graça, e reverente
Me verás a teus pés eternamente.

E vós a quem a deusa das batótas
Redondamente nega os seus favores,
Vós a quem da má sorte as cambalhotas
Obrigam a soffrer maus dissabores,
A trazer quasi sempre as sólas rôtas
E a farpella usual de furta-côres,
Attentae n'este caso verdadeiro
Que ha dias succedeu a um batoteiro.

É d'uso ao começar um qualquer drama
Declarar logo o auctor no mesmo instante
Se é esbelto mancebo ou meiga dama
Quem faz d'elle o papel mais importante;
Quem é; onde nasceu; como se chama;
Se é baixo d'estatura ou se é gigante.
Quem seja pois o heros d'esta epopéa
Vou já dizel-o aqui á bocca cheia.

Agora só me resta humildemente
(Se não q'reis ver frustrado o meu intento
De cantar a batóla repellente)
Pedir me perdoeis o atrevimento
De vir massar assim tão dôidamente
O vosso bem formado entendimento.
Prestae-me, pois, Senhor's, vossa attenção;
— Vou pôr os personagens em acção.

CANTO I

O SABBAT

N'um vasto casarão do ardente Averno
Onde as almas servis dos condemnados
Expíam por sentença lá do Eterno
As commettidas faltas, os peccados,
Por Satanaz cornudo — Rei do Inferno —
Em tremendo concilio convocados,
Já se juntam do mal os dignatarios,
Seguidos de birbantes caudatarios.

Occupa Satanaz a presidencia
— O demonio maior em exercicio —
Pendente tem da mão frasco d'essencia

Que lhe dá o poder do malefício;
Nas retorcidas pontas da excrecência
Rebrilham verdes fogos d'artificio;
Scintilla em seu olhar de potestade
O medonho fulgôr da tempestade!

Na terceira bancada e mais moderna
Ostenta-se, fazendo uma carêta,
O supremo dynastia que governa
Nos vícios e nos jogos — a Rolêta;
A bisca a quem a falta d'uma perna
Obriga a encostar-se a uma mulêta;
A Batota—do jogo a vã rainha;
O Wist, o Voltarete, a Vermelhinha.

Composta a gritaria, e socegada
A balburdia do «Sabbat» infernal,
Eis que ao som da metallica pancada
Se levanta Satan, sempre immortal;
E, de fundido enxofre uma pitada
Sorvendo com ruído colossal,
Retesa a cornadura furibundo
E assim falla ao Congresso em tom profundo:

«Terríveis habitantes d'este ardente
Palacio, vós de quem a hem sagrada
Hissão de atormentar a hamana gente
Está eternamente confiada,
Com certeza sabeis claramente
Que na risonha terra malfadada
Vive alegre, feliz e desenhado
De Coimbra o caloiro mais manhoso;

Na sua vida airada um só revez
Se quer experimentou, mas só doçura;
Apenas me parece que uma vez
Apanhou no Lyceu (oh! coisa dura!!!)
Um merecido «chumbo» em portuguez:
Que termine portanto esta ventura
Que disfructando está tão ineffavel,
Agora determino inexoravel.

Por isso, ó filha minha bem querida,
Batôta insidiosa e aduladora,
Tu que a gloria alcançaste tão subida
De ser dos imbecis a tentadora,
Acende-lhe no seio bem crescida
A febre da ambição enganadora;
Pois de «bago» ficando desejoso
Não pôde um só momento ter de goso »

Calou-se Satanaz já esfalfado
Da retumbante fallia proferrida
E mostrando ao Concilio o seu agrado
N'uma real merenda offerecida,
De semblante bisonho e carregado
Logo o signal lhe deu á despedida;
E o diabolico bando de repente
Pelo ar se dispersou obediente.

CANTO II

A TENTACÃO

Num outeiro formoso reclinada,
Qual airoza rainha em fofo leito,
Recebendo risonha e perfumada
Do murmuro Mondego o claro preito,
Ostenta-se a cidade enfeitada,
A patria da sciencia do Direito
— Grandiosa invenção de massadores
E que de burros mil faz mil doutores.

Tudo n'ella se mostra radiante,
Tudo respira luz e tudo amor,
Tudo é cheio de seiva fecundante,
— Continua primavera sempre em flôr!
Tudo é bello, mimoso e deslumbrante,
Tudo cheio de viço e de primôr,
Desde a gentil sopeira graciosa
Ao galã mais esbelto da «briosa.»

Coimbra — 1883.

Acacio Guimarães.

A VAPOR

(NOTAS DE LISBOA)

Ah! meu querido Thomaz, como eu te adoro, como apreciei regaladamente o teu encantador decreto — uma joia que me deu quatro dias magnificos, uberrimos de luz como uma manhã de abril, em Lisboa, na forte aspiração do vicio moderno que passa no Chiado ás duas da tarde, quando o sol põe pulverisações d'ouro nas calçadas e o *grand monde* amarrota as suas sedas gloriosas em *coupés* brilhantes, tirados por cavallos finos de uma pellagem macia e dôce!...

— Muito obrigado, meu Thomaz! Um beijo nas tuas pequeninas mãos de artista e mil saudações ao teu largo espirito, generoso e nobre como um fidalgo antigo!

Chego de Lisboa estonteado, cheio de sol e de gloria, alegre como uma pomba voando no azul á larga, com a alma banhada de primaveras e o coração inundado de esperanças...

Trago agilidade nos musculos e o cerebro limpo e forte, sadio e bem arejado, como um quarto andar que o vento bate; venho expansivo e dôce, com desejos d'uma casinha branca á beira d'um lago, fazendo amor em caramanchões elegantes, cercados de hera e noute, ás horas em que o luar se perde e as cousas dormem....

Magnifico! A pôr nodoa na suave belleza do quadro vem a procissão de *Corpus Christi*, impertinente, massadora, cheia de alferes, sempre immortaes, sempre heroicos — na paz e na fuga em occasiões de guerra, boas pessoas, puxadinhos á substancia, bigodes finos e dôces, erguendo-se ao canto n'uma petulancia de conquistadores. Mas a nodoa lava-se e a recordação passa, evapora-se no azul das alegrias, batido de luz, fecundo como a terra e como ella generoso e bom...

Quero fallar das mulheres. Ainda as não vi assim — tão finas e tão elegantes; possuem a linha e o tom das formosuras adoraveis, nervosas e correctas como a arte serenamente impeccavel e firme.

E ás horas a que escrevo, ao fugir do sol, passa á superficie do meu espirito, n'uma corrida gloriosa e triumphante o perfil de mulher mais graciosa que tenho conhecido, pequenino e tenro, abysmos de amor no olhar escuro e doce como uma promessa d'uns labios de amante, melodias d'anjo na falla suavissima, cintura ideal e transparente, cabello castanho e magnifico a emmoldurar-lhe a oval deliciosa e encantadora! — Um desespero e uma ventura!

— Ah! como eu te amo, meu Thomaz...

Santos Mello.

QUADROS DISSOLVENTES

Uma barbaridade o decreto do senhor Thomaz!

A baixa tem o aspecto arido d'um deserto: de longe em longe um oasis com a sombra fresca d'uma palmeira, a humidade d'um poço e o viajante respectivo cahido de canção, vencido de fadiga... Uma differença apenas dos desertos da capital, de que falla o nosso chronista — por aqui muitos camellos, ás caravanas....

De resto intoleravel — nem uma assembleia geral!

Camillo Castello Branco, que acabava de registrar na livraria Chardron o descobrimento d'uma rica mina — a sebenta —, vê-se prejudicado no negocio: a sabia medida do governo dispersou-lhe o mercado onde mais se consmia o genero em exploração.

Nos dois bairros de Coimbra a mesma falta de interesse a mesma carencia de assumpto... ah maldicta sejas tu, lembrança do Thomaz!

Iamos a fallar dos dois bairros de Coimbra: mostremol-os primeiro, abramos-lhes as portas; que o leitor, antes de tudo, os conheça.

O bairro mercieiro, lá em baixo, onde a burguezia pacata ruma fortunas, accumuladas na doce quietação d'uma vida toda egoista, tem os seus passeios proprios — a Estrada e o Choupal — onde se mostram as meninas ao meio dia á sahida de Santa Cruz, e á tarde, quando o sol se esconde além do rio, pondo no cume dos montes côres de fogo com deslumbramentos de quadro final de magica espectacular. Possui hotéis, ricos de luxo, que recebem o sr. Braamcamp e o sr. Fontes; tem a agitação da vida politica em comicios na Associação dos Artistas, e no gemer dos prelos, que produzem jornaes partidarios, pamphletos de propaganda. De resto festas muito suas — a da Rainha Sancta com illuminações e embandeiramentos, e a representação do Santo Antonio no theatro Conimbricense.

O bairro academico, cá em cima, onde a academia digere sciencia, galanteia tricanas e mata gatos, tem tambem passeios só seus — o Botanico — fastidioso na disposição, methodica, scientifica das suas plantas; — o Penedo da Saudade — inspirador de lyricas, e de paixões piegas. Resume as riquezas luxuosas dos seus hoteis no Serras da rua Larga, e no Antonio da Feira, onde *comem* estudantes, que pagam ao mez, adeantadamente. Tem a agitação da vida academica em assembleias geraes, onde se pedem *garantias de direitos offendidos*, e onde *se não faz politica*; em eleições de club e philantropica — ensaios precoces de illusões de suffragio pelas aldeias patrias; e no gemer dos prelos lythographicos para a tiragem da *sebenta*, levada para a immortalidade nos braços do sr. Camillo, e do padre Rodrigues — uma heroecidade de suas excellencias. Por fim, festas tambem muito suas: — apothoses dos grandes genios, a *latada* e o canelão à Porta-Ferreira.....

Pois em ambos os bairros a influencia do celebre decreto.

Na alta as tricanas escondem-se, sem o uso de meias vistosas e sapatos de verniz; os bilhares desertos; os gatos passeiando á vontade; os codigos dormindo; e na Universidade o silencio sepulchral dos grandes templos abandonados.

A monotonia apenas cortada pelas manas de Maria, que sahiram, e pelo S. Jorge, que entrou na Feira, arrogante no seu cavallo branco, seguido pelo pagem a quem a economia religiosa cortou o luxo das luvas, substituindo-as por pinturas de cal; processo facil, de invenção engenhosa, a deixar descobrir algum grande talento, que para ahi apodrece no fundo escuro das sachristias.

Na baixa o Lusitano só, a Haverneza ás moscas, e á noite o arco d'Almedina abandonado, sem esperas ás engommadeiras da alta, que descem ao café e aos *tostões dos senhores doutores*; a Estrada muito discreta para arrulhos, que diriamos de pombos, se quizessemos calumniar a innocencia das pobres avesitas, sem fel. Insuperavel apenas.

Quando ella por ahi anda, *a briosa*, ainda uma tarde por outra rodam pela rua da Calçada os carros do Natividade, levando em triumpho moços, que assombram a baixa em orgias baratas, que arruinam — um jantar no Mondego, uma corrida de *landeau*, um calice de *cognac* do Lusitano, e 10 réis de rozas da Dama das Camélias.

Além de tudo isto a semsaboria habitual — nem uma facada, nem uma explosão de dynamite, nem um presito de oito de Maio. Na minha missão de chronista tenho impacencias

caprichosas de nervos irritados, e então supplico em delirio, quero mesmo, que me dêem um incendio, que me dêem um tiro, uma procissão de Corpus Christi, uma romaria ao Sameiro, ou uma pastoral contra a *Ordem*.

Mas a baixa encolhe os hombros, sorri descarada, e cheia d'indolencia nem volta a cabeça para me encarar.

As ruas desertas, silenciosas; de tempos a tempos passam dois, ou tres, *que não gosar o fresco olhar azul de uma pessoa amada*, na phrase habitual do Eduardinho das *soirées*.

Ha dias, apenas um leve rumor — o povo, o *velho ignorante*, rosnava: — que lhe envenenaram o rio com barricas de guano; e que elle, o pobre, tinha direito á vida, pagava decima, contribuia para o fim do deficit, e votava sempre com o padre da freguezia. Entretanto o delegado de saude affirmava ao mundo: que o envenenamento só se podia dar nos povos, que habitavam abaixo da cidade, e então o que valia isso?... A auctoridade concordou; (é costume cá na terra ir sempre com a *opinião scientifica*).

No theatro tambem algum movimento: o *Assommoir*, que novos bachareis da Beira, broeiros, calça flor de alecrim, sobre-casaca cumprindo o tronco, chamavam *indecencia*; para depois applaudir muito, com gargalhadas imbecis, o prestigeador da Emma, um homem, que fazia coisas só *explicadas pela arte do diabo*.... Uns asnos os taes doutores; uns espartos os taes saltimbancos...

No theatro um assombro ainda: — a *Revista* de Argus d'aqui a dias!!

Depois de tudo isto o artigo do sr. dr. Rocha — *Kleptomania* —, que nos veio convencer, que de kleptomania está sendo victima Coimbra inteira.

Não conhecemos preservativo para a molestia, e de mais quando ella tem o character epidemico; e então forçoso é confessar, que kleptomaniacos somos nós, que vamos colleccionar aqui muitas curiosidades, muitas...

S. d'A.

VELHAS LAMURIAS

Somos boas pessoas, vimos de perto e queremos pouco. Senão temos precisamente o aspecto d'um commendador, a auctoridade do sr. Martins de Carvalho, a eloquencia do sr. Sousa dos Vidros, temos comtudo a gravidade, que dá a altura das circumstancias. Senão trazemos diplomas officiaes de apresentação, enflora-nos o casaco uma *rosa Principe Negro*, de petalas avelludadas, rica de aromas; e nos labios o rir franco, a gargalhada sonora, que acompanha o ridiculo, que por ahi passeia muito á vontade, muito semcerimonia. De resto, repetimos,

boas pessoas, que não têm odios intimos ás instituições, e que não se propõem a apear idolos, bezerrós de ouro, erguidos por ahi com muito descaro.

Vimos de perto, não caminhámos ainda muito por estas estradas. Mas diga-se tambem: não chegámos hoje, nem aqui, nem a Coimbra; se o não provámos com certidão do regedor, é porque o podemos fazer com o *Tribuno Popular*, secção «hoteis e hospedes.»

Queremos pouco — rir e dar piparotes nas cousas e nas pessoas, elevadas por ahi em pedestaes de barro, e que têm a adoração cega dos fanaticos.

Como recompensa pedimos apenas o regular pagamento das assignaturas. É pouco, quasi nada. Não offerecemos brindes, não publicámos charadas, não satisfazemos encomendas dos assignantes, devolvemos até originaes não publicados; só vamos com o costume na exigencia do pagamento adeantado... uma falta de dinheiro por toda a parte! E a pobre politica a sonhar com a extincção do *deficit*.... Influenciados ainda por esse mal, declaramos: que para todos effeitos, se consideram assignantes as pessoas, que não devolverem este numero antes da sahida do 2.º. E nós a querermos sahir do velho uso!...

Na lista dos collaboradores faltam alguns nomes, com que contámos, e não publicámos já por não termos recebido a tempo as suas respostas.

Resta fechar a ladainha com a promessa solemne, séria, grave da introdução futura de varios melhoramentos na nossa folha, e para isso (parece-nos que é assim que se diz) só contámos com a protecção do respeitavel publico....

Agora tronco curvado, chapéu na mão, sorriso amavel e..., com licença, corrámos a cortina.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Anno	17200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Numero avulso.	60 »

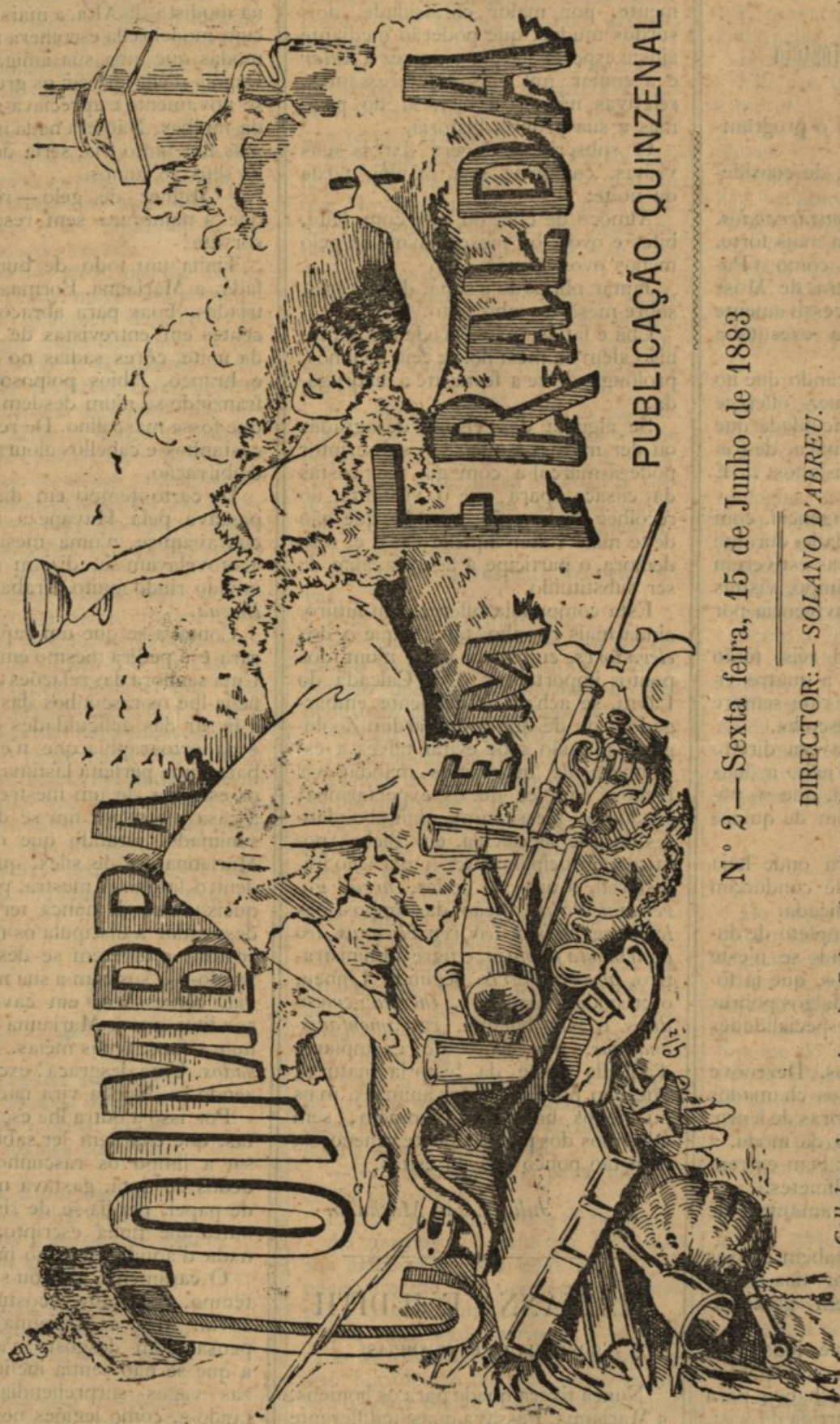
Toda a correspondência, relativa a negocios d'administração, deve ser dirigida a José Correia d'Almeida. Tudo quanto diga respeito a redacção, só pode ser tratado com Solano d'Abreu.

VENDE-SE E ASSIGNA-SE

Lisboa — Café Montanha, rua do Arco da Bandeira.

Porto — Papelaria de João Vieira Rebello, rua das Flores.

Coimbra — Livraria Popular, rua do Visconde da Luz.



PUBLICAÇÃO QUINZENAL

N.º 2 — Sexta feira, 15 de Junho de 1883

DIRECTOR: — SOLANO D'ABREU.

Collaboradores: — Acacio Guimarães, Antonio Navarro, A. Pinto da Rocha, Affonso Vargas, Costa Santos, Ezequiel David,
E. Costa Macedo, Eduardo do Valle, Julio Cesar Machado, J. Lorjô Tavares, J. Serras Conceição, M. Oliveira Ramos,
Silvestre Falcão, Santos Mello e Trindade Coelho.

Recebemos a honrosa visita do distincto folhetinista — Cesar Machado. Os nossos agradecimentos em nome dos nossos leitores.

NOVA COMPANHIA DE EXPLORAÇÃO

Já se está formulando o programma.

É cheio, segundo corre, de considerações as mais sensatas.

Trese ou quatorze *considerandos*, que vão de mais forte em mais forte, de *piu forte im piu forte*, como o Paganini a tocar a Preghiera de Mosé de Rossini, arrancando sucessivamente as cordas até chegar a executá-las n'uma só.

Por exemplo: Considerando que no campo o viver portuguez offerece poucos recreios, pela dificuldade que ha, em Cintra ou em Bemfica, de frequentar as casas dos visinhos... E mais isto, e mais isto...

Propõe-se; abrir uma agencia, com o fim de fornecer a sociedade, durante o tempo em que as pessoas estiverem residindo em casas de campo, visitas de agradável trato e convivencia por preços modicos.

Mediante sessenta mil réis, terão direito os subscriptores a quatro visitas semanaes, renovadas ou sempre as mesmas, á sua livre escolha.

Por trinta mil réis haverá direito nos mezes de junho e julho a duas visitas, ambas de homem, que só podem ser trocadas no fim de quinze dias.

Sendo em ponto para onde haja omnibus, as despezas de conducção não entram na verba indicada.

Ha um sortimento completo de duzentas visitas, encontrando-se n'este numero dezoito individuos, que já foram deputados, quinze fidalgos pobres sete artistas de varias especialidades — e:

Trez poetas românticos. Dezenove da escola nova. Cinco dos chamados satanicos. Quatorze senhoras de lenço. Trinta e nove meninas da moda, a quem não podem chegar bem os rendimentos para os seus alfinetes.

Cinco ecclesiasticos, amantes de conviver.

Dezesete jovens, que sabem dansar e teem pratica de fallar das vidas alheias, para entreterem graciosamente as conversações.

Dois conselheiros, que jogam as cartas, com vantagem para os parceiros; dezeseis cavalheiros habeis para dar novidades, fazer a partida do wist, adinhar charadas, não deixar cahir em desuso os jogos de prendas, um mimico, sete politicos aptos para disertarem a proposito de qualquer cousa, sobre as vantagens do governo regenerador, do governo progressista,

ou de outro qualquer governo, avivando as sympathias pelo sr. Fontes, a veneração pelo sr. Bramcamp, a admiração pelo sr. José Dias Ferreira; onze que levantam brindes; e, finalmente, por maior curiosidade, dois surdos mudos, que poderão mediante ajuste especial, largar uma vez a *fallar* e a contar mil coisas interessantes, relativas não só á historia do paiz, mas á sua propria historia.

O subscriptor deverá dar ás suas visitas, conforme seja manhã, tarde ou noite:

Almoço de chá, ou café com leite, bifés e ovos, ou peixe e ovos, ou pelo menos ovos e ovos.

Jantar obrigado a sopa, dois pratos, sobre-mesa e vinho tinto.

Chá e fatias, não excedendo a reunião além da meia noite; ceia einhos, prolongando-se a festa até á madrugada.

Se alguma das visitas desagradar ou der motivo a queixa, o subscriptor poderá marcá-la com giz nas costas da casaca, para que o visitante, ao recolher da funcção, perceba que não deve mais voltar áquella casa, e, sem demora, o participe á agencia, afim de ser substituido.

Esta companhia offerece um futuro, ainda mais risonho, talvez, que o dos *elevadores*, cujos trabalhos n'um dos pontos importantes, o da Calçada do Lavra, se acham actualmente embarcados; ou de que a do Jardim Zoológico, que não sabe evitar talvez a estranheza de querermos mandar vir bichos, em vez de os exportarmos; sendo nós, n'esse ramo, mais abundantes do que se calcula, em bichos politicos, principalmente, o macacão ministerial, o urso do poder, *ursus gubernamentalis*, o leão das opposições *leo progressista*, *leo republicanus*, *leo legitimista formica*, o tigre administrativo, *arobas-tigris*, segundo Linneu, o crocodilo financeiro, *thesauri-crocodilus*, o asno fallante, *parlamentaris-onagrus*, um cento de exemplares d'aquella parte da historia natural, que tem por objecto os animaes, mais ou menos nocivos ao homem, sem fallarmos dos propriamente venenosos, nem tão pouco dos parasitas.

Julio Cesar Machado.

MARIANNA E JUDITH

(HISTORIA DE DUAS AMIGAS)

Nunca tivera queda para os homens, a Marianna. Passava quasi indifferente pela Havaneza ás horas de maior concorrência, os grupos abriam-se para lhe dar passagem com certo ar de fidalga cortezia, um ou outro conhecido levava a mão á capa que tinha ao hombro e arrastando os pés comprimen-

tava — sr.^a D. Marianna... Ella, indifferente, seguia pelo passeio, no seu passo vagaroso e firme, certa elegancia affectada de maneiras, orgulhosa com a sua *toilette* muito simples feita na modista da Alta, a mais barateira, e cujo modelo ella escolhera no jornal de modas que uma sua amiga assignava. Depois d'ella passar os grupos uniam-se novamente e apreciava-se a plasticidade da mulher. Não era nada má, dizia-se, mas um tanto fria, séria de mais para os seus 18 annos.

— Mulher de gelo — resumia um que a namorara sem resultado. Um sorvete!

Tinha um todo de burguezia anafada, a Marianna. Formas duras e estriadas, boas para abraços concupiscentes em entrevistas de horas altas da noite, côres sadias no rosto largo e branco, labios polposos e rubros franzindo-se n'um desdem por tudo o que fosse masculino. De resto — olhos castanhos e cabellos alourados — uma embiuração.

De certo tempo em diante se ella passava pela Havaneza os *habitués* curvavam-se n'uma mesura ironica, acotovelavam-se, diziam segredos ao ouvido rindo muito. Trabalhava a *má-língua*.

Contava-se que um rapaz a namorara e a pedira mesmo em casamento. Uma senhora das relações de Marianna fazia-lhe os rascunhos das cartas para a livrar das difficuldades da redacção e da orthographia que n'ella era barbara, uma perfeita lastima, máo grão os esforços de um mestre que lhe ia a casa e que por fim se despediu desanimado, jurando que o craneo da Marianna era de sílex, que tinha por dentro farelo. A mestra, por seu lado, queixava-se de nunca ter conseguido desvendá a discipula os mysterios da costura e tambem se despedira, deixando-a a sós com a sua natureza bravia, confessando em cavaqueiras reconditas que a Marianna não saberia nunca fazer umas meias, dar uns *pasados*. Uma desgraça! exclamava benzendo se. Nunca vira nada assim.

Por isso a outra lhe escrevia as cartas, que ella nem ler sabia. Para passar a limpo os rascunhos sujava os dedos de tinta, gastava muitas folhas de papel, perdia-se de riso do que a outra lhe tinha escripto, não sentia nada d'aquillo, mesmo nada.

O casamento ajustou-se para certo tempo, metteram-se costureiras no enxoval. Mas a Marianna começou a pensar com desgosto n'aquella união a que se não sentia inclinada. Tristezas vagas surprehendiam-na assustando-a, como legiões negras de sombras que para ella caminhassem subtilmente em passos cadenciados de marchas funebres. Odiava as costureiras quando pela manhã, muito cedo, as sentia na sala proxima, parecia-lhe que aquellas mulheres lhe estavam ta-

PERIPECIAS

lhando a mortalha com sorrisos diabólicos nos labios, mandava-as calar se cantavam o *Meu amor é estudante*.... Tudo aquillo a contrariava. Fremitos de raiva agitavam-lhe os nervos. Via que deante d'ella os outros iam abrindo um caminho que teria de percorrer muito breve, com o seu veio de noiva na frente e a corôa de laranjeira na cabeça.

Não podia ser. Esse caminho que todos viam tapetado de flores, rozas em botão pelas margens, via-o ella lamacento e encharcado onde seria forçoso enlamear o seu sapatinho de setim e a cauda do vestido.

Diria tudo aos paes, um dia depois do jantar, ou então escreveria ao noivo pretextando qualquer desculpa, dizendo-lhe que esperasse, para o não despedir de todo. E ia adiando de dia para dia este desfecho, como alguém que receia arriscar um passo em terreno pouco firme.... Quando passava pela sala das costureiras o *rac-rac* das thesouras que cortavam, faziam-na estremecer toda, como se ouvisse o crocitar agoureiro de um corvo muito negro, famelico das suas carnes tenras de rapariga nova....

Muitas vézes a mãe, uma vermelhaça, a surpreendeu a chorar, muito mona no seu quarto, os cabellos despendeados, de quem não faz caso de si. Ia dizer tudo, desfazer por uma vez aquella meada que ella via complicar-se dia a dia, emaranhar-se. Mas se a mãe lhe perguntava o que tinha, a Marianna irritava-se, batia o pé no soalho e dizia que a deixassem, que estava incommodada, com que então nem a deixavam chorar?

—Coitadinha! fazia a mãe retirando-se.—São saudades. Tem pena de nos deixar.

(Continúa.)

Elisa Freitas.

Num estudo constante amargurado,
Os grandes calhamaços folheando,
Cheio d'agrura a vida irei passando
Sem ser do meu labor recompensado.

E quando já no rosto demudado
Fiver da morte o sello formidando,
Quando ethereo o meu ser se fór alando
As regiões da luz, glorificado;

Então por toda a terra, tristemente
Um grito erguer-se ha grave e plangente
Que enturvará do sol o claro aspecto:

Chorae, risouhas musas da folgança:
Aquelle que no tumulo descança
Foi da cabula o fillo mais dilecto...

Coimbra — junho — 1883.

Acacio Guimarães.

A respeito da visita das magestades lusitanas ás magestades hespanholas, tem-se dado peripecias d'um comico impagavel.

O sr. D. Luiz primeiro, o traductor de Shakspeare, tocou com maravilhosa proficiencia, diz a gazeta, o *celebre* quartetto d'Haydn.

Este quartetto d'Haydn é a sombra negra da magestade. Todos sabem que Haydn é o compositor mais aristocrata que se conhece: os seus minuets parece que foram feitos só para testas coroadas.

A magestade já por muitas vezes tem revelado o seu fraco pelo celebre quartetto: onde se falle de musica, sua magestade traz logo o quartetto á baila.

Faz-me lembrar um ratão cujo reportorio anedoctico se reduzia a uma historia onde entrava um Perú. O ratão queria á fina força impingir a anedocta do Perú, desse pelo que desse. Se se fallasse em Perú, o homem interrompia logo:

—Alto lá! a respeito de Perú ahi vae.

E lá contava a historietta.

Se o ensejo lhe fugisse, elle procurava-o sempre, e em ultimo caso o homem dilatava as narinas e sem tir-te nem guar-te era logo:

—Aqui cheira a Perú.

E a respeito de Perú, ahi vae.

O Perú do sr. D. Luiz primeiro, é o *celebre* quartetto d'Haydn.

Se em ultimo caso, não apparece ensejo, sua magestade dilata as reas ventas e interrompe deliciosamente:

—Aqui cheira a celebre quartetto.

E a respeito de quartetto, ahi vae.

Foi o que se deu em Madrid.

O quartetto hespanhol, regido por Monasterio, foi ao paço castelhano deliciar as orelhas dos monarchas, pondo-lhes nos tympanos umas cocegas voluptuosas.

Chega o momento ancioso em que os artistas se preparam para atacar o *celebre*: a magestade apruma-se, e n'uma voz imperceptivel;

—Eu desejava tomar parte na execução do *celebre*.

E rapa do violoncello e elle ahi vae.

As gazetas disseram que sim, que sua magestade tocou bem, mas eu sei positivamente que sua magestade não passa d'um *arranhador*.

Sua magestade *arranha* o seu bocado de violoncello, como *arranha* o seu bocado em linguas, como *arranha* o pobre Shakspeare n'um accesso felino de Bragança alitteratado.

Mas, o bom e o bonito é o que a imprensa hespanhola diz do principe. Esse então é um *arranhador* eximio. Elle é o bello do inglez:

Elle é o bello do francez:
Elle é o bello do allemão:
Elle é o bello do latim:
Elle é o bello do hespanhol:
Elle é o bello do italiano:
E consta que sua alteza serenissima anda pelas alturas do grego.

Isto só em linguas, por que no mais:
Elle é a bella philosophia racional e moral:

Elle é a bella historia universal e patria:

Legislação, congressos, Westphalia, economia politica, direito civil, administração, toda a sciencia humana e divina—uma dynamisação pura da sciencia que tumultua na cachimonia do sr. Alves de Sousa, preceptor e guia de tão illustre pimpolho.

Si non e vero, e bene trovato.

A *Locomotiva* dizia em telegramma de Madrid, que apezar de desmentido o enlace de sua alteza com a infanta D. Eulalia—um peixão, dizem os ichtyologos, sua alteza e o infante tem dado provas certas de que se consagram a mais scincera e legitima sympathia.

Conclusão: gallinha.

Sua alteza tem feito o seu catrapiscanço e a infanta não desgosta: em bom portuguez, estremecem-se, adoram-se.

Verem-se e amarem-se foi obra d'um momento.

Ditosa condição, ditosa gente! para acabar com Camões, um marau que a sabia toda.

Eu.

Do nosso collaborador Serras Conceição recebemos os estudos, que se seguem, principio d'um trabalho de critica a que o nosso amigo vae sujeitar alguns volumes ultimamente publicados. E já bastante conhecido o nome do sr. Serras n'esta especialidade litteraria de critica conscenciosa, e bem fundamentada em estudos largos.

Julio Lourenço Pinto, um moderno escriptor, que tem já direito á glorificação do nome, transcreveu no seu ultimo livro—*Esboços do Natural*—a critica que o nosso talentoso collaborador fez ao —Senhor Deputado—e a discussão que houve entre os dois ácerca do desenvolvimento da these scientifica no romance.

ESBOÇOS DE CRITICA

O NATURALISMO

I

O grande movimento scientifico, que tem revolucionado as ideias e agi-

tado os espiritos do seculo 19.º havia de necessariamente levar aos dominios da arte a sua acção renovadora, baseada na experiencia e analyse, que são os caracteres preminentes dos estudos modernos.

A concatenação logica das manifestações do pensamento moderno seria inesperadamente quebrada, se á revolução na sciencia não correspondesse a revolução na arte.

Apeada a methaphysica do predomínio, quasi absoluto e exclusivo, que ainda no primeiro quartel d'este seculo exercia nas intelligencias, haviam de necessariamente cair por terra todas as concepções, e noções, que o velho espirito philosophico tinha inspirado á mortalidade humana.

A moderna systematisação dos conhecimentos humanos, alargando a esphera da sciencia, e determinando ao pensamento uma nova orientação positiva e experimental, não podia deixar de determinar igualmente uma phase correlativa na evolução artistica.

Data dos fins do seculo passado a fundação em bases seguras das sciencias naturaes.

A chimica, a physica, e a biologia, no seu desenvolvimento progressivo, tem-nos fornecido valiosas subsidios para o estudo da alma humana, e dos phenomenos sociaes.

As noções positivas, renovando o criterio humano, imprimiram uma feição, completamente nova, ás concepções artisticas.

Cada idade tem as suas instituições, a sua sciencia, as suas ideias, a sua politica, e as suas questões, que marcam as diversas gradações do espirito humano na sua ascensão gloriosa para a verdade e para a perfeição.

Cada epocha tem a sua formula artistica, que é determinada e imposta pelo estado das sciencias, e pela feição dos estudos coevos.

A formula romantica foi conquistada, confirmada pelos espiritos ardentes, vibrantes de enthusiasmo, de 1830.

Esta formula, que representa por certo um progresso sobre a velha escola classica, bem cedo se exaurio; não podia o talento eminente dos brilhantes escriptores, que a impiantaram, dar-lhe a força e a vitalidade, que perdera desde que a renovação mental operada pelo espirito positivo e pela vulgarisação crescente das noções scientificas, determinou novas necessidades, que o romantismo, a phase methaphysica da arte, não podia satisfazer.

A feição positiva da sciencia moderna, iniciou, na arte, um movimento de regresso para a verdade, e para a natureza.

Este movimento, designado sob o nome de naturalismo, é uma conquista indubitavel.

O naturalismo corresponde na evolução da arte á phase positiva e experimental do movimento scientifico.

Por este modo se explicam, harmonizam e completam os novos processos da sciencia, e moderna formula artistica.

O naturalismo é actualmente a unica formula da arte capaz de satisfazer as necessidades estheticas da sociedade moderna.

Pode ainda um talento superior variar nos moldes do romantismo uma obra genial; este facto em nada altera a verdade da questão. O genio, qualquer que seja a escola, muito levantado acima das formulas e das seitas, deixa sempre impresso nas obras, que produz, o cunho da sua grandeza, e o selo da sua superioridade.

A verdade, porem, incontestavel, e indiscutivel, como os factos a evidenciam, é que o romantismo é uma formula inane e vasia, incapaz de satisfazer os espiritos e o gosto moderno, educados no estudo da realidade, na observação da vida, e na interrogação da natureza.

J. Serras Conceição.

ARRIPIOS

Na rua as multidões tinham o pasmo dos grandes acontecimentos, o horror das grandes revoluções. Os poetas retesavam as cordas do bandolim, que não afinavam, feridas pelos piparotes de dedos compridos, rosados, com unhas bem tractadas em cuidados de *toilette*, ao meio dia, quando *ella* se levanta para receber em fralda as visitas intimas, muito suas. Bachareis graves e serios na encadernação da sobrecasaca comprida, cahida sem uma ruga, sentiam-se horrorisados na candura, beliscados no pejo.

Redactores da *Ordem*, perdidos, des-norteados com a *excommunhão episcopal*, sahiam da sua abstracção, deixavam o seu extase, e vinham amaldiçoar *Coimbra*, quasi nua, com petulancias de descaro; mas depois a seducção das formas, a brancura das carnes, os fechos das ligas punham-lhes nas suas almas de celibatarios tentações más, desejos de peccados, e então beijo cahido, humido, sensual, olhos sem brilho, amortecidos, barrete ao cimo da cabeça com o piparote pandego d'um dedo, sorriso baboso na bocca rasgada, e já proximos d'*ella*, que sorria, uma palmadinha timida na curva graciosa da perna, sahida da camisa, e convencidos de todo — que afinal não estava assim feia, a garota... — Commentando — Que o diabo era a pequena...

Velhos burguezes, calvas luzidias,

aparelhos complicados d'oculos nos cavalletes do nariz, um resto de lembranças de tempos, que não voltam, uma lagrima de saudade ao canto do olho, lastimavam — que o mundo estava perdido. E até onde iria isto?! E ficavam-se silenciosos, perdidos n'uns raciocinios intimos. Litteratos dos jornaes da terra, folgasões, o sangue a pular nas veias, quando a viram com os seios perdidos na alvura das rendas brancas, a côxa desenhada na bretanha fina da camisa, batiam as palmas, enthusiasmados; e depois da recitação d'uns versos sonoros do Junqueiro, affirmavam, e que palavra d'honra! — era verdade, *ella ter, na voz como a Aurelia, as crystalisações do tympano*.

Na alta numerosas familias de manas e tias, olheiras de bistre, esmeros d'encadernações a cobrir as velhices da obra; meninas pretenciosas, desajeitadas — productos mal torneados da industria nacional; capitães reformados, velhos celibatarios, cheios de callosidades e rheumatismos, arrotos satisfeitos de digestões de bife com cebolada, formaram congressos á noite, em reuniões familiares, onde se discutia a melhor torrada e a moral *offendida*.

E concluíam projectando preces em Santa Thereza e pedindo cantos de terço immediatamente, n'essa mesma noite, com a concorrência de toda a familia. Chamou-se a filha mais velha, que lia bem, *por alto*, as rezas do livro, que se repetiam depois em côro, pausadamente por causa da asthma dos militares. A pequena estava no fundo da escada a protestar amor a um estudante, livre pensador, litterato de fama nos grupos dos *Geraes*; quando a chamaram, subiu a escada n'uma corrida timida, apanhando as saias, ruidosas nos engommados. E o estudante com despeito, sahindo emboçado, vomitando coleras — raios as partam, as beatas...

E *Coimbra* deixava o *fauteil*, a camisa apanhada atraz, muito puchada, desenhando as curvas, os olhos a lamberem vaidosos as meias de seda enramadas a retroz, vistosamente, com muita abundancia de flores vermelhas; e veio para a janella rir da revolução que estava fazendo n'esse mundo, que a não comprehendia.

Lá em baixo o rio esperguiçava-se indolentemente, beijando as ramagens dos salgueiros, pendidas n'uns dobramentos languorosos de caricias.

As ruas sem vida, quasi desertas, pobres de seiva. Por toda a parte braços em cruz, cerebros paralyzados. Em todas as boccas, como um grito d'angustia, a indicar a causa d'aquella indolencia, o motivo d'aquella desgraça, — não vieram ainda os estudantes...

E *Coimbra em Fralda*, no meio da

sua estroinice, pensativa, sentenciosa —ferro em braza é que tudo isto precisa....

S. d'A.

UMA VISINHA

Móra defronte... uma visinha loura
como um raio do sol, e tão galante
que eu para poder vel-a, triste amante,
ólho para a janella a toda a hora!..

Mas ella cada vez mais tentadora,
mas ella cada vez mais provocante,
quando chega e me vê, 'no mesmo instante
desvia o seu olhar e... vai-se embora!

Como é esquiua, meu Deus, como é esquisita
—a desdenhar o affecto, que palpita
no meu peito —um affecto acrysolado!..

Contudo a crua loura que me foga
e me desdenha... pude vel-a hoje
a espreitar-me através do cortinado!..

Costa Santos.

RECUERDOS

Graças a uma delicada poesia do inspirado estadista Thomaz Ribeiro, que disfarçada em decreto appareceu no *Diario do Governo* de 12 de maio passado, pouda a minha respeitavel pessoa mudar de poiso, e com armas e bagagens lá se foi caminho da *Villa Coronada* onde passou os 8 dias mais deliciosos da sua existencia.

Que de encantos! Que de surpresas!

Fui como chronista estipendiado pela empreza do jornal—*Coimbra em Fralda*—para onde escrevo estas linhas,—o unico senhores, o unico jornal do paiz, notem bem, que manda ao estrangeiro chronistas estipendiados.

Ao chegar á estação das *Delicias*, uma formosissima gáre de tres mil metros de comprido por mil e quinhentos de largo, lindamente adornada com uma prodigalidade de flores e bandeiras verdadeiramente assombrosa, cahi nos braços de mais de duzentos amigos e collegas, entre os quaes avultavam Castellar, Martos, Moret, Madame Rattazi e outros, que n'uma profusão extraordinaria d'affectos brandos e abraços fortes me iam dando cabo do *canastro*.

A posse da minha pessoa foi disputada por todas os presentes, primeiro com interesse, depois com vehemencia e a final a murro, tendo que intervir a auctoridade.

Restabelecida a ordem, concordaram todos em que eu fosse... rifado. Assim succedeu.

Andou a *roda* e todos os labios estavam suspensos dos labios do pregocero, até que emfim este com uma voz avinhada gritou exquisitamente—*sessenta e nove*. N'isto um grito agudo, aflautado, em que se traduzia uma alegria imensa, sahio do meio da turba-multa.

Eu tinha sahido á Madame Rattazi!!.

Fui-lhe adjudicado com as cerimonia do estylo, e, ao som d'uma marcha triumphal, caminhei impavido ao lado da respeitavel princeza, por entre as filas dos numerosos espectadores que boquiabertos me comprimentavam reverentes.

Aos bailes, ás recitas de gala, ás corridas, aos banquetes, a tudo emfim, a tudo a minha desvellada dona me conduziu com um carinho mais que maternal... muito mais.

Proporcionou-me uma vida agradabilissima, cheia de encantos, de doçuras, de deslumbramentos, só comparavel á vida que vivem na China os fumadores d'opio... Opio... ora aqui está uma palavra que me chama á realidade.

—Voava descuidoso pelas alturas, lembrando-me dos deliciosos dias de Madrid, e vae o patife do opio, derrete a cêra que me pegava as azas e —catrapuz—lá caio de chofre na livraria do Melchiades a lêr as Allegorias do Ribeiro.

Maldito opio! Tanto mais que elle na China não é assim. O mandarim bojudo, pernas entrecruzadas, cabeça á banda, olhar obliquo, fumando no seu enorme cachimbo, disfructa paisagens deslumbrantes, perspectivas deliciosas; e a mim a paisagem que o tratante me obriga a disfructar é o *Monsieur Melchiades*, como se eu não estivesse farto de disfructar o Melchiades, muito fanhoso, com as *vias respiratorias entupidas*, a carregar nos *rr.....* Mau! Lá me começo a lembrar de coisas tristes.

Já estava quasi embriagado com as douradas reminiscencias da *salerosa* Madrid, e o opio lembra-me as Allegorias, as Allegorias o Melchiades, o Melchiades os *rr* e os *rr* os actos —objectos da minha particular embriacão e que ha tempos para cá me trazem doente do espirito e fraco de forças. Eu conto, por exemplo, o que ha dias me succedeu no Jardim del Prado; pensativo e meditabundo andava, com os meus botões conversando, quando ao longe, em côche de alta valia, apparecem de mistura os monarchas fidelissimos e catholicos.

Forma-se ajuntamento de povo, e um *caballero*, que imagina ter-me pizado, exclama: Perdão! Eu apoplectico, agarro-me ao supradicto e pergunto-lhe —*d'acto?* Elle enfurece-se e apita (não era o Costa)—eu caio em mim e peço-lhe desculpa. Mas a nada o bruto se moveu; apita com mais força ainda (repito, não era o

Costa)—vem a guarda civil, sou preso e devo ao acaso, que fez passar n'aquella occasião por alli o ministro da guerra, meu amigo, o não estar hoje ainda sob os ferros d'El-Rei Catholico.

De caso pensado e rixa velha guardei para o fim a peripecia mais interessante, mais engraçada e mais original (mais original—minto, porque aconteceu a muita gente) da minha viagem a Madrid. É sobretudo muito simples, diz-se em quatro palavras — Eu não fui lá. Não foi lá?—é boa, dirá o leitor! Pois não fui não senhor, ora ahí está... Isto é — eu não fui, mas tenho um primo que, segundo me consta, esteve para ir.

Coimbra.

João Ratão.

EM SEARA ALHEIA

Folha academica — Aveiro. Artigo do fundo, duas paginas de qualquer compendio do João Felix Pereira. De resto mais dois trechos do Pina Vidal.

Da redacção uma amostra:

«... Mas... não posso responder; isso é-me impossivel! Não tenho remedio senão deixar a penna e ir aprender um officio. Vou fumar um cigarro, beber um copo d'agua e depois reflectir no que deva fazer. Eu demoro-me pouco.»

—Approvâmos a resolução.

Outro officio, outro officio, meus meninos.

Districto de Santarem. Exames.
«... O sexo formoso pleiteia os pergaminhos nos alcaçares da sciencia. A instrucção não pode ser pômo vedado aos seus labios rubros. Diz-lhe melhor que o mais precioso collar de perolas...»

—Estylo fino.

«...Queremos cada senhora, senhora só...»

—Tambem nós, collega, palavra h'honra.

«... Fazemos votos pela vida do— Collegio de Nossa Senhora dos Innocentes—berço educador da flôr scalabitana...»

—*Oremus pro flore scalabitana!*

Verdade. Diz «que a partir do dia 15 de junho fica chamando-se Manuel de Mattos Godinho o sr. Manuel de Mattos *Namora*, e isto por conveniencia de familia.»

—Folgamos com a nova. Tambem nos parece muito mais serio um pae Godinho do que um pae *Namora*....

Diz mais o collega — «Segundo telegrammas de Madrid Sua alteza real,

o príncipe regente, não entra em Barcelona.»

— Não é tarde, collega, o pequeno está novo...

Juventude. Em artigo de fundo.

Verdades scientificas.... «Um corpo de tropa, é o augmento da população, d'aqui o augmento da receita, d'aqui a criação de manufacturas e officinas, o trabalho, por consequencia, um bem. Instrucção é civilisação; d'aqui a luz, d'aqui a vida dos povos....»

— Já basta para amostra. O illustre articulista acaba por declarar — «que espera confiado no porvir —» pois vá esperando que lá achará toda a gloria, que merecem os talentos precoces....

Journal d'Estarreja. Depois de algumas phrases espirituosas das lavras d'Estarreja attribue-nos palavras, que não dissemos, e pergunta se o nosso jornal — «É republicano? — «Realista no estylo? —» E conclue — «É ainda muito novinha esta menina e por isso não poderemos por emquanto dizer o que é....»

— Não lhe conheceu a politica, nem a escola. O defeito não está na pouca idade da nossa folha, está na velhice do collega, creia-o. E amigos como d'antes.

Ordem. Leu a nossa revista e escreveu. «Coimbra em Fralda.— Tal é o titulo d'um novo jornal que começou a publicar-se n'esta cidade, e ao qual o *Imparcial* deseja longa vida. O dicto jornal começa por ser simplesmente obsceno: ha periodos que a decencia pede não sejam aqui transcriptos, logo no 1.º artigo — Symphonia.

Em seguida ao outro artigo sobre — Scenas vulgares — que é o *non plus ultra* do realismo hediondo, baixo e nojento — uma offensa descarada á moral. Este artigo vem assignado: Padre Filho Espirito Santo. Isto é horrivel: (!) logo no frontespicio traz uma figura de mulher de maneira obscena. Mas tudo isto se pode publicar impunemente. As circulares preventivas são só para a *Ordem*.

Coimbra em Fralda é mais um reforço ao *Conimbricense* e ao *Imparcial*....»

— Não o é, porque estes nossos collegas não o necessitam; se o fosse era apenas uma honra para nós.

De resto — á margem — reverendos; o tempo corre tempestuoso e por isso está subido o preço da cevada.

SCENAS DO CAMPO

O TIO PEDROSA

No atalho que vai dar á fonte, por detraz da residencia do velho abbade—

antigo frei cruzio, que se recorda ainda ás vezes das boas digestões pacificas dos jantares gordos da ordem, em conversa galharda com os confrades — estava a casa terrea do tio Pedrosa, muito caiada, com os limoeiros a entrarem-lhe pelas duas janellas de peitoril, com o quintalejo ao lado, onde verdejam em alfobres, mal desenvolvidos ainda, as couves de penca, revolvidas subterraneamente pela toupeira, na faina benefica de lhe expurgar dos insectos as raizes.

O Pedrosa já não era uma creança, não; devia aquillo regular lá pelos seus sessenta e cinco bem puxados; mas era um bom velhote, alegre como um rapaz, bons ditos apimentados ás raparigas solteiras, satyra aguda aos rapazes, bons modos para todos, cara risonha e nariz malicioso. Todos na terra o chamavam tio; e elle, em verdade, sobrinho direito não tinha nenhum; mas era costume antigo e elle tomava aquelle tratamento como uma prova d'affeição de toda aquella gente.

A mulher d'elle — aquella santa que Deus lá tem — morrera-lhe, já ia p'ra dois annos; havia de os fazer lá p'ro tempo das vindimas. Ficara-lhe a filha, a Joaquina, rapariga fresca, de dezoito annos, de boas cores, arredondada de formas, labio vermelho e olho preto, diabolicamente tentador e provocante.

E que mulher para o trabalho de casa!

— Aquillo, dizia o velho nas suas effusões paternaes, é o genio da mãe, tal e qual. Quem não conhecesse a mãe, pode conhecê-la na filha. Uma moira de trabalho e sempre cara alegre!

O tio Pedrosa vivia bem, frugalmente, sem necessidades, com o amanho d'umas terras que tinha, lá para os lados dos passaes, e que a mulher tivera de herança.

Só ás vezes a lembrança d'aquella santa — que Deus lá tinha — lhe vinha perturbar a serenidade do seu viver.

A Joaquina na romaria da Senhora das Candeias começara de olhar-se com um rapaz da aldeia visinha. Dançaram no mesmo grupo, olhadella para cá, olhadella para lá, cantiga d'um lado, cantiga do outro, e agora vão-lhes lá deitar a mão.

Na alma simples e rude d'aquella rapariga, começaram as primeiras inquietações e os primeiros sobresaltos — partês forçadas e obrigatorias d'um amor nascente.

Elle, o pobre André, tambem não andava melhor, a fallar a verdade; triste, sem aquella actividade e alegria antiga, que o faziam um rapaz desejado das cachopas.

Aos domingos, logo de manhã, jaqueta ao hombro, sombreiro nas unhas, e toca a ver a Joaquina.

O peor é que o tio Pedrosa, já andava, como se costuma dizer, com a pedra no sapato; a filha tinha levado volta; olá se tinha! Na terra rosnava-se já, e elle não queria o André para genro.

— Era um birbante, um mariola de feira que já estivera nos ferros d'elrei, por causa d'umas desordens que armara, pensava o bom velhote nas suas horas vagas.

E era preciso ter cuidado com elle, porque era muito capaz de desfeitear a rapariga, e depois voltar-lhe as costas, deixando-lhe um filho; já não era a primeira vez que o fazia. Se o pilhava algum dia, de taramella com a Joaquina, elle lh'as cantaria. Não havia de ficar com vontade de continuar a fazer-lhe estrumeira á porta.

Apesar de as ter já *russas*, ainda tinha dois braços com que movesse um marmelleiro para lhe quebrar as aduellas.

— Que se acautelle, que se acautelle, resmungava o velho quando pensava nos amores da filha.

Entretanto a Joaquina ia perdendo as suas côres sadias e andava com muito medo do pae.

Quando ia á horta, que ficava lá do outro lado dos moinhos, ás vezes esquecia-se de apanhar o caldo, sentava-se, cotovellos nos joelhos e o rosto entre as mãos e ali se ficava a pensar no seu André, a quem queria tanto e a quem o pae fazia tam crua guerra, sem ella saber bem porquê.

Estava ás vezes assim muito tempo, e só quando alguém passava no caminho, é que se lembrava que tinha de ir fazer o jantar.

O tio Pedrosa veio um dia á horta e viu-a na sua posição costumada.

Elle chamou-a e disse-lhe com má cara:

— Em que estavas tu a pensar rapariga? Tu parece-me que trazes maçaquinhos no toitiço, mas eu tiro-t'os, mais ao meliante do André; olá se tiro! Vê lá se me fazes subir a mostarda ao nariz, que eu espirro e faço das minhas. Não me des desgostos agora no fim da vida, que a tua mãe — que Deus tem no ceu — nunca m'os deu. Toma tento!

A unica resposta da rapariga foi um rubor intenso nas faces, e umas lagrimas a bailarem lhe nos olhos.

Mas depois, no silencio do seu quarto, á noite, enterrada nos lençoes, chorava copiosamente a sua desdita, em grandes soluços abafados.

— E, quer o pae quizesse, quer não, havia de casar com o André, pensava.

Elle vinha todos os domingos, ia fallar-lhe por detraz da fonte, ao pé dos campos do centeio que tinha por detraz da residencia, e um dia fugia com elle e estava tudo prompto. Que lhe pegassem então nas botas. Era

muito amiga do pae, mas que não dava licença que lhe escolhessem marido. O casamento e a mortalha no ceu se talha, dizia ella com grave offensa das regras de concordancia, abandonadas pelas exigencias da rima. E não queria saber de cantigas; no proximo domingo já lhe ia fallar n'isso.

Effectivamente no domingo, o Pedrosa tinha ido para a feira da villa, e ella fallara ao André no seu projecto de fuga:

Elle — que sim, mas que era preciso dispôr as cousas; que não se fazia tudo de pé para a mão; e abraçava-a, no meio do centeio já alto, e beijava-a com soffreguidão nas faces, na bocca; a rapariga era abalada vigorosamente por uns estremeimentos sensuaes, que lhe atravessavam o corpo; e o André, com a sua escola de seducção, ia-a deitando, deitando... no meio do centeio louro e alto.

Na feira — o tio Pedrosa, depois de ter arranjado as suas coisas, encontrou dois companheiros antigos, que ha muito não vira.

Recordações de rapaziadas d'outros tempos — as esfolhadas ao luar, o assalto aos meloães e às vinhas que lhes rendeu por vezes bem boas cargas de pau, encontros com as raparigas nos milharaes, no tempo do sachó — tudo isto aquelles tres velhotes lembravam agora com saudade, sentados á sombra d'um castanheiro frondoso, na companhia amavel d'uma espetada de enguias e d'uma infusa do *verdasco*.

E conversavam muito, decilitrando tambem não pouco.

Quando se despediram, todos n'um triplice abraço, formando um grupo, que não era precisamente o das tres Graças, estavam já com o seu *grãosinho* na aza, como se costuma dizer; e o tio Pedrosa, que não estava costumado áquellas extravagancias, vinha como um rabanete, dando o seu bordo, com as pernas á bulha, e os olhos piscos.

Ao regressar a casa passou pelo campo do centeio, onde a filha estivera de manhã, e viu-o acamado; e, cambaleando um pouco, dizia para os seus botões:

—Esteve aqui gente deitada; olá se esteve! Querem vocês vêr que o demo da Joaquina...

E, vendo luzir um objecto por entre o colmo acamado, apanhou-o, reconhecendo um brinco da filha.

—Não ha que vêr; a rapariga fela bonita; e agora... é casal-os que não ha remedio; comeu-me, sim senhor, muito bem comido. Foi tambem assim que eu casei com aquella sancta — que Deus tem no ceu —. A final... deixal-os lá; as raparigas o que querem, em chegando a uma certa idade, é... homem.

E, aos solavancos pelo caminho, foi para casa, onde encontrou a filha a chorar.

—Toma lá o brinco, rapariga; achei-o no centeio onde estiveste com o André; e já que deste a cabeçada, casa-te e arranja-te.

A Joaquina ficou contente, saltou-lhe ao pescoço, mas o tio Pedrosa n'esse momento teve uns vomitos e... zás — carga ao mar.

O peor foi que o André, fez como os peixes matreiros aos pescadores de canna....

Sá Christa.

TRAÇOS

O sol, — gigante cansado
Do seu trabalho fecundo —,
Toma um banho regalado
No mar vastissimo e fundo.

O corpo, cheio de febre,
Pede frescuras macias;
Tem appetites de lebre
Correndo por neves frias.

Canta junho nas campinas,
Alegre, doido, pagão:
—Traz risadas crystallinas
Na cova de cada mão.

A natureza sorri
À tona das aguas bellas,
Espalhando aqui e alli
Rosas de luz e d'estrellas.

No entanto a minha alma anciosa,
Audaz como um cão de fía,
Lambe a curva luminosa
Da tua perna tranquilla....

João Bohemio.

QUADROS DISSOLVENTES

Ergue-te, doida, solta a fralda ás baforadas do norte, deixa a taça dos vinhos, restabelece-te das fadigas da orgia, e vem depois do banho frio e sem perfumes, fazer comigo a observação curiosa do que te vae por casa. Não será distincta essa missão no meio da tua vida d'aristocrata arruinada, cheia de despresos pelo labutar domestico, repleta de nojo pelo cosinhado do jantar e pelo remendado das ceroulas.

Não será proprio dos desmazelos bohemios de peccadora chic, entretanto levanta-te e vem, sorrindo, alegre, com o praser antecipado d'uma curiosidade, que se desconhece, com a doidice d'uma extravagancia, que se não usa;

nos cabellos fartos, louros, a simplicidade d'uma roza, na camisa decotada, aberta em rendas finas, descuidos pensados para amostra de formas esculpturaes, que se conhecem, de que se tem vaidade....

E veio, e viu na baixa um movimento extraordinario de povo, que se move em ondas, impellidas por forças secretas, intimas. Nos predios altos deslumbramentos d'illuminação a azeite de peixe em copos de cores, forrados a papel. Nas janellas bellezas descoradas pelos beijos do luar, organismos atrophiados pelos venenos do meio. Na rua a grande mola, que desperta a alma nacional, que lhe põe estremeimentos d'entusiasmo, estonteamientos de delirio — a philarmonica e o foguete, o zabumba e a bomba — os dois elementos essenciaes a toda a festa indigena desde a passagem do sr. D. Luiz pela alta até ao passeio do Ribeiro pela baixa.

Fazia-se com toda a solemnidade das grandes cerimoniaes a festa do *Coiração de Jezus*.

Coimbra em Fralda passeava pelo arraial muito á vontade, muito descarada a fazer conquista de popularidade; sorrisos para todos, cumprimentos, apertos de mão. Pessoas serias e graves vieram ter com ella, pedir-lhe toda a influencia para a eleição de *juiz* da irmandade no anno futuro. Demorou-se depois no Visconde da Luz, á porta do Mendes, na contemplação extatica d'uma *vitruve* de bom gosto, cheia de plantas d'uma vegetação rica, tropical, e ahi riu muito das costureiras, que passavam e soletravam no passeio a palavra «*stores*» passando depois cuidadas nos passos, não querendo pisar o réclame com os seus sapatitos pequenos, tentadores, a mostrarem-se por baixo das saias, erguidas com provocações petulantes, boas. Continuou por ali acima, caminho do Caes, a ver as sopeiras de pote á cabeça, pernas musculosas, nuas, seios desenvolvidos, promptidões de respostas a todos os ditos — que os beijos se vendiam nas lojas de doces, a 5 réis; que erão pouco finas para amantes dos senhores doutores, para criadas, para criadas quando quizessem —; e assim iam abrindo passagem pelo meio dos estudantes, alegres sempre, liberdades de palavra, licenças de gesto. E algumas despeitadas, muito serias, cantarolavam que

O amor d'um estudante
Não dura mais que uma hora.

Dos lados da Portella dois carros em carreira triumphal envolviam em nuvens de pó soldados armados, autoridades administrativas, bandidos acorrentados, carregados de ferros, com as antigas barbas compridas do

salteadores das lendas, as caras aterradoras, queimadas pelo sol, descarradas, onde não podia desenhar-se o remorso. *Coimbra* então teve medo, o caso punha-lhe nos nervos choques incommodativos, chegou a pedir o vidrinho dos saes. Era a quadrilha das Carvalhosas aprisionada pelo administrador nas bochechas da policia, que a não conhecia, que a não acreditava... Um rabo leva, um piparote engraçado, uma bola de papel com que o administrador quiz brindar a *segurança publica*....

Ella fugiu d'alli com receios de mulher fraca e nervosa, e entrando outra vez na cidade leu nas esquinas em tiras de papel de cor — O Academico — riu como sempre, e perguntou apenas se os *jovens* redactores não comprimentavam com respeito os nossos avós, que por ahi bailam atados pelas cinturas, ao som do realejo, e que os *meninos* tão bem reconhecem, tão logicamente imitam, e depois seria, só para os intimos — macaquices, palhacadas.

No Lusitano leu os jornaes, viu o decreto do patrão Thomaz e recolheu logo a casa, para vestir a melhor das suas camisas, abrir a mais velha das suas garrafas, e engatilhar o mais amavel dos seus sorrisos — chegavam-lhe os filhos, e *ella* sentia no peito toda a alegria d'uma mãe saudosa ao fim d'uma ausencia prolongada, martyrisadora... A final de contas a *pobre* não é tão má como dizem...

S. d'Al.

VELHAS PRAXES

.... que sim, que agradecemos muito todas as provas de consideração que recebemos d'alguns jornaes nacionaes e estrangeiros. Não merecíamos tanto. Favores, finezas. Houve-os que se não poupavam ás despesas mais fabulosas; alguns disseram até — *recebemos* —, e outros levando mais longe o seu enthusiasmo não temeram uma ruina, sahiram do seu serio, fizeram-se estroinas e affirmaram ao mundo — *que sim, que agradeciam*. Favores, finezas....

A Coimbra, aquella doida, que em fralda, na primeira pagina, empunha a taça das orgias, estonteou alguns criticos, desnorteou alguns espiritos, e então só a viram a *ella*, fresca na *toilette*, appetitosa nas curvas, e só d'ella falaram exaltando-lhe as linhas, elogiando-lhe a *pose*.

Tentações da carne, peccados inventiveis.... Entretanto só uns criticos nos saltaram á estrada, apedrejando-nos no caminho — fundibularias de roupetas, batina arregaçada, gestos d'arrieiro, palavras sujas de tracto de viella. — A margem — repetimos.

Jámais responderemos a esse papelucho, que os ganchos dos trapeiros vão levando a logar merecido, justamente conquistado. De resto, boas percepções, amaveis acolhimentos.

Não esperavamos á porta thuribularios encommendados, por isso melhor guardámos as palavras da maioria da imprensa, que nos festejou logo no principio da caminhada fatigante, a que nos propozemos.

Assignantes boas pessoas, homens desprendidos de falsos preconceitos, com a percepção nitida da verdadeira moral.

Não vão n'essas phrases envolvidas tentativas de seducção — havemos de continuar a obrigar-os á despeza dos cinquenta réis sem grandes esforços, sem grandes difficuldades; o que não é vulgar n'estes tempos, que correm avaros, faltos de capitaes, magros de cobres vis e esverdeados como por ahi lhes chamam em desprendimentos de riquezas, em desprezos d'opulencias... — uma vaidade nossa, simplesmente....

Seremos prodigos d'amabilidades para todos, apertos de mão aos milhares, e, sem distincção, um adeus sincero, franco, até ao proximo numero.

Estarão satisfeitas as *praxes*?... Crendo na affirmativa, vamos recolher a bastidores, tranquilos na consciencia, alegres no espirito.

Até á volta.

GONÇALVES CRESPO

No momento em que o sol omnipotente doirava de gargalhadas as encostas das collinas, ás horas a que a terra vestia largas roupagens de lyrios e de rosas para festejar em deslumbramentos de côr a vastidão do Azul, este sympathico talento cae examine na lucta brutal que o vence, sem o poder salvar o contacto amavel dos labios d'uma esposa querida!

Quando a alma d'este bello rapaz atacava os dominios da arte tão triumphalmente, quando o seu espirito delicado e gracioso se banhava na luz da gloria como n'uma aurora de esplendores, a natureza, faminta como um selvagem, esmaga-o na primavera da victoria, toma-lhe d'um salto o coração generoso, e atira-lhe as largas aspirações de Ideal para um palmo de terra desolado e frio!

Simplemente triste!

Coimbra conhecia-o bem; passou aqui uma grande parte da sua brilhante mocidade com João Penha — um artista de raça, n'uma bohemia deslumbrante, cheia de sol e de glorias, almas abertas ao luar que lhes doirava os versos e o coração, peitos abrindo-se a esta natureza deliciosa que o Mondego adora — lançando para as mar-

gens beijos d'um amor fecundo e quente...

E como este passamento havia-de custar lagrimas de sangue áquelle adoravel João, que vive lá tão longe, alturas do Minho agreste e rude, n'um isolamento triste, criminoso talvez!

E v. Ex.^a, minha gentilissima leitora, se acaso estas pobres linhas mereceram a confiança do seu olhar sereno e dôce, chore tambem com a Arte que está de luto e com todos nós que o adoravamos: nunca mais (como isto é desconsolador!) lerá d'este encantador espirito as inimitaveis rimas — uma esculptura immortal, com perfumes de violeta e notas limpidas de serenata nos contornos brandos e firmes...

Toda a paisagem que eu domino está muda de assombro; parece atravessada por uma espantosa bala: nem um soluço do rio, nem um canto de rouxinol, — silencio absoluto em roda.

E até parece que o coração da lua se annuiu de triste, escondendo-se na gaze tenuissima d'uma nuvem, como se o atormentasse um pesadello horrendo! Com a suprema intuição dos grandes artistas, esta lua scismadora e pallida, ferida na alma por este sentimento de dôr profundo e largo, foge espavorida, — ella que o tinha amado tanto!...

Coimbra

Santos Mello.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Anno	1200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Numero avulso	60 »

Toda a correspondência, relativa a negocios d'administração, deve ser dirigida a José Correia d'Almeida. Tudo quanto diga respeito a redacção, só pode ser tratado com Solano d'Abreu.

VENDE-SE E ASSIGNA-SE

Lisboa—Café Montanha, rua do Arco do Bandeira.

Porto—Papellaria de João Vieira Rebello, rua das Flores.

Coimbra—Livraria Popular, rua do Visconde da Luz.

Abrantes—Loja de Antonio Francisco Salgueiro.



PUBLICAÇÃO QUINZENAL

N.º 3 — Domingo, 1 de Julho de 1883

DIRECTOR: — SOLANO D'ABREU.

Collaboradores: — Acacio Guimarães, Antonio Navarro, A. Pinto da Rocha, Afonso Vargas, Costa Santos, Ezequiel David, E. Costa Macedo, Eduardo do Valle, Julio Cesar Machado, J. Lorjô Tavares, J. Serras Conceição, M. Oliveira Ramos, Silvestre Falcão, Santos Mello e Trindade Coelho.

EXPEDIENTE

Pede-se ás illustres redacções dos jornaes que nos honram com a sua visita, o favor de fazerem enviar as suas folhas para Abrantes, onde vaé residir temporariamente o director de *Coimbra em Fralda*. Toda o correspondencia d'administração deve continuar a ser dirigida a José Correia d'Almeida—Coimbra.

MADRE DORES

O monte vestia toda a roupagem rica das suas verduras: tinha bordados d'arabescos a côres vivas de petalas, perfumes acres d'hervas vigorosas de seiva, toadas deliciosas de cantos variados, d'uma instrumentação desconhecida.

Papoulas rubras como labios sensualmente vermelhos de mulheres boas; searas de trigo em ondulações dôces, offerecendo balouços a quem podesse abandonar-se para ali, descuidado, sem forças, depois de grandes caminhadas, n'uma fuga rapida com uma amante adoravel, que se ia conhecer toda; arvores gigantes, muito generosas na prodigalidade de sombras, cúmplices em grandes peccados de paixões ardentes.

O luar na doideice d'uma noite, todo nu, sem uma nuvem a cobril-o, a dourear tudo, mordendo as aguas, pondolhes na superficie côres d'um fogo suave, seductor; e no Azul a coloração artistica d'um ceu de Italia.

Era a noite de S. João.

No pateo do convento a carranca da fonte vomitava n'uma corrente continua, obrigando o echo á repetição d'um som todo monotonico; grupos gargalhando alegrias, segredando amores, rimando phrases populares, esperavam a hora para encher os cantaros engrinaldados de heras, enflorados.

Na cella da madre Dôres o vulto branco da freira d'uma pallidez maceurada, o ouro dos cabellos perdido nas grades da janella, a enroscar-se por ali como se tivesse desejos de torcer os ferros para sair em busca de liberdades de viração que os beijasse; os labios seccos a pedirem a humidade d'um beijo; difficuldades de respiração por falta d'ar que entrava mal pelo ripado da rotula. E da parede cahida a pintura d'um Christo, mostrando, na sua musculatura rigorosa, sedu-

ções que estonteavam a freira, toda perdida nos desejos insaciaveis d'um sangue quente, que devia gelar-se ali, na frieza da cella.

Em baixo, raparigas muito livres na expansão dos seus amores, pediam em cantos, ao sancto do dia a satisfação de paixões legitimas, sem compromissos de celibato a prohibil-as.

O sino do convento deu a hora dos encantos d'essa noite, e a madre Deus, febril, nervosa, correu a ver a alcachofra, que tinha queimado quando o sol morria alem do monte n'uma agonia serena, muito lenta.

Tinha florido toda, tendo para a freira, n'esse annuncio d'amores felizes, um sarcasmo cruel, que esmagava...

De manhã, quando o sol rompia, a madre Dôres estava ainda á janella absorta em pensamentos, suffocada em desejos. Na arvore fronteira dois pardaes, n'um chilrear sensual, beijocavam-se todos, muitas vezes, incansaveis; e a freira, olhos humidos, beijo estendido, seguia com o olhar fixamente, as avesitas felizes, e pensava só no primo, que ella amava tanto...

23—Junho—83.

S. d'A.

GALERIA DE BOHEMIOS

I

COSTA SANTOS

Um bello talento este sympathico rapaz!

Ao descansar das labutações d'esta vida febril, cortada d'accidentes que ás vezes mancham o ceu levemente azul dos meus desenove annos, encontrei um dia á meza d'um café este adoravel doido, salpicando de *verve* o *cavaço* scintillante de quatro rapazes amigos.

Attrahiu-me immediatamente.

O ar livre e despreoccupado com que elle julgava das ideias e das instituições, o seu modo de vêr francamente rasgado, d'uma profunda originalidade, prenderam-me o espirito tão sympathicamente que o conto hoje com immenso praser na diminuta lista dos meus affeioados.

De tudo lançava mão a sua phantasia brilhante, doirada por sóes gloriosos, com azas de purpura e oiro; um pequeno incidente fazia explosir da sua imaginação poderosa e rica lavas de ironias, fulminantes como faiscas electricas:—a pertença *canaille* d'uma tricana janota, levantando as saias petulantemente para deixar vêr, como tentação, as primeiras curvas da sua perna harmonica e firme, a basofia empertigada d'um litterato imberbe e tenro—idolo sustentado a *cognac* e a beijos equivocos, ás horas

a que a natureza dorme na paz tranquilla do seu mysterio fecundante,—desafiavam-lhe o bisturi da troça com que elle rasgava ao largo sulcos de gargalhadas, polvilhadas de esperanças e alegrias...

E brindava-nos com imagens d'uma extravagancia feliz, ironias mordentes e causticas como as faiscas do sol a pino n'um dia abrazador d'agosto, pequenas risadas crystallinas que lhe vinham iriantes de luz á flôr dos labios, com um violento poder de côr e bordados de prata rutilantes e vivos.

A largos traços, debochadamente, Costa Santos fazia então passar á frente, n'uma anarchia gloriosa, paizagens inundadas de sol e batidas por uma frescura deliciosa, com fremitos de ninhos e delirios de paixão;—o vicio enroscando-se á alma carinhosamente, fazendo-lhe affagos dôces, d'uma volupta morna, e embrenhando-a n'uma bebedeira luxuriante pelas florestas selvagens do peccado,—e amôres secretos da lua com um lyrio precioso que lhe mandava em troca d'um beijo pallido e triste o dulcissimo encanto dos seus perfumes, n'um bocado de terra risonha e alegre, coberta de violetas e de instinctos que a noite aguçava e desenvolvia...

Depois a sua musa irreverente, com filis d'ironias estroinas a fazer-lhe alas, ia subindo serena e firme pelas espheras luminosas da rima, ferindo e dominando, com explosões de chalaça que fazem estoírar longas gargalhadas estrepitantes!

E não o conhecem, ninguem lhe sabe o nome, nem um lhe aprecia a generosa grandeza do talento.

Não se mostra: tem este defeito contra a popularidade banal dos ineptos; detesta o *réclame*, foge ás vistas publicas e ás manifestações apparatusas das vulgaridades pedantes; não dá o braço aos litteratos do Luizitano, scepticos de botequim, magros e tôlos, roedôres de máus charutos e de reputações alheias, nem frequenta os ocios bestalisadôres da Havaneza onde cerebros peregrinos fazem exposição dos seus talentos.

A flor da sua alma pura voga, como por sobre um lago tranquillo e casto, a perfumada flôr da modestia que elle criminosamente cultiva; e prefere arrancar estrellas, do Azul contemplativo, para as engastar nos seus versos delicados e transparentes, a orgias enervantes, cheias de vícios e de paixões, obrigadas a beijos de mulheres baratas, quando os jasmims desmaiam nos estô d'uma paixão louca e as borboletas poisam ao cimo das rosas, embriagadas e doidas...

Vive retirado, sem ostentações e sem pompas, com meia duzia d'amigos com quem esbanja talento e co-

ração a mãos plenas, n'uma prodigalidade; millionaria. E sósinho, no seu modesto quarto d'estudo, entre recordações que são estrophes luminosas d'um poema de lagrimas, e um amor ardente que o domina, faz sonetos adoráveis d'encanto, poematos deliciosos em que se sente e apalpa o seu espirito eminentemente impressionavel, boiando na altura olympica dos astros, á procura d'uma visão clara e loira que lhe fugiu, deixando-lhe na vida pequeninas illuminuras do seu olhar, dôce como um penna de pomba e honesto como o sorrir d'un anjo!...

Ha seis annos Costa Santos publicou as *Canções do Liz*—um livro simplesmente insupportavel, e que a estas horas anda, com muita justiça, a servir d'embrulho a meios arrateis de manjeira nacional.

Hoje, tem concluidas as *Discordancias*—que abrem por uma symphonia encantadora, com rasgos delirantes de paixão e soluços estrangulantes d'amor, crystallisados na alma vibratil d'este magnifico rapaz!

Pelos seus versos, quentes como a a Inspiração e grandes como uma estatua, passam n'um galope vertiginoso, em fremitos d'entusiasmo e adoração, lampejos de Ideal, com pedaços de ceu incrustados nos contornos, e esplendores d'uma tarde melancholico que vae morrendo serenamente!

Diante de gigantes d'uma tão heroica estatura—verdadeiros milagres da terra n'este seculo positivo e frio—eu curvo-me respeitosa e esmagado pelo poder superior do genio que me deslumbra, e vencido pela magestosa grandeza d'um coração immortal!...

Ajoelho e caminho.

Coimbra—83.

Santos Mello.

SEIVAS

I

NO CAMPO

Vamos correr nos campos, minha amante,
P'ra que a alvorada placida nos banhe;
Olha o sol que desponta triumphante:
— Parece-me uma taça de «Champagne».

Berramando no espaço crystallino
Nevoeiros d'espuma reluzente;
Deixa cahir no seio alabastrino
Os teus loiros cabellos docemente.

O, sol, que além desponta, é tambem loiro,
Porisso deixa que elle assim te veja;
Que á freixa luz da madrugada d'ouro
Quero vel-o mordendo-se d'inveja!

O campo está c'roado d'esmeraldas
E as arvores viciosas de saphira!

Vamos depressa: eu colho-te grinaldas,
Enquanto ao longe o roxinol suspira.

Olha os pardaes — os doidos, pelos ramos
Dançam cau cans alegres, palpitanes
Ó minha boa amante, escuta: vamos
Rolar por sobre as relvas ondeantes.

E depois corremos pela malta,
Agitando os arbustos verdejantes
Que nos cobrem d'aljofares de prata.
— Esplendorosa chuva de diamantes.

E havemos d'escutar as toutinegras
Que trinarão uns cançicos suaves!
Oh vamos, e verás como te alegras
Ao escutar a musica das aves!.

.....

Não vês além os melros e os pardaes,
Que fogem pelos ramos dos carvalhos,
Batendo com as azas virgineas
As perolas dos ultimos orvalhos?

Que tontos! como fogem receosos,
Os tímidos, ouvindo-nos os passos!
Vês os cedros e os platanos frondosos
Alevantando aos ceus os grandes braços:

As cômas prateadas pela luz
E desp'idos os troncos vigorosos!
Parecem-me gigantes semi-nuas
Agitando os cabellos magestosos

Levemente movidos pela aragem!

Sentemo-nos, ó casta flor de gelo,
Aqui sobre este leito de folhagem,
E deixa-me que eu beije o teu cabelo:

E que te oscule a fronte de sereia,
O seio eburneo e o collo transparente.
Oh! prende-me na languida cadeia
Dos teus divinos braços docemente...

Já vão para o trabalho os aldeões,
Reluz ao sol o aço das enchadas
E a madrugada põe scintilações
De fogo pelas sebes orvalhadas.

O azul dos ceus é puro e transparente;
Dissiparam-se ao longe os nevoeiros,
E o vento, que gemia tristemente,
Deixou de soluçar entre os salgueiros...

Maior—1883.

Silvestre Falcão.

A MINHA AMADA

Vi-a pela primeira vez no Peninsular,—um café de luxo, completo nas exigencias finas d'am gosto todo moderno. Em volta das mesas, litteratos gargalhavam dictos, criticavam livros, faziam phrases em frente de garrafas lapidadas, indicando qualidades finas de licores nas placas prateadas, sus-

pensas dos gargalos esguios em correntes d'anneis pequeninos, complicados na sua ligação.

Em gabinetes reservados, taças de crystal enchiam-se de *champagne*, sorvido em charutos caros, d'aromas bons, passado em beijos prolongados para boccas pequeninas de mulheres morenas, d'uma distincção chic, todas parisienses nas excentricidades dos seus vicios galantes.

De momento a momento as criadas, correndo d'um para outro lado, respondendo a todos que as chamavam, nos labios um sorriso amavel, na voz uma entoação particular, propria—ahi vae...

E ella, a minha amada, no meio de numerosa familia de manas, primas e thias, mordía pequeninas colheres de sorvete, sentindo no calor do seu temperamento uma sensação deliciosa ao cravar a dentadura pequenina, muito bem feita, n'aquella neve doce, que lhe punha no organismo desejos nervosos, appetites extravagantes.

Queria poder segurar entre o coral dos beijos o cone rosado do seu sorvete de morangos aromaticos, e depois que uma cabeça loura, d'um olhar azul languidamente morno, viesse por detrás, e obrigasse n'um esforço apaixonado a dobrar todo o corpinho d'aquella mulher sensual, para com os beijos estendidos lhe tirar a neve da bocca, a pequeninas dentadas, até que podessem aquecer-se n'um beijo muito prolongado aquelles dois corpos todos frios, todos nervosos.

E a imaginação levava-a ainda caminho de regiões polares, onde o sol illuminasse montanhas de gelo, com decomposições de luz, em deslumbra-mentos de fogo.

Uma doidita, a minha amada...

Dizia-me que adorava Zola; no baile da viscondessa, a proposito da *Coimbra em Fralda*, questionara com dous jornalistas, dando-lhes a honra de discutir com elles as excellencias da escola nova que ella apregoava ao alto e ao largo, fanaticamente.

A minha amada conhecia apenas um defeito, uma pequenita coisa, que lhe dava graça, que me prendia, um encanto para mim:—era vesga. Quando me olhava mostrava o branco do olho, avelludado, sensual, levemente humido, d'uma seducção magnetica—adoráveis os olhos da minha amada!

O meu ciume difficilmente accordava, por que ella, assim, não tinha para todos a imposição da belleza, que arrasta, que estonteia: ninguem podia dizer—vel-a e amal-a é obra d'um momento...

E depois, a minha amada tinha excentricidades boas, originalidades pouco vulgares—nunca me escrevia: nas grandes ausencias nem uma lettra a apagar saudades, a alimentar amor! O seu temperamento de morena punha-lhe nos nervos excitações ardentes,

coleras repetidas: — quando eu passava, via-a á janella apertar entre os dedos as folhas d'um livro que lia com modos rudes, semcerimoniosamente.

Um dia das mãos cahiu-lhe a brochura, que ficou escancarada aos meus pés, mostrando-me na capa todo o horror d'um grande desastre! Cartilha Maternal!

A minha amada andava a aprender a ler!...

S. d'A.

ESTUDOS DE CRITICA

O NATURALISMO

I

Não foi sem trabalho que o naturalismo triumphou. Como toda a ideia revolucionaria, a realidade na esphera da arte levantou contra si a enorme resistencia dos preconceitos, que a educação litteraria, vasada nos moldes do clacissismo, largamente tinha espalhado.

A uma geração, orientada pelas concepções intangiveis da metaphysica, e acostuada ás obras phantasiadas, sem verdade e sem observação, do romantismo sentimental, era difficil impor a formula naturalista, caracterizada principalmente pela analyse rigorosa dos factos, pelo estudo scientifico dos temperamentos, da fatalidade hieriditaria, e da influencia do meio cosmico e social.

O romance phantasia, muitas vezes delicadamente colorido, escripto com uma sumptuosidade maravilhosa de linguagem, de situações violentas e caprichosas, tinha feito numerozo e fervoroso proselytismo.

Os grandes rasgos de nobreza, perfeitamente convencional, os supremos heroismos do amor imaginario, que a phantasia arrebatada do artista se comprasia em conceber e pintar, punham nas obras da escola romantica a nota vibrante das grandes commoções. Ao calor d'esta vida artificial, d'este sentimento de convenção, tinha-se inflammado a imaginação da mocidade de ha quarenta annos. As tradições do romantismo guardava-as a geração actual com um respeito sagrado; levantar mão irreverente contra essas tradições, e fazer cair, fria e calculadamente, ao sopro da analyse scientifica, as brilhantes, mas caprichosas e falsas creações da escola romantica, religiosamente adoradas por uma sociedade sem uma disciplina mental positiva e sem um criterio experimental, era empresa difficil e trabalhosa.

Para tentar e levar a cabo semelhante empresa era indispensavel o pulso vigoroso de grandes mestres.

Por isso o triumpho do naturalismo se foi lentamente affirmando. Iniciado pela obra superiormente bella do immortal Balzac, que levou mais longe do que nenhum outro escriptor o estudo psychologico da vida humana; continuado pelo trabalho persistente do grande Flaubert, pela penna delicada do adoravel Daudet, pelos livros primorosos dos irmãos Goncourt, e sobre tudo pelos estudos poderosos de Zola, mais valente na polemica ainda do que no romance, o naturalismo é hoje uma conquista incontestavel, e o maior e mais brilhante progresso da litteratura moderna.

A escola romantica lega á posteridade padrões de grande valor litterario, bem sabemos; bastaria a obra collossal do genio de V. Hugo para recommendar á nossa admiração e ao respeito de todas as gerações a importancia do movimento litterario, realiado pelo romantismo.

A questão, porem, é outra: Não se tracta n'estes ligeiros estudos de negar o valor da escola romantica, mas unicamente de affirmar, que o romantismo é actualmente uma formula decadente, que não pode satisfazer o gosto moderno, educado na observação da natureza e no estudo da realidade.

A sociedade do nosso tempo, disciplinada pelo rigor dos estudos positivos, exige uma formula litteraria, na qual se contenha a interpretação da natureza, cuidadosamente observada, e surprehendida na realidade flagrante das suas manifestações.

Esta formula é o naturalismo.

A victoria difinitiva e universal do naturalismo oppõe-se actualmente apenas uma fraca resistencia representada principalmente por duas objecções, sem valor, que no decurso d'estes estudos apreciaremos.

J. Serras Conceição.

CARTA DE LISBOA

(À VOL D'OISEAU)

Naturalmente á mesma hora em que a *Coimbra em Fralda* ahi apparecer, está se realisando no salão da Trindade um concerto promovido pela sociedade de concertos de musica de camara, onde se executa pela primeira vez, por portuguezes, o celebre *motu perpetuo* de Paganini.

Vão já dizer-me certamente que nada mais simples do que a realisação de um concerto como o que lhes annuncio, e á simples vista assim parece; mas, se quizerem pensar um minutosinho commigo, concluirão que este pequenino factu encerra no emtanto um bello e grande symptoma, como vão ver.

Não ignoram que ha aqui uma coisa que chamam conservatorio, com um director de nomeação regia, um amanuense—bibliothecario—continuo, ao mesmo tempo, e varios professores a rasão de 200.000 annuaes por cabeça.

Ora, apesar de fazerem parte do corpo docente d'esta reinadia instituição alguns dos mais bellos musicos portuguezes taes como Neuparth, Wagner, José Antonio Vieira, Croner e Gazul, succede que ella quasi não dá signaes de vida e—coitadita! por mais que bulam com o seu pobre organismo cansado e doente, não conseguem senão achacal-a, e mais anno menos anno, se lhe não acodem com medicina energica, atiram-na de cangalhas e a miseranda enferma resvala na frieza d'uma sepultura...

Pois bem; como os artistas perceberam que o governo não queria saber para nada d'esse estabelecimento, não o dotando convenientemente nem procurando elaval-o á altura de um instituto civilizador e serio, que influisse poderosamente na musica portugueza, os artistas fizeram o que realmente deviam fazer: começaram elles proprios a revolucionar o gosto indigena, creando na multidão o respeito e o amor pela arte que tornou immortaes e eternos os nomes de Beethoven, de Haydn e de Mozart; e, constituindo a associação 24 de Junho, inauguraram assim esta benemerita evangelisação que tantos proselytos vae já hoje creando...

Além d'isso, pensando que fóra da alludida associação poderiam ainda continuar a sua obra de civilisação e de progresso, meia dusia d'elles constituiram ainda uma sociedade de musica de camara que deu já duas bellas e inolvidaveis sessões, e que finalmente consegue executar o *motu perpetuo* de Paganini, pela simples força da sua vontade e da sua dedicacão.

Perante isto occorre perguntar o que faz o conservatorio. A resposta é simples. O conservatorio naturalmente vae ouvir e diz que sim, que não é mau, porque a final, coitado! elle não pôde em verdade faser nem diser mais cousa alguma.

E eis a que estão reduzidos os institutos de ensino artistico n'este paiz, á beira mar plantado,—para lustre das instituições e socego das familias pacatas...

Afonso Vargas.

AS BORBOLETAS

(A Antonio Barata)

Sahiam muito cedo para a lide habitual, pondo nos canteiros por onde passavam uma alegria saudavel, animando o campo com o voltear infan-

tigavel dos seus corpitos franzinos. Esperavam apenas, que o sol lhes dourasse as azitas de tons metallicos no mosaico de cores vivas, e ellasahi iam muito juntas caminho dos calices das flores em busca de nectares, sugados em orgias doidas, de deboches repetidos. Revoavam depois caprichosas, em desafio, exgotando forças; e vinham descansar nos olhos perfumados das rosas brancas, destacando muito n'essa alvura as azas abertas das douditas. Gostavam d'esconder as caricias dos seus amores nas dhalias grandes d'um vermelho escuro, quente.

E era novito o par—nascera n'essa primavera, veio para o ar com o aroma das primeiras flores, appareceu com os primeiros rebentões das plantas novas.

Os casulos d'onde nasceram estavam juntos no mesmo jardim; tentaram ao mesmo tempo o primeiro vôo e nunca mais se separaram. Quando o sol se escondia, e as irmãsitas d'ellas, as nocturnas, sahiam para a vida da noite, o par dormia no primeiro arbusto que encontrava, muito escondido nas ramagens verdes, todo medroso na sua fraqueza. A sua belleza punha nas almas das criancitas tentações más, desejos criminosos.

E não eram só as crianças, que as queriam:—mulheres feitas, d'organisações sadias, nas ruas dos jardins, quando aspiravam o norte fresco que passava, corriam atraz d'ellas, atiravam-lhes os leques abertos, e ficavam tristes se viam afastar-se ligeiro e alegre, o par apetitoso:—se eram tão bonitas as borboletas... Quando uma d'ellas era perseguida cruelmente, com ameaças d'ir augmentar alguma colleção já rica, a outra não fugia d'ali, voltava em revoadas continuas, e só se affastava com a companheira já salva; e então muito alegres subiam a grande altura, e tomavam depois o caminho d'outro campo, livre d'embuscadas.

Se o sol punha nas estradas reflexos quentes, emquanto as cigarras chiavam nos freixos, iam ellas caminho das ribeiras em busca das sombras frescas.

Uma tarde sahiram, como costumavam; no passeio para onde foram, *flanneurs* descuidados gastavam horas cheias de *spleen*, fumando charutos maus, esperando ali encontros de mulheres pouco melhores.

As borboletas vieram em revoadas doudas, muito alegres, muito descuidadas. Uma *badine* traiçoeira, cheia de covardia, cahiu sobre uma e lançou-a por terra, envolvendo-lhe no pó o cadaver mutilado.

Então a outra elevou-se no ar, quasi a perder-se no azul, n'um vôo febril, desesperado; e desceu depois lentamente até juncto da companheira sem vida, como uma lagrima que rolasse lá de cima, muito do alto; e

com a azita muito luzente no seu dorado cobriu a morta, ficando alli até deixar-se esmagar.

As baforadas do nordeste levaram no outro dia para o fundo do mesmo valle as borboletas unidas no abraço vigoroso da ultima agonía.—Se eram tam amigas as pobresitas.....

Abrantes, 27.

S. d'A.

PELOS MONTES

Que deboches de luz, d'aroma e cores!
A natureza bruta, omnipotente,
Mandou a primavera espalhar flores
Por esses campos fóra, doidamente!

Ornou a fronte altiva de grinaldas,
O collo virginal d'azul e d'oiro;
E envolveu-se n'um manto d'esmeraldas,
Soltando ao vento o seu cabello loiro.

As arvores vestiram-se de verde,
Cobriram-se de perolas brilhantes
Aonde a luz do sol bate e se perde
Em reflexos de fogo deslumbrantes!

E a rosa descorada, macilenta,
Abriu á luz o calix palpitante
Para saudar a aurora que rebenta
Cheia de fogo e seiva exuberante.

E debaixo da cupula celeste
D'onde trasborda a luz que inunda o espaço,
Eu sinto que o meu corpo se reveste
Da morbidez extranha do cansaço!

Sinto que falta em mim toda essa vida
Que trasborda dos cedros e das flores
Para dar a esta alma enfraquecida
A energia brutal dos luctadores.

E agora mesmo no meu peito accordam
Desejos de subir aos salgueiras
Para beber as seivas que trashordam
Do peito virginal dos vegetaes!

.....
Ah! que doido que eu sou! Desculpa, ó flor,
Se m'esqueci de ti. Os meus desejos
Resumem-se em beber com muito amor
O nectar precioso dos teus beijos....

Coimbra — 83

Eduardo Ruivo.

CONTOS ALGARVIOS

O VELATORIO

Era meia noite.

Da porta aberta vinha uma luz bater nas pedras da rua e na parede da frente. Duas mulheres de chales pela

cabeça fallavam ao pé da *rótula*, em voz baixa.

Ao meio da casa, sobre um estrado, luziam os galões amarellos do caixão aberto, onde avultavam as formas hirtas d'um cadaver amortalhado, com as mãos cruzadas. Sobre uma meza, ao lado, um candieiro de azeite punha reflexos tremulos no vidro d'um quadro de santo, encostado á parede; quatro velas de cêra cercavam a morta.

Uma toalha de rendas cobria a cara do cadaver, e ao fundo destacava, no panno escuro pregado em cima, o tronco curvado d'um Christo de marfim pendido da cruz.

Mulheres, de preto, sentadas, olhavam em silencio. A espaços ouvia-se uma ou outra tosse isolada e o mecher de saias: eram as visinhas que acompanhavam a *defunta*.

Tinham vindo á boquinha da noite. Approximavam-se nos bicos dos pés: com uns gestos curiosos descobriam a cara da morta, ficavam um bocado a olhar-lhe os olhos fechados, a boca aberta, as manchas lividas, e depois, em voz baixa, indagavam, faziam perguntas, compadeciam:

—Como tinha sido? Coitada!—E lembravam:—Ainda não ha oito dias que a vi alegre, cantando, a cair a casa..! Ora! Ora! É uma coisa bem triste, a morte!—E ficavam silenciosas, com os braços em cruz, n'um meditar curvado.

Mas depois mudavam de conversa, sempre n'um ciciar baixo, a respeito da Joanna, a do Manuel Maria.

—Anda agora no luxo, sabem? Ora! não ha...!—

E tinham uns gestos de desprezo invejoso:

—Aquella... Louvado seja Deus! Emfim, filha.... D'aquellas fortunas... E depois a tola parece que tem o rei na...—

Mas alguém entrava, approximava-se do caixão para ver, e ellas então calavam-se e ficavam a olhar, de baixo, os pés unidos da morta, calçados em sapatos pretos, de sola branca.

Parei:

—Que é isto? Quem morreu?—

E veio logo uma velha, a tia Luiza, explicar: era a Marianna que tinha morrido das febres:

—Aquillo foi um passarinho. Em oito dias...—

Que ella a tia Luiza, é que a tratára na doença. Que a Marianna era uma pobre, casada, e que ella então veio passar as noites á cabeceira da doente.

Conhecêra-a de pequena. Não tinha pae nem mãe, e o padrinho levava-a para casa, para criada.

Depois casou. Eram visinhas. Morrêra n'aquelle dia e o marido só. Que era um dó d'alma ouvil-o. Estava inconsolavel. O que valia era não terem filhos.

—E estava tão boa! Vendia saúde! Parece mentira!

Que o medico vinha vel-a todos os dias; tomava-lhe o pulso, receitava:— É o Castro, o da luneta; não conhece? Pois é elle. Ai! A mim tem-me custado muito... Adeus, visinha!—

Era uma rapariga baixa, magra, que saía.

—Adeus, tia Luiza. Vou-me embora. Isto de quem tem filhos!...—

A Luiza voltou-se para mim, e em voz baixa, confidencial:—É a Maria, a que está com o Brito. É aquillo que vê. Coitada, passa uma vida de cruz. Se elle é um perdido; todo o dia na taverna! Tambem, a má cabeça d'ella... Emfim, lá se avenham Deus os faz e elles se juntam. E o que me diz áquella?—

E apontava para dentro da casa, voltando-se, com um movimento bisbilhoteiro para a outra mulher de chale.

—Qual, tia Luiza? qual?— e curvava-se toda para a rótua n'uma curiosidade maldizente.

—A Ignacia.—

—Ah... sim? Oh! sr. Fulano, o mundo está perdido!

E as duas tinham as suas palavras de reprovação, escandalizadas fallando da Ignacia.

—Aquillo faz o que quer!—

—E casou! Com aquella cara de santinha... Veja você! São as mais felizes!

—E depois tem uma linguinha!—

—Elle agora não está cá, tia Luiza...—

—Por isso ella faz o que lhe dá na cabeça. Não o sabe elle, não!—

—Ora! E que soubesse? Ella tem umas *lérias*...—E cercavam-me de reticencias communicativas.

Eu ouvia, calado. A lua ia descendo para o poente, deixando cair dos telhados uma claridade parada, aos arcos, na calçada. No céu appareciam pequenas nuvens brancas, com tons escuros, immoveis; ao longe, nas embocaduras da rua, via-se o vulto redondo, criado, d'um moinho de vento, destacando no areal deserto, e lá dentro, de vez em quando, ouvia-se gemer n'um soluçar cançado.

—Coitado!—E a Luiza então fallava do pobre viuvo e da Marianna:— Uma boa mulher, dizia: muito arranjadinha, muito temente a Dens.—

E olhava pelos buracos da janella, n'uma compaixão repentina, para o estrado improvisado, onde tinham posto o cadaver.

—Se não fossem algumas almas bemfazejas, não sei...—

Que eram pobres e não podiam com aquellas despezas. O padrinho d'ella durante a doença, mandava-lhe «*d'um tudo*» o Miguel Borges; pagára-lhe a botica e o caixão e fizera um papel, uma *escripção* para o viuvo.

Por ahi fallou-se muito d'umas

coisas com o padrinho. Mas isto da má lingua! É da gente se pôr bem com os anjos. Fallou-se muito, mas foi mentira. Olha quem! Ella!—

—Ah! tia Luiza! Quem pode tapar a bôca ao mundo? A má lingua? T'arrenego!—

—Olhe, visinha; não é por desfazer das mais: mas o que é a Marianna... mulher honrada até ali.—

—E o que me diz áquella *peralta* que lhe rondava a porta, o anno passado?—

—Tó, rôla! Não acredite. Elle andava ahi, mas era pela do João Carriço:—

—Senhora! Que me diz?!

E chegava-se, desenrolando o chale, curiosa, avida de noticias, de mexericos, n'um—ah!—prolongado, de admiração.

—É isto que lhe digo—

—Quem tal diria?! Mas conte lá, tia Luiza...—

—Olhe, eu não sei. Não me importa a vida aheia; mas ella esteve muito tempo sem apparecer, e depois...—

—Ora! a sonsa!—

—Ahi verá você.

Mas uma outra mulher veio da travessa n'um passo miudo e ellas calaram-se, a olhar. Era a Joanna, a do Manoel Maria. Vinha estar um bocado. Fechára a porta. Estava só. Ficaria acompanhando o corpo. Tinha uns geitos sacudidos e um lenço escuro na cabeça. Metteu a cara, a ver quem estava, e depois entrou.

A tia Luiza e o outro olharam-se:—Se não está mais na minha mão? Que querem?

Você lembra-se quando ella andava vendendo pão de porta em porta, descalça, com o seu vestidinho rôto?—

—Se me lembro! Era quando o pae esteve preso.—

—Pois é isto que vê!—

—Ai! o mundo está perdido!— e com a mão conchegava o chale no queixo.

A Joanna entrou ruidosamente, sentou-se. Estavam os amigos; começaram logo a conversar em voz baixa, para entreter, com risinhos segredados n'uma intimidade antiga, e quando ouviam chorar lá dentro, escutavam, com um olhar beato, commovido.

Aquillo era o *relatorio*.

A subscripção rendeu duas libras

.....

.....

Tres dias depois um homem embriagado caíu pezadamente na *valeta* da rua e ficou estendido, sem movimento.

Accudiu logo muita gente. Levantaram-no.

Era o Antonio, o viuvo. Levaram-no para casa; deitaram-no; e cá fóra a tia Luiza, n'um grupo de mulheres, explicava:

—Coitado! o pobre homem! Sempre tem tido um desgosto! Aquillo bebeu para esquecer a falta da mulher...—

Segurava nos braços magros um pequeno ruivo, em camisa, que dormia.

As visinhas, em saia branca, davam opiniões, compadeciam-se: tinham vindo á rua despenteadas, como estavam, em corpo, e alguns rapazes descalços, n'uma algazarra desafinada, corriam, saltavam.

—Está quieto, José! Ah! ladrão! Anda para casa, José!

—Adeus, visinha. Tenho a panela ao lume. Saúde.

—Tu não ouves, José? Adeus visinha.

E o grupo foi-se separando. Tinha-se fechado a porta do Antonio e o sol batia de chapa nas pedras soltas da rua.

Era meio dia.

Villa Real—Algarve.

Luiz Arthur.

DO CAMPO

O Mondego, o pobre velho, fatigado de se arrastar por ahi caminho da Figueira, expunha já ao sol grandes calvas de arcias luzentes; margens acima, um nordeste que abrasava as petalas dos boninas e roubava a frescura das relvas, todas obsequiadoras no offerecimento franco de sévirem de tapete a corpos delgados de mulheres morenas, que tivessem appetites de rolar-se por ali em extravagancias de desejos. Nas pedras das ruas reflexos de calor amedrontando pelles finas, que o pó d'arroz não protege. Nos cafés, tentações de sorvetes em cones alvissimos de neve e leite, pedindo calores de *cognac* velho, preservativos de apoplexias ameaçadoras.

O Godinho a chamar para as sombras frescas dos salgueiraes do rio toda a população, cheia de transpirações de mau cheiro, com grandes necessidades de lavagens repetidas.

Santo Antonio a fazer milagres no theatro, levando o seu arrojo n'esta industria até o ponto de não esgotar a vossa paciencia e encher a algibeira dos emprezarios!

A policia com a necessidade fatal, urgente da prisão do homem do Ingote, e então para cada um que passa—será elle? para cada cara que encontra—será esta?

As *tricanas* cercando as fogueiras em danças alegres, acompanhadas de cantos populares d'um sentimentalismo adoravel.

E apesar de tudo, nós, roupas de linho fresco, sadio, abas largas de

chapeu onde o sol se estenda á vonda, abandonos de cabaça e bordão, partimos caminho das largas campinas do Tejo onde os gados chocalham nos pastos amarellecidos do feno secco, e o campino adormece á sombra das moutas do areal, fatigado d'olhar o azul e o vôo sereno das cegonhas de plumagens brancas, macias como arminho. E então ha desejos d'ideaes, deboches d'imaginação — phantasiavam-se mulheres feitas d'aromas de trevo e petalas de rosas vermelhas, sanguineas.

Os livros, que nos fatigaram no desenvolvimento de theorias scientificas, d'um modernismo dos tempos de Roma, abandonados, e substituidos pelos livros de Daudet, que dão ao espirito energias sadias, e pelos contos do Fialho, que nos convidam a grandes caminhadas por esses montes fóra na contemplação respeitosa da terra — que se veste, e dos rios — que se despejam.

Coimbra lá longe, muito porca, muito suja, não nos podendo envenerar com o miasma dos seus canos, e com o halito da sua bocca.

Entretanto saudades ainda d'uma vida boa, gasta por lá n'uma bohemia descuidada, que d'aquí a annos ha-de tembrar muito, muito.

Agora, alturas das montanhas, cortadas em dentaduras de pinhaes, que sussuram á passagem do norte, e beneficiam o ar que nos tem d'encher o pulmão; e de lá observações cuidadosas, analyses estudadas e reflectidas. Só depois desceremos para lhe contar o que vimos, leitora amavel.

Abrantes 25 Julho 83.

S. d' A.

SCENA DOMESTICA

PAPÁ E MAMÃ

Ao verem as ruidosas brincadeiras do seu robusto e lépido nené,
—que ora sobe ao mais alto das cadeiras,
ora cae a rolar do cana-pé,—

sentem na alma a mais vivida alegria!
—que immensa graça que o pequeno tem!—
e diz o paé: os olhos são da mãe!
e diz a mãe: os modos são da thial!

—Que encanto! Vem-me dar um beijo, avança... quem sou eu?— Mamã. E eu? — paé do bebé... Ella, corando, olhou para o nené, como quem diz—enganas-te, creança!...

ENLEIOS

Quando eu inclino ás vezes amoroso
minha cabeça nos teus brancos seios

sentindo o mais suave dos enleios
ao sentir seu calor delicioso;

quando eu assim repouso descuidado....
tendo em minha alma vividos anseios
de te beijar, ó filha, os peitos cheios...
de um aroma subtil e delicado,

Ó mulher sensual e provocante,
eu que te ame abrazado e delirante
como se ama na terra uma só vez,

sinto uma dôr enorme, uma dôr crua
de não ser cada branca poma tua
—um ôdre precioso de Xerez!

Costa Santos.

CARTA D'ALDEIA

Uma manhã de *spleen* a d'hoje; chuvadas continuas, impellidas pelas rajadas d'um vento desabrido que, debatendo-se em impetos colericos, espalha pelo espaço o ruído d'uma dança infernal, poem no ambiente morno uma tristeza biblica. No meu pequeno jardim os arbustos d'um verde tenro dobram-se dolorosamente; e por entre os canteiros, vêem-se as ruas saibrosas cobertas de folhagem e petalas setineas de rosas desfolhadas.

Um pouco ao longe, no pombal, as pobres avesitas, fazendo conclave sob o beiral saliente, muito aconchegadas cobrindo-se mutuamente com as azitas. forradas d'uma penugem macia, esperam anciosas que o tempo adoce e que o sol, mostrando-se no azul nítido, derrame sobre os campos uma claridade intensamente luminosa e uberrima.—Um temporal que obriga a não sahir, a morrer de monotonia dentro d'estas paredes solidas, de casa aldeã e antiga!

O bom Deus, que preside aos destinos dos mundos, recostado n'um *divan* d'espaldar fófo, com a cabeça cercada d'aureolas com finas pulverisações de luz, está hoje com os nervos irritados, e, obrigando despoticamente o tempo a conservar-se com *masque* de papão, tem o extravagante capricho de enclausurar-me durante algumas horas.

E eu, simples mortal que detesto todas as submissões passivas, não podendo reagir contra esta potestade *omnipotente* que com um simples olhar abrange todo o espaço e todo o tempo, curvo-me ás suas ordens irrevogaveis, com a phisionomia compromettida d'um collegial bocal diante d'um examinador grave e bem composto...

N'este momento em que trapos de nuvens se desfazam em bategas grossas que, acossadas por um vento que sopra do sul, fustigam as vidraças

e amedronitam as pombas, e bandos de passaros irriquetos vêm procurar os ninhos, descrevendo egyptes alongadas e piando queixumes, — uma ideia se veio fixar no meu cerebro, attrahindo-o e dominando-o: — abrir uns pequeninos *cavacos* com o leitor amavel, beliscando de vez em quando um ridiculo ou uma opinião, para dar a este meu pobre espirito, que vive cá tão longe e tão doente, um raio da alegria que por ahi ha e que consola tanto.

E agora, feitos os cumprimentos do estylo, demos as mãos, e *au revoir!*

Marmellos

J. Pesanha.

QUADROS DISSOLVENTES

Venho das *foguciras*.

Esta pobre Coimbra, velha e rôta, insensível ao beliscão da troca e aos esplendores d'uma madrugada feliz, deitada sempre, com muito somno e olheiras fundas, fez-se alegre, pontinha d'estroinice no temperamento gasto, energias occultas revigorando-se ao contacto d'estas noutes magnificas; e veio por ahi fóra, desde a Sophia ao Seminario, cantando e rindo, batendo as palmas, fazendo ditos, lenço de barra vermelha e saias de folhos largos, febres d'extravagancia no sangue doente, gasto a fazer lyricas á lua e aos rouxinoes do rio. Vinha o namorado ao pé, o Armando — um romantico magro, de bandolim ás costas e cravo ao peito, cantando velhas paixões extinctas, as rosas e o ciume, a mocidade e as acucenas, n'uma promiscuidade peintrá que pedia cadeia e chicote.

Trazia *crystaes* de gargalhadas na bocca e risos pelo seio, que se abria em petulancias finas, d'uma *cocotte* de tom, acostumada a ter milhões no regaço e adoradores aos centos, em palacios faustosos, cheios d'ouro e crimes...

Vinha risonha e fresca, com appetites excentricos e desejos originaes, de peccadora extravagante que bebe uma garrafa de Champagne com a mesma facilidade com que dá uma duzia de beijos.

—Tudo por pouco dinheiro, já se vê! Que isto está tudo muito em baixo!—

Ella tinha pensado muito, antes de dar este passo, muito.

Reunira as amigas da visinhança; chamára-as a capitulo, muito ás escondidas; que ninguem visse, recomendava; podiam-lhe depois fazer troça e era uma vergonha!

Veiu primeiro a Julia, uma loirita nova, olhos azues, d'uma frescura doce,

cabellos soltos pelos hombros nús,— pouca fortuna, mas beijos em barda —gabava-se.

E começaram a cochichar, na intimidade, beijocando-se repetidas vezes, como se não se tivessem visto ha muito, fazendo ternura e má lingua...

Chegou depois a Thereza e mais a Luiza e muitas, ares tristonhos, de quem traz pouca sorte...

Assembleia geral, gritam todas. Está aberta a sessão.

N'isto apparece ao fundo, destacando, a figura magestosa da Marianna. E o Armando:

—Que desculpasse. Tinha-se esquecido de todo. Uma coisa assim!

E ella:

—Que lhe havia constado aquillo. Tinham-lho dito muito em segredo, já de noite. Mas que tinha resolvido vir, desse pelo que desse. Nas crises é que se conheciam as amigas, e ella tinha-o sido sempre d'esta pobre Coimbra, sempre.

—Que a occasião não era a melhor; os rapazes iam fugindo e o dinheiro faltava, lá isso era verdade! Mas sempre se havia d'arranjar, ora adeus, para tudo havia remedio menos para a morte.—

Tinha grandes rasgos d'eloquencia esta Marianna; e depois pilhas de graça, chalaças finas, bons ditos, apanhados ao doutor Quental, desde quando lhe varrera o quarto d'estudante — ia já n'um bom par d'annos, repetia com saudade, lembrando-se.

E arranjadinha: era um gosto vela na rua, muito aceeda, sem uma nodoa, espalhando comprimentos para as vizinhas, paliteiras magras de quem ella sabia os segredos e as dividas.

Discutiui-se muito, gesticulou-se ainda mais, chegou-se ao grito.

—Que isto não valia a pena, diziam muitas. Parecia uma caçoada. Até a lua tinha fugido, vejam lá! Mas acabou-se, resolveram estava resolvido.

E ahí foram ellas, doudas e pobres, atirar-se pelintramente para as fogueiras, dançando e rindo, com a falsa alegria de quem não possui vintem.

A madrugada vem rompendo. Vae-se aclarando a terra e o Azul. O violino da Natureza solta pelas gargantas dos rouxinoes as primeiras notas das suas encantadôras volatas.

E na amplidão, que se vae mostrando, soam como trinados de aves pequeninas, os velhos estribilhos das canções populares, que a fonte do Castanheiro atira para o ar, e os ultimos beijos d'um amor ardente que se não pode abafar mais...

Coimbra

Santos Mello.

FORMALIDADES

Atrevimentos, ousadias... Um dia um grupo de bohemios, que não fumava á porta do Abilio, que não falava em assembleias geraes, nem era independente, nem sentia odios pela tyrannia nem paixões pela liberdade, lembrou-se de vir por ahí fora despreoccupado, com o espirito sadio, cheio de vontades energicas e intenções boas; na mala nenhum artigo de fundo de jornalecos provincianos; na boutonniere nem um habito de S. Thiago; na historia nem um rasto luminoso de carreiras triumphaes! E veio até aqui, sem ter beijado primeiro a fimbria da toga adamascada dos pontifeces da Havaneza — atrevimentos, ousadias...

E depois o concilio formou-se, — que não era bem feito, que deviam ser exterminados os peccadores — decretava-se. E a noticia da nossa morte corria de bocca em bocca com a velocidade d'um acontecimento palpitante, com a importancia do cumprimento fatal d'uma sentença energica, irrevogavel!

Os altos poderés tinham-n'o dicto, era forçoso que assim acontecesse...

Entretanto nós, cheios de vida, atirávamos para ahí toda a explosão das nossas gargalhadas francas com uma irreverencia descarada, sem respeito até pelas litteraturas officiaes, encadernadas em toilettes á Ramalho e alimentadas em craneos á Rosalino; — já é!

E os grupos da Calçada, espantados, boquiabertos, apontavam-n'os como pagãos, sem considerações pelos idolos consagrados...

—Mas não haja só tristezas; agora uma boa nova, um alegrão: — Coimbra em Fralda vae dar uma das suas melhores festas para Brindar os assignantes, que tenham pago as assignaturas. N'essa noite, no palacio da pequena, o champagne correrá de fontes continuas em conchas de prata; as taças, com que forem feitas as saudes são d'ouro, e em seguida aos brindes serão lançadas no fogo, entretido pelos aromas orientaes, que ella recebeu não sei de que pachá.

E de crer que nenhum deixe de mandar no primeiro correio, immediatamente, os trez tostões do programma para não deixar tambem de receber a grande honra, que ella só concede aos intimos uma vez cada anno.

Tem d'estas amabilidades, a garota.....

GAZETILHA

(NA NOITE DE S. JOÃO)

As dez e meia de noite que ru das bricadeiras!

—começaram a accender-se as enfeitadas fogueiras!

Rapazes e raparigas, d'encantadoras feições, alegres dançaram todas ao som dos seus violões!

No meio dos bons requebros, com aperto e beliscão, dançou-se a Caninha-verde e a Rolinha e o Malhão,

Danças inda mais bonitas do que as polkas e mazurkas... — uns diziam — danças nossas — mas eu digo que eram — turcas!

Mas depois das piruetas na cidade, á luz do dia, na fonte do Castanheiro, — que requintada folia!

Em logar da Cana-verde da Rolinha e do Malhão, bateram-se alegremente fadinhos á pac-Adão!

Coimbra

Apila.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Anno	1200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Numero avulso	60 »

Toda a correspondencia, relativa a negocios d'administracão, deve ser dirigida a José Correia d'Almeida. Tudo quanto diga respeito a redacção, só pode ser tratado com Solano d'Abreu.

VENDE-SE E ASSIGNA-SE

Lisboa—Café Montanha, rua do Arco do Bandeira.

Porto—Papellaria de João Vieira Rebello, rua das Flores.

Coimbra—Livraria Popular, rua do Visconde da Luz.

Abrantes—Loja de Antonio Francisco Salgueiro.

Vizem—Livraria Academica de José Maria d'Almeida.

Nos lugares acima designados recebe-se a importancia das assignaturas.

Imprensa Commercial.

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre... 220 rs.
Avulso 20 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador

EDUARDO D'ALMEIDA

COIMBRA, 29 de março de 1884.

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras
recebendo-se um exemplar

Redacção e Administração
Rua do Cotovello, n.º 2.

PAIZ DAS ARRUFADAS

29 DE MARÇO

Foi no verão. O Choupal tinha frescuras de sombra, e as arvores do coes ramadas grandes, aromas de flores.

Os poetas inspiravam-se; os pardaes nos salgueiros faziam garotices muito chilreadas; as meninas da baixa ostentavam as janellas alvuras de linho; a Havana estava deserta, e a cidade fazia palitos e exportava melões.

O Mondego alimentava a exploração das barracas e a industria do peixe frito; a ultima fornada de bachareis sabia a pouco e pouco, levando na mala as cartas e as arrufadas, e na cabeça o codigo civil e as aspirações fagueiras de logares de secretario. Os poetas faziam versos nas praias á grandeza das ondas do mar, e á pequenez dos pés das banhistas.

Coimbra em Fralda, a garota, andava amuada. O Paixão fechára, o Lusitano estava só, á Porta Ferrea nem um grito, na Calçada nem uma capa:—que se não podia viver em ferias—affirmava ella, tapando com a mão o decote largo da camisa, envergonhada de se ver assim tão nua no meio dos burguezes, que a olhavam com gulodice, sentindo o prazer de a verem so, como um fructo appetitoso abandonado no campo.

Á tarde, quando o sol, n'uma agonia lenta, morria atraz do convento de Santa Clara, a pobre escondia-se nas verduras do

Choupal, descensava da caminhada em qualquer pedra de caes, e ficava para ali muito só, toda distrahida, mirando-se na agua que corria lentamente, levando a imundicie dos caes e as folhas das arvores.

Se passava o comboio, sobresaltava-se: fugia talvez o ultimo bacharel. E então acenava-lhe com a renda da camisa, aos olhos vinham-lhe lagrimas de desespero e houve até quem a ouvisse, sentimental como um lyrico, saudosa como uma amante: ah! nunca mais, nunca mais...

E recordava-se então das noites mal dormidas passadas em orgias luxuosas com grandes gastos de champagne *frapé*, e phrases para brindes. Agora que ficasse para ali só com o indigena, fazendo palitos, amassando arrufadas, e comendo melões; e no meio do seu desespero batia na coxa palmadas fortes, e em calão:—«que estava nas tintas para aturar aquella vida.—»

Mais tranquilla, deixava cair na verdura da relva a camisa arrendada e a pouco e pouco mettia o corpo na agua; primeiro um pé, e arripiava-se toda com a sensação do fria; em seguida o outro, com muito cuidado, depois de tentativas repetidas; e por fim, d'um salto, ficava no meio do rio com os musculos rigidos, os cabellos louros escorrendo nas espaldas, e a pequenina dentadura de marfim em tremores nervosos. Battia a agua com os braços estendidos, fazendo-a saltar em

volta, e mergulhava, para depois sahír do fundo com as mãos nos olhos, esfregando-os; e a leve penugem loura do braço toda arripiada, toda no ar...

Gastava assim muito tempo, esquecida, custando-lhe a deixar o banho; e quando sabia envolta no linho do lençol, que, pegado ao corpo lhe desenhava as formas, sentia-se consolada, satisfeita. Accendia um charuto, e caminhava para a cidade. Na Portagem! que semsaboria, que impertinencia.— As duas filhas dos candieiros de gaz prolongavam-se interminaveis pela Estrada da Beira, completamente isolada, sem um frequentador, sem um par aninhado debaixo das arvores; até os passaros parece que tinham fugido procurando longe abrigos para amores. Só a Coimbra em Fralda morria a'li de saudades e de nojo!

Se encontrava um apaixonado, fugia envergonhada; e elle aproximava-se; e puchando-lhe pelo beicinho, com caricias adocicadas:—«sua má, quem lhe fez mal?—» E a pequena ru de na sua resposta, fugindo a cumprimentos, voltando as costas:—«a tua pelutrice, a tua falta d'ideias»...

Estava decidido: não viveria mais por estas alturas; e então mandou arranjar as malas, e com ares estroinas vestiu o guarda pó de viajante e... *foi-se!*...

Depois, muitas saudades por cá, necrologios nas folhas, poesias sentimentaes e que até

As filhas do Mondego a morte escura Longo tempo chorando memoraram

—dizia-se.

No exilio soube que a desejavam, chegou mesmo a receber pedidos em papel de marfim aromatisado. A principio fez-se rogada; mas por fim resolve-se, aproveita a Revista do anno e declara publicamente no theatro que:

- Quer o riso que faz mozza,
- Alegre, gentil, doirado,
- Que eu volte a ser um soldado
- Dos regimentos da troça.

—E voltou.—

CÁ PELO BURGO

Plena quaresma; ás sextas feiras de tarde o Senhor dos Passos da Graça, com a enorme concorrencia da burguezia, ávida de namoro e de apertão,

No interior do templo escuro e triste destaca-se'ao fundo, no altar mór, a veneranda imagem, olhando resignadamente a multidão e vergando ao pesda cruz; seis tocheiros illuminam-lhe com uma luz pallida o rosto debotado onde se estampa um grande soffrimento, e enquanto lá dentro uns lhe beijam o pé, e a corda que lhe aperta a tunica e fazem tilintar na salva de prata uns cobbres negros, outros cá fóra esperam as tricanas a quem dizem phrases e a quem passam a mão pela cara, recebendo em resposta ou um sorriso ou uma bofetada ou uma qualificação de asno e atrevido.

Pelas outras egrejas, de manhã, o confessorio exerce o seu poder.

A piedade elegante, estreitamente apertada nos seus espartilhos *cuirasse*, mostra as fôrmas, vestidas pomposamente em setim preto, enquanto as pequeninas cabeças envoltas em mantilhas, tem movimentos graciosos, e os olhos despedem relampagos de endoidecer.

E aquellas adoraveis creaturas, lá vão tremulas e receiosas dizer ao ouvido d'um padre, que por via de regra traz a batinha ensebada e os dentes negros e fetidos, os seus pequeninos peccados galantes, os sobresaltos dos seus corações, os escrúpulos das suas consciencias.

E aquelles sotasinas, sclerados e felizes que elles são, a absorverem com uma avidéz tigrina o halito perfumado d'aquellas boccas pequeninas e rosadas, a explorarem com uma curiosidade de *senhora visinha* os receios, os sustos, as sensações mais pequenas das penitentes elegantes!

Se não fosse o celibato, bem sei eu quem estava agora n'um seminario.

—De resto cá pela terra do palito muita coisa nova: elle foi o baile no Club pela *mi carême*; elle foi o concerto dado no Theatro Academico por uma *troupe* distincta de cinco *virtuosos* escolhidos; elle é o Circo com a sua companhia de zarzuela, que, seja dito de passagem, é bem ordinariasinha, benza-a Deus; elle é o beneficio do dia 29 para a Philantropica em que se faz musica, e em que ha comedias e scenas comicas, desempenhadas pelo Ferreira da Silva, pelo Navarro, pelo Alexandre Silva e pelo May que faz de mulher; elle é kiosque na Praça Velha; elle é kiosque em Samsão. . . . perdão: estou descambando para uma scena da Revista o que eu de modo algum tencionava fazer.

Por sobre este punhado de acontecimentos a natureza tem despejado uns dias formosissimos, alegres, primaveris.

A paisagem enflora-se.

A Primavera, com as tranças soltas, rosa fresca no decote triangular, appareceu ha poucos dias, no seu carro de flores, puxado por um bando de

borboletas de cores rutilantes, que ella guia com uma das mãos, enquanto que com a outra espalha por esses campos fóra rosas e lyrios, que ella cultivou com cuidado nas paragens d'onde vem.

Traz na bagagem uma bella orchestra de aves, dirigida por um maestro distincto—o rouxinol; traz fazendas vistosas e frescas em que ella ha-de cortar com a sua thesoura de fada, os costumes para as arvores e para os vegetaes todos, que, coitados, estão ha muito despidos e tristes; traz os pinceis com que ha-de matizar de cores rosadas as madrugadas de Abril e os ceus transparentes e azues; traz enfim grandes reservatorios de seiva que distribuirá por essas campinas, reanimando assim a natureza gelada e fria pelas inclemencias do inverno.

Que bella que tu és, ó Primavera! Deixa que eu do fundo do meu *cardanho*, te envie um cartão de boas vindas.

—As ferias avisinham-se.

A academia prepara-se para as gozar e forma projectos, ao mesmo tempo que compra cartonnagens para amendoas, com que ha-de brindar a amante, nos dias festivos da Paschoa.

E por agora, meus caros, mais nada.

SÁ-RAIVA.

Congo, 27 de março de 1884

CHRONICA DA CORTE DE D. AMALIA

I

Plena primavera n'este jardim da Europa á beira mar plantado.

No Terreiro do Paço o socego completo das noites pacatas; Chiado acima coupés muito fechados levam para S. Carlos corpos franzinos de mulheres anemicas, retocadas a carmim; na Havaneza discute-se a Laureana e a ultima sessão da camara; o «Diario de Noticias» na sua tiragem de vinte e seis mil exemplares, tracta das reformas politicas e annuncia a saude de suas magestades e recommenda criadas para todo o serviço. No Rocio, á porta do Silva, velhos doutores, militares pintados, olham com

saudade as cocottes, que pisam o passeio, e com inveja os aspirantes que as seguem... Que recordações n'essa saudade! Que odios n'essas invejas! No Martinho, actores e litteratos elogiavam-se mutuamente, e tem sorrisos d'amabilidade para os que entram, e criticas severas para os que sahem.

Cá fóra, o D. Pedro ergue-se na altura do seu pedestal; segura com mão nervosa a carta, que querem reformar, e desconfia de todos que passam.

Só tem palavras de confianças, desabafadas, sinceras para os aguadeiros, cidadãos de Tuy. Explicava-se hontem no Montanha, a extravagancia d'aquellas relações:—só elles respeitavam a carta—segredava-se. Por um lado, a inimidade do Pinto Coelho, por outro, a sua qualidade d'extrangeiros, que lhe tira o voto, levavam-n'os a fazer figas á «Nação» e a não concorrer ás constituintes.

De resto tudo velho por cá. Nas altas regiões do poder os ares turvam-se de dia para dia, e chegarão talvez a ennegrecer de mais, attendendo a que n'estes reinos do Congo tudo é escuro desde a côr dos ministros até á discussão do orçamento.

Ha mezes appareceu aqui um elegante, mostrando-se em toda a parte, vivendo nas alturas de S. Bento, dando assumpto para os cavacos da Havaneza e para os artigos de fundo de todos os jornaes. Boa pessoa—affirmava-se. E depois uma bonita posição, muito novo, e sobre tudo descendente de boas familias. Chama-se fulano de tal Accordo.

Rico, espirituoso, sabio, dentista, elegante, financeiro, devia fatalmente principiar a ser amado, e foi...

E' hoje o apaixonado da Politica:

Uns amores levemente escandalosos, que provocam sorrisos ironicos, e olhares desconfiados.

—Que ella está grávida—diz-se.

* *

A Constituinte prepara a adeira das parturientes, e deita azeite no eixo do *forceps* da hectorica parlamentar.

Terriveis, as velhas, na cegueira da sua paixão.

Roque Ditambé.

CHRONICA

Não sei se já repararam que a chronica em Coimbra é difficil de cultivar, a despeito mesmo de toda a boa vontade do chronista. E' flôr que por aqui não médra, sob este ceu eternamente escurentado, semsaborão por indole. Por forma que a chronica tem de ser banal e por vezes mentirosa. Vejam os nossos chronistas. Fazem tres, quatro ascensões e nada mais. Acontece-lhes depois escreverem a epigraphe, algumas linhas, após o que inutilizam a parte escripta e fogem da mesa, contrafeitos e desanimados, deixando dentro da pasta as tiras previamente cortadas, vasias como um grande balão espapaçado que não pode voar, alar-se, á falta de hydrogeneo. E a chronica em Coimbra é isto—o impossivel. Que o diga o Manoel Gayo, o Trindade Coelho, o Oliveira Ramos, o Solano d'Abreu, o Alexandre da Conceição e até Julia de Faria e Queiroz Ribeiro—dous que fizeram da chronica uma besbilhotice cheia de bilis, com periodos de legua e meia e a sua piada em francez. Vamos, amigos, quando tiverem a bocca lavada façam favor de continuar. Espera-os o Café Lusitano e a «Folha Nova». O Café Lusitano com a satyra mordaz dos seus *habitués*, a «Folha Nova» com as suas columnas—aquellas mesmas columnas onde o demonio do Iriel expoz durante mezes a flor perfumada e melindrosa das suas pequeninas chronicas. . . Sabem que é uma honra escrever chronicas na «Folha Nova»? . . .

Diacho, mas elles tinham razão. . . E' possivel que eu me veja tambem forçado a fazer besbilhotice, na minha qualidade de chronista d'esta Parvozia sem rival. Quem lhes diz que a chronica não ha-de aproveitar um pouco para dentro das egrejas, flandar pelos passeios, entrar nas livrarias, nos cafés, na Havaneza? E' possivel até que faça tudo isso e que venha depois dizer, ceatar, um

poucoquinho maliciosa no seu sorriso de peccadora mundana... E' possível, é possível. Ella usa *lorgnette*, uma pequenina *lorgnette* ouro e crystal, que promette assestar por ali em tudo e em todos—em quem passar pela Calçada batendo trens a duas parelhas ás 5 da tarde, em quem partir carros e se deixar cair de um cavallo, em quem sôr a Santa Cruz fazer *idyllo*, em quem fizer versos á Dolores e redigir avisos de beneficio tractando por excellencia as mulheres da companhia e dando-lhes dom em letra redonda e ceias no Paço do Conde, em quem entrar nos camarins e atirar *bouquets* da plateia. A todos ella assestará a sua *lorgnette*, inoffensivamente, maliciosa apenas o bastante para não ser semsaborona. As *coquettes* querem-se galantes e a chronica é uma *coquette*. Verão como ella ha-de mostrar as perolas dos seus dentes meudos quando a ouvirem fallar, tagarelhar, rir, quando lhes contar que ha uma mulher nova que parece não pensar no casamento ou que ha uma mulher velha que ama ser requestada, um sujeito que aspira ao baronato, ao viscondado, e outro que parece não ter aspirações de especie alguma.

Fallará dos litteratos que formam *troupe* e têm cadeira no Luzitano — uma pequena *Comédie* que elles criaram para os seus ensaios de immortalidade — e dos litteratos que preferem andar sós, arredios do elogio mutuo. Rirá — a jacobina! dos que têm Dom e usam um grande nome com um vago sabor heraldico, e que para ali vivem em commum, passeiam em commum, se divertem a seu modo em commum, todos solemnes, um poucoquinho ridiculos na sua *pose* de Jupiters de *biscuit*.

Mas, bom Deus! o chronista não deseja fazer programma. Pois não é verdade que a curiosidade publica ama o imprevisto? A chronica tem suas tenções de lho satisfazer os instinctos. Assim é que ella os informará de uma *soirée* onde se recitar ao piano, precisamente quando as senhoras esperarem que ella falle das devoções galantes da Graça. Fallará das paixões mundanas — em sexta-feira da paixão... Mas isto é fazer

programma, — esta maneira de o não fazer...

... por isso a chronica entra desde já no assumpto, sem mais considerações ou preambulos, aproveitando este momento de hora vaga e chuvosa em que se diria andar no ar a sombra escurantada da aza de um albatroz gigantesco. E é ver como essa aza se agita, que até as arvores tremem e d'aqui se ouvem ramelhar.

Chuviscos e ventania! São tão melancolicos estes dias assim! Parece que tudo nos dóe, que os nossos nervos têm susceptibilidades mais delicadas e exquisitas, vibrando n'um mal-estar indefinido de que nem a gente sabe a razão. Doe-nos o corpo, a cabeça especialmente, e doe-nos a alma. Estamos doentes e estamos tristes. Nós bebemos a alegria com o sol, como esses pequenos passaros para quem o sol é vida e também saude.

Ouçam o vento que ali vae fora, varrendo as ruas e zunindo nos beiraes. Como elle canta, bom Deus! Na atmosphera pardacenta, desde manhã que eu vejo as navens galopando em turbilhões, em marcha sinistra e apressada não sei contra que ponto do nascente. Vão buscar chuvas, aguaceiros, por certo. Demorae-vos por lá, deixae que a toda a largura o ceu se abra em azul. No entanto, adivinha-se que a noite será fria e humida, porventura feita de treva onde não ha-de tremeluzir o sorrisito branco de uma estrella. E a primavera sem vir! A esta hora, — como isto custa! ainda ella anda por lá a encher o seu cabaz de flores...

João.

SARA

Chegara e vencera. Os janotas tinham saído da sua frieza habitual para a acclamar com palmas e flores. Era a salvação da empresa, — dizia-se. Nos corredores, litteratos myopes e pobres commentavam a finas ironias a bella reputação d'actriz que a Sara tinha conquistado

nos theatros do norte. E contavam aventuras galantes d'aquella mulher que tinha acabado de estontear uma plateia inteira — doídices encantadoras com poetas que tinham mais amor á carne do que ás lyricas, estroinices adoraveis em que imperava o oiro de braço dado com o vicio...

Citavam-se nomes, apontavam-se datas, dramas em familia, muito intimos, em que as esposas se diziam atraícoadas, quando os maridos recolhiam altas horas da noite, sem dinheiro para as compras e cheirando a perfumes caros... Um dia, era um fidalgo que vendia a sua ultima parelha para lhe pagar o derradeiro beijo; d'ahi a pouco um rapaz sentimental, com uma grande dóze d'ingenuidade e de tolice, que se lhe deitava aos pés, exigindo-lhe o seu amor ou um revolver!

Era uma flôr da decadencia, embebedando d'aromas uma sociedade inteira. E o seu corpo triumphando sempre, como uma onda gloriosa que se sustenta vencedora á tona do mar...

Ninguem, como ella, sabia mostrar as primeiras curvas de um seio rijo e branco; ninguem como Sara, punha em evidencia uns hombros esculpturales, feitos de marmore côr de rosa.

A sua carne era uma gloria viva e palpitante de belleza, pedindo Champagne e loucuras de beijos, embriagando as almas e seduzindo-as. O seu olhar, immortalmente azul e immensamente ambicioso, exigia homens novos que tivessem equipagens magnificas e saude ás mãos cheias, com uma larga escho'a de seducção e esbanjamentos d'oiro...

Chegara e vencera. Os noticiaristas gastaram luxurias de prosa para lhe cantar a brancura adoravel do braço, fizeram pompas de linguagem, illuminações de phantasias... Do guarda-roupa do seu estylo arrancaram os adjectivos mais brilhantes, as exclamações mais entusiasticas, os adverbios mais sonoros...

Estroinas celebres pompeavam, ao outro dia, em frente da sua casa pequena e alegre, cavallos finos, puchando trens macios com estofos de damasco. Homens graves e serios ti-

nham odios concentrados para a carta de conselho que os impossibilitava — a imbecil! — de gosar um bocado d'aquella mulher terrivel que os embebedava de paixão com as gaiatices do *can-can* e a verdade irritante da perna...

Uma larga onda de prazer e de ciume tinha estonteadado uma cidade inteira, burguezas que odiavam a formosura gloriosa de Sara, homens que atirariam para a rua com a ultima nota de dignidade para lhe sorver n'um beijo o fulgor do olhar, immensamente ambicioso e immortalmente azul...

O visconde do Carvalho foi o preferido. Elle tinha empenhado n'esta lucta os seus quarenta annos elegantes e os seus quarenta contos de renda. Offerecera-lhe diamantes, perolas aos punhados, uma casa faustosa, com tentações de seda — doirado ninho d'amor para as delicias d'uns noivos... Chegara a comprar um jornalista para prender á cauda do vestillo de Sara caudas de triumphos e de gloria... Venceu.

E, d'ahi a dias, a cidade admirava Angelo — o cocheiro mais querido do visconde e um valente loiro — guiando os baios mais brilhantes que se tem visto, trotando com orgulho por conduzirem a mulher mais formosa que tinham admirado...

Mas o visconde era secco; pertencia a esta raça de decadentes feitos de requintes da moda, sem phantasia e sem sangue. E ella sonhara com um homem novo que tivesse violencias de paixão e voluptuosidades finas. Era um cansado que não possuia musculos, nem imagens felizes. E Sara tinha indignações para a sua mocidade estroina, passada em restaurantes ordinarios onde se compram mulheres e camarões...

— Para contraste, que visse o Angelo, um bello rapaz, parece que arrancado a pleno campo, vigoroso e leal, com a alma aberta sempre aos sorrisos da alegria e ás dedicações profundas!

Depois... Historia velha. Um dia o visconde lembrou-se de ir a Madrid ver umas toiradas. E ás horas a que naturalmente fazia mais uma das suas

conquistas, a porta da alcova de Sara abria-se cautelosamente, e Angelo — aquelle valente loiro, sabem? — entrava de manso, com a respiração suffocada e o cerebro a ferver em sangue...

E Sara, palpitante e magnifica, entregando-se toda, cabelleira solta sobre as espaldas nuas:

—Um imbecil, o visconde, pois não é?...

Santos Mello.

ARRUDES

I

O jardim é um paraiso:
Em cada arvore asyla
Doce bando que pipila
Da aurora ao fulvo sorriso.

Sempre á tarde lá diviso
A loira mulher, tranquilla,
Na barquinha que scintilla
No lago sereno e lizo.

O seu cabello, ondulado,
Deixa o vento a suspirar,
No eburneo collo enroscando.

O sol mergulha no mar,
E o azul vai-se afogando
Na luz mansa do luar.

II

A' noite vela; no entanto,
O somnolento marido
Resona, muito encolhido,
Sobre o leito de pau santo.

Ella, cheia de quebranto,
Poisa o olhar dolorido
Na seda azul do vestido
Que enche de gottas de pranto.

Treme-lhe a alvura do peito
Que um doce arfar lhe dilata.
Rosna o marido no leito...

Sobre as arvores desata,
Como n'um choro desfeito,
A lua os fios de prata.

III

O doce esposo dormindo!...
E ella geme allucinada,
Como a pomba delicada,
Comsigo as dores carpindo.

Ao largo espelho sorrindo,
Como d'um sonho acordada,
Toda tremula, alquebrada,
Vai a seda azul despindo.

E deita-se emfim, de leve,
Estendendo, seductora,
O corpo gentil de neve.

Abrem os lyrios lá fóra
Pedindo ao azul que os ceve,
Na luz ridente da aurora.

COSTA MACEDO.

Em seara alheia

D'uma correspondencia de Lisboa para um jornal de provincia:

«A Era Nova, vae ter mais um membro na redacção, com cuja acquisição não desmerecerá sendo bem conhecidas as qualidades do seu talento, e que á trombeta de fama, nada leve, pois é F. um insigne estylista, um escriptor e poeta d'alta intelligencia, moço tão sympathico, que, com denodo trabalhou sempre em pró da Liberdade, pois o seu genio democratico, sendo até invejado, n'esta sociedade da epoca, pelos proprios collegas do jornalismo (releve-me a modestia d'este meu nobre amigo) que, é verdade, sentiu-se e com razão, de que os correligionarios do Porto, lhe retribuíssem com a mais dura indifferença os serviços que prestava... E' escandaloso! Mas, não posso completar agora; prometto porem, em mais largo periodo, fustigar com rigor os taes republicanos-in-nominè».

—Fustigue, collega, fustigue os republicanos, e leve para a gloria quem canta assim:

Eu quizera em noites bellas,
Armado da tua trança,
Ir açoutar as estrellas
E matar uma creança.

RESPOSTA AO TELEGRAMMA

O nosso amigo Costa Santos, advogado em Leiria e antigo redactor d'este semanario, em resposta ao pedido que lhe fizemos pelo telegrapho, escreveu-nos os versos que seguem:

A musa, a ingrata musa procurei
apenas recebi o telegramma...
era noute: por isso eu a encontrei
dormindo já na sua fófa cama...

e assim lhe disse quando a despertei
—eu quero um canto digno de alta fama,
mesmo em camisa... vá... pois quem
vos chama
está em «fralda»... um doce canto er-
guei!

mas depois de esentar-me, novamente
reclinando a cabeça rescendente
respondeu co'a franqueza que ella tem:

—olha, filho, eu não te devo cantar
nada,
pois é melhor dormir eu socegada,
do que fazer adormecer alguém!

PRAXES

... que sim, que voltámos cheios d'energia, de boas vontades e muitas esperanças. Na bagagem pouca cousa:— criticas alegres, bons desejos, sorrisos amaveis, muita gratidão para os assignantes.

A' porta de muitos cavalheiros, mão na camp'inha, tronco curvado, e no fim de tres mezes o recibo dos onze vintens — uma pelintrice simple-meute. Para os collegas muita satisfação na troca, muito agradecimento no elogio. Já vêem que em praxes, Correia Telles, Lobão e Companhia ficam a um canto...

Não publicaremos necrologios: temos grande odio ás noticias tristes, e á tristeza das noticias. Mas, em compensação, dias d'annos, noites de soirées, manhãs de tiro aos pombos, tardes de passeio serão levadas por nós até á immortalidade das sombras da nossa barrica do lixo. A respeito de colaboração—muito boa gente cá por casa. Mas não daremos lista... é moda e nós vamos com ella.

E o programma? pergunta agora o velho leitor todo cheio de desconfianças, todo duvidoso de virtudes. O programma Ex.^{mo} Snr.? Essa é boa! O programma? «Coimbra em Fralda» que o exponha sem pejo. não furtando aos olhos de V. Ex.^a a tentação da liga, a doudice do sorriso, a estroinice do gesto. E depois, meu amigo, os seus olhos terão appetite, gu'os, e até a borla do seu barretinho de dormir terá agitações febris...

Ainda quer mais programma? No caso affirmativo abra a porta á pequena e a bolsa á administração...

Outra coisa que nos esquecia —para muitos cavalheiros enviámos o nosso semanario, se o devolverem, peor para elles que não leem bonitas phrases, bem buriladas; senão o devolverem os seus nomes serão escriptos em letra redonda nas cintas do jornal, e nos respectivos recibos, e por esta honra não levámos nada a ninguem, pela assignatura apenas os onze vintens da ordem... Mas sério, sério — o pagamento das assignaturas é condição essencial para a existencia da pequena; por isso vejam lá, hein?...

Agora, nós—uns seus creados, e até á volta.

EXPEDIENTE

Declaramos que o snr. José Correia d'Almeida, antigo editor da «Coimbra em Fralda», nada tem com a nova empresa do mesmo jornal.

O escriptorio da «Coimbra em Fralda, na rua do Cotovello, n.º 2, acha-se aberto todas as quartas e sextas-feiras, de manhã das 10 até á 1 hora, de tarde das 4 ás 7 horas.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL:

Em Lisboa:—Na tabacaria Monaco, ao Rocio.

Em Santarem: Na Loja do Sr. Joaquim d'Oliveira Baptista.

Em Vizeu:—Na Livraria Academica de José Maria d'Almeida.

Figueira da Foz:—Costa & C.^a, Largo do Carvão.

Thomar:—Viuva Campeão & Filhos.

Abrantes:—Antonio Francisco Salgueiro.

AOS ASSIGNANTES

Motivos imprevistos nos obrigam a publicar hoje o nosso jornal em papel mais ordinario, o que promettemos remediar nos numeros seguintes.

A EMPRESA.

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras
recebendo-se um
exemplar

Toda a correspon-
dencia deve ser diri-
gida ao administrador.

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRADOR — EDUARDO D'ALMEIDA

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre.. 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Adminis-
tração, rua do Coto-
vello, n.º 2.

NUMERO 2

COIMBRA, 5 DE ABRIL DE 1884

2.ª SERIE

PAIZ DAS ARRUPADAS

5 DE ABRIL

A torre da Universidade badalára uma hora.

À porta ferrea gritos alegres, annunciadores de vespera de feriado; pregões de cautelleiros e vendedores de jornaes; pedidos de cego, e choradeiras de garotos.

No *boudoir* da pequena um desalinho encantador: — caixas escancaradas mostrando a alvura do pó d'arroz, frascos desarrolhados exalando aromas d'essencias finas; meias de seda sobre o tapete d'arabescos complicados; e na pedra do fogão o espartilho muito aberto, todo tentador nas suas duas concavidades perfeitamente arredondadas. A cortina do leito cerrada, e ao fundo por uma pequena abertura um pé pequenino saído no descuido de um somno pesado, na agitação d'um sonho revolto.

No quarto immediato a tina do banho expunha a brancura do seu marmore, e desenhava-se nitidamente na superficie do espelho inclinado na parede fronteira para alimentar a vaidade da *Coimbra em Fralda*, que gostava muito de rever as formas d'uma correcção perfeita, quando toda nua entrava na agua de um morno agradável, d'um aroma de baunilha.

Na vespera recommendára á criada que a chamasse á saída das aulas, que tinha saudades d'aquella agitação d'uma vida toda nova, que queria ir para a rua Larga ouvir o Paixão, comprimentar o, Estopido, rir com os rapazes amigos, do seu tempo. Chamaram-n'a tarde: — «um ferro, umas estupidas as taes

criadas» — como ella dizia toda nervosa puchando as ligas elasticas, que batiam com ruido nas pernas, fazendo vergões arroxeados, cumprindo muito a seda azul da meia alta.

E medrosa na sua ignorancia, timida nos seus preconceitos: «que principiava mal o dia, que não admirava, porque era terça feira... e depois, na vespera, o vidro quebrado devia por força annunciari fatalidade.»

Veio para a salla, mal disposta, cheia de nervoso, toda aborrecida.

Sentou-se á mesa passando as paginas d'uma Illustração Francaza, machinalmente, sem as ver.

E assim esteve muito tempo, até que o creado lhe trouxe um pequeno papel n'uma salva de prata, toda rendilhada com trabalhos ricos de buril.

Talvez o cartão perfumado de um amante querido — pensou ella em sobresalto.

E deitou-lhe a mão, mandando retirar o criado; queria ler sósinha, muito avara das palavras sentimentaes d'aquelle papel.

E se fosse a confissão apaixonada d'um lyrico piegas! Como ella estava boa para o disfrutar.—E leu...

«Regulamento para o lançamento e cobrança do Imposto sobre cães do concelho de Coimbra.»

Repetiu a leitura não comprehendendo, e no fim teve a mesma admiração, o mesmo espanto. Na primeira pagina

«—Artigo 1.º—Serão arrolados todos os cães, de qualquer tamanho, raça ou idade, existentes no concelho de Coimbra»...

Com certeza estavam a tro-

çal-a... e ia atirar o folheto para baixo da meza quando pensou na *Perola*, a sua cadelinha branca como um novello d'algodão, de pellos muito tractados, laço de seda azul no meio da cabeça pequenina, bem feita. A *Perola* dormia sobre o tapete com o focinhito comprido apoiado no sapato da dona, os olhos cerrados n'uma somnolencia languida. Era, pois, necessario ler o regulamento, podiam matar a *Perola*, era preciso saber evitar a *strichnina* municipal.....

.....
art. 13.º—As pessoas que possuirem cães no concelho de Coimbra são obrigados a trazer cada um d'elles com colleira....»
Coimbra em Fralda deitou os olhos ao livro das antigas assignaturas e mandou fazer muitas colleiras, muitas...

SALAMANDRA.

CHRONICA

No sabbado que passou, á hora a que a chronica os comprimentou na rua e nos cafés—eram 6 da tarde, lembram-se? —as mulheres do nosso *high-life* deviam estar principiando a fazer *toilette* para irem ao *Academico* ver o sarau em beneficio da *Philantropica*. A festa promettia. Devem suppor que a chronica não faltava ao theatro. Ella foi com effeito pelo meu braço, toda perfumada e *coquette*, calçando as suas babuchas de setim-rosa e a sua luva *gris* de dez botões. E, porque lhe não esqueceu em casa a *lorgette*, eil-a que vem transmittir-lhes as suas impressões, o mais *à vol d'oiseau* que poder, sisuda e muito seria,

pois não deseja fazer espirito ácerca de uma festa que aliás lhe foi *sympathica*—a ella e a todos, A chronica tem para estas manifestações de caridade o mais amavel dos seus sorrisos. Confessem que é bondosa e justiceira, a *poverette*...

Por certo que os senhores não exigem uma descripção minuciosa do sarau. Seria uma exigencia injusta que me levaria longe e que nada lhes aproveitaria. Dir-lhes-hei, pois, que a parte musical do sarau foi prehenchida pelo sr. Forbes Costa, no piano, e pelos srs. José Lucio, Agostinho Rego e Tabor da Ramos, no canto. A chronica dá palmas, mais uma vez, aos distinctos amadores.

Na parte dramatica, Alexandre Silva deu-nos o *Sachristão Politico*, um bello sachristão como Dias o não faria melhor. Antonio Navarro (Lagoaça) foi esplendido de *verve* na scena comica e no seu papel de advogado no *Desquite* Ferreira da Silva no monologo *Os camarões* e no papel de Heitor no *Desquite* revelou-se mais uma vez o actor consummado que faria honra á Arte, se elle não servisse a Arte por favor e muito raras vezes. Como actor — elle poderia competir com os nossos primeiros actores, como *dizeur* não encontrámos ainda quem o igualasse. É um privilegiado para estas cousas de theatro. Conhecem o *Desquite*, sabem como n'essa deliciosa comedia tudo é fino, subtil, delicadissimo. O papel da Elisa é difficillimo, não? Pois aqui foi elle desempenhado pelo Julio May, com notavel correcção.

Era de ver aquelle ar senhoril e distincto de dama do *grand monde*, aquella elegancia natural de porte, toda aquella ma-

neira de dizer e de andar, que davam a illusão perfeita de uma Elisa de carne e osso, mulher no sentir, mulher no sangue, mulher nos instinctos. Um defeito, apenas um defeito vinha trahir a illusão—a voz!... Pois não é verdade que a voz era masculina? Que ferro! não ter o Julio May uma larynge de *demoiselle*! O demonio do sexo a revelar-se... repararam?

Costa Macedo que tem uma admiravel veia comica, sob aquelle seu ar pacato e timido de poeta lyrico, disse com infinita graça a sua poesia comica *A meio do baile*. E' sujeito que em entrando no palco se transforma extraordinariamente. Se o virem entre bastidores agouram-lhe um desastre, acham-n'o acanhado, sorrindo-se com uma delicadesa femeníl, quasi medroso. Entra, porém, no palco e é de um comico admiravel, na phrase, no gesto, quando se senta ou quando se levanta, se diz com os olhos ou se diz com a bocca. Impagavel, aquelle demonio do poeta lyrico; e sobre tudo um bellissimo rapaz, por quem a chronica professa a melhor das sympathias.

Parte litteraria. Carlos Braga, poeta, dramaturgo, contista, folhetinista, classificado nas aulas e natural do appellido, recitou a sua bellissima poesia *O doído*, sem duvida uma das suas melhores producções, aquella em que mais vibra a corda do sentimento; Eduardo de Araujo disse algumas quadras de um mimo inexcedivel, e cujo valor litterario o poeta prejudicou com o mau séstro de se fiar na memoria que ama pregar-lhe pirraças... Uma pessima memoria, a do Eduardo de Araujo! A ultima poesia que se recitou foi a poesia *O cedro* de Pinto da Rocha. A poesia é magnifica, toda em alexandrinos sonoros, vibrantes como laminas e lucidas como crystaes. Artisticamente, pois, o *Cedro* é um primor; pelo lado da ideia é tambem preciosissimo. Bella peça, na verdade. Folgamos de ver assim sobresahir em publico esse moço tão sympathico, e que de mais a mais não é *poseur* nem é dos *immortals* do Luzitano. Cumpre registar que os litteratos do Luzitano bilharam no sarau... pela sua auzencia. Quando nos quizerem dar a hon-

ra... Sim, quando nos quizerem honrar...

Trindade Coelho leu no sarau o seu conto *Pombas*. Novidade em Coimbra—a leitura de um conto. A chronica ia jurar que o velho theatro não tinha sequer conhecimento de semelhante genero de litteratura levado para um sarau. Pois é bom que o tenha, porque lá fora o conto é vulgar em reuniões de tal natureza. Trindade Coelho devia, porém, ter escolhido entre os seus contos um que fosse mais pequeno. O conto *Pombas* é grande: a sua leitura levou para cima de um quarto de hora. D'ahi resultou que nem todas as attentões o acompanharam até ao fim. No entanto, a chronica julga descobrir o motivo da preferencia que Trindade Coelho deu áquelle seu conto na predilecção que por elle tem o contista. Elle chama-lhe o seu melhor conto, e o facto é que teve um bom exito quando saiu publicado pela primeira vez. Apareceu no *Diario Illustrado* e em breve trecho oito jornaes portuguezes o transcreveram. Em Hespanha um jornal deu-o traduzido em folhetim e uma revista illustrada publicou-o tambem em hespanhol acompanhado de uma gravura representando uma das scenas de conto. Já vêem que o conto que Trindade Coelho leu teve um bello successo, e que por isso foi justificada aquella preferencia. E depois... e depois... aquelle conto escreveu-o elle em resposta a uma carta de mulher. Tem o quer que seja de intimo... Porque não has-de ser tu aquelle rajado do teu conto, meu querido Trindade Coelho?...

E eis o que foi o sarau, meus amaveis senhores. A chronica desejaria dar-lhes noticia de quem havia pelas frisas, seria uma nota curiosa e por ventura distincta. N'este mesmo instante apresentou-se-lhe ante os olhos o busto da primeira mulher, uma pallida de rosto *mignonne* e alvo, um pouco *alfacinha*, que estava na frisa contigua á do Conselho, repararam? Vestia setim *ruge* a que as luses arrancavam uns lampejos brandos muito brandos... Na frisa immediata...

Mas a chronica não deseja descer a minudencias, e dá por concluida esta primeira parte do seu cavaco.

Na mesma noite houve espectáculo em D. Luiz.

O chronista chegou no meio do ultimo acto, exactamente quando a sr.^a D. Maria da Luz, em trajos de sylphide, mais horriavelmente desafinava. Por certo uma terrivel constipação de que desejo vel-a restabelecida. Constipada e vestida de cambraias transparentes!... Constipada, vestida de cambraias transparentes e a cantar!... E' muito amor á Arte e muito desamor aos tympanos dos ouvintes. Nos camarotes o *demi-monde* tasquinava rebuçados e bebia agua por garafas e bilhas de vario feitio. Bocejava-se aqui e ali. Creanças dormiam debruçadas dos camarotes. Senhoras velhas pitadeavam.

Ao fundo dos camarotes somnos iam em meio, com acompanhamentos fortes de trompas nasaes.

Toda a salla era um longo bocejo, pesado, confrangedor, unico.

Cá fora muito frio, neblinas deusas vinham das bandas do rio e convidavam a abafos. Por isso a chronica toda se agasalhou na sua *sortie de ball*, e correu a metter-se em casa, na maciesa acariciadora dos linhos. Quando acordou era Domingo.

Um domingo aborrecido, sabem? Em Santa Cruz as caras do costume, os edylios do costume.

De notavel, apenas os altares nus de alto a baixo e os santos nos seus nichos, velados pelas cortinas roxas. Dir-se-hia que elles não querem assistir ás festas da Semana Santa, que se envergonham, porque não? d'aquella exhibição do amor profano, precisamente na occasião em que a igreja commemora o mais espantoso drama de amor divino... Fazeis bem, meus amigos, a vossa grave seriedade de ascetas destoaria um pouco no meio d'aquellas alegrias pagãs. Até sabado de alleluia, meus caros!

Depois da missa a chronica apenas encontrou na estrada da Beira uma familia de 4 senhoras, meia duzia de estudantes e bastante sol. Deviam de estar muito á vontade, as senhoras, os estudantes e o sol, porque lá

ficaram ainda quando a chronica se retirou ás 2 da tarde.

Depois das 5—a pelintrice réles da feira de S. Lazaro, na Alta, engomadeiras que pediam arrufadas, o hospital em exposição e o Jardim Botânico um pouco mais animado que de costume. E de toda a banda mulheres apregoando arrufadas e creanças com passarinhos de barro pendentes de elasticos e não se fardando de diser:—*«á voar, á voar! passarinho á voar!*

No entanto, á mesma hora, o passeio da estrada da Beira conservava-se desanimado. De longe em longe namoros pacatos trocavam-se olhares sentimentaes e lyricos. Alferes faziam pé...

O resto da semana passou ronceiro e monotono. A academia sortiu-se de palitos e marchou para ferias; foi alegrar por 15 dias os corações sadios das patricias. A chronica não tem ferias. Será fiel a este *rendez-vous* semanal, fidelissima á sua palavra compromettida.

Bom Deus! que hora esta! É a hora dos sonhos e dos terrores! Quantas das que me hão de lèr estarão agora aconchegadas sob os seus finos cobertores de papa, trementes, assustadas, com um sonho delicioso interrompido em meio, a ouvir a chuva e o granizo rufando misteriosamente nos parapeitos da janella, como alguém que deseja entrar.

Esconda a cabecita, minha adorada senhora. Não viu este relampago? Olhe o trovão como brame. São medonhas as trovoadas assim imminentes, e então a esta hora avançada—ás duas da noite! Troveja com furia. A chronica sente-se contrafeita, um pouquinho nervosa... Que relampago iriadissimo não feriu agora a treva! E o trovão logo em seguida! Não de permittir que a chronica vá descançar sob a aza d'esta procella furiosa. Bom Deus! o que vae lá por fora!

Magnificat!...

João.

OS TEUS SEGREDOS

Pensavas talvez que o mar fosse fiel, e cahiste em contar-lhe os teus segredos!...

Elle morre por fallar,
quando não falla está triste:
foi contal-os aos rochedos!

De tal modo, que as conchinhas
já sabem tudo e, aos ouvidos
de quem as ouve, por isso
dizem ellas, coitadinhas,
em tristissimos gemidos,
que tu tiveste um derriço!

E sabe-o já toda a gente,
porque as conchinhas da praia
namoram muito o luar,
e quando o luar cadente
sobre as areias desmaia,
as conchas lhe vão contar...

Mas depois, a lua ingrata
tem um costume tão feio
d'ir fallar aos corações!...
Aquelles raios de prata
vão esconder-se no seio
das camelias em botões!

De sorte que um bello dia,
quando menos esperava,
ouvi dizer ás florinhas
que, durante a maresia,
tudo o mar depositava
nos bicos das andorinhas!...

Por isso volitam ellas
tão juntinho dos beiraes,
sempre alegres, pipilando;
por isso as tuas janellas
são rendez vous dos pardaes,
que lá vão pouzar em bando!

Inda bem que te illudiste!
Pensavas talvez que o mar
tivesse bons precedentes?!...
O malvado não reziste,
ha de por força fallar
e dá có'a lingua nos dentes!

Coimbra, 1884.

A. PINTO DA ROCHA.

TAL E QUAL

Vi em alguma parte um quadro,
representando a volta de
uma rapariga ao lar paterno.

Magistral!

Ella, a *pequena*, perna cruzada,
petulancias no olhar e no sorriso,
saboreava o seu café bebericando
a espaços e tirando da cigarrilha
largas fumaças espessas que aspirava
n'uma satisfação completa, de granadeiro.

Os paes, dois bons velhotes
trabalhadores, vegetando n'aquella
casa esburacada, tementes a Deus,
abriam uns grandes olhos espantados
e deixavam rolar pelas faces
uma lagrima de desespero.

N'aquella crispação das mãos,
uma contra a outra, involuntaria
e energica, adivinhava-se uma
lucta interior violenta...

Ella, a filha que outr'ora
levaram á primeira confissão toda
perfumada a alfasema, seu saio
te vermelho bordado a *soutache*

preto e lenço branco, de seda,
presente da madrinha, pelo *Es-
pirito Santo*;... *ella*, que o se-
nhor prior apontava como a mais
diligente nas explicações do ca-
thecismo, aos sabbados de tar-
de;... *ella*, ali, vestida a sedas
caras, corpete de largo decote,
cuirasse, modelando-lhe voluptuosa-
mente a impeccavel escultura
do busto; e, sobretudo, aquelles
risos, aquellas fallas, aquelle odor
acre de essencias finas!...

Viam e não queriam compre-
hender.

Era um ruir de esperanças,
um derrocar de felicidades!

Pois, senhores, temos ahi o
quadro bem visivel... e senão
eu o mostro.

Todos conheceram, outr'ora,
uma menina honesta, bem fal-
lante que commungava e beijava
a mão ao senhor cura. Não era
isenta de defeitos, não. Mas pec-
cadilhos innocentes.

Sua altercação com a policia,
aos domingos á noite, depois de
uma merenda em Santa Clara;
seu filhito abandonado no escu-
ro, ás portas, com exuberancias
de flanellas e um bilhete com
o nome do baptismo. De resto...
uma perfeição o demonio da rapariga.

Algumas vezes encontravam-
na por ahi, em noites de luar,
n'uns enlances eroticos, doces,
com um namorado, ouvindo varia-
ções sentimentaes de *corridi-
nho*...

Em compensação accendia a
vela benta, de cera, e resava o
magnificat muito embrulhada em
cobertores de lã, quando fazia
trovoada.

Não era até raro vel-a, con-
tricta, de capote e lenço, ir ou-
vir a Santa Thereza as evange-
licas palavras dos missionarios.

N'esses saudosos tempos a
pequerrucha chamava-se *Coim-
bra*...

Um dia, porém, alguém lhe
insinuou que aquella vida não
prestava; era reles, pacata pelin-
tra mesmo.

Que *ella* era uma rapariga bo-
nita, airoza, com um magnifico
torneado de perna e uma es-
plendida cabelleira loura, opu-
lenta, onde poderia descançar a
fronte pallida qualquer principe,
possuidor de milhões.

A *pequena*, ao ouvir isto, ti-
nha estremecimentos nervosos,
lubricos, despedindo do olhar es-

tranhas scintillações ambiciosas.
Depois, era vel-a transformada!
Tinha um pequenino *boudoir con-
fortable*, forrado a damasco cor
de rosa, onde recebia amavel-
mente a roda dos seus adorado-
res. Excluire, comtudo, d'esse
numero os vates sentimentalistas—
«idiotas que só sabia chorar—
dizia. Estava agora para aturar
maçadores que lhe fizessem
versos... Tolos que não apreciam
um beijo morno, muito longo...
P'ró diabo—rematava.»

E, mollemente recostada no
fofo *divan*, carmesim, misturava
o estrondo das suas gargalhadas
fortes, d'uma *coquette* jovialidade,
com o estampido secco de desar-
rolhar do *Champagne*.

Mas, ou porque não lhe agra-
dassem os amantes, ou por ef-
feito do temperamento aventure-
roso, uma tarde a pequena des-
appareceu.

V. ex.^{as} então, senhores bur-
guezes, ficaram um pouco mais
descansados.

Sinistros boatos agoirentos
acompanhavam aquelle desappa-
recimento.

Morreu, diziam uns, a rapari-
ga padecia da phytica, havia
tempos...

Aborreceu-se da *pandega*, com-
mentavam outros; aquillo era
desvergonhamento de mais...

Algumas folhas *botaram* ne-
crologio...

Ha oito dias, porém apresen-
tou-se ahi, uma galante mulher,
mignonne, provocadora, gentil,
quando deixava entrever n'uma
risada sonora, hilariante, as duas
fieiras dos seus pequeninos dentes
brancos a destacar-se na purpura
sanguinolenta das arcadas...

V. ex.^{as}, então, reconhece-
ram-na.

É *ella!* exclamaram assom-
brados.

E foram para casa prohibir
a familia que viesse á janella, e
advirtir a creada que não abrisse
a porta a ninguém—«não est-
avam visiveis os senhores, fo-
ram para a *Portella*, no *rippert*»,
que dissesse.

Em seguida, V. ex.^{as}, aferro-
lharam-se, muito bem aferrolha-
dos nos seus escriptorios. Não
désse na telha á *rapariga* subir,
pé ante pé, pela escada acima.

Mas, com seiscentos milhei-
ros, vem melhor a *pequena*, vem
muito melhor, ... mais distin-
cta... um pouco mais, ... toda

chic pensaram á uma os senho-
res todos.

E, v. ex.^{as} muito de mansinho
como quem pratica uma má
acção, sahiram para a rua.

Hesitações á porta da *peque-
na*, acanhamentos, um suor de
pudor nas calvas respeitaveis,
mas... foram subindo.

Ella, recebeu-os a todos no
seu antigo *boudoir*, distribuindo,
por igual, amabilidades, bons di-
ctos, *prochades* picarescas, ...
chegou até a desferir a corda
do escandalo. E os senhores,
(como os velhotes do quadro)
estavam profundamente conster-
nados, mas sentiam-se vertigi-
nosamente attrahidos...

Choravam a perda da *Coim-
bra* d'outros tempos, mas acha-
vam diabolicamente tentadora a
de agora.

Emfim a rapariga, seduziu-os,
enfeitou-os.

Tenham v. ex.^{as} a bondade
de não protestar, senão eu vou
mostrar ás esposas de v. ex.^{as}
um retrato que achei em todas
as carteiras dos cavalheiros.

São quinhentos pouco mais ou
menos.

No alto de cada um d'elles
lê-se em grandes caracteres, des-
tacadamente

COIMBRA EM FRALDA

e logo por baixo, n'uma letra
breve, miudinha, a lapis:—a fi-
lha prodiga que v. ex.^{as} recebe-
ram de braços abertos.

ARAMIS.

A QUARESMA

Tem para mim encantos sedu-
tores, sympathias particulares...
É só neste tempo que eu vejo
passar pela manhã, caminho da
egreja as devotas galantes todas
nervosas de frio, todas sentimen-
taes d'arrependimento; e no meio
do bando uma mais alegre, mais
estroina, tem sorrisos gaiatos de
amor profano:—uma nota escan-
dalosa, que se destaca bem no
fundo do quadro d'uma serieda-
de respeitavel.

Depois lá dentro, aos pés do
confessor, teem humidades mei-
gas de peccadoras constrictas;
lembram-nos pequenas pombas
muito más, que nos fatigaram a
paciencia esvoaçando no jardim

sem se deixarem prender, e que só depois de muito tempo todas medrosas nos cahem aos pés cheias d'arrependimento, supplicando perdão.

À tarde sermões compridos, bellas solemnidades religiosas em que não é necessaria a attenção do olhar, que passeia pela egreja em busca d'escandalos, em regalos d'amor.

Geralmente o padre é novo, vigoroso, musculaturas bem tractadas, cores sadias, um organismo rico de seivas, creadas á sombra d'um rigoroso celibato. No coração sente o embate de paixões desconhecidas, affectos abafados, e no pulpito gosta de tractar da organização da familia, da educação da mulher; da ao assumpto um calor entusiastico, nos olhos humidos apparecem-lhe manifestações de desejos, e os labios do pobre têm contracções de gulo dice como se saboreassem o fructo appetitoso, mas prohibido.

Nos passeios a Quaresma põe tambem a sua nota elegante, fazendo destacar com os vestidos pretos caras d'uma pallidez sympathica, cabellos d'um louro vivo, braços de jaspe finamente torneados...

Nos theatros oratorias—peças ricas de milagres a fazerem chorar as plateias, como é da orlem n'estes tempos da lagrima religiosa.

Quem não ama a Quaresma é com certeza o papá avaro, quasi a confessar-se livre pensador perante as exigencias do tempo sancto.

O vên da filha está velho, o vestido não está á moda, as botas estão largas, e depois a familia na rua todo o sancto dia, visitas e chá no dia de procissões, esmolas para a irmandade de que é juiz... A mamã não desgosta da epocha, mostra a filha que quer casar, e faz vestido novo que precisa. Só te conheço um inconveniente Quaresma, amiga: as amendoas!

As amendoas que pairam como uma sombra negra no meu pensamento, que imperam como um bandido nas magrezas da minha bolsa. Amendoas para as amigas, amendoas para a amante, amendoas para a leitora... Como fugir á calamidade?

Fazendo um sacrificio:—escondo-me em casa, e depois da

Paschoa, por entre os abraços saudosos dos amigos, os sorrisos satisfeitos das mulheres, direi cheio de vaidade, muito alto:—magnifica, magnifica a semana sancta em Sevilha...

SALAMANDRA.

CONGO 4 D'ABRIL DE 1884

(CHRONICAS DA CORTE DA RAINHA D. AMALIA I.)

II

A primavera, a garota, abriu as cortinas azues do seu leito, deitou a cabecita de fora, estonteou-nos com o brilho da cabelleira d'ouro, e escondeu-se outra vez. Nos passeios da baixa o sol tinha já ardencias selvagens, e ao fundo da rua Augusta os vendedores de limonada de cavallinho montavam os estabelecimentos com riquezas de garrafitas de vidro, e regadores de lata. *Foram comidos como nós...* A chuva voltou, e o vento a esta hora ameaça levar pelos ares a trapeira onde vivo.

Pleno inverno, meus caros, por este paiz dos amanuenses, e da fava rica.

O tempo pede com todo o descaro noites confortaveis em gabinetes luxuosos, com abundancias de vinhos finos, e caricias mornas de mulheres morenas.

E eu bem sei quem a esta hora gosaria d'essas delicias... era eu com certeza, se tivesse recebido hontem o meu ordenado de *chroniqueiro* juncto da côrte de S. M. D. Amalia I.

Mas na impossibilidade—caminho do Rocio, compras de cigarros no Monaco, olho para o Martinho, admiração para as cinturas dos alferes á porta do Suisso, e depois cadeira no Colyseu a ver os bichos...

A mulher tigre, e os leões;—soberbos animaes, bem domesticados, muito sympathicos.

A mulher-tigre apesar dos caracteres da sua raça tem para mim attracções extravagantes, põe-me na imaginação deslumbramentos de phantasia, e dá-me ao sangue calores de sensualidade. Gostava de a segurar pela *juba* (como diz o programma) sacudil-a nervosamente, e depois

deixar-me morder, com um furor selvagem, morder todo...

Os leões muito superiores aos do Chiado:—são uteis a alguem e sobretudo não usam *toilettes parisienses*, nem criticas á porta da Havaneza.

De resto os pares n'um desespero d'ultima agonia agarram-se ás respectivos cadeiras, vendo n'ellas uma bonita herança para o nené, que necessita casamento rico e representação social.

E a mania do balão leva pelos ares escriptores publicos, gymnastas, atrizes e burros...

Por este caminhar veremos em breve Portugal em balão nas alturas das nuvens arrastado pelas correntes dos furacões politicos, até cair em qualquer parte da Europa...

Já foi á vela, agora irá ao vento...

ROQUE DITAMBÉ

ALLEGROS

À LAREIRA

A JULIÃO MACHADO

N'uma noite fria e escura jogavam juncto á lareira uma bisquinha caseira, o prior e o padre cura.

Chegou então a *sobrinha* do prior, a perguntar se queriam p'ra ceiar ou lombo assado, ou gallinha...

O cura por desfastio e tambem por *manha antiga*... quiz apalpar o fei tio da perna da rapariga!

Mas o prior percebeu a grave inconveniencia e diz-lhe: *tenha paciencia quem tranfa agora sou eu!*...

EUGENIO SANCHES.

COISAS VELHAS

Muito obrigada, muito agradecida, diz a *pequena* depois da recepção que teve. Que a não enganaram quando por lá lhe disseram que a esperavam com saudades:—pensa toda satisfeita, toda vaidosa. Antigos conhecimentos, *habitués* das partidas elegantes da terra abriram-lhe os salões:—e que podia entrar sem cerimonia...

E ella entrou com o pésinho direito, muito cautelosa nos seus preconceitos.

Vieram esperal-a á porta com sorrisos amaveis, curvaturas d'es-

pinha, olhares gulosos:—que vinha mais gorda, melhores cores, meias modernas, e até rendas mais ricas no decote da camisa.

As folhas nos *correios das salas*, nas *chronicas elegantes*, annunciaram-lhe a chegada com palavras de louvor.

Para todas tem a pequena no fundo da alma muita gratidão, muito bons sentimentos. Continuará a visital-os semanalmente, aos sabbados, dias de barbas e de tractamento de pés; ama a hygiene, gosta muito da aceio.

E no fim do mez...hein... percebem?

Lá encontrarão o recibosito; é para os alfinetes da pequena...

ESPECTACULOS

THEATRO CONIMBRICENSE

Hoje sabbado e amanhã Domingo.

O SANTO ANTONIO

Principia ás 8 horas

EXPEDIENTE

Não podendo a administração d'este semanario satisfazer aos muitos pedidos que tem tido do 4.º numero da segunda serie, vae proceder á sua reimpressão.

Querendo a empresa ser grata ao bom acolhimento do publico, procurou melhorar as condições materiaes do jornal, e acredita que em breve lhe poderá baixar o preço.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª —rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista.

VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida,

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª —largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

IMPRESA INDEPENDENCIA RUA DOS COUTINHOS N.º 14

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras
recebendo-se um
exemplar

Toda a correspon-
dencia deve ser diri-
gida ao administrador.

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRADOR — EDUARDO D'ALMEIDA

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre... 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Adminis-
tração, rua do Coto-
vello, n.º 2.

NUMERO 3

COIMBRA, 12 DE ABRIL DE 1884

2.ª SERIE

PAIZ DAS ARRUFADAS

12 DE ABRIL

FIGURAS DE COIMBRA

I

A TRICANA

Noite de fogueiras. A Rainha Santa descera do convento n'essa tarde, caminho de Santa Cruz, por entre festões de verduras baratas, e luxos pelintras de cobertas de seda com bordados ordinarios. Illuminações a azeite e copos de vidro da Marinha Grande, faziam decorações ricas em janellas burguezas. Forasteiras digeriam em passeios hygienicos meios beefs do Paço do Conde, e admiravam o gosto da Lusa Athenas: — «é que para aquillo tinha dedo; e que festas tão rijas não se faziam n'aquella meia duzia de leguas em volta» affirmavam ás filhas, explicando. Na baixa *soirées* pataqueiras, tractadas a chá, arrufadas de Sant'Anna, pianos desafinados, e poesias mimosas de mimosos poetas.

Nos largos pavilhões de murta, bicos de gaz, toques de b'nza, e bailados alegres com fastagens de quadris, estalidos de dedos, e apertões intencionaes ao dar a meia volta no Malhão «com furor oh meninas» como recommendava o marcador com requebros de corpo e arranhados de guitarra.

E' no baile das fogueiras que mais brilha a *tricana*: saiote curto a deixar ver a meia de côr e a chinellita de verniz, lenço de pontas atadas abaixo da nuca, cantigas alegres, muito namoro, e continuos pedidos: — p'r'a fogueira, só doutor.

Quando nas tardes de Domingo o sol morre ao fundo do Choupal, os insectos teem zumbidos impertinentes, o ar baforadas mornas, e a estrada da Beira se enche d'*habitues* — caixeiros de cabelleiras grandes, tractadas a banha de porco, estudantes alegres, galhofeiros, soldados do 14 e sopeiras da Calçada, meninas da baixa em alinhamentos regulares de familia — a *tricana* apparece ao lado do *futrica*, editor responsavel das obras da casa...

A' noite a *cabra* dobra a escola, o Lusitano despeja-se, a *Havaneza* está só, e a *tricana* da Alta desce o Arco d'Almedina caminho da Praça Velha em busca d'entrevistas e *tostõesinhos para o café*...

Em parte alguma do paiz existe este typo. Lisboa e Porto teem a costureira talvez mais *cocotte* e por isso mesmo menos tractavel e mais vulgar. A *tricana* appareceu em Coimbra muito naturalmente, fatalmente, como um producto d'este meio viciado e explorador. Ninguem como ella sabe pedir um pataquinho, e negar um beijo. O dinheiro é para uma arrufada, para ajuda d'um bilhete de theatro, para a mãe que está doente, para uma visinha que enterra n'aquelle dia o filho, d'um que que se formou, e não manda mesada.

A recusa do beijo faz-se por entre sorrisos, desculpas, promessas para outro dia; primeiro, que os beijos se vendem nas confeitarias, que não pode ser porque passa gente, que á noite á sahida do theatro, e por fim muito seria, com os beicitos estendidos, quasi junctos, a entregar-se toda: — não pode ser, meu senhor...

Na alta a *tricana* engomma, na baixa cose para os alfaiates — são estas as suas profissões mais vulgares.

Até aos 14 annos é a creada da mãe e das irmãs, depois apparece de sapato polido e meia riscada, e o sapateiro visinho, ao vel-a então passar, diz sorrindo com invejas surdas, ciumes represados: — já tem gajo a lesma.

Reforma-se em *servente*, muitas vezes com o ordenado por inteiro, attendendo aos meritos e a serviços prestados. Por fim, a cova no Pio sem uma lagrima das gerações de bachareis que ella tanto *amou*...

SALAMANDRA.

CHRONICA

(Offerecida ás meninas da Baixa)

Eil-a senhora absoluta do jornal, toda ufana nos seus pergaminhos de pequena rainha, esta boa chronica.

Os seus companheiros de redacção foram assaz benevolos para confiar d'ella, dos seus zelos e das suas sollicitules femininas, a direcção temporaria da estroina. A chronica feita pedagogo, pois não é verdade que tem graça?

A bohemia feita mestra, riam. Bom, mas se assim a querem, assim a tenham. Ella esquecerá as suas responsabilidades e até a sua falta de aptidões e exhibirá hoje e no sabbado que vem esta galante burguezinha da Coimbra com *toilettes* feitas sob a sua vigilancia e vestidas á sua vista.

Ella declara muito limitadas as suas faculdades estheticas de modista, e se não fôr bem á es-

troina um laço do chapeu ou uma prega do vestido, que sirva de a absolver da culpa a confissão espontanea da sua incapacidade. No entanto, quanto a ella, a chronica fará por se apresentar o mais taul que lhe seja possivel, a despeito da exiguidade escassa de tempo que lhe dão para os seus cuidados de toucador. Quando entra no *boudoir* para fazer *toilette* é sabido que na antecamara contigua vozes lhe gritam — avie-se. Solano d'Abreu que o diga, que é nervoso nas suas impaciencias e então um apoquentador!...

Ainda a chronica tem as fazendas de que ha-de vestir-se nos armazens dos logistas, e já elle deseja vel-a preparada, quer vel-a em trajos de quem vae fazer as suas visitas, deixar os seus cartões a amigas e conhecidas. «E que não esqueçam as essencias na camizita e no lenço fino de cambraia, hein?» grita elle pela fechadura, com o dedo sobre o botão da campainha electrica.

Vossencias sabem — as essencias finas são os primores da dicção, o estylo... Diacho, a chronica não tem d'esses perfumes dentro dos seus frasquinhos oitavados de crystal.

Reparem no tremó: — *jockey-club*... *opoponax*... Essencia de estylo... nicles. Os senhores por certo repararam já n'essa pobreza, por certo lamentaram essa falta, não?

Permittem mais duas palavras antes de entrar no assumpto? Um simples reparo a certos curiosos — é interminavel esta boa raça dos curiosos! — que por força querem que este singelo nome que firma as chronicas da Coimbra occulte um outro mais complexo

— o de Trindade Coelho. Pois não é verdade que é muito adivinhar? Ah, meus caros *immortales* do Lusitano, minhas doces miniaturas de litteratos, meus sabios minusculos e meus criticos de pechisbeque, bem se vê que as pequeninas ferroadas de alfinete com que tenho ferido aqui e ali as vossas epidermes melindrosas vos têm doido e vos têm feito coçar.

E depois vocês não são nenhuns Achiles; por desgraça nem uma cabeça de dedo é invulneravel nas vossas individualidades de bonifrates, quanto mais todo um calcanhar... Quem vos disse que Trindade Coelho é o João d'estas chronicas? Com que então também feiticeiros? Adivinham? Sabios e alchimistas? Astrologos e criticos? Philosophos e... dentistas? Por Deus! é muita gloria junta. Não queiraes para a vossa modestia a contrariedade que ella por certo havia de soffrer vendo-vos em bronze fundido sobre pedestaes de marmore, ahí por essas praças, e de carne e osso, ao mesmo tempo, ahí por essas ruas.

Deixae essa gloria como herança aos vossos filhos.

A patria ser-vos-ha reconhecida, apresentando-vos aos seculos por vir em baixos relevos feitos de batata e em condignas miniaturas sobre cascas de feijão frade.

Tereis o vosso centenario, meus Camõesinhos engraçados e meus Pombaes de uma canna, resteas de cebolas ondularão á guiza de bandeiras ao alto de mastros de zambujeiros bravios com casca — com casca, percebeis? regimentos de fantoches e de bonecos do pim! pam! pum! marcharão, com as suas fanfaras de lata branca, á frente d'esse prestito gigante; aboboras meninas choverão das janellas e das varandas á laia de flores desfolhadas; nos portos e nos rios os galeões de estanho que trouxeram as vossas ossadas carcomidas salvarão por krupps feitos de tubos capillares; haverá espectaculos publicos em que as moscas farão de ingenuas e os mosquitos de galans; corridas de caranguejos em hypodromos de pe-neiras velhas; distribuir-se-ha gratis ao publico a edição das vossas obras completas, estampadas sobre cartilagens finissi-

mas de insectos microscopicos com typo de tamanho de infusorios; Calinos maiores de marca recitarão o vosso elogio a um auditorio de surdos-mudos; será feita de olhos de gatos a luz electrica das praças e *boulevards*; pirilampos chinezes—uns architectos de nomeada—construirão o vosso Pantheon com travejamentos de antenas e cupulas de cascas de ovos; morrões de pavio illuminarão as gallerias.

A litteratura da nossa patria — e sabeis que não é qualquer cousa a litteratura da nossa patria — apenas ha-de salvar dos *Lusíadas* estes dois versos unicos:

Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E... era uma vez Camões! E Democrito e Sapho e Sophocles e Horacio e Virgilio e Dante e Petrarcha e Shakspeare e Milton e Voltaire e Goethe e Lamartine e Tasso e Chateaubriand e Victor Hugo desaparecerão da memoria dos seculos, aos golpes da vossa fama universal que tropejará retumbante como outr'ora no Sinay a voz de Jehovah.

E ninguem vos levará os ossos a uma policia correccional.

No entanto, até lá, João aqui e em toda a parte, João p'r'a vida e p'r'a morte, hein, seus moços?

E vão-se com Deus por hoje, que eu vou carregar na penitencia a estes senhores fallando-lhes da quaresma depois de lhe haver fallado de vocês—os meus Judas n'este sabbado de allelnia... (Ao publico, emquanto se muda de caneta: variante da lei das necessidades — se estes maganões não existissem seria preciso invental-os).

STABAT MATER

Com o *Stabat Mater* em Santa Cruz começaram estas commemorações luctuosas da igreja, commemorações que significam todo um poema de amor e de tristeza que raros comprehendem e que todos lêem a olhos enxutos.

Pois não é verdade que a nossa epocha é essencialmente sceptica? N'este ruir assustador das velhas crenças e dos velhos heroismos, o espirito indeciso pergunta a si mesmo o que virá

depois de tudo isto, o que se lhe seguirá, que transmutações se operarão em toda esta scena que dura ha quasi 19 seculos, que crenças substituirão estas crenças, que religião será capaz de substituir esta religião.

A chronica, para que negal-o? sentiu-se impressionada, commo-vida, mal entrou na igreja e viu ao alto, sobre um throno de luz e de flores, a imagem d'essa mulher que foi a mãe do maior espirito que até hoje tem avassallado o mundo e as intelligencias. E a chronica dobrou reverente o seu joelho ante aquelle peito de mulher que sete espadas atravessaram até ao imo, na symbolisação tocante das sete mais cruas dores que podem rasgar, fibra a fibra, o mais impressionavel dos corações — o coração de mãe!

E a Mater Dolorosa, na compunção suavissima do seu rosto onde diríamos haver os effluvios suavissimos da mais sancta das resignações dando um perfume suavissimo de poesia á mais intensa de todas as dores sentidas, a Mater Dolorosa olhava serenamente os que a iam visitar, parecendo inquirir de cada um resposta a esta pergunta que não se faz sem lagrimas quando são labios de mãe a pronuncial-a — *dizei-me: haverá dor equal á minha?*

Para se curvar a cabeça ante aquella mulher não é preciso mais do que ter coração para lhe pesar os soffrimentos e lagrymas para lhe chorar a desgraça. Pois não é a mãe que chora o seu filho? E vós não vistes nunca chorar as vossas mães?

Para mim aquella festa é de quantas celebra a igreja, a que mais vivamente me impressiona: Se as outras commemoram factos que só pela intuição dá fé nos é dado acceitar, aquella commemora a ultima culminação da dor e do martyrio, e sabeis quanto são humanas estas palavras — dor e martyrio... E' a festa das mães, que tanto monta como dizer, a consagração de todas as dedicações possiveis, de todos os extremos que possaes imaginar e de todas as heroicidades que possaes comprehender.

No semblante da Mater Dolorosa, como ellas, as boas das nossas mães, saberão ler essa epopeia gigante de soffrimentos,

epopeia escripta com sangue e toda banhada de lagrimas! São mães e as mães comprehendem-se!

A chronica julga ter-lhes explicado assim a especie de mysticismo de que porventura a acharam eivada. Não, ella não é supersticiosa, a boa da chronica. Provou-lhes que tinha coração e seria desairoso que o não tivesse, não é assim, minha gentileza feminina que ora me lê? Mas ella também teve n'essa festa um pequenino requinte de mundana quando a senti alvoraçada e contrafeita com a audição da musica vocal e instrumental. Tirante o Agostinho Rego que teve um solo feliz, tudo o mais lhe desagradou. Em assumptos d'arte é um pouco exigente, em musica especialmente. Lembram-se da interpretação que os senhores musicos deram ha annos ao *Stabat Mater* de Rossini? A critica theatral chamar-lhe-hia um fiasco. Ainda bem, meus caros, ainda bem que deixaram este anno em paz Rossini e o *Stabat Mater*. Ora adeus, por fim de contas o grande maestro não se lembrou jamais de que um carteiro com voz de mulher, casado e com filhos, se arrojará a interpretal-o. Fizeram bem; parece-lhes que Rossini escreveria uma nota se desconfiasse de tal? Pois não escreveste... A chronica passa-lhes o diploma de homens de juizo, alegrem-se. Não acham que os musicos fizeram bem, meus queridos *dilletanti*?

Houve também discurso. O Porphyrio que os senhores conhecem muito bem... Fallou do suicidio — um assumpto por igual melindroso e palpitante. Á vista do thema a chronica declara-lhes que recebeu pelo orador. Em que vereda arriscada elle não se ia metter, em que difficillimo problema elle não ia tocar. E depois em Coimbra — a terra de Filippe Simões e Pires de Lima os dois suicidados de hontem... Meu caro Porphyrio, você foi temerario. Eis porque mais gratamente me impressionou o seu primoroso discurso e porque eu desejei abraçal-o quando de sobrepeliz e estola passou juncto de mim, lembra-se? Em verdade a occasião prestava-se áquelle assumpto. Se o suicidio significa um desgosto da vida, a Mãe do Christo crucificado deveria ser

a primeira suicida. Porque a não levou a sua enorme dor á voragem do suicidio, porque? Descendo do Golgotha onde lhe mataram o filho, porque não correu ella a precipitar-se nos pégos do Jordão? Não o fez: será por isso que lhe chamam a *mulher forte*?

O suicidio é uma doença? O suicidio é uma doença?

Eis a questão. Com raro tacto e finissimo criterio o orador soube evital-a no campo que lhe delimitam aquellas duas perguntas. Nem sequer fallou em pathologia nem nos phenomenes da hereditariedade. Não philosophou, e ainda bem; no entanto elle tirou da resignação da *Mater Dolorosa* toda a força que se pode irar de um exemplo. A isto se delimitou o seu discurso, em harmonia com as exigencias do logar, discurso que foi notavel pela sua factura litteraria, notavel pela elevação dos conceitos, pelo vigor da phrase e pela scintillação das imagens.

E falta-me dizer-lhes que na ladinha final o mulhero fez grève e não cantou. Mal empregada a sua trompa que berrava desesperada lá do alto, sr. Tinco. Como elle devia estar fulo! Tanto barulho para só lhe responder o prior e então os meninos do coro — uns engraçadinhos meninos do coro para quem eu requeiro á confraria estas duas cousas simples — sabão e sapatos.

Mulheres do *high-life*... poucas. A chronica não poderia passar sem ferir esta nota profana, desculpem. Tiveram medo ao tempo que ia inclemente de aguaceiros e aspero de ventanias agudas. Fizestes bem, minhas doces pombinhas sem fei. A religião não vive precisamente de namoros e da janella tambem se namora, pois não é isto assim? *Parlaremos, parlaremos...*

DOMINGO DE RAMOS

Chuva! chuva! chuva! Mulheres com braços de alecrim para os quebrantos de todo o anno e tambem para as trovoadas, pelos modos. Porque diacho a Universidade não ha de ter no topo do mastro da torre um ramo de alecrim bento, ó Bento da Bibliotheca?

De notavel n'esse dia apenas o evangelho kilometrico e o *bouquet* da chronica. Sim, porque a

chronica—permitta-se-lhe a ingenua vaidade, apresentou na rua e nas egrejas que visitou o *bouquet* mais elegante que possam imaginar.

Vejam ao centro esta grande chusma de *flores de namorados* sorrindo na delicadissima alvura das suas pequeninas petalas melindrosas que diriamos feitas de marfins transparentes, de um caprichoso lavor chinez, ou de primeiras coroas de dentes meudinhos de baby; agora, a circumdadas, este cordão de malmequeres encantadores de olho amarello e folhitas ponteagudas ligeiramente roxas ao alto; reparem então n'estes rainunculos de um vermelho intenso de sangue o olho garso ao meio, agora n'estas espiguilhas roxas de lilazes, na modestia sensibilisadora d'estas pequeninas violetas e d'estas rosas brancas ainda virgens, n'este alecrim que irrompe de toda a banda, pedindo amendoas, sabem? e agora, aqui ao lado... n'estes dous grandes amores perfeitos de petalas roxas salpicadas de branco, de amarello, de cidra, de laranja. E então enroscando-se nos pesitos d'estas boas amigas a galanteria fidalga de uma fita de setim *rouge* que faz laço ao centro.

Voilà mon bouquet! Como elle me sorri emquanto lhes escrevo, do alto d'esta graciosa jarra, puro Sevres, a um palmo da minha cabeça! Meu querido *bouquet* da minha alma, pois não é verdade que todos te cobiçaram no domingo—homens, mulheres e creanças? Não digas a ninguem o teu mais intimo perfume, não? O outro façam favor as senhoras de o imaginar...

As minhas notas d'este dia de Ramos dizem ainda n'uma pessima calligraphia:—*Via Sacra* no Carmo. A chronica mal assomou á porta, por uma nesga do reposteiro, e viu lá dentro tudo o que a Baixa tem de mulhero e a confraria de irmãos Terceiros. Uma cruz preta com alva toalha pendente era levada para differentes pontos da igreja, emquanto essa população de beatas a acompanhava mastigando as suas rezas e um padre dizia em voz plangente:—*esta segunda estação representa o logar...*

E a chronica retirou-se para ir depois á Graça ouvir o *Libera Me*. Para lá se encaminhava

a devoção galante cá da terra.

Musicos—os do *Stabat Mater* em Santa Cruz. Desafinação — precisamente a mesma. A chronica bocejou durante duas horas seguidas!

Libera Me!...

QUARTA FEIRA DE TREVAS

Á noite houve as commemorações do estylo na Sé, na Universidade e na Misericórdia. A chronica entrou na Sé ás 8 horas da noite e sentou-se, como dama do *grand monde* que é, nas bancadas da esquerda destinadas ás senhoras. Nos bancos da direita e no espaço intermedio, quasi até ao meio do templo, os homens acotevelavam e conversavam, riam, desenrolando biographias de quem estava nos bancos da esquerda e pedindo commiseração para os calos. No entanto as senhoras tambem cochichavam os seus segredos e as suas pequeninas confidencias de occasião. A chronica viu mesmo tres senhoras — uma das quaes aquella *alfacinha* de rosto pallido e *mignonne* de que lhes fallou no sabbado passado, lembram-se? que por certo tinham muito que dizer d'ella, das suas toilettes e da sua *maneira*. Bem vos comprehendí, minhas amiguinhas, não acham que sou galante?...

Os senhores conhecem o edificio vastissimo da Sé, de uma architectura monotona e fria. N'essa noite e nas demais illuminou a gaz, o que lhe augmentava a natural frieza e lhe dava um aspecto theatral que se não casa com a sua indole religiosa. A chronica acha simplesmente detestavel e de um mau gosto sem limites semelhante processo de illuminação.

Dentro da teia os seminaristas em sobrepelizes distribuiam-se por grandes bancadas e psalmodiavam... psalmodiavam! No primeiro logar das bancadas dos conegos, do lado do evangelho, o sr. bispo conde, o mais sympathico de quantos bispos os senhores possam imaginar, cantou com religioso escrupulo psalmo por psalmo, na sua bella voz que se destáca acima de todas as vozes, da mesma forma que a sua figura acima de todas as figuras.

No coro do orgão, os nossos

musicos e as nossas desafinações conhecidas. O do orgão — quem era o do orgão? dir-se-hia que tinha negocio urgente que o chamava cá fóra, tal era a furia com que devorava musica, sem se importar de ir uma duzia de compassos adiantado dos que cantavam em coro e ainda dos que faziam solos. Aquelle enguicho do carteiro reservou para essa noite o mais melifluso dos seus tipples e o mais agudo dos seus falsetes. Um phenomeno, o tal carteiro, já viram?

Os cantochões correram sem novidade. No final, aquelle barulho selvagem do costume: seminaristas que atiram com os coiros dos breviarios por aquellas bancadas duras e pelas costas uns dos outros, espectadores que põem n'um reboliço as bancadas, mocas que investem com o soalho, tacões que se agitam furiosos, gargalhadas francas que explusem, vozes que dizem alto o que até ali se dizia por signaes... percebem? Uma scena revoltante de selvageria que nem vale pelo que significa, nem pela maneira por que é desempenhada. E sobre tudo isto, imaginem, a luz do gaz que foi esmorecendo, esmorecendo, e que se apagou de todo na maior parte das serpentinas que pendem do alto e que estão por paredes e columnas. Eis para que serve o gaz! Para dar a tudo aquillo um ar de comedia que faz rir e com o qual os namoros exultam e a religião vae perdendo. Perfeitamente theatral!

Em semelhante escuridão e no meio de tal reboliço a chronica julga ter perdido um lenço fino de cambraia e parece-lhe ter apanhado um beijo. Quem foi o atrevido?... Mas por lá deram-se tantos... Este foi extraviado, por certo.

En avant!

QUINTA FEIRA-MAIOR

A maior não será, mas é sem duvida a melhor, durante aquellas suas 7 horas de tarde sanctificada que é todo um acto da mais irrisoria comedia burgueza que sabemos comprehender.

A chronica, mal jantou, sahio para a rua no seu passo mais vagaroso e na melhor das suas bonhomias. Não imaginam que tarde deliciosa ella passou de-

tendo-se um pouco no exame dos diferentes typos que por ahi encontrava, analysando-lhes as caras, a gravidade do seu porte e as suas roupas. Como sabem, este meio dia é feriado para tudo e para todos—para a creada e para o marçano, para o caixeiro e para o burguez. É dia obrigado a fato preto, a bota de polimento e a cartola. Vê-se o frak tão curto que lembra uma jaqueta, a sobrecasaca tão comprida que parece uma quinzena d'avelho abbade aldeão. O burguez de Coimbra, é o burguez por excellencia. Tem a linha característica do burguez de raça, *pur sang*.

Saberia dizer-lhes a historia detalhada e minuciosa do fato que leva vestido, explicar-lhes-hia que essa roupa fora mandada fazer para o casamento, que servira depois no baptisado do 1.º filho, no enterro de tal amigo, n'esta procissão e n'aquella e então em tantas semanas sanctas e quando leva a familia á confissão. Tirante estas occasiões extraordinarias a roupa conserva-se invariavelmente arrumada n'um canto de gaveta que a alfazema aromatiza, e assim, quando sae á rua, mostra os vincos das dobras que nem o ferro quente poderia já destruir. O burguez peralvilho é ridiculo com a sua cartola ao lado, com os seus grandes punhos e com as suas grandes mangas que mal deixam ver umas pontas de dedos enluvados que seguram com difficuldade os punhos salientes da camisa. Para elle a sobrecasaca descomunal é de um rigoroso luxo imprescindivel. No entanto, a gente vê-os dentro d'ella contrafeitos, porventura compromettidos, parece que a mirarem-se a elles mesmos com certo ar de estranheza que não logram disfarçar. Pois não é verdade que dentro do jaquetão com que andaes por casa os vossos corpos alentados respiram mais á vontade? Diacho, que será isso? A natureza, a indomavel natureza!...

Pois a chronica viu toda essa longa collecção de typos originalissimos flanando a sua importancia pelo bom ar das ruas, sorrindo-se pelas igrejas, fazendo ranger muito a sua bota de verniz com pesponto amarello, ginguando as suas bengalas de castão de osso e de canna da India,

n'um simulacro divertido de *lions de comedia*.

As mulheres quasi todas trajavam lucto e usavam mantilha, n'uma carencia lamentavel de graça e de *salero*. As igrejas estavam adornadas com esmero, a de Santa Cruz especialmente, cuja capella-mór dava ao visitante a ideia de um canto de salão de Fadas, na espantosa profusão dos lumes e das flores. Na sua ornamentação, como na de todas, predominava a cor vermelha dos damascos e a branca dos setins. A luz das janellas coava-se por cortinas pretas, deixando todo o templo envolto n'uma especie de lucto no meio do qual as pequeninas estrellas dos lumes brilhavam fortemente, e a cor viva dos adornos e das flores debilmente esmorecia.

Depois de Santa Cruz—a Capella da Universidade, bem que n'esta houvesse mais claridade, o que prejudicava o effeito das luzes artificiaes. Archeiros em farda de gala e com as suas albardas faziam guarda ao altarmór. Uma naveta invisivel espalhava constantemente por todo o recinto aromas brandos de incenso. Em S. Bartholomeu achámos de pessimo gosto aquellas salvas de prata que imprimiam ao primeiro degrão do throno a apparencia profana de *montre* de ourivesaria. Logo á entrada, duas creanças em habitos rigorosos de freira cortavam o silencio com a nota vibrante das suas larynges: —*Esmola para as nossas entre-cadas*...

Segundo o seu costume, o bom do nosso bispo visitou todas as igrejas, a pé, sempre acompanhado por uma enorme onda de povo, sobre a qual se não caçava de lançar as suas bençãos e os seus sorrisos benevolos de pastor que ama as suas ovelhas.

De resto, a colonia interminavel dos pobres que arribaram para esta occasião, soffrendo todas as deformidades possiveis e imaginaveis, lamuriando constantemente os seus pedidos e as suas supplicas *em nome da sagrada morte e paixão*.

Com a noite, esse poviléo cain nas egrejas e particularmente na Sé onde era difficillimo dar um passo, a despeito da vastidão larguissima do templo. Ahi tudo velho e já visto na vespera—a musica, o cantochão, os se-

minaristas, os conegos, as desafinações e as mulheres. De novidade, apenas uma scena valente de pugilato em pleno templo, o reboliço natural em todos os espectadores, a policia que pedia licença para passar, as beatas escandalisadas e uma sopeira toda vaidosa... Se fora por causa d'ella todo aquelle barulho...

O' devoção !O' João Felix Pereira!

SEXTA FEIRA SANCTA

Um dia primaveral, sol a jorros e céu lavado de nuvens, alto e sereno. Ruas animadas e templos repletos. A chronica foi á Sé onde concorria o *high-life* á missa das 10 horas. Ao meio dia subiu ao pulpito o Nogueira que para ahi tem muitas sympathias como prégador e como rapaz. Elle afastou-se um pouco da velha rotina consagrada pela oratoria de semelhante occasião. Desenvolvendo o thema *consummatum est!* elle teve arrosos de eloquencia que impressionaram o auditorio. Era por vezes violento na maneira como distribuia a tinta escura do seu quadro, suavissimo nos toques de luz de que o animava subitamente, arrancando-lhe cambiantes, provocando-lhe os effeitos.

O exordio, sobre tudo, é uma joia litteraria de subido merecimento, um *bijou* de oratoria, tão fino é o sentimento que n'elle vibra, tão profunda a melancolia de que está repassado. Na invocação á cruz o orador attingiu as proporções do poeta. A sua voz tinha o quer que fosse de um canto morbido e ardente, as suas phrases tinham a unção mystica de um threno de Jeremias.

A chronica envia-teo seu cartão de parabem, meu querido Nogueira que me enthusiasmaeste.

Mal se sahio da egreja fez-se mudança de tempo. Cerravam-se pelo ceu fileiras de nuvens brancas. O sol esmorecia lentamente, gradualmente, como se elle mesmo quizesse ter tambem a sua tarde de lucto. Bom Sol, não foste tu mesmo quem se envolveu no véo do *eclipse* n'esse dia tenebroso em que se passou o drama do Calvario?

Todavia a tarde conservou-se enxuta. Apenas ao crepusculo umas raras gotas de chuva—bagas de pranto do céu ainda em

lucto, cairam silenciosamente durante alguns minutos. Por isso aos officios de trevas na Sé a concorrencia foi como na vespera verdadeiramente extraordinaria. A chronica viu-se em grandes difficuldades para chegar ao alto, a sitio onde não perdesse uma palavra ou um gesto do discurso. O orador era o mesmo e a eloquencia a mesma tambem. Ainda assim, este segundo discurso affigurou-se-nos inferior ao primeiro, senão no sentimento que o animava, ao menos na textura litteraria.

A chronica, todavia, tem motivos para endereçar ao distincto orador e academico o seu segundo parabem.

Quanto ao mais... a nota do costume. Não vale a pena demorar, que diacho! Adiante.

SABBADO DE ALLELUIA

Mas bom Deus! este sabbado vae na sua terceira hora de madrugada! E' tarde e a noite é algida e sem luar.

O silencio que lá vae fóra é cortado n'este instante pelo choro de uma creancinha porventura acordada em sobresalto no meio de um sonho todo rosa e oiro. E' a filhita da minha vizinha, conhecem?—um pequenino cherubim todo loiro e ingenuo, com olhos que parecem duas saphiras. Dorme, minha pequenina Judith, dorme. Não ouves tua mãe que te acalenta? Dorme, que o bom Deus das criancinhas, o teu Deus portanto, ha-de resuscitar dentro em 6 horas. Vem ahi o vosso grande dia—o domingo de Paschoa. Não tens um padrinho que te dê amendoas, Judith, pequenina Judith? Mas tu adormeceste... Silencio!

Não acordemos a creancinha...

N'uma voz muito baixa de confidencia:—esta chronica, ouvem? tem de sair da machina ás 10 horas da manhã. Não lhes pode, pois, fallar dos Judas nem da alleluia, o que a chronica seguinte fará.

Mas a Judith de cabeça d'oiro e faces côr de rosa, a pequenina Judith minha vizinha, deve dormir a somno solto...

Vamos dormir tambem, (*Virando-me para a parede*) Até á semana, adeusinho!

Uff! que massada!...

JOÃO.

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras
recebendo-se um
exemplar

Toda a correspon-
dencia deve ser diri-
gida ao administrador.

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre.. 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Adminis-
tração, rua do Coto-
vello, n.º 2.

ADMINISTRADOR — EDUARDO D'ALMEIDA

NUMERO 4

COIMBRA, 19 DE ABRIL DE 1884

2.ª SERIE

PAIZ DAS ARRUPADAS

19 DE ABRIL

A cidade tinha a pacatez das ferias, sentia o tedio do isolamento. Nas ruas uma chuva miudinha, baforadas de vento rijo, lamas barrentas cobrindo o passeio, dificultando o andar. Coimbra em Fralda lembrára-se até d'ascender o fogão, bebericar alcools no socego confortavel do seu *boudoir* moderno.

Sentou-se n'um *fauteil*, e collocou em cima da mesa os pés pequenitos estendendo as pernas, reclinando-se todo n'uma posição estroina, de fim d'orgia.

Na baixa o Mondego entrando pelos canos lavava immundices de maus cheiros; na alta a ventania quebrava os vidros e tinha coleras ameaçadores á entrada das ruas.

E então a pequena enjoava-se em casa, abrindo a bocca, toda aborrecida. Os amigos tinham-lhe fugido para casa em busca de festas religiosas, e amores profanos; e ella que ficasse para ali a aturar os *futricas*...

Pensava assim quando sentiu passos abafados no tapete; talvez o criado com a taça do ponche.

...e esperou, sem curiosidade, não se voltando. Atraz do *fauteil* um velho burguez caminhava a medo, com dificuldade; na cara trazia estampada uma imbecillidade idiota, no nariz grandezas d'olculos, nos cabellos pinturas mal feitas, avermelhadas.

—Que pedia desculpa da ousadia, mas que se atrevera porque lá fóra era conhecida a bondade da menina.—

E guloso lambia-lhe com a

vista a brancura dos seios, a linha da perna.

—Que se explicasse; que queria? perguntou ella cheia de nojo, toda nervosa.

E o burguez afflicto atrapalhado:

—Que vinha pedir o voto para as eleições.

Coimbra em Fralda encontrou-lhe graça, achou ridiculo o pedido, e resolveu saboreal-o.

—E elle o que lhe dava, o que lhe promettia?—

Perguntava a garota, rindo muito, batendo as palmas n'um contentamento infatil, n'uma satisfação doida.

—Que lhe dava tudo: caminho de ferro á Portagem, expropriações da Quinta de Sancta Cruz, ramal para a Louzã, abastimento de tributos...—

E ella interrompendo:—

Que se enganára no numero da porta; n'aquella casa não entrava a politica, senhora muito seria, que não sabia esgotar uma garrafa de champagne, nem podia assistir a saltos de cancan, que levantavam a saia até ali.—

E mostrava a grossura da côxa, até onde a liga de velludo apertava a meia de tecido finissimo, comprimindo a penugem alourada, d'um macio setinoso.

Na bocca do burguez escorriam fios de baba d'uma pureza crystallina, nos olhos havia humidades sensuaes, as ventas abriam-se avidas de cheiros, fajeando aromas de carne...

E correndo para o *fauteil*, tremulo, perdido de todo, doido de entusiasmo: — isto é que é fazenda.

SALAMANDRA.

VELHO THEMA

Nada, para retemperar o espirito e o corpo, como quinze dias d'aldeia, longe da *Athenas Lusitana*.

A pardalada, revoando anarchicamente, orchestrando na verdura humida do arvoredado synphonias extranhas, agrada-nos mais que o badalar compassado tristonho d'esse agoirento sino—a cabra.

Levantamo-nos então.

Cá fóra, o sol da madrugada, joeirando-se atravez a folhagem, deposita um beijo de luz, irisado de pequenas scintillações multicores, nas perolas crystallinas do orvalho; e as violetas, escondendo a medo as petalasitas azues na herva tenra dos prados, tem fragrancias suaves, d'uma castidade virginal...

O ar puro fortifica-nos os pulmões e dá-nos uma alegria pueril, doida, incitando-nos a caminhar sem rumo, ao acaso, colhendo flôres e amedrontando as aves que fogem descrevendo grandes curvas no espaço, todas alvorçadas.

Depois, qualquer incidente campesino, nos distrahe, fazendo-nos passar agradavelmente as duas horas que mediam entre o levantar e o succolento almoço da familia, genuinamente portuguez.

Um rancho jovial de raparigas, que vão á romaria proxima, enroupadas nos seus trages vistosos, grossos cordões de muitas voltas a pousar nos collos tumidos, com rijuras de contornos, d'uma correccão sensual, provocam-nos um dicto brejeiro, realista...

O dia passa-se pelo campo, á

sombra de velhos carvalheiros seculares, em leituras ligeiras cortadas por contemplações vagas, melancolicas, fixos os olhos na vastidão transparente do Azul.

E, á hora em que, ainda ha pouco, as paginas reles das setentas nos obrigavam a digerir as soporíferas prelecções, nós, grande chapéu desabado, marmelleiro em punho e rafeiro ao lado, atravessamos cautellosamente a sombra espessa dos pinheiraes.

Espera-nos alem, n'aquella casita branca, *coquettement* collocada no cimo do outeiro, uma rapariga loira, muito loira, com uns grandes olhos azues, cheios de meigas promessas tentadoras.

Como é bom sentir a voluptosa caricia dos seus braços, enroscando-se apaixonadamente a estreitar-nos muito, muito!...

.....

.....

.....

Bucolico, não é?

ARAMIS.

FIGURAS DE COIMBRA

II

O ARCHEIRO

Pleno inverno. As ruas do jardim botanico cobrem-se d'uma lama barrenta, pegajosa, e das ramadas descem bategas d'agua quando o vento as sacode com furias selvagens; nas estufas sente-se a temperatura morna e abafada, e as plantas vegetam com riquezas de seiva e opulencias de folhagem. Os *habitués* do passeio—estudantes que vivem nos Arcos e no Castello; meninas da alta que ouvem missa na Uni-

versidade; prefeitos do seminario; manas Jacobs—fogem ás crueldades da invernia muito escondidos no fundo das casas sem o atrevimento d'uma amostra de nariz, sem a ousadia d'uma sahida.

Então elle, o pobre, casaco de pano pinhão abaixo do Joelho, canhões azues, bonet de vivos brancos, traçado á cinta, engaiola-se na gorita, e, se passa estudante de capa ao hombro, deita a cabeça, espirra, enche-se de auctoridade, e lembra a disciplina. . . . Quando o sol d'inverno vem pôr uma nota alegre e consoladora naquelle paisagem nua, d'uma pobreza muito triste, o archeiro sahe do abrigo como um reptil da toca, e vem aquecer-se, lendo um jornal d'uma velhice d'oito dias, e cheio d'importancia, aconselhando:—que leiam, que leiam, que não sejam *estupidos*—. . .

Á noite *troupes* d'estudantes estroinas ás esquinas das ruas, escondidos nas sombras dos edificios, esperam novatos que se arriscam; o archeiro faz a policia e. . . afasta-se com cuidado dos trocistas; e então reflectindo com prudencia, cheio d'apêgo á vida:—tem-se visto muita coisa, grandes desgraças, e não que meu pae não faz outro como eu—. . . Entretanto no dia seguinte á Porta Ferrea, no meio dos ataques do canellão, quando a seda vermelha d'uma pasta cobre a cabeça rapada d'uma victima das ciladas da noite antecedente, o archeiro arrogante e desgostoso:—ai se os apanho. . . que pena não os encontrar. . .—e repete a ameaça em voz alta sem receios, sem medos.

Um valente! Se as ferias se aproximam lembra ao *senhor doutor* a necessidade da licença:—que pode adoecer por lá, que a perda d'um anno não é brincadeira, e que depois as familias é que o sentem—diz todo cuidado, muito experiente nos reveses da vida. E á volta, nos *Ge-raes*, mostrando o requerimento com a concessão do reitor:—que ali está, que se não esqueceu—; e por entre dentes:—trez vintens e cinco do papel e o que V. S.^a quizer dar. . .—

Nos cursos do primeiro anno buscam conhecimentos, disputam relações, desejam promessas para a tiragem das cartas no fim da formatura!

Fora de Coimbra tem ainda basofias de importancia, ares auctoritarios. Quando no verão a academia vae para ferias e Coimbra muda para a Figueira o archeiro por lá, aos que o não conhecem:—*semos* menos que lentes e mais que estudantes. . .

Meia duzia de palavras que classificam um homem, definem uma instituição, e fazem um epitaphio glorioso com a simples mudança de tempo no verbo ser.

SALAMANDRA.

O OLHAR DAS VIRGENS

(DE MAURICIO ROLLINAT)

Essa luz do olhar das virgens é sonho tremulo e vago, sonho vegetal e branco, como o nenuphar n'um lagol

Emquanto o vinho do Amor não as prende em doce affago, essa luz do olhar das virgens é sonho tremulo e vago!

Mas se tu as embriagas oh! Prazer em taes vertigens, n'um sopro gelido apagas, como as espumas das vagas, essa luz do olhar das virgens!

Coimbra, 1884.

MARIO GIL.

A VOLTIGEUSE

Uma noite a ventania atirava ás janellas montões de saraiva em impetos colericos de gigante medonho, esfarrapando pelos campos as folhas das arvores, ferindo nas ruas as carnes amarellas dos mendigos, e apedrejando com ruidos sarcasticos os decotes descarados de mulheres esqueleticas, que tossiam pelas ruas a ruina dos pulmões, em busca de ganhos, ao abrigo das sombras dos predios altos, onde a policia as não via. As ribeiras sahiam dos leitões, escavavam os campos, abrindo abysmos, onde cahiam sepultadas arvores seculares com ruidos enormes no seu baquear gigantesco.

Pelas quebradas dos montes, os tectos das choupanas arrancavam-se inteiros, cahiam no valle como tampas de caixas, abertas bruscamente por um movimento febril de mão nervosa. Á noite, pondo nos espiritos horrores desconhecidos ao bramir selvagem da tempestade, dando ás profundezas dos valles aspectos medonhos de cavernas infinitas,

onde o vento e a chuva n'uma revolução doida reduziam tudo a ruinas.

Para a aldeia descia, como um resto d'immundicie trazido pela expurrada, um bando faminto de saltimbancos. Caras sulcadas pela miseria; cabellos secos, espetados como signaes de fome; saliencias d'ossos debaixo da trapagem dos vestidos; e n'alguns exalações de pus de chagas antigas, incuraveis.

No meio d'uma carga de creanças, sorria descuidadamente uma lourita; tinha sempre para a desgraça uma alegria inconsciente, instinctiva, e assim rinda ia apodrecendo aquella alma de ouro no meio do feixe das irmãsitas, atadas para alli como um monte de farrapos sujos.

A noite passaram-na n'um palheiro: a caridade fechára as portas ao frio e ao terror, que lhe traziam as palavras—os comediantes! . . . Com o dia levantou-se o bando, e lá foi pelo meio das lamas dos caminhos arrastando-se para a cidade visinha—era grande e populosa, a miseria devia sustentar-se por lá bem! Effectivamente de dia pediam de porta em porta: aqui uma moeda de cobre, alem um pedaço de pão, ali um dicto porco, uma proposta infame, uma classificação de vadios, ladrões, tudo recebiam com a mesma resignação, com a mesma cara, onde só a miseria podia manifestar-se.

Á noite o espectáculo na praça publica—braços desconjunctados em sarilhos gigantes, saltos perigosos sobre as pedras da calçada, em frente de soldados com dispensas de recolher, d'operarios roubados ao descanzo do trabalho, e de garotos, que riam toda a sua alegria innocente á sahida dos dictos acanalhados dos palhaços de caras sujas, pintadas a vermelho.

O bom publico, o rico, não os podia aturar, e depois na cidade estava uma companhia de cavallinhos, com mulheres formosas, provocadoras na sua plastica, com tentações magneticas nas carreiras doudas dos seus arabes *puro sangue*.

Os saltimbancos, os pobres, lembraram-se implorar a caridade dos seus collegas opulentos, e foram. Buscavam esmola e encontraram negocio—a lourita que *tinha a linha*, passava a troco

d'algumas libras para a companhia equestre. E a pequenita, rindo sempre, deixou sem difficuldade realizar o contracto; não tinha uma caricia a prendel-a e o horror das pancadas alem parecia-lhe menor. . .

Annos depois, na mesma cidade, annunciava-se o debute de uma formosa *voltigeuse*; era a lourita, que devia n'essa noite mostrar em grande carreira as formas correctas, bem comprimidas no seu fato de malha de sêda.

O debute foi um successo, como diziam os jornaes no outro dia, manifestando todo o entusiasmo dos seus localistas.

Os litteratos, os Lovelaces, os dominadores das plateias, disputavam a entrada no camarim da *estrella do ar*, como já lhe chamavam nas revistas apaixonadas dos theatros, onde os adjectivos saltam á proporção dos sorrisos das actrizes, e dos bilhetes dados pela empreza.

O preferido foi um rapaz muito conhecido na prodigalidade do seu ouro pelos palcos, e na sua influencia de critico de fama. A lourita amava pela primeira vez: não conhecia ainda os mysterios dos sentimentos calculados das mulheres do publico, ia experimentar agora a doçura d'um affecto, conhecia-se feliz, porque encontrava quem lhe fallasse em amizade, o que ella nunca tinha ouvido. E amava com a pureza dos primeiros sentimentos, com a alegria d'um goso nunca experimentado: A sua preferencia levou o odio aos outros, que a queriam, e as palmas no circo echoavam por entre manifestações ruidosas de desgosto.

Uma tarde, dizia-se nos cafés por entre um gargalhar alegre, alcoolizado—foi tomada a fortaleza, a lourita foi á ceia.

E á noite no circo a pateada rompia furiosamente á primeira entrada da *voltigeuse*. O amante não se via já, como até ali, dirigindo nas cadeiras a convenção dos applausos.

Á sahida da arena o director repetia sarcasticamente no camarim da artista todos os insultos que o publico lhe atirava, e obrigava-a a entrar novamente no circo para salvar a reputação da companhia com a execução de trabalhos novos, mais arriscados.

E foi, como um automato; a sensação d'aquelle desgosto des-

conhecido escurecia-lhe a consciencia; em pequena habituára-se ás pancadas e á fome, hoje feriam-n'a mais cruelmente porque a dilaceravam na profundidade da alma, onde principiava a alimentar-se um affecto, que tinha para ella a pureza da primeira paixão, e o sabor d'uma novidade, ha muito prevista pelos segredos do instincto.

Voltou a montar o arabe, que desconheceu o movimento da redea, e entrou na arena n'uma carreira douda, quasi sem governo.

A pateada rompeu mais ruidosa. A lourita estonteada, perdida, encarou o amante, como a supplicar-lhe n'um desejo ultimo a promessa d'um juramento; e ouvia-lhe sahir dos labios uma gargalhada fria de carrasco ao escutar um pedido de salvação ao paciente que sobe já o tablado da forca.

O arabe então já sem governo sacudiu de cima a lourita; repugnava-lhe talvez á nobreza da raça o peso da mulher, sobre quem os homens cuspiam, com nojos secretos, insultos sujos de tracto de taberna. A *voltigeuse* tingiu com sangue o pó da arena; dois creados tomaram-n'a nos braços e recolheram-n'a á cavalliça, onde deixou a vida passados momentos

No dia seguinte os jornaes do paiz publicavam a biographia da lourita; commentando, pediam casas de trabalho para as creanças abandonadas, e gastavam em tudo isso grandes depositos d'estylo piegas, grande numero de tiradas sentimentaes. Á noite no circo os jornalistas lambiam descaradamente com a petulancia do monoculo as formas das mulheres, desenhadas na malha dos vestidos rosados, cheios de tentações nos decotes largos.

Nos camarins segredavam-se convites para ceias.

E a lourita decompunha-se na terra inutilmente sem achar juncto da cova uma saudade que ella podesse encher de seiva com a riqueza da podridão do seu cadaver nú . . .

SALAMANDRA.

BUSCAR LÃ . . .

Os vastos salões do conselheiro regorgitavam de convidados.

Animação ruidosa. Em quanto uns dançavam, outros esquecendo a alegria da festa, renuncian-do aos prazeres da *walsa* procuravam esconder nos vãos das janellas, na sombra das cortinas, a lubricidade das suas ternuras.

A luz do gaz abrindo-se em leques azulados no lustre do centro, diffundia-se amplamente pelas paredes oleosas da sala, rebrilhava no setim das *toilettes*, afogava o damasco escarlata dos reposteiros, produzindo vividos cambiantes ao refratar-se no crystal das serpentinas.

O ruido crescia, e a multidão estonteada, arquejante, arrastava-se n'um voltejar langoroso. As senhoras recostando as cabeças voluptuosamente sobre os hombros dos cavalheiros, abandonavam-se aos impulsos d'estes, que reborisando-se, tinham sorrisos felizes, cingindo-as n'um arrebatamento sensual, quando a tumescencia dos peitos lhes marcava no retezado das camisas as palpitações do cansaço.

N'este momento uma mulher, enjoava-se e aborrecia-se na sala proxima, meio assentada n'uma *chaise-longue*, cabeça reclinada sobre um dos braços, apoiado em fofa almofada de setim, olhos semivelados, labrios entre-abertos, agitando preguiçosamente um leque valioso, com varetas de madreperola. As pernas cruzando-se encurtavam-se um pouco, n'uma graciosidade de mulher d'harem, deixando entrever a forma delicada das botinas de setim, perdidas no branco rendilhado das saias, como duas pombas mimosas recolhendo-se timidamente em fofa ninho d'algodão.

O conselheiro homem distincto e garboso, reputado como conquistador sem igual nos grandes centros da elegancia, esquivando-se habilmente a uma conversação trivial suscitada entre alguns amigos na casa da *partida*, atravessou precipitadamente por entre a multidão e veio ter com ella. A principio uns amuos impertinentes, zelos mal fingidos, que logo se converteram em sorrisos de meiguice e olhares apaixonados.

Lá dentro continuava o amor, o riso e a dança, emquanto a baroneza enlevada nas phrases

idyllicas do conselheiro, dirigia a vista distrahidamente para a multidão, que se agitava deante d'ella como um vago sonho tumultuoso e confuso.

—Vamos, pronunciou afinal o dono da casa.

E dando-se o braço, seguiram meticulosamente por entre a escuridão dos corredores que conduziam aos aposentos d'elle.

* * *

A ausencia do conselheiro, assiduo todas as noites á mesa do *wisht*, tornou-se sensível, chegou mesmo a despertar commentarios insolentes, por parte d'alguus, que, esgotadas as bolças, vinham agrupar-se pela sala, saciando no escandalo a falta d'ouro.

Foi então que dois fidalgotes arruinados, movidos pela conversa, se desviaram do grupo, dirigindo-se para o fundo planejar alguma cousa importante.

—Quando a chave rodar é que devemos apparecer.

—Perfeitamente, applaudiu o outro, sorrindo á lembrança, prevenido um escandalo de sensação.

* * *

Quando a chave rodou e a meia porta do quarto do conselheiro se entreabriu, os dois que se tinham conservado em vigilancia a meio do corredor, avançaram logo á luz escaça d'um phosphoro que o mais interessado fricionou n'uma das paredes.

A mulher que saia n'este momento, encarando-os, recuou espavorida, soltando um grito abafado, ao mesmo tempo que o barão deixando cahir o braço que levantava o phosphoro, exclamava attonitamente.

—Trabido!

O outro comprehendendo a gravidade da situação, deu-se pressa a sahir do corredor, e ri-sinho, sentencioso:—*foi buscar lã, e veio tosqueado . . .*

E. D'ALMEIDA.

Pedimos desculpa ao nosso chronista *Roque Ditambé* por não termos publicado o numero passado a sua interessante carta. Apesar de se referir a assumptos antigos, parece-nos que os nossos assignantes hão de satisfazer-se bastante com a sua publicação.

CONGO 10 D'ABRIL DE 1884

(CHRONICAS DA CORTE DA RAINHA D. AMALIA I.)

III

O Tejo, pacato como um *alfacinha* em dia que não vae ás hortas, aborreceu-se da vida tranquilla, mandou ao demo as conveniencias, encheu-se d'importancia, riu do Bournay, e obrigou o ministro das aguas d'estes reinos do Congo a *providenciar*, enviando a Villa Franca de Xira carapau e bolacha doce. E o rio tem rasão. Cantaram-lhe historias em versos sentimentaes, elle fiou-se em cantigas e parece que abusavam já. Chegavam a segredar que o pobre era de lama, e indigno de guardar o *pimpão* e banhar a cidade, onde se conservam as preciosas existencias do Sr. Fontes e S. M. D. Amalia I, rainha d'este paiz da fava rica.

Hoje resolveu mostrar ao mundo toda a sua valentia e zaz. deitou-se aos navios com furias de marinheiro inglez em tardes de pandega.

O Pinto e o Oliveira d'Abreu temeram a inundação e embarcaram caminho das nuvens.

Lá por cima merendas patusticas, orgias de *cognac*, cavaco com as aguias, e figas a todo este mundo que elles dominavam . . . com a vista. Os arames telegraphicos traziam noticias da sua passagem no ceu de Santarem, no de Coimbra; descidas na Barquinha, em Elvas . . . e por fim passaram o Tejo e desceram na praia da outra banda! . . .

Ao menos, diga se a verdade, atravessaram o rio e não enganaram o indigena como o outro com as botas de cortiça.

No proximo domingo ha tambem quem suba nos balões rhetoricos, até ás alturas da gravidade das circumstancias. Projeta-se um *meeting* contra a lei dos rolhas, sou por elle, porque, se a rolha chega a reinar, ai das *chroniqueiros* d'este paiz do Congo. Em Belem a devoção galante tem cantado magistralmente a divina paixão, apesar dos protestos do Senhor Padre Amado, feitos nos vinte e seis mil exemplares do Noticias incolor.

Vae abrir-se o jardim zoológico; a direcção tem recebido

muitos animaes, alguns d'elles raros e curiosos.

Da familia dos *politicus* tem: —o *leo republicanus* notavel pela sua ferocidade, chegando comtudo a deixar-se domesticar; o *onagrus legitimista* d'orelhas grandes, costumes bons (é já um pouco raro; o *ursus governamentalis* de grande estomago, instinctos traiçoeiros; o *rapasorius progressista*, manhoso, muito forte, mas pouco dado a combates; o *patru-thacius nigrus*, segundo Linneu, ave rara, de muita comida, de facil apprehensão, cae com a mais pequena isca; e por fim um *sebastianacius*, exemplar rarissimo que foi encontrado nos desertos da politica.

ROQUE DITAMBÉ

EM SEARA ALHEIA

A *Era Nova*. «Diz assim um collega:

«Domingo, pelas 3 horas, realisar-se-ha uma ascensão do celebre Castanet, o qual será acompanhado pelo Sr. A. Oli «veira e pelo jornalista Gouveia «Pinto.»

«É sempre doce de compota «(cebo!) é-me sempre doce con- «solação ver augmentar o já cres- «cido numero (louvado seja Deus) «de ornamentos da imprensa jor- «nalistica. Eu nunca tinha ouvi- «do fallar do senhor jornalista «Gouveia Pinto...»

—O mesmo diario, 'noutra pagina—

«Realisa-se hoje a ascensão «anunciada do novo balão, Ci- «dade de Lisboa, conduzindo o «Sr. Henri Reudet, o jornalista «Gouveia Pinto, e o Sr. Oliveira «representante do Real Gypnna- «sio Club.»

—Entendem? Não.

Pois entendemos nós.

Além era *espírito* da lavra lá de casa; aqui é necessidade do bilhete para a funcção... Uma desgraça a carestia do dinheiro! ... Cada libra quatro mil e quinhentos...

Na *Sentinella da Fronteira* o senhor Ismael correspondente de Lisboa diz assim—

«N'um dos ultimos domingos «que se apresentou convidativo, «isto é, sem chuva nem vento, «resolvi em minha alta sabedo-

ria, ir dar um passeio por essa «Lisboa fóra. Hoje confesso que «não me arrependi de ter toma- «do aquella resolução, embora o «sitio onde me dirigi fosse um «pouco... sim um pouco fora «de proposito...»

Onde supõem os leitores que a alta sabedoria do Ismael o levou? A um sitio um pouco... sim um pouco fora de proposito.

Pois não foi á tal parte que os leitores julgam; foi simplesmente ao cemiterio dos prazeres. Um ratão o Ismael...

CAMAROTE

O SANCTO ANTONIO

Os espectadores da geral apinhando-se no centro, pasmando como ha vinte annos deante das mutuações executadas com lentidão por entre clarões de rezina e fogos de bengala chispavam olhares raivosos sobre o diabo, de rosto pintado a vermelho, bigodes feiçosos de policia civil e fatos vistosos de velludilho desbotado salpicados de lantejoulas amarellas. Ás vezes enlevados nos gestos seraphicos do frei Antonio, tinham sorrisos devotos e exclamações basbaques.

Erá o typo fiel do santinho milagreiro, tal qual as suas imaginações o phantasiaram. As sopeiras descobriam-lhe no rosto os mesmos traços, a mesma expressão beatifica dos que tinham em casa pregados com massa de pão pelas paredes dos quartos, e os cabaços chegavam a confrontal-o com os santinhos dos pa-

trões, anichados ao fundo das lojas entre velas de cebo e palmitos enchovalhados—Só lhe faltava o menino, desiam:

— Isto é que é peça! exclamavamos burguezes nos camarotes, apumando o indicador com o nariz para indicar silencio as creadas que lhe ficavam por detraz, olhos esboghados rindo a bom rir da cegueira do frei Ignacio.

Ora aquillo sim; quanto mais a revista era um desaforo! Até os coros mais afinados, deliciosas aquellas harmonias! applaudiam elles, prenhes de desafinação, irritando-se com os vagidos das creanças, insurgindo-se contra as risadas dos estudantes.

—Que o que fazia o Santo era o Realismo, affirmava a creada grave.

—Não digas tolices, retorquia a menina. Podia lá admittir-se que o Santos depois de as ferir com os sarcasmos do Solano, as viesse enternecer com as lamurias do Braz Martins? Ah! que bem elle morria! aquillo é que era saber morrer. Foi-se a recitar por entre o chiar das rebecas como qual quer pombinho innocente que se extingue a arulhar,

Mas afinal o desempenho foi mais que rasoavel; exceptuando os guinchos arrepiantes das donzellas da cidade.

PUBLICAÇÕES

PROH PUDOR!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.

VAE ENTRAR NO PRELO

ALLEGROS

NO CAMPO

ELLE E ELLA

Desmaia o sol de junho ao longe... no occidente e os ternos rouxinoes gorgeiam seus amores... no fresco pavilhão de perfumadas flôres escondidos *elle e ella* arrulham docemente.

Ninguem os vê e escuta. O seu olhar ardente que anceios não traduz, que lubricos ardores!... *elle*—um medio burguez—aos seios tentadores da esposa sensual reclina-se indolente!...

E tremulo d'enleio—Ah, quanto eu sou ditoso, exclama—A esposa meiga ouvindo o meigo esposo aperta-o mais e mais ao peito semi-nu...

porem, ao affagar-lhe a fronte esbrazada co'a pequenina mão, soltou uma risada... —um cuco no pinhal cantára assim:—*cu cu!*

COSTA SANTOS.

Revista illustrada da Exposição Districtal de Coimbra

Preço dos 4 numeros 300 rs.

Sabiram o 1.º, 2.º e 3.º numeros.

Administração: Praça do Commercio, 11—Coimbra.

UNIVERSO ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Livraria Campos—Rua Augusta LISBOA

CRYSTALLISAÇÕES DA MORTE

POR

EUGENIO DE CASTRO

Editor: José Luiz da Costa—Rua de Ferreira Borges, 231 a 237—Coimbra. Á venda em todas as livrarias.

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Cotovello, n.º 2. todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que mandaremos proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 3.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª —rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista.

BRAGA—Kiosque Gonçalves.

VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida.

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª —largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

ESPECTACULOS

THEATRO CONIMBRICENSE

Domingo 20

O SANTO ANTONIO

Principia ás 8 horas e meia

COIMBRA—IMPRESA INDEPENDENCIA

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras recebendo-se um exemplar

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador.

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, SALAMANDRA

Coimbra
Redacção do *Coimbra*
Bricense.

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre.. 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Administração, rua do Cotovello, n.º 2.

NUMERO 3

COIMBRA, 26 DE ABRIL DE 1884

2.ª SERIE

PAIZ DAS ARRUPAÇAS

26 DE ABRIL

A Quaresma deixou no espirito de *Coimbra em Fralda* um sabor a ranço, um cheiro a batina sebenta, e nos ouvidos poz-lhe harmonias d'orgão, bisbilhotices de beatas, curiosidades sujas de confessor debochado.

E a *pequena* ficou assim muito triste, com grandes indolencias pela manhã, fazendo sacrificio ao deixar a bretanha fina dos lençoes, não se levantando nunca sem tentativas repetidas.

Primeiro calçava as meias sentada na cama, com a roupa por cima em abobada, o cheiro da carne e do linho a suffocal-a; depois deitava-se outra vez com arrepios de frio puchando a roupa á altura do pescoço, escondendo os peitos, e tinha então gritinhos de satisfação, consoladores. Até que se resolvia e saltava para o tapete abrindo muito a bocca, estendendo os braços, espreguiçando-se na frente do espelho antes de se espartilhar. Oito dias de férias, oito dias de isolamento: uma sensaboria!

E ella desejava então passar semanas inteiras no campo, passeios de madrugada, leituras amenas á hora do calor debaixo das sombras das arvores, junto da frescura das fontes. E a chuva com uma crueldade selvagem açoutava as vidraças, e a saraiada esfarrapava as folhas das plantas, que a primavera ia reverdecendo.

Mandou convidar os amigos: — queria *matinées* com leitura de contos, recitação de versos, musicas de piano, cantos de opera.

E uma manhã quando ella esperava o primeiro conviva toda anciosa, toda esperançada, entravam na sala... o sachristão e o prior da freguezia!

Vinham buscar o foliar...

Encontraram a *garota* toda provocadora na sua nudez, toda seductora no seu descaramento e o padre horrorizado: — boas festas, alleluia, alleluia...

E ella: — que muito obrigada, mas a senhora não estava em casa.

E ao creado: — que fechasse a porta, que só lhe faltava aquella... Que arrelia, hein?...

SALAMANDRA.

CÁ PELA TERRA

A Primavera tinha-nos acenado de longe, das bandas d'um Oriente illuminado e claro, com um primeiro sorriso e um primeiro beijo. O sol, na soberana posição d'um Deus, comprimentará-nos do alto, das regiões serenas em que as estrellas têm purezas d'almas virgens, e a lua, cada vez mais pallida, chora os amantes que lhe fugiram ou morreram... Ficam muito bem estes sentimentos á lua, pois não acham?

Mas ella tem um pouquinho de razão, a triste! Pela calada da noite, quando a terra tem brutalidades e explosões d'um amor infinito, ouvira canções de uma paixão sincera, protestos ardentes misturados com suspiros de folhagem e soluços d'este pobre Mondego abandonado e velho. Poetas loiros, d'uma carnalidade melindrosa, haviam-n'a seduzida com os seus bandolins de prata, d'onde arrancavam me-

lodies extranhas em que parecia haver cicios de beijos e snplicas apaixonadas d'amor...

Donzellas brancas como uma estatua, tinham por ella excessos de culto e esbanjamentos de paixão, quando lhes accedia aos rogos provocadores, illuminando-lhes as varandas, enfeixando beijos para lhes envolver a cabelleiras d'oiro em *bouquets* d' luz, e sorrindo-lhes da altura com a face aberta n'uma larga vibração de alegria.

E, estonteada, começou a deramar pelo azul toda a sua mocidade e a pureza viva dos seus raios; despindo a gaze, sem uma nuvem a cobri-la, poz-se nua como uma bacchante, seduzindo os homens e troçando a virgindade das estrellas...

Do ceu cahiu então sobre a terra uma chuva miudinha de prazer; aspirações de gozo invadiam as plantas e os homens, subindo-lhes pelos braços, n'uma vertigem pagã; desmaios de rosas succediam a quebrantamentos de carne, vagos aneios indefiniveis em que passavam, triumphando e sorrindo, mulheres magnificas, d'hombros nus e côxas palpitantes de belleza, como se fossem para um paiz distante em que o sangue fosse bem rubro e o sol faiscasse na amplidão bem quente e bem loiro...

Esta embriaguez e estas orgias mataram-n'a: depois de a cansar, venceram-n'a. Os amantes, açotados por um instincto novo, fugiram para a immundicie d'um becco; e ella ficou desamparada no azul, pobre e sem seducções, como uma *cocotte* que se atira ao desprezo quando lhe apparece a primeira ruga.

E é por isto que o vicio im-

péra de noite, e a lua pede emprestado ao sol um reflexo de vida e de glorioso esplendor...

Mas isto não é positivamente uma chronica. Verdade seja que as *nouvelles á sensation*, não abundam por cá: nem um incendio, nem um rapto, nem uma tentativa de moeda falsa — nada que tenha a nota viva do escandalo e preocupe o mecanismo ordinario dos lares.

Ah! descobri afinal. As leitoras gostam de creanças, com certeza, e eu vou-lhes apresentar um admiravel exemplar. Abram os reposteiro, — Eugenio de Castro. V. Ex.ª conhecem-n'o, sem duvida. São uns adoraveis 15 annos que o bom Deus das alegrias teceu d'esperanças e sorrisos. Ha pouco ainda depoz sobre o pequenino esquite d'uma creança rosada e pura, uma coroa de violetas e saudades — as *Crystallisações da Morte*.

Na sua obra singela e casta em que passam fremitos de paixão por um anjo que o céu pedía, vibra ao largo um dulcissimo sentimento de saudade e de amor. Tem defeitos, tem. Falta-lhe uma certa originalidade de forma e uma harmonia precisa de verso, indispensavel hoje a todos os artistas: leia mais e publique menos, meu gentil poetil! Mas quem abre, assim novo, tão triumphalmente a sua carreira, merece os applausos da critica que sabe ser justa e sincera...

E agora, minhas adoraveis leitoras, beijo-lhes as mão, e corramos o reposteiro.

SANTOS MELLO.

—♦—
O SOLO
—♦—

Armandina e Luiza eram intimas amigas. Desde os tempos do collegio que assim fôra.

Diabrura innocente que se urdisse á professora de geographia, velhota de grandes oculos e pitadas collossaes de vinagrinho, grêve que se formasse contra a imposição tyrannica do bacalhau pôdre das sextas feiras á refeição da tarde, tinham sempre por *cabeças* as duas amigas, ligadas pela afinidade do genio dissidente e folgazão.

Sahiram das Urselinas no mesmo anno. Armandina ia casar com o primo—o Visconde de Antuzede, a quem fallara duas ou tres vezes durante o tempo de ferias...

Era um rapaz de 32 annos, correcto, banal, e com uma calva prematura, indicativa de orgias baratas de mulheres faceis, e despresos de saude em noites mal dormidas.

Comtudo não era um casamento positivamente violentado.

O visconde sabia guiar como ninguem a quatro soltas, e fallar de musica como um verdadeiro ignorante. O sufficiente para captivar uma rapariga inexperiente, acostumada a ouvir todos os dias as prelecções suporiferas da D. Conceição sobre o methodo de bordar a quatro lãs.

Luiza sabira tambem mas para fim diverso. Seu pae, banqueiro opulento no Porto, fallira repentinamente á chegada da noticia da sécca do Maranhão.

Grandes capitaes empregados nos principaes depositos de vinhos d'aquella provincia, tinham desaparecido na voragem tremenda do *passivo* quando o *flagello* infestou sem distincção o *sitio* do cultivador de canna de assucar e o armazem do negociante em alta escala.

Luiza voltava a casa a substituir a mãe, que morrera em oito dias ao ataque violento d'um typho, nos labores quotidianos d'um *ménage* menos que mediano.

* * *

Passados 8 mezes, em agosto de 79, encontraram-se as duas amigas na Foz.

Armandina era já a viscondessa de Antuzede, e Luiza a se-

nhora d'um capitalista de Lisboa—espirito ingenuo, adorador artistico da plastica, que não hesitara em depôr aos pés d'aquella mulher os seus doze contos de renda.

É verdade que Luiza tributava-lhe a mais pura e reconhecida das afeições, sacrificando-lhe os seus pequenos gostos de garridice, e trocando sem pesar duas voltas de walsa no *club*, por duas horas de conversa intima no seu pequenino *boudoir* luxuoso, apertando na sua fina mão aristocratica a mão plebeia de seu marido, callejada n'um trabalho improbo mas honesto...

* * *

O visconde tinha n'aquelle apice de tempo educado a mulher no philosophico *savoir vivre* da sociedade corrupta dos grandes centros.

Um mez depois de casado, recolhia tarde, muito tarde, fazendo noitadas com actrizes celebres, que vendiam um beijo languidamente apaixonado e um olhar posticamente estontecedor por um bello collar de perolas scintillantes, ou por um anel caro, onde a luz impudica do gaz de um palco, vem refractar-se na superficie facetada d'uma amethista engastada com arte.

Armandina abandonada exactamente na idade em que o sangue escalda, e a esculptura morbida do corpo pede contactos inebriantes, cheios de vida e sensualidade, facilmente e sem remorsos mesmo, acceitava consolações, apertando sensualmente ao contorno rijo dos seus seios d'alabastro, o peito debil e a fronte pallida de Alfredo da Silveira, um amigo de seu marido, e um *gentleman* perfeito, realçado pela thesoura impeccavel de Strauss.

* * *

O visconde passava parte da noite no *club* da Foz, jogando com dois *amigos*, e por costume inveterado e adquirido em Coimbra no café do Arrunho nos tempos de estudante, o sensaborão jogo do *solo*.

Quando porém travou conhecimento com Luiza que frequentava a miudo as salas de sua esposa, faltou á habitual *partida*, fazendo desesperar os parceiros.

O cabelo opulentamente louro, a face expressiva e o busto olympicamente desenhado da amiga de sua mulher prendia-o e fazia-lhe conceber projectos extraordinarios de seducção.

Luiza tinha para elle a terrivel attracção da castidade, o perfume inebriante d'uma flor exotica não desabrochada ao calor tepido e traiçoeiro d'uma estufa onde circula o ar impuro e mephytico, saturado de miasmas venenosos.

Mas foram baldadas todas as tramas, todas as insidias, todos os ardis d'aquelle character profundamente pervertido, d'aquella alma fortemente *'cynica* e precocemente maculada.

Luiza sabia oppôr ás sugestões criminosas do visconde, uma resposta digna, um olhar altivo, onde transparecia claramente a indignação e o desprezo d'uma esposa conscia dos seus deveres e ciosa do seu pudor de mulher.

Um dia mesmo, depois d'uma scena violenta, onde o seductor ficou ignobilmente vencido, deixou de visitar a sua amiga Armandina.

* * *

O visconde, depois d'aquella derrota completa, um pouco envergonhado d'aquelle desastre para os seus brios de seductor, voltou a abancar-se defronte da mesa de jogo.

Durante toda a noite esteve distraído e perden!...

Quando se retirou, um dos parceiros dizia na salla de fumar:

—Sempre infeliz o visconde; hoje então distrahidissimo, ganhava o ultimo roque se não pucha paus por baixo...

E um circumstante, maliciosamente:

—Alfredo da Silveira esse ao contrario... Ha tres mezes que joga com o visconde, e ganha sempre... É verdade que lhe pucha... *paus por cima*.

ARAMIS.

—♦♦♦♦♦—
FIGURAS DE COIMBRA

III

O AMADOR DRAMATICO

Quando á noite em volta das mesas dos cafês ha cavacos ani-

mados, tiroteios de phrases, explosões d'espirito, elle tem poses d'importancia, arrotos defilauca, conhecimentos de rata sabia. Nos espectaculos particulares conquista ovações ruidosas de palmas, e entusiasmos ardentes de applausos. Empregados aposentados em logares pouco rendosos de repartições publicas, mulheres dos mesmos, filhas d'outros, enchem os camarotes pondo nas luvas usadas nodoads de suores chronicos, abrindo na pellica ordinaria rasgões largos com o palmear entusiastico nas situações violentas do drama, quando as mulheres choram nas galerias, e os actores no palco teem coragens heroicas em brigas violentas com as casacas esguias, de mangas curtas, costas acanhadas, que se não fizeram para aquelles corpos.

E depois corôas dos associados, *bouquets* da familia, admiração do povo.

—Que foi muito lindinho—affirmam na manhã seguinte as creadas de servir, no meio do refogado da manteiga nacional derretendo-se para ensopar o beef de carneiro, as batatinhas alouradas e as tiras da cebola de cheiros acres e influencias certas na lagrima forçada.

De tarde as sopeiras caminho do rio, soldado do 14 ao lado com fadistagens de juncos nas mãos, elegancias de posições no bonet arredondado, phrases de tracto de caserna, sorrisos imbecis, e ao passar na Calçada apontando o *amador*, segredam satisfeitas: —foi aquelle, o do lado que fazia de conde—e dizem scenas inteiras com a verdadeira graça que tiveram no palco. E o soldado ri muito, com as mãos na barriga, todo desmanchado no seu prumo, e concluindo: —que «se cale o raio, que elle arre-benta.»—

Em noite de recita, o *amador*, horas antes do spectaculo, mostra-se na baixa, gesticula da Sophia ao Caes, declama do Caes á Sophia, e encontrando os conhecidos faz apertos de mão, tem sorrisos amaveis, e passando de corrida: —«senão vae? Que o spectaculo é escolhido»—affirma. E o outro, todo reconhecido —«que lá estará para ter a honra de o applaudir»—e baixinho, em confidencia: —«como sempre, como sempre, essa é boa...»—

Entra nas lojas dos conhecidos muito atarefado, annunciando o papel que vae fazer, e para isso pergunta com interesse se ha na casa uns calções vermelhos, um colete branco, um bonet azul, e, se lhe dizem que sim, responde atrapalhado:—«que não é preciso, que já lá tem em casa, que era curiosidade.»—E se lhe mostram o fato:—«tal e qual, tal e qual como o que hei de levar á noite—»

Então os caixeiros:—que bonito ha de ser—e desejosos, interessados:—quem me dera cá as oito horas—.

Ao levantar do panno entra em scena com os olhos fixos no camarote do namoro, e declamando, dirige-se á ingenua (umas ingenuas de ventres cheios) e pensa na da friza para no dia seguinte lhe dizer em calão:—que o palavriado do papel lhe era dirigido por tabella—.

Depois os jornaes citam-lhe o nome, elogiam-n'o, e aconselhando:—que continue, que continue, e como legado valioso deixa á familia a s criticas impressas nas folhas da terra.

E a immortalidade não tem para elles um pedestal de cortiça. . . . Já é ingratição!

SALAMANDRA.

CONGO 23 D'ABRIL DE 1884

(CHRONICAS DA CORTE DA RAINHA D. AMALIA I.)

IV

Depois da despedida da companhia lyrica, com o beneficio do valente Devoyod, o Colyseu tem attrahido ás suas recitas a cidade inteira—meninas sentimentaes que vão vêr alferes, e deputados que fazem lyricas sobre a reforma da Carta, velhos conselheiros que pedem cantharidas á gaiatice do *cancon*, e solteironas que buscam pruridos de prazer na frescura d'uma operetta deliciosa.

Fui ha dias lá com o Marcelino de Mesquita, conhecem? Nem *vócencias* conhecem outra coisa... Aquelle bello espirito que faz versos graciosos como uma miniatura e chronicas distinctas como um *gentleman*, lembram-se?

Chiado abaixo, o eterno espectáculo: as mesmas *montres*, as mulheres do costume e os jano-

tas invariaveis, com a mesma *pose* e a mesma falta de grammatica. *Cocottes* adoraveis que têm generosidades de sangue e d'amor, levantam com malicia os engommados das saias e mostram as meias cõr de carne palpitando com os tremõres d'uma perna admiravelmente cinzelada e soberbamente appetitosa. Comendadores sizudos e velhos barões arruinados falam da votação que o governo terá na camara dos pares, e commentam, muito a serio, a ultima phrase infeliz d'um ministro e o dito espirituoso d'um deputado que aspira—má lingua, com certeza—a um logar de secretaria e a uma burguezia rica. E ao fundo, dominador de talento, o grande Fialho d'Almeida discutindo com Fortunato da Fonseca as instituições e a natureza com os seus largos pontos de vista e a sua valente intuição d'inspirado.

No Rocio, um trem aproxima-se de nós; é uma gentil viscondessa que passa. A sua parelha fidalga trota de manso, com receios de acordar d'uma *réverie* suavissima aquella mulher encantadora. E atravez das primeiras sombras da noite, nós podemos admirar-lhe o perfil idealmente branco, d'uma gloriosa correção d'estatua, com o olhar semi-velado, perdendo-se talvez n'algum cantinho do seu passado aventureiro e phantasista. Bella mulher, na verdade!

Á porta do Martinho, litteratos imberbes estragam phrases a elogiar o *D. Maria*, cospem irreverencias gaiatas sobre um juiz que passa ou sobre um estroina que vae guiando uns baios magnificos, e gastam os mesmos adjectivos quer se aprecie uma peccadora, quer se discuta a *première* d'um drama.

Entramos no Colyseu. É dia de *Mascotte*. Ouvem-se os primeiros compassos, e a alegria começa a entornar por todo aquelle poemeto em que a carne palpita, guizalhadas de notas, frescas como a verbena e luxuriosas como o seio d'uma amante nova. . . .

Ha explosões de palmas; os applausos estoiram n'uma vibração d'entusiasmo; á flôr de todos os rostos sobrenada uma satisfação sincera.

As actrizes agradecem gentilmente, com um sorriso malicio-

so a borboletear-lhes á roda dos labios, dobrando a espinha com uma graça infinita e atirando para a plateia com os seus olhos diabolicamente tentadores e deliciosamente bellos. . .

* * *

E á sahida, Marcelino de Mesquita lembrava-me com saudade a Esther — aquella allucinada que se lançou a correr mundo atraz da gloria e do oiro, perdendo-se hoje n'uma aventura, engolphando-se amanhã na sombra d'uma divida, travessa como um principe estroina que esbanjasse o seu sangue entre o *cognac* e os peitos d'uma mundana celebre. . .

Soberba doida—a Esther!

ROQUE DITAMBÉ, junior.

ALLEGROS

TRANSFORMAÇÕES

É sol nado. O ceu brilhante aquece co'a labareda dos raios, com que embebeda a natureza abundante.

Mais delicada que um vime, cantando, passeia Flora por entre os filtros da aurora n'uma alegria sublime.

No campo formoso e limpo brotam, d'um mar d'esplendores, *bouquets* de folhas e flores com as bellezas do Olympo.

* * *

Mas eis que a sombra desfila. . . já quando o sol vacillante, bem como um olho gigante, fecha a vermelha pupilla.

Então, no grande scenario ha mutações muito bellas: erram á luz das estrellas mil coisas d'aspecto vario.

E beijando a Endymion Diana—a loira formosa esconde-o, qual uma rosa, no seio orvalhado e bom.

A. F.

EM SEARA ALHEIA

O Penafidense:

«Tem continuado nos baixos «do senhor commendador Meirelles o bazar em beneficio da «conferencia de S. Vicente de «Paula;»

A conferencia de S. Vicente de Paula fica muito bem nos baixos do commendador, mas os baixos do commendador é que

não ficariam muito bem por cima do S. Vicente.

Continua:

«n'estas trez ultimas noites foi «bastante concorrido e fizeram-se algumas vendas vantajosas.»

Muitos parabens aos compradores que se não teem limpeza pelo menos teem coragem.

Os baixos do commendador foram concorridos. . . e depois fizeram-se vendas com vantagem:—que ricos, os baixos do commendador!

A *Correspondencia de Coimbra* publica alguns artigos dos estatutos da companhia de bombeiros voluntarios. Apesar da muito *sympathia* que temos por essa benemerita sociedade não resistimos á tentação de commentar algumas disposições d'esse regulamento.

«Art. 2.º Esta associação póde «ser constituída por pessoas de «ambos os sexos, quer nacionaes «quer estrangeiras, logo que tenham uma posição social compativel com os fins da mesma «associação, e com o desempenho dos deveres impostos aos «aggregiados.

Uma posição social compativel com os fins da associação, ora o fim da associação é tratar das bombas, agora que se definam as posições sociaes. . .

§ 1.º Só podem associar-se «os menores que forem auctorisados por seus paes ou tutores.»

Quem terá a crueldade de entregar ao filhinho os cuidados da bomba?

§ 2.º As senhoras casadas, «afim de se aggregiarem a esta «associação, necessitam do assentimento de seus maridos.»

Muito justo:—tractar da bomba sem a respectiva licença conjugal era o cumulo do descaramento.

«Art. 11.º Esta associação será constituída por tres classes «de socios; benemeritos, activos «e protectores.»

Em tractos de bomba apenas socio activo. . . . Verdade é que os gostos variam. . . .

PELA NOSSA SEARA

Muito erro typographico, muito motivo para pedir desculpa aos nossos assignantes.—Que já se não usa a tal listasita dos erros

com as respectivas emendas á outra columna — diz-se por ahí todos os dias.

E a *pequena* vae com a moda. Vinda de ferias, fadigas de viagens, saudades da terra, e o resultado — más revisões, uma desgraça.

— E nós que os aturemos — diz o leitor agora muito cheio de coleras, todo o dia, quasi a jurar que foi roubado no seu vinthem. . .

Eu bem sei como me vingava e satisfazia o leitor; puchando as orelhas á prosa cá da casa.

Mas perdoemos-lhe por hoje; sim? Como v. ex.* é benevolol!...

VICENTE ALEGRIA.

O nosso amigo Serras da Conceição, antigo collaborador do nosso semanario, continúa os seus apreciaveis artigos de critica, principiados a publicar nos numeros da 1.ª serie.

ESBOÇOS DE CRITICA

O NATURALISMO

I

É o naturalismo arguido de não ter ideias, nem moral.

Estas duas accusações, vibradas pelos idealistas, consubstanciam toda a resistencia, que actualmente a formula naturalista encontra na sua marcha triumphante.

Esgotado todo o arsenal de estafados argumentos, apenas ficaram de pé, vacillantes e impotentes, aquellas duas objecções.

Na subordinação do artista á observação da natureza, que é o character proeminente do realismo, não vêem os pallidos românticos senão o rebaixamento da arte redusida a uma estreita e servil imitação.

É preciso esclarecer este ponto, cuja falsa comprehensão embaraça o triumpho definitivo e seguro do naturalismo.

A formula naturalista não pretende copiar, ou imitar servilmente a natureza; mas interpretal-a, dando relevo e vulto ao que n'ella assiste de predominante e essencial.

Assim comprehendido, o naturalismo não estreita e restringe os dominios da arte, pelo con-

trario rasga á imaginação do artista novos e mais largos horizontes, todo o vasto campo da natureza e da vida, onde a curiosidade do homem pode fazer penetrar a luz da observação que esclarece e illumina muitas vezes traços de recondita belleza e harmonia, a que a arte vae dar relevo e evidencia.

A arte é a expressão harmoniosa da realidade, observada nos variados aspectos que ella reveste, nas multiplices manifestações da natureza, e no intrincado conflicto das paixões humanas.

Interrogar a natureza e o homem, surprehender-lhes as manifestações, e traduzil-as n'uma obra onde a vida palpita, e a realidade fulgure, engrandecida pelo poder ampliador da imaginação — tal é a intenção do realismo.

Pôde haver, e ha, divergencias na adopção dos processos, e n'estas divergencias encontra fundamento a classificação de physiologistas e psychologistas, em que alguns notaveis criticos tem agrupado os escriptores da escola naturalista; mas, relativamente á comprehensão da formula naturalista, é unanime e concorde a opinião de todos, criticos e artistas.

Se o ideal é alguma coisa, intangivel e sobrenatural, que reside n'um mundo mysterioso e affastado, onde vive a chimera e o sonho, nas regiões nebulosas do incognoscivel, inacessiveis á observação do homem, então, francamente o confessamos, o naturalismo não tem ideal.

N'este caso, porém, seja-nos licito perguntar; o que é esse ideal vago e mysterioso, inacessivel e inconsistente, que fica mudo e collocado perante a observação interrogadora do artista; senão uma concepção chimerica de espiritos desnorteados e pervertidos, arrebatados na vertigem estonteadora das transcendencias methaphysicas?

Pode ser a concepção extravagante e doentia de cerebros febricitantes e mal disciplinados, mas não será jámais a forte e fecunda inspiração d'um artista esse ideal incomprehensivel, que, vós outros, melancholicos idealistas, amparaes contra as salutaes correntes da sciencia e do bom senso.

Pela devoção e entusiasmo, com que, n'esta hora alta da sciencia positiva, andaes evangelizando o ideal phantastico gerado pela allucinação do vosso cerebro desequilibrado, fazeis lembrar os ingenuos e obcecados sacerdotes d'uma religião morta, piedosamente ajoelhados diante dos altares vãos e apagados d'onde a mão irreverente dos reformadores sacrilegamente arrancou os idolos do vosso culto.

Vós sois realmente os paladinos d'uma crença extincta, que inutilmente procuraes manter na consciencia da humanidade, renovando no seu criterio, e estimulada por necessidades que vossa doutrina esteril não pode satisfazer.

A esse ideal, indefinido e incoercivel, involto na bruma do mysterio, immobilizado nas regiões ignotas do absoluto, oppõe o naturalismo a concepção positiva da perfeição progressiva da humanidade, e das gradações successivas da evolução da natureza.

O ideal, segundo o dogma naturalista, é um termo, ainda não realiado, mas já previsto pela sciencia, da escala infinita dos progressos que pela lei da evolução, hão de ir gradualmente accrescentando o capital de civilização, conquistado pelo esforço humano, n'uma lucta heroica, sem treguas, nem repouso.

(Continúa.)

SERRAS DA CONCEIÇÃO.

PUBLICAÇÕES

PROH PUDOR!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.
VAE ENTRAR NO PRELO

A MOSGA

SEMANARIO ILLUSTRADO
Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS. — SEMESTRE, 500 RS. — ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO — 20 réis
Correspondencia — dirigida ao administrador J. R. da Cruz.

UNIVERSO ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Livraria Campos — Rua Augusta

LISBOA

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e aceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

ESPECTACULOS

THEATRO CONIMBRICENSE

Domingo 27

O SANTO ANTONIO

Principia ás 8 horas e meia

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Cotovello, n.º 2, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que mandaremos proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 6.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA — Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA — Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª — rua Augusta, n.ºs 86 — 88.

SANTAREM — Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista.

BRAGA — Kiosque Gonçalves.

VIZEU — Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida.

FIGUEIRA DA FOZ — Costa & C.ª — largo do Carvão.

THOMAR — Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES — Antonio Francisco Salgueiro.

COIMBRA — IMPRESA INDEPENDENCIA

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras recebendo-se um exemplar

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador.

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Coimbra
Coimbricense

ASSIGNATURAS

Por semestre...
Por trimestre...
Avulso.....

Redacção e Administração, rua do Coto vello, n.º 2.



ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, SALAMANDRA

NUMERO 6

COIMBRA, 5 DE MAIO DE 1884

2.ª SERIE

PAIZ DAS ARRUPADAS

3 DE MAIO

FIGURAS DE COIMBRA

IV

O ENGRAIXADOR

Cá fóra o vento tem assobios selvagens de monstro fabuloso, e a chuva vem pelo ar colerica, furiosa, até quebrar-se nas paredes dos predios muito monotonos, todos tristes, nas suas janellas cuidadosamente fechadas.

No quarto o desarranjo habitual, estroina, d'uma casa d'estudante.

Na cama o calor consolador, fagueiro das lãs, bocejos d'aborrecimento, a sebenta ao lado cahida, a luz do candieiro a morrer na agonia lenta d'um morrão de cheiros activos, a saturar o meio de venenos lentos.

A servente viera horas antes á porta no cumprimento d'ordens recebidas e batera rijo; —que se erguesse, o senhor doutor, que d'ahi a pouco estava a tocar o sino da aula.

E então ao cerebro do pobre vinham ideias tristes, lembranças das ferias, palpites de feriado, desejos de formatura. Ao ouvir a saraivada quebrar-se nos vidros tinha arripios de frio e pensando alto, cheio de receios: —o que lá irá na rua Larga. Concluindo com desespero: —que levasse o diabo aquella vida.

Então cá em baixo á porta da rua a voz aflautada do sapateiro: —calçado, senhor doutor.

E o garoto entra; calças rasgadas nos joelhos, camisa sem botões, cara da cõr das mãos, mãos da cõr da graixa, escovas

debaixo do braço, bonet de panno ao lado cahido sobre a orelha, resto de cigarro ao canto do beiço, sorrisos d'escarneo, e para o estudante encolhido na cama: —que matasse o bixo e veria como enrijava.

Nunca tem mais de 12 annos, falla de tudo, é sempre um echo fiel dos cavacos em casa do mestre quando se abre o congresso do estudante visinho, o barbeiro da esquina, e o regedor do bairro.

Tem por isso conhecimentos especiaes, apreciações extravagantes quando se trata dos personagens d'este meio. —Que não ha feriados, que o anno corre mal, que o doutor fulano *sabe* deputado, que a engommadeira da Trindade fugiu para um estudante, que a outra já não recebe mesada — são novidades que elle traz pela manhã ao estudante, que as saboreia muito escondido na roupa da cama, distrabindo o espirito, afugentando nostalgias teimosas.

Em dia de feriado inesperado quando a cabra de manhã deixou de tocar, entra triumphante cheio d'alegria, e felicitando: —que por aquella não esperava o senhor doutor, que pechincha, que alegrão. —E repentinamente, todo interesseiro, pergunta: —senão merece dez reisinhos n'aquelle dia de festa? —Se os apanha, dá vivas á causa do feriado ainda que ella fosse a morte de pessoa illustre; e com ares estroinas, bonet ao ar: —que morressem todos, que os levasse o diabo; feriado para ali é que se queria.

Emquanto procura as botas vae armazenando no bolso esbeiçado do colete pontas de cigarro, perdidas pelo quarto,

muito chupadas, annunciando na sua ultima redução o fim do mez.

O engraixador é tambem homem para uma empreza arriscada, perigosa em questões dificeis d'amores de tricana: leva o recadinho para a entrevista nocturna, faz denuncias d'infidelidades; mas se lhe não pagam, no meio da rua, á passagem da rapariga, grita em voz alta: —que lá vae ella, a gaja da noite passada; aos Arcos... hein...

E com as reticencias faz curiosos que lhe pagam para elle dizer o resto.

Indifferentista, encolhendo os hombros ao recolher do dinheiro: —que se importa, o que elle quer é *arame*.

Aos domingos de tarde passeia na Estrada da Beira e á noite á porta do theatro pede a *senhasinha* a todos os espectadores, até que entra por lim.

Andam no goso — como elle diz no outro dia aos companheiros.

Escutando a leitura d'este perfil a minha servente com um olhar malicioso, um sorriso muito intencional, bateu-me de vagar no hombro, e ao meu ouvido: —que ain la vivia d'outra industria o engraixador. —E ella que o diz é porque o sabe.

SALAMANDRA

CÁ PELO BURGO

A' hora a que começo a rabis-car estas tiras de papel, que tenho diante de mim, um jorro de sol inunda atrevidamente o meu

desguarnecido e pobre quarto de estudante com pequena mezada, illuminando-o amplamente d'uma luz clara e alegre.

E' um sol como ha muito tempo por cá não apparece; tem andado envolvido em roupagens negras e espessas que lhe occultam o brilho; mas hoje afastou todos os envolucros que o occultavam, e mostrou-se nos em toda a expansão da sua magestade e opulencia.

Quiz ser amavel para com a humanidade e tambem para com o mez que agora principia.

E' hoje o primeiro de maio; no dia em que os leitores passarem a vista sobre o que eu agora escrevo, será já o dia tres.

Convinha agora fazer aqui um bocado de estylo sobre o mez de maio. Eu não estou com disposições para isso.

Na minha provincia, no dia 1 d'este mez formosissimo, ha um costume original — *tirar o maio*. Os rapazes da terra junctam-se de manhã, um d'elles cobre-se de giestas e flores, e percorrem assim as ruas da terra, gritando alto: *maio, maio*. Das janellas atiram-lhes confeitos, amendoas, dinheiro.

E' pittoresco. Não sei a origem d'este costume; nunca fui muito inclinado a procurar nas sombras do passado as origens dos costumes que ainda hoje se conservam.

E' provavel que aquillo venha dos arabes ou godos, se é que elles alguma vez habitaram aquellas paragens.

Mando isto para averiguações á paciencia do Senhor Theophilo Braga.

Coimbra no mesmo estado.

Houve aulas á quinta-feira, o que foi uma soberba espiga.

Na terça foi dia de gala. Um feriado que veio do ceu aos trambolhões. Manifestações de regosijo, as do costume: bandeiras na torre da Universidade e paços do concelho, repiques de sino ao meio dia, e iluminação á noite nos edificios mencionados. A respeito de foguetes, o municipio abanou a cabeça e disse que não estava para ver o dinheiro a arder, e a respeito de musica fez o mesmo movimento e—que já não vivia de cantigas, desde que as philarmonicas, por bufarem meia duzia de semi-fuzas por os canudos de metal, querem coiro e cabelo.

E' caso para se dizer com uma velha da minha terra, que por os mordomos de S. João não estarem para gastar dinheiro na festa do dito Santo, dizia altamente escamada: «Ha oitenta annos que sou gente e não me lembra coisa assim; todos os annos o Sr. S. João (tratava-o assim) tinha uma missinha cantada e fogo preso de vespera; mas este anno, nem um foguetinho nem uma gaitinha.

—No domingo houve festa em S. Justa e espectáculo no circo á noite, com o *Sancto Antonio*.

Um pires de arroz doce, aquelle *Sancto Antonio*. Pode-se vir de longe para ver aquillo.

Ha uma scena em que o frade crnzio préga ás turbas juncto á praia. O povinho em todo o caso faz-lhe o seu bocado de be-xiga e chama-o intrujão; o homem escama-se, e vira-se para o mar, exclamando:

—Vinde a mim habitantes do mar, já que os homens me cobrem de improperios.

Ora a peça manda que, á superficie das ondas appareçam uns peixes, a escutarem de olho arregalado, a predica de frei Antonio.

O mecanismo que faz apparecer os peixes são uns simples cordões por que se puxa no momento conveniente.

Mas d'esta vez o machinista do theatro ou antes o frei pregador estava com pouca sorte, porque logo que elle requisitou a presença dos habitantes do mar, elles deviam apparecer porque era da peça, e não appareceram á primeira.

Elle bem dizia vinde a mim habitantes do mar;—mas elles, *moita, carrasco!*

Em fim os cordões desempenraram e á terceira vez os habitantes do mar deitaram a cabeinha de fóra.

Um pires de arroz doce, aquelle *Sancto Antonio*; pode-se vir de longe...

SÁ RAIVA.

TRES CARTAS

No collegio das Orphãs era a Rosita distincta, muito estimada. Olhos castanhos num fundo azulado, labios vermelhos, a pelle rosada e fina, emfim inexcedivel no gracioso do gesto, conseguira ella no pequeno fardo dos quinze annos, quatro dos quaes passara alli, amontoar demasiada hypocrisia com que illudia as mestras, fazendo assim a inveja das companheiras, que no pouco franquez de collegiaes a appellidavam: *bijou des maitresses*.

Diabolica, a rapariga.

Com estas sympathias contara sempre para o seu projecto arriscado.—Se a descobrissem...

Uma noite clara, fervendo-lhe a alma num romanticismo creançola, e sorrindo á sua pose galante de trajos menores, levantou-se da cama, muito devagar, leve como um ladrão, tomando pelo dormitorio silencioso e extenso, depois ao longo do corredor, direita á janella do fundo, que dava para a rua.

Fóra, esperava-a o namorado—o Arthur, rapaz de dezoito annos, cabellos loiros, alto, nervoso e timido, que se armára até os dentes para aquella aventura.

—Se lhes parece... á primeira.

Patrulhas, passando, incommodavam-no seriamente, com passos vagarosos, d'uma monotonia grave.

—Poderiam perguntar-lhe que fazia alli, a deshoras, pedir-lhe explicações, prendel-o; e depois, que vergonha!

E collava-se á parede da casa fronteira, como quem tem medo, navalha aberta, de boas mollas, quasi occulta na manga esquerda do paletot verde-negro.

A lua, por um ceu d'estrellas limpidas, muito branca, ia ganhando o caminho tristonho da sua orbita, no apogeu d'um brilho melancholico, face cortada em

arco, fazendo lembrar as barcas do Mondego sobre as aguas tranquillias.

De repente, no vão escuro do corredor assomou o rosto delicioso da Rosita, que fazia alvejar, atravez a vidraça, as rendas da camisa bordada, toda nova e fresca, apetedendo.

Um leve aceno, erguida a janella a meio, pactuou entre os dois cavaco animado, em que espiraes de beijos, lançados nas pontas dos dedos, labios em bico, bocca a bocca, se enroscavam no fluido magnetico dos seus olhares.

Depois, promessas, juramentos, heroismos, planos de fuga—traços de romanees phantastica—soberbamente desenhados nas paginas febris dos livros do sr. Camillo.

Vieram as ferias. Aquelles amores haviam avolumado mutuos affectos, nas entrevistas nocturnas, passadas a gargarejo de phrases delicadas, da rua para a janella, até á vespera da partida de Rosa em que o tutor—um burguez serio, d'idade avancada, viera buscal-a para não mais voltar ao collegio,

E nas despedidas:

—Que a pequena casaria breve,—segredara o velho á directora, cofiando o seu bigode grisalho, esmeradamente tratado e limpo.

Como nas Orphãs, era Rozita a querida da aldeia. Amigas visitaram-na á chegada.

—Que estava uma mulher—affirmavam conscienciosas—vinha gorda, boas cores; tinham-lhe feito bem os ares da cidade, não havia duvida; e affogavam-na com beijos, soffregos de faces finas.

E logo o segredo do casamento foi trahido pela Amelia Costa, morena d'olhos negros, muito provocadores, que ha tempos desnudavam, desejosos, as carnes do brasileiro do Estrado—o escolhido para a pupilla.

A collegial achou confidente na Amelia; e ambas, no leito de pau rosa, cerrado a cortinas azues cretone-luxo, abraçadas languidamente e á vontade, troçavam o do Estrado, varias vezes:

—Que pança! Um homem que não trata senão de burros.

—E então lembraste? hontem quando fallava contigo no parque, não reparaste? desenhava com a bengala a cabeça d'um ginete...

—Que bruto, concluia a Rosita, e quer casar commigo, não quero, não quero.

—E a Costa reflectidamente: —Fazes bem menina, olha, escreve ao Arthur, que venha, elle ha de livrar-te...

Dois mezes depois, as duas amigas eram rivaes declaradas. Não se fallava n'outra cousa. Houve até uma scena de pugilato, em que a Amelia *apanhou*. Poucas vergonhas...

E num dia de Agosto, azul claro, sol esplendido, d'uma bondade grandiosa, o brasileiro e a orphã, a gosto do velho tutor balbuciavam o *sim* matrimonial sob a estola do cura que lhes sorria maliciosamente.

Arthur não fora esquecido; soube do caso e planeou um adulterio.

Ella dizia-lhe 'numa carta: «Podes vir, temos dinheiro. Meu marido, é um asno perfeito. Tua sempre...»

A casa dos noivos de apparencia rica, partia com jardins formosissimos, construidos a capricho, com ruas de ramagens frescas, tapetes de relva e espaldares de hera miuda.

E em quanto os criados resonavam no linho grosso dos lençoes, e o brasileiro percorria as Feiras Novas 'numa felicidade completa, Rosa e Arthur esmagavam um canteiro de violetas, corpos unidos peito a peito, doidos d'amôr e de luxuria...

Passado dias, entrava odo Estrado em casa, 'numa cadeirinha. Vinha muito doente: havia cahido d'um cavallo e partira um braço. O coração da esposa pulava então com força; sentia para o marido a gradação d'um odio immenso.—Se elle morresse...

E num tom canalha, de mulher baixa, escrevia ao amante:

—«Deves saber do acontecido. O homem está de cama. Levanta as pernas de maneira, que parece ter azougue na cabeça. Não admira, *pesa-lhe*...»

Esta carta produziu 'nelle más disposições: começou tambem de

abborrecer a amante.—Demais, já se rosnava muito na freguezia...

E respondendo, grosseiro como um soldado:

«Apparecerei cedo, vá lá!

Sempre quero ver esse alarve pinchar como um *fantoche inglez.*»

ANTONIO FOGAÇA.

CHRONICA DO PORTO

I

PAIZ DA TRIPA, 1 DE MAIO DE 1884.

Coimbra em Fralda, a garota, voltou, trazendo cada vez mais largo o decote da camisinha, onde ha alvuras de renda fina.

E com meiguices muito ter-

nas pede-nos uma chronica do Porto: — que queria saber o que se fazia no Paiz da Tripa, o que diziam os burguezes, que queria rir-se d'elles, da sua falta de ideias...

O chronista vê-se embaraçado, porque a chronica não se dá por aqui muito bem, não gosta de viver entre burguezes, temes...

Não obstante, ella quiz fazer a vontade á *pequena*, e mandarlhe-ha contar todas as semanas, as novidades cá do Burgo.

Dará conta do que se passar todas as manhãs á porta do Freitas e Azevedo, antigo *rendez-vous* dos cidadãos de Tuy, disputado hoje pelos *dilettanti* do nosso *grand-monde*; escreverá a historia dos cafés, onde os burguezes discutem negocio, os janotas as bellezas d'um cavallo que viram descer a rua de Sauto Antonio e a elegancia da Lola que pisa com mais distincção o *trottoir*...

Entrará ás noites nos theatros e achando-os vasio, irá ao Circo ver os cavallinhos, onde o publico admira com riso idiota um Tony Grice, pintado a carmim e alvaiade, que ministra a hilariedade aos burguezes em doses de sensaboria, e, de volta, irá pelo Suisso, assestando sempre o seu lorgnon sobre os escandalos, não esquecendo d'ir espreitar maliciosamente os pequenos gabinetes reservados, forrados a setim, onde ha grandes gastos de champagne frappé e camarões e onde se ouvem estalinhos de beijos muito chilreados...

Nos domingos, depois de ter ouvido a missa na Trindade, não faltará ás *matinées* do Palacio de Chrystal, para ver as meninas espartilhadas, que exhibem *toilettes* novas, trocam olhares ternos com os namoros e ao passarem por elles entregam cartas escriptas em papel côr de rosa, com corações pintados, atravessados por settas e cercados de disticos em francez.

Irá tambem ás *soirées* particulares, onde a alta *gomme* mostra o bem talhado das suas casacas e a falta de senso commum que a domina.

E quando vier o tempo dos banhos, quando se abrirem os salões das praias, flanárá ella por Mathozinhos e pela Foz não

deixando nunca o club de Cadouços, nem a assembleia do Passeio Alegre.

Tambem entrará nos centros politicos, mas disfarçada, para que a não conheçam; com o lenço de renda perfumado com agua de Lubin por causa do mau cheiro.

Santo Deus o que por lá não irá: eloquencia misturada com rapé, rhetorica com golles d'agua fria!

E de tudo o que vir ella escreverá uma carta á *pequena*, em bom vellino, para que ella seria, ria muito dos bons burguezes do nosso Paiz da Tripa,

Já vêem que promette, promette muito até.

G. DE NARIACK JUNIOR.

NO GELO

É como as flores do norte, que vegetam d'entre o gelo, este amor que me inspiraste p'ra tão depressa esquecer-o.

E no entanto o pobre estende, como as flores infelizes, sobre o gelo dos teus olhos as delicadas raizes!

Coimbra, 1884. MARIO GIL.

ESBOÇOS DE CRITICA

O NATURALISMO

I

(Continuado do n.º 5)

Um notavel escriptor, e atilado critico exprime-se assim: — «Se o ideal é a ideia concebida pelo artista em communhão com a natureza, fielmente observada e assimilada no que tem de mais essencial e relevante, seguramente esse ideal, que, na expressão de Taine, nos conduz «não a uma ode, mas a uma lei, realisa-o plenamente a formula «realista».

«A arte, invertendo no concreto o que é universal, incarna em uma forma esthetica o resultado d'uma observação fiel. Não aspira a corrigir a natureza, e a ensinar-lhe o que não soube fazer melhor; mas pode dar um desenvolvimento da mesma natureza pela antecipação do que virá a faser. É a sua

ALLEGROS

(A SANTOS MELLO)

Já cantam os pardaes no tremulo silvedo.
O vento mal agita os ramos do arvoredos...
D'aqui a pouco o sol reventará a flux,
N'uma larga explosão phantastica de luz!
As flores, entreabrindo as petalas vermelhas,
Esperam doidamente os beijos das abelhas...
A Natureza ri. Vestiu-se de mil côres,
Lançou por toda a parte alluviões de flores
E tapetou de relva os muros e os caminhos;
Depois, instrumentou a musica dos ninhos,
Sorriu alegremente, e prepara-se agora
Para comprimentar Sua Excellencia—a Aurora!

* * *

Que soberbo este ceu profundo e transparente!
Como se alarga o azul sincera, francamente!
Nada lhe vem manchar a ideal pureza...
—Olha p'ra baixo, vê. Batalha a Natureza
No meio d'esta vida e d'estes esplendores!
Ha perfumes no ar, e pelo campo flores...
Que soberbo vigor a Natureza esbanja,
Às horas em que o sol põe tintas de laranja
Na fimbria do horisonte, e doira as cumiadas!
Gosto de vêr, então, as arvores banhadas
De luz, erguendo aos ceus os formidaveis pulsos
Onde se ouvem tremer os canticos convulsos
Que solta a passarada em graciosa orgia...
Sinto não sei o que, quando rebenta o dia,
Opulento de luz e vida e primavera...
E rio-me de vêr a seriedade austera
Com que passam no campo os pachorrentos bois,
Entre a planicie em flor e a voz dos rouxinões,
No meio virginal d'esta alegria toda,
Lançando friamente o seu olhar em roda...
Vae chegar Sua Alteza—o Sol. Eil-o, rebenta;
Começa a levantar a palpebra sangrenta
Na franja do horisonte; e vae-se descobrindo:
Parece-me um vulcão que irrompe e vae abrindo
As entranhas da serra! Adoro esta alegria
Que palpita no campo, ao despontar do dia,
N'um ceu tranquillo e bom, por onde o sol desata
Jorros de fogo e oiro em longa catarata!

* * *

É por isso que, mal vem reventando a aurora,
Uberrima de luz, de vida e de pureza,
Salto do leito e vou, pelas campinas fóra,
Comprimentar, sorrindo, a mãe—a Natureza...

SIL VESTRE FALCÃO.

«evolução latente manifestada pela obra d'arte. (1)

Nada existe absoluto, immutavel; tudo se transforma e modifica, segundo uma lei fatal inevitavel.

O naturalismo, que na evolução da arte reflecte a phrase experimental da sciencia, não pode por isso aceitar um ideal absoluto, e por tanto irrealisavel.

A noção do bello, transcendente e absoluto da escola methaphysica não pode nunca servir de base á esthetica do realismo, que é essencialmente experimental, e consequentemente relativa.

O realismo inspira-se no estudo positivo das realidades vivas e palpitantes, na observação rigorosa da natureza e do ser humano.

A' galeria de typos, correctamente esculpturados na attitudo convencional, verdadeiros *marionettes*, agitados num simulacro de vida e paixão pela mão do artista; a essa exposição de creações imaginarias artificiaes, á gloria, á riqueza, ao movimento realiado pela escola romantica, contrapõe o naturalismo a serie de poderosos estudos, vibrantes de verdade e vida, irrecusaveis documentos humanos, lucidamente observados, nitidamente expostos pela pleiade gloriosa de artistas, que começa em Balzac, continua com Zola, e acaba com Eça Queiroz um escriptor notavel na moderno litteratura da Europa.

Não são heroes de marmore, estatuas primorosamente cinzeladas, d'uma correcção muda e fria; nem automatos, que se movem e gesticulam, segundo normas impostas pela phantasia caprichosa do artista.

São figuras humanas, verdadeiros homens de carne e osso: tem musculos e nervos, sangue e vida. São corações: olhos, que choram, labios, que riem e fallam, almas que amam e odeiam, como toda a gente pensa e canta soffre e gosa, odeia e ama. São vivos, e intelligentes, embalados na ondulação suave dos bons affectos, ou precipitados na agitação tempestuosa de paixões revoltas como a nature-

za os produziu; e vivem e actuam sociedade, sob o imperio das circunstancias complexas, organicas e exteriores, que lhes formam o character, e determinam a acção.

Todo o esforço da propaganda naturalista tem sido applicado e dirigido no sentido de estabelecer, e faser aceitar a verdade, como principio fundamental da arte, e a natureza, como a mais forte e fecunda inspiração do artista.

Num livro de critica, impetuoso, brilhante, e fortemente argumentado, affirma Zola que todas as velhas escolas litterarias acceitaram, como fundamento, o principio seguro, que a natureza era imperfeita, e tentaram corrigil-a; que a verdade era indigna e procuraram disfarçal-a.

Dahi' nesse carnaval permanente, a que temos assistido; variam os *toilettes*, mas continua a mascarada da natureza e da verdade, dirigida agora pelos classicos, e logo pelos romanticos.

Chegam emfim os naturalistas e dizem corajorosamente que a verdade é bella, principalmente no esplendor da sua nudez.

Foi o grito da revolução.

Certamente os naturalistas tem razão, quando affirmam, que a poesia está em tudo, mais ainda no presente e na realidade do que no passado, e na abstracção.

Todo o facto tem um aspecto de belleza e algum traço de poesia. Pôr em evidencia esse aspecto é o empenho da arte realista.

Que pretende pois o naturalismo?

Uma coisa apenas—bem simples de comprehender, e bem difficil de executar: substituir as creações emphaticas e rhetoricas da formula romantica pela singela verdade da figura humana, fielmente observada na faina quotidiana da sua vida social surprehendida e photographada no exercicio livre e despreoccupado da sua acticidade, sem pose nem artificio. Menos estllo e mais verdade; menos phantasia e mais observação.

Pode com verdade diser-se, que a formula realista não tem ideal, e reduz a arte a uma servil imitação da natureza?

Só o pode affirmar quem não tiver uma comprehensão bem nítida do novo dogma artistico.

J. SERRAS DA CONCEIÇÃO.

PUBLICAÇÕES

PROH PUDOR!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.

PREÇO 100
PELO CORREIO 110

CARLOS BRAGA

O PADRE HENRIQUE

DAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J. L. da Costa editor—Coimbra

PREÇO 400 réis

UNIVERSO ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Livraria Campos—Rua Augusta

LISBOA

A MOSCA

SEMANARIO ILLUSTRADO

Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS.—SEMESTRE,
500 RS.—ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO—20 réis

Correspondencia—dirigida ao administrador J. R. da Cruz.

Redacção e administração, rua do mirante n.º 9—Porto.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e acceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas. A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

ESPECTACULOS

THEATRO ACADEMICO

Quarta feira 7 de maio

RECITA DOS QUINTANISTAS

THEATRO DE LUIZ 1.º

Hoje sabbado 3 de maio

BENEFICIO

CASAR PARA MORRER, COMEDIA
EM 2 ACTOS

Uma praça da reserva

SCENA COMICA

CABELLEIRA DA MINHA MULHAR

Comedia em 1.º acto

THEATRO DE D. LUIZ

QUITA-FEIRA 8 DE MAIO

No Paiz das Arrufadas

REVISTA DO ANNO DE 1883

IMPRESA INDEPENDENCIA

14—Rua dos Coutinho—14

Nesta casa imprimem-se actualmente tres jornaes: *Imparcial*, *Coimbra em Fralda* e *Panorama Contemporaneo*, que era impresso na Imprensa da Universidade.

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Cotovello, n.º 2, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que mandaremos proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 6.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª —rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista.

BRAGA—Kiosque Gonçalves, VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida.

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª —largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos,

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

COIMBRA—IMPRESA INDEPENDENCIA

(1) Revista de Estudos Livres n.º 3.

Coimbra
Rua S. do Espírito Santo

PUBLICAÇÕES
Annunciam-se as obras acompanhando-se um exemplar recuado por fim de toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador.

quando a visita de som-
receiving-se um, recua, adel-
exemplar rece por fim
dade que a
compri-
de

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, SALAMANDRA

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre.. 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Adminis-
tração, rua do Coto-
vello, n.º 2.

NUMERO 7

COIMBRA, 40 DE MAIO DE 1884

2.ª SERIE

PAIZ DAS ARRUFADAS

9 DE MAIO

Já não foi cedo. O bom sol vivificador, veio como um excellento tonico fortalecer os pulmões da humanidade, e a seiva das plantas..

D'ahi longos passeios, campinas fóra, merendas frugaes á beira dos rios, na frescura das areias; e elles, os arvoredos, enramalhetando-se todos para agradecer a visita, muito reconhecidos, cheios de coquettismo nos aromas finos dos seus frasquinhos de petal-
las.

— *Ora vivam seus velhos* — disse-lhes hontem um melro, ao encaral-os, no meio de dois assobios garotos, quando as nuvens caíram como cortina-
dos abertos no fundo do hori-
zonte, deixando romper o sol, que mostrou repentinamente, como 'num quadro de magica, a boa natureza alegre e activa 'nestes tempos da sua maior tarefa productora. Fomos tambem deixar-lhe o nosso cartão cumprimentando sinceramente, com o espirito cheio de saudade.

A nossa visita era feita especialmente á arvore do ponto; uma velha amiga que ha dois seculos está para ahi a cobrir-se de flores, a sorrir de frescuras, quando reverdecem tambem esperanças, e alegrias em corações generosos como o d'ella.

Cada geração de bachareis que parte deixa nas paginas

do livro das suas recordações um pedaço que lhe dedica.

Quando o Maio apparece risonho e florido, a nossa velha veste o fato rico das suas verduras, enche de flores as ramadas, annuncia o fim do anno e o termo das aulas como diz a lenda academica com a sua auctoridade de largos annos, e a sua feição d'uma sympathia insinuante.

Bem vinda sejas, querida amiga; *Coimbra em Fralda* aperta-te a mão e espanca as saudades, que lhe atormentavam o espirito.

Mas nem tudo nos sorri esperando-nos com galas no fim do caminho. Emquanto no jardim as arvores abrem as flores para nos fazerem tapetes de petal-
las e coróas de folhodo, festejando a realisação das nossas esperanças; na camara dos deputados, que não é precisamente um jardim, o sr. D. José de Saldanha, que não é precisamente uma flor, tenta prolongar-nos a estrada, afastar-nos a meta. Uma rudeza a crueldade do illustre deputado, dizem as ignorantes.

— Quer S. Ex.^a 'num projecto que apresentou ao parlamento — que os bachareis em direito frequentem a cadeira d'agricultura na faculdade de philosophia!

Todos reconhecidos vimos trazer ao sr. D. José de Saldanha os nossos agradecimentos.

Na pratica da sua vida S. Ex.^a conheceu a falta que lhe

tem feito o estudo da agricultura, e d'ahi a sua falta de pericia na cultura da batata nacional. . .

Beijamos-lhes as mãos, ex.^{mo} sr. . .

SALAMANDRA

O PORTO DECADENTE

(Notas da Invicta)

Querida devassa:—Ao longo das campinas a natureza entoa o grande festival da primavera: ha saude: e ha côr; as varzeas embalsamam-se, a alvorada sorri, nas folhas tremulas das urzes as gottas de orvalho têm tons prismaticos, o sol põe sobre os campos um manto tepido de luz, e ao longe, as florestas, como leões indomitos, sacodem ao ar a densa juba verde dos seus ramos.

Meu Deus! como isto alegre! Como isto revigora!

Por estes primeiros dias azues de primavera, minha deliciosa pequena, deves estar provocante. A tua carne alvissima, onde a intumescencia leve das veias serpenteia como uma revelação de saude, deve cheirar espantosamente bem, e deve ter a frescura das ultimas camelias brancas que principiam a murchar, e a terna delicadeza das flores do campo, que desabrocham agora ao ar oxigenado e puro. Adoraval *mignone*, depois da ausencia que tiveste e durante a qual andaste entregue talvez a alguma bucolica pueril, cré que é uma loucura ver-te sobre a minha meza de trabalho, sentada petulantemente sobre a *Nana*, as tuas grossas pernas bamboleando, e os teus braços nus

e fortes, promettedores de mil delicias quentes, á roda do meu pescoço, enquanto o teu seiosinho palpita, peccador e casto... Mas tu olhas-me de um modo novo, e se eu não conhecesse as boas notas do teu *livro*, eu diria que com esse sorriso que é um abysmo, e com esses olhos, que se defazem como *bonbons* de neve, que me querias pregar alguma. Eu bem sei o que tu queres, travessa, vens pedir-me uma chronica do Porto, e—ai!—por este tempo de calvicie intellectual e de bigodes pintados, nem eu sei o que será de mim! Nosso Senhor da rua dos Caldeireiros, Virgem Santissima das Congostas!

* * *

Chronica! Nem tu sabes que desalento atroz escorre pela minha penna; cada palavra é escripta com o fel da amargura, e é mais duro procurar duas ideias que pizar o frio camiubo tenebroso do Calvario. Se tu conhecesses a longa apathia que se estende sobre este velho burgo desde o Bomfim até á Foz, e desde a Ribeira até Paranhos, tu que te reclinias nas quenturas de molles ottomanas, que matas o tempo que tens de vago entre o ultimo beijo de um bacharel e a primeira ternura de um collegial indomito, olhando para as doces pastagens do Mondego e para as sombras do Choupal—pagarias este penoso trabalho com a mais rica das tuas delicias, uma d'aquellas que tu guardas escondida no cofre cinzelado dos teus prazeres.

Depois que foi embora o Castanet, depois que deixou de ser moda olhar para o ar á procura de balões, o-ceu de sensaboria

que pende sobre esta cidade deixou cair a chuva fina da hypochondria. Estamos molhados até aos ossos. E se não fosse duas bellas mulheres que neste momento arrancam lyrismos aos jornalistas baratos e fazem pulsar de antigo amor o coração dos burguezes, a chronica teria apenas a registar o fallecimento de um brasileiro rico e de um cão morto pelo bolo municipal. Essas mulheres são, querida amiga, duas esplendidas pequenas, verdadeiramente gregas pela correção de formas: Katarinodar, e Olga, e suprema ironia são equilibristas.

Fôra d'isto a mesma vida intellectual e a mesma vida das ruas; nem mais uma *cocotte* nem mais um poeta. O cair das tardes que é aqui tão especial, tem o mesmo aspecto de ha muito: os mesmos typos pelas ruas; ás portas dos caffè os *desoenvrés* habituaes. Pela rua de Santo Antonio acima, ao accender das *montres*, costureiras sobem, das Ferrins e da Carolina, chilriando muito, risinhos abafados e um cheiro a alfazema das saias sujas de suor; então na subida vagarosa param defronte das joias do Montinho e deante da reverberação dos topasios e da embriaguez das opalas que desmaiam, sentem nojo pelos amantes pelintras, e nutrem desejos de brasileiros endinheirados, capazes de prodigalidades e de perdidos exóticos... Então no meio d'aquella *cohue* de multidão doente, das escadas do Principe Real sahem gritos afflictivos do realejo do Ramiro, das figuras de cera, emquanto sob as bandeiras de chita e os cartazes mirabulantes, um paria distribue prospectos e vae dizendo, baixo, a voz avinhada, tresandando o cigarro brejeiro:—Ha gabinete reservado para homens, cousa chic...

Mais acima, á Batalha, grupos de politicos somnolentos á porta da Agua d'Ouro, e sob as australias do largo, pontas luminosas de charutos, emquanto que para os lados da Sé guitarras de fadistas choramingam, e J'aquelle negro abysmo de vielas vem um cheiro aziomado de fritangandas baratas e barulho de cantigas canalhas, um vago ruido de bairro prostituido e porco. Descendo á Praça Nova alguns perfis qu'ridos; em fren-

te ao Suisso o busto de Emygdio de Oliveira, sereno e forte.

Lopes Teixeira que devaneia á porta do Camanho, e alguns *blagueurs* conhecidos. A's vezes, vê-se discutindo a face alegre do Padre Brandão, e Joaquim de Araujo passa apressado, como um illuminado, com o seu volume de jornaes, e alguma novidade litteraria. Depois então é Xavier Pinheiro, esguio no seu *ulster* inglez ao lado de Antonio Nobre, um moço talentoso, perfil vago de arabe abstrato, que caminha para o mundo das chimeras...

Então a tarde cahe. O Suisso enche-se de gente: joga-se dominó e falla-se em conquistas. No Lisbonense apparece o typo do estudante pandego, do litterato, e alguns artistas novos.

* * *

Uma noticia triste. Eduardo Coimbra poeta, gentilissimo espirito, e um dos melhores talentos que apparecem, está perigosamente enfermo. Esta noticia triste coincide fatalmente com a nova da breve apparição do seu livro *Dispersos*, prompto de impressão. Ante a natureza que se enflora, e da sua brilhante estreia litteraria o seu coração joven e bom parece mergulhar nos crepusculares da dôr.

Elle está luctando com a morte, em S. Roque da Lameira, um pequeno trecho de paizagem rude, a dous passos das barreiras.

Elle amava tanto a natureza, que é impossivel que ella não dê n'um d'aquelles seus enormes beijos castos, um sopro de vida ao corpo do poeta, desolado e triste!

JOÃO DATROÇA.

NA LUSA...

Uma semana cheia como um ovo!

Logo no primeiro dia por uma manhã d'inverno, quando a chuva cabia miudinha mettendose no fato traiçoeiramente, e o vento nos assobiava aos ouvidos pondo frieiras nos respectivos pavilhões, atravessava a minha rua uma boa velha de cabelleira postiça, vestidos de seda antiga, ventre alto, cabellinhos na ven-

ta e respectivo beijo, perge não do pelo viseu sem-cerimoniosos que encontrava...

O viseu era simples, lyceu onde a boa velha tineto a fazer exame primario.

Os exames, que trouxeram a pobre velhita, arrastaram tambem até aqui uma rica... uma riquissima colleção de mestres escôlas com as casacas habituaes de cores esverdeadas, abas compridas, faltas de botões; e meninos anemicos sem vigor nem sciencia provando evidentemente a pobreza do sangue das nossas gerações e a falta de saber dos nossos mestres.

Depois d'elles os procuradores á junta—velhos bachareis de sobrecasaca preta, calça com o vinco da dobra antiga, altura de chapéu de seda, o seu discurso no calor da sessão, o seu beef no caminho de ferro e á tarde passeios pelo caes—muito transformado, muito outro—como elles diziam aos estudantes patricios que os acompanhavam. E depois regateios teimosos nas compras das arrufadas—para a sua serva de Deus que recommendou muito a lembrança á porta da rua, no fim do ultimo abraço.

E sorvendo pitadas, parando depois de 4 passos, no meio do grupo dos patricios, vão informando como era a cidade nos seus tempos.

Aqui ficava uma loja de sapateiro, alem um botequim, e fazendo-se estroinas, fingindo-se extravagantes—que boas pandegas n'aquella casa com as cachopas...

* * *

Mas isto não é tudo, o ultimo successo guardava-t'o eu, amavel leitora, (sim porque só uma grande amabilidade me pode dar leitoras) para o fim, como um bom bocado que se gosta de saborear no ultimo logar... A festa do anniversario da entrada dos liberaes na pacata Lusa. Uma festa digna d'elles, que merece os elogios dos da nova idéa e os odios de nós outros, bons pacatos que gostamos já de enfiar o barretinho d'algodão ás 10 da noite e fazer a primeira lavagem ás 9 da manhã quando o sol nos entra pela janella muito á vontade como um amigo intimo, que se trata sem cerimonia.

E temos para a festa a indignação da nossa colera porque

THEATRO que ella enthusiasma... r Martins de Carva...
Hoje sabbado dos lençoes, roudelicias d'um somno
BEN pela bocca dos seus

CASAR P... sos morteiros de dyna... e outras materias de diabolica explosão. Mas serio, serio, V. Ex.^a, Senhora Policia, que prohibe aos trovadores cantos suaves, que fazem assomar aos balcões as damas em camisa, porque não prohibe a bomba e o zabumba patriotico?

Que mal fizemos nós a Deus para aturar o hymno da Carta?

V. Ex.^a de certo o explicará pelos processos de theorias extravagantes muito conhecidos de nós outros, que nos vamos propor á tarefa d'um estudo sobre a preciosa existencia de V. Ex.^a Á noite festa menos incommoda, coisa mais agradável—quatro decilitros d'azeite alimentando em toda a cidade a luminaria do enthusiasmo indigena!

Ágora digam que a semana não foi cheia como um ovo...

SALAMANDRA.

MORBIDEZZA

(RASCUNHOS)

A janella do meu quarto rasga para uma rua larga e silenciosa; em frente uma correnteza de predios expõe alegrias burguezas na caiação nitida das casas.

E' cedo ainda. O sol vae subindo lentamente na sua estrada elliptica; para toda a parte projecta em ondas esfericas raios de luz morna e frouxa.

Correm pelo ceu farrapos dispersos de nuvens lacteas, lembrando flocos de algodão em rama; nos intervallos d'estas veem-se aguadas levemente cêrulas.

Por detraz dos telhados, para a banda norte da rua, esbate-se no firmamento uma espessa nodoa esmeraldina: são arvores do Choupal; mais ao longe no ultimo plano, sobrepujando os salgueiros, eleva-se em pyramide de larga base uma montanha côr de cinza desmaiada.

Na rua passa pouca gente. E o sol vae subindo lentamente na sua estrada.

A sua luz é agora potente, energica, febricitante. Os raios atiram-se com furia endiabrada pelo espaço fóra. Alguns incidem verticaes, de chofre, sobre o pa-

vimento da rua, occupando-a victoriosamente: uma tira de sombra que ao lado lhe acompanhava um dos passeios, recua, adelgaça-se e desaparece por fim absorvida na claridade que a persegue implacavel; o comprido rectangulo de toda a rua doirada, reluzente, brilho como aquelles grandes escudos dos heroes de Homero, feitos de ricas gemmas.

Outros encontrando as paredes das casas que lhes resistem na sua tranquillidade ironica, reflectem-se, raivosos, fugindo para a athmosphera, onde poêm uma fulguração viva em cada atomo, uma iriação em cada particula.

Atravez do ether os jactos luminosos actuum com a maxima pujança, galhardamente; dissolvem as pequenas nuvens esbranquiçadas e tingem a abobada celeste por um azul de Prussia carregado e forte.

O calor abraza e suffoca. As frontarias pallidas dos edificios gottejam suor.

A rua é um deserto. A passada não chilrêa no arvoredos; recolhe-se na ramagem muito dentro, á cata da frescura e do amor

Nem uma folha d'arvore oscilla; apenas moscas—azas em vibração—, desenham no ar curvas emmaranhadas.

Chegam-me aos ouvidos as notas insipidas d'uma escala solfejada em piano preguiçoso.

A natureza dormita somnolenta.

Entretanto o sol—o incansavel deus—continua subindo lentamente na sua estrada elliptica.

Coimbra

JOSÉ JULIO FORBES

CAMAROTE

Na vida academica a praxe é tudo, e então respeita-se como uma lenda sagrada, guarda-se como uma lei inviolavel. Ha canelão porque manda a praxe, o lente não chama no 1.º dia porque manda a praxe, e até se apanha de vez em quando um r porque manda a praxe...

E' a praxe sempre, e é a praxe ainda que manda as gerações de bachareis despedirem-se de Coimbra dando uma recita no Theatro Academico. Encantadoras essas festas. Têm o ar sympathico d'uma despedida de familia, e a alegria sincera d'uma ultima estroiuice. Foi na quarta

feira a dos nossos contemporaneos. O theatro estava embalsado dos aromas de flores, que cercavam as pastas ricas de bordados finos—recordações intimas de pessoas queridas; nos camarotes caras sympathicas de boas mães sorrindo satisfeitas, dando á festa uma característica familiar, toda attrahente; nas galerias a nota completa d'este bom meio—serventes e engommadeiras rindo á larga das graças dos senhores doutores; no palco scenas boas, com *verve*, actores muito á vontade, actrizes elegantes, sem carmim nas faces nem algodão nas formas.

Compôz a peça Anthero Garcia, um bello rapaz cheio de intelligencia; a musica de Alfredo de Castro magnifica, e de certo teria sobresaído muito mais se os coros tivessem maior numero d'ensaios e se a distribuição dos papeis fosse outra.

Os applausos não faltaram, as chamadas foram repetidas aos auctores, e ensaiador—Alexandre Silva—um competente em assumptos scenicos. Recitaram poesias, Eduardo Araujo, Antonio Horta, Anthero Garcia.

Em resumo—uma d'essas esplendidas festas que levam sempre a saudade ao coração dos que se foram, e um desejo ardente aos que anceiam por partir.

Theatro de D. Luiz 1.º No sabado um grupo de rapazes artistas levaram á scena em beneficio d'um outro, que a doença arruina, duas bellas comedias cheias de graça e com um magnifico desempenho—Uma d'ellas tinha sido ha tempos assassinada n'aquelle mesmo palco por outra gente.

—Maria Costa, uma das primeiras curiosas dos theatros da Lusa disse bem e piza muito á vontade o palco que vae conhecendo. Santos e Ramalhetes têm os seus creditos feitos, e para o augmento d'elles concorreram poderosamente n'essa noite.

Alexandre Silva esplendido na sua scena comica.

Resta-nos fallar de Luiz Cardoso um sympathico trabalhador que n'aquella noite debutava. Manifestou por mais esta maneira a sua intelligencia.

Temos por este rapaz um profundo respeito, uma das nossas

maiores sympathias, bastava para isso a sua insinuante figura, se não soubessemos tambem que elle é o redactor, compositor e cremos que até impressor da *Officina*, um semanario que se sustenta na imprensa muito dignamente na defesa da classe operaria sem rhetoricas velhas, sem declamações balofas.

Na sexta feira recita pela So-

cidade Ensaio Dramaticos— a mesma coisa; no palco o Doria muito bem; nos camarotes as mesmas velhas dormindo e roendo rebuçados; os mesmos bebês pedindo agua e interrompendo o Gil Blaz... *Safardana*... com as choradeiras d'uma rabugem de dentes que vão furando...

SALAMANDRA.

ALLEGROS

SOB O AZUL

(A SANTOS MELLO)

Emquanto os brilhos do dia ferem a sombra dos prados, toando a velha harmonia dos vegetaes balouçados;

e o Sol, erguendo o seu braço, como um titan, por'hi fóra, dirige em meio do espaço as committivas da Aurora;

— na Vida, uns tons de surpresa, correndo as almas famintas... vão enterrando a molleza sobre saudades extinctas.

*
* *

Da luz ás notas primeiras, a carne então se renova; resaltam frescas roseiras dos oito palmos da cova.

E a Mente—um enthusiasmo immerso num sonho aereo—, chega a perder-se no spasma dos esplendores do Mysterio!...

Coimbra.

ANTONIO FOGAÇA.

A NOITE DO NOIVADO

Sabia-se que a Augusta alimentava relações intimas com o Soveral e que na ausencia d'este o caixeiro da esquina entrava escondidamente em casa da pequena, a levar-lhe mantas de seda que furtava ao patrão, laços d'uma enorme garridice, que ella pregava no chale, quando sahia.

A vizinhança commentando o caso:—Que não tinha sido mau o comportamento da pequena até aos quinze annos; que a mãe não lhe dava largas, mas que depois

que ella lhe morreu, sem deixar quem a substituísse, começou a namorar descaradamente uns e outros, a fazer escandalo.—E concluindo, gestos de escarneo: —Viu-se ás soltas...a estouvada... Que exemplos, que exemplos para nossas filhas!

*
* *

O Soveral não podia com grandes despesas. O ordenado de amanuense mal chegava para as pandegas; e então ceias de dezoito vintens no Godinho; de vez em quando um passeio de barco á Lapa, onde despejavam duas ou tres garrafas de vinho do

Olaio, por cima de meia duzia de sardinhas, fritas em casa, que ella levava cuidadosamente embrulhadas, e que sabiam muito bem 'naquelle sitio pittoresco; e alem d'isto um logar de geral, no circo, quando a recita era dos curiosos.

Ella principiava sentir-se aborrecida de tudo isto, e a tornar-se ambiciosa. Desejava muito mais. Queria salões adornados com objectos raros, que produzissem deslumbramentos nas pessoas que a visitassem; vestir-se á grande e mostrar nos enfeites joias caras, de modo que todos a olhassem 'numa incomparavel admiração; e depois... carroagem estofada de setim branco, puxada por vigorosos cavallos bem pretos, para contrastar com a côr dos estofos; dar na vista. Iria mostrar-se por essas ruas, sitios concorridos, fazer *ferro ás mais*...

E um titulo? Ah! Um titulo sempre era uma honra. Que bom se casasse com um visconde! Como havia de ufanar-se quando nos passeios, ao vê-la passar n'uma altivez arrogante, dissessem:

—A viscondessa... de tal.

Que zanga para as amigas!

E muito contente de si:

—Que se tinham visto cousas mais difficeis; que não era muito para admirar que chegasse áquelle luxo.

E citava o exemplo d'uma actriz que em Lisboa casara com um *grande personagem*.

*

**

Como o Soveral não podia gastar muito, ella pensou:

—Que ia mudar de terra, mandar o Soveral ao diabo, o caixeiro e as mantas furtadas...

E mudou-se, abandonando a pelintrace dos dois...

Uma vez na sua nova casa, em terra onde não era conhecida, poz-se á janella com todos os seus enfeites baratos, e começou a indagar da vida dos rapazes que passavam; queria procurar fortuna.

O Pimenta gostou d'ella e deitou-lhe namoro, sem inquerir do seu modo de viver, desconhecendo completamente o meio vicioso que a tinha produzido.

Homem de quarenta annos, que passava por muito rico e

muito asno; grandes desejos de casar, mas ainda não tinha encontrado noiva, porque o apontavam como debochado, frequentador de lupanares e com muito gosto para variar...

Gostava de variar, o tratante!

—Costumes pessimos— diziam, quando se tratava d'elle.

A Augusta lembrou-se de que este homem podia satisfazer-lhe as ambições, e correspondeu. Desde então o namoro tornou-se escandaloso. Rapazes passavam fazendo troça do Pimenta; e mulheres, fingindo vergonha:

Que descaramento...

Fallar assim para a janella!

**

Dois mezes de namoro e fez-se o casamento.

Ah! a noite do noivado! Um logro para o Pimenta.

Uma bella partida, como se dizia no outro dia nos cavacos dos cafés.

**

Mais tarde, quando sabia noticia do casamento d'algum seu amigo, o Pimenta dizia 'numa grande desconsolação:

—Ah! a noite do noivado!...

G. M.

CARTEIRA

Os magnificos artigos de critica do nosso collaborador Serras da Conceição foram victimas das maiores diabruras typographicas. Perdeu-se o original e a revisão foi incompleta.

Vamos fazer-lhes uma nova publicação. Que o seu auctor nos desculpe como nós temos de desculpar o revisor.

Chronica do Porto que hoje publicamos é d'um elegante estilista, escriptor bem conhecido n'aquella cidade. Em nome dos nossos assignantes um aperto de mão ao João Datroça.

PUBLICAÇÕES

UNIVERSO ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Livraria Campos—Rua Augusta

LISBOA

CARLOS BRAGA

O PADRE HENRIQUE

DAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J.L. da Costa, editor—Coimbra

PREÇO..... 400 réis

CRYSTALISAÇÕES

DA

MORTE

POR

Eugenio de Castro

A' venda em todas as livrarias.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14—Rua dos Coutinho—14

Nesta casa imprimem-se actualmente tres jornaes: *Imparcial*, *Coimbra em Fralda* e *Panorama Contemporaneo*, que era impresso na Imprensa da Universidade.

PROH PUDORI!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.

PREÇO..... 100

PELO CORREIO..... 110

Sabe na proxima semana.

A MOSCA

SEMANARIO ILLUSTRADO

Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS.—SEMESTRE, 500 RS.—ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO—20 réis

Correspondencia—dirigida ao administrador J. R. da Cruz.

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9—Porto.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e acerto todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, re-latorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

ESPECTACULOS

THEATRO ACADEMICO

Hoje 10 de maio

COUSAS E LOUSAS

POR

Anthero Garcia

Musica d'A. Castro

(RECITA DO 5.º ANNO)

THEATRO DE D. LAIZ

DOMINGO 11 DE MAIO

No Paiz das Arrufadas

REVISTA DO ANNO DE 1883

POR

Solano d'Abreu

Mise-en-scene de Adelino Veiga.

MUSICA

POR

Augusto Paes

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Cotovello, n.º 2, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que mandaremos proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 7.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio. Livraria Campos & C.ª—rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista e na agencia de jornaes do Sr. Antonio Maria Almeida.

BRAGA—Kiosque Gonçalves.

VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida.

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª—largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

PORTO—Kiosque da Praça de D. Pedro.

COIMBRA—IMPRESA INDEPENDENCIA

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras recebendo-se um exemplar

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador.

COIMBRA EM FRA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, ALAMANDRA

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre... 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Administração, rua do Cotovello, n.º 2.

deses
de alguma
lor, não admira
seja uma deusa.
ndouras porém
manidade esti-
as grandes
trabalho

lu
ctac
Paiz
D. Lu
Prat
e na

NUMERO 8

COIMBRA, 25 DE MAIO DE 1884

2.ª SERIE

EXPEDIENTE

Pede-se aos senhores assignantes, que tencionam sair de Coimbra, a fineza de declararem a direcção que se deve dar ao jornal.

PAIZ DAS ARRUPADAS

25 DE MAIO

CHRONICA

Na soberba pureza do azul nem uma nuvem... Um deboche d'azul, como diria Zola—o glorioso! Luz por toda a parte. A natureza em festa sorrindo amplamente, ao cimo das flôres e da relva. Ondas potentes de vida sobem, 'nesta hora adoravel da manhã, pela ramaria virente das florestas, inundando-a de seiva, em quanto as aves espreguiçam as azas da somnolencia d'uma noite e o sol principia a entoar no alto o seu primeiro canto de gloria...

Triumphal em tudo, a primavera.

Ella tinha andado arredia de nós; fugira não sei para onde—talvez para um paiz longinquo em que a brutalidade fosse menos violenta e o homem fosse mais generoso.

Os noticiaristas fizeram côro; desmancharam a sua attitude de animaes inoffensivos, e 'numa suprema aspiração de triumpho muniram-se de injurias e nomes feios, para lh'os atirar quando voltasse— a desvergonhada! Pois ha de um poeta preparar os seus alexandrinos mais opulentos, vestil-os de côr e de perfume, burilar a arabescos de phantasia as redondilhas mais graciosas, á

espera que a sua namorada chegue, e quando os clarins a annunciam, quando em toda a linha se ouvem os primeiros canticos de victoria, ella fugir voar para longe, sem ao meuos lhe dizer *eu volto breve*. sem lhe lançar um largo sorriso prommetedor de beijos, de muitos beijos?...

Supremo desespero!

E a primavera soffreu olympicamente as injurias dos prosadores e as raivas concentradas dos lyricos.

Sobre a sua pequenina figura de fada foram poisar bandos d'ironias, penetrantes como farpas e brilhantes como um punhal de prata.

Mas ella vingou-se, e vingou-se bem.

'Numa das ultimas alvoradas, appareceu largamente no cén, illuminando as coisas e dando ás arvores *douches* de sol e de grandeza... Com grinaldas de rosas, encheu os campos de sons e aromas, verteu pelos ninhos pipillações d'um infinito amor; subiu pelos galhos dos pinheiros a entornar-lhes verde pelos braços, rimando versos encantadores por sobre os vallados, e dirigindo, como um maestro sublime, as variações que os reuxinoes executam nos delicados violinos das gargantas...

E é assim que, ao saudar mos como rapazes agradecidos, estes bellos dias de maio, risonhos e claros, nos vara d'espanto todo este sagrado esplendor que inundou a terra—plantas que se erguiam a Deus pedindo-lhe beijos de luz, e animaes que viviam ignorados no fundo escuro das cavernas! Ficamos quedos deante d'este magnifico terrôr; e em nossa alma phantasia e scis-

madora passam, num galope d'assombros, regiões selvagens, cheias de sombras e de melros vibrantes de bohemia e de paixão...

Pois não é verdade — meus queridos heroes das cançonetas da alegria—que a natureza é uma grande coisa e a primavera um soberbo poema?

*
* *

'Nesta hora adoravel da manhã, em que toda a paisagem começa a definir os contornos e a aclarar-se, a minha visinha—uma loirita impecavel a quem a mãe trocou ha dias pela generosidade uberrina das vastas applidões—solta atravez da janella, aberta para o largo, pequenos triados d'ave ferida, repassados d'uma vaga tristeza melancholica...

E vem-me á lembrança, nitida e perfeita—como isto custa! —a dor que 'neste momento apunhala o coração d'um synpathico rapaz, atacado em plena juventude e na soberba pujança do seu valente espirito!

Meu grande amigo, a vida é para os fortes; para a atravessar honestamente, no meio d'esta decadencia que tudo avassala, precisa a gente de valôr, de muito valôr. Sê tu forte tambem.

No subir da montanha ha muito silvedo a rasgar-nos os pés e muito espinho a ulcerar-nos as feridas que recebemos em pleno peito, quando a Aurora nos sorria mais branca, e a aspiração subia mais no alto. Mas ao dominar o desfiladeiro, é larga a paisagem e são ridentes d'amor os horizontes anciados...

Ó alma irmã das violetas—o teu nome é um thesouro—cora-

gem! E' dos ousados e dos valentes que saem os heroes. E são esses os apaixonados do futuro...

SANTOS MELLO.

O PORTO DECADENTE

(Notas da Invicta)

Santo Antonio abaixo, á noite, pelos passeios inundados do gaz pelintra das *montres*, evola-se um perfume brando de *Jockey-Club*, e alguns palmositos de caras delicadas passam, afogadas nas suas toucas de rendas e nas suas mantas de malha macias. No alto estrellas tremem. O ceu escuro, sem aquella carecteristica facada da lua, estende-se pesado como um mysterio. Lá no fundo á roda da Praça nova, pontos luminosos das laternas dos trens, e por aquella calçada inanerravel dos Clerigos dous renques miudos de candieiros sobem como uma illuminação de copinhos.

Pregões conhecidos cruzam o ruido surdo da noite: *é a Folha Nova! Quem quer a Justiça, hoje é que ella vem escamada!*

E entre a multidão besta dos codias vomitando brôa e obesenidades, atravessam *toilettes* claras, vultos graciosos de mulheres, o braço dado a sobretudo compridos que deixam por onde cortam a fumarada azul e deliciosamente aromatica de um bom *havano*...

Então por aquelle espantoso abysmo das escadas do Principe Real, illuminadas por lanternas de petroleu, e prenhe de bandeiras baratas e de cartazes insondaveis de barbarismos, ou do Sá da Bandeira assiste-se ao *defilé* do nosso mundo artista.

Ha muita vida a estas horas da noute, em que a bohemia principia a exposição nocturna dos seus casacos safados e a p... e tituição sabe como uma eral, peira, dos seus bêccos sa dos para a claridade rosada das praças e das ruas. Fse aborvimento diario, que tornar-se verdadeiramente um acontecimento na velha cidade das tripas, pôde dizer-se inspirado pela soberba companhia dramatica de D. Maria II. E ao passo que em horas abrazadas de calma, os cartazes annunciam o sol claro das manhãs. *Os Rantzau, o senhor Ministro, as Nadadoras*, entra-se no *Camanho* toma-se uma cerveja, e a bengala cruzada sobre a perna, o chapéu pouzado sobre o marmore das mesas, e o olhar perdido no mosaico da Praça, espera-se com uma grande anciedade pela noute, que nos ha de trazer as dôces delicias de um beijo da nossa amante, e o enleio de ouvir o Brazão e a Rosa.

* * *

Entre papeis velhos e cheios de pó encontrei ha dias uma pequenina carta, escripta em papel rosa, e perfumada d'aquella essencia rara e enfadonha que é peculiar e certas mulheres *coquettes*.

A lettra d'esta carta é tremida e phantastica; ondeia suavemente a capricho, ao mesmo tempo que é acanhada. O estylo meos caro é soberbo, e não pôde haver photographia mais perfeita do caracter infantil e bom d'aquella mulher que m'a escreveu. Que os leitores perdõem a revelação d'este segredo. No entanto a leitura d'esta pequena obra prima orvalha ainda a nossa alma das lagrimas mais puras á lembrança d'aquelle coraçãozinho casto onde a flôr do vicio apascentou negra e profunda — coração que eu tanta amei!

Eis a carta.

«Meu * * *

«Vaes hoje ao theatro?

Queria que se possesses, vieses primeiro vêr-me. Sinto saudades tuas.

O meu coração presente a aproximação do tumulo, e julgo mesmo sentir que me estão amortalhando já.

E' tão triste morrer assim

nova e quando o tempo está tão lindo!

tavô medico diz que isto não tador de... mas eu bem sei como gosto parãne vai inundando.

Gostava de vsou tão tua amiga — Costumevas d'aquellas caziam, quando is que eu adoro.

A Augus' dias que não saio do este horãem que recebo ninãe an.

Para que me abandonas, e para que me escrevestes assim? não tens pena da tua amantessinha má, da tua escrava, da tua *gatinha* como tu me chamas? Vê que me fazem mal as tuas palavras: só tu me comprehendes, e julgas que não saberei reconhecer a tua dedicação amiga? Sou uma mulher perdida, mas para que sirvo? conheço que fizeste mal em me despertar o amor que estava morto dentro em mim, e não poder deixar-te, por seres a unica mão segura na noute escura da minha vida!

Adeus. Vem sim?

Olha traze as flôres. Estou muito fraca mas.....

Vou tomar o remedio, mais para te satisfazer do que com confiança n'elle.

Sempre tua.

*

P. S. Traze o teu retrato novo.

Quero combinar contigo um caixilho que vou fazer a lãs, mas quero primeiro que escolhas as côres.

Cada vez mais louca.

* *

Faz agora um anno que isto foi Aquella natureza incomprehensivel, que tinha tanto de creança como de divino, e de que ainda hoje conservo as suas flores, os seus anneis, as suas cartas e uma trança do seu cabello, dorme hoje no cemiterio. em um lohar marcado por uma simples cruz negra de louza, onde de vez em quando uma mão desconhecida vae pendurar um ramo de camelias ou de rosas...

* * *

Depois d'este pequeno incidente, desafogo do nosso espirito triste, cumpre dar a noticia grata de algumas novidades litterarias. A primavera, digam lá o que disserem, e mesmo que esteja pros-

tituida pelos poetas lyricos, é uma grande cousa.

Ella borda na talagarça luminosa do ceu o azul mais doce esmalta de verde as estensas pozadarias, e faz soltar por entre os pampanos floridos e os castanheiros densos—a orchestra da passarada jovial e amorosa.

Ao mesmo tempo que ella refresca de tons limpos a natureza, tem a extrema amabilidade de guarnecer as vitrines dos livheiros de alguns livros novos, e de fazer espalhar pelo seu correio confidente—o zephiro—o boato de que algumas publicações apparecerão em breve. Todas essas publicações como era natural, são volumes de versos, e não são mais que notas que fazem parte do grande concerto da natureza.

E' assim que entre esta revelação de vida, sahio como um echo da flauta de Pan—*As Odes e Canções*, do espirito lucidissimo e eminentemente artista de Luiz de Magalhães. E' certamente um dos successos litterarios modernos.

Xavier de Carvalho, o brilhante chronista do *Diario Nacional*, e um dos poetas mais originaes, que temos hoje, dá a ultima de mão à *Epopoia Humana* Xavier de Carvalho é entre os novos um nome querido e um talento festejado, felizmente, por prosperioridades.

O seu livro francamente revolucionario ha de ser uma estreia ruidosa.

Eduardo Coimbra tem de apresentar por estes dias os seus *Dispersos*, outra estreia a quem agouramos uma verdadeira ovação. Do seu bello livro já conhecemos alguns trechos, e a poesia lyrica verteu alli, as suas perolas mais finas, e os seus crystaes mais puros.

Uma phisionomia sympathica que tambem annuncia para em pouco a sua estreia:

Antonio Nobre. E' um dos talentos mais sinceros, e no seu livro reunirá decerto as pétalas mais mimosas da sua alma de artista.

Bernardo Lucas, que pertence litterariamente ao Porto, onde nasceu, mas que se acha terminando a educação do seu esbelto espirito alvino convivio d'esses alegres e bons companheiros do

talento e do trabalho, participamos que sahirá em breve um livro.

E é assim que esta pleiade de serios talentos, de verdadeiros artistas, affirmam a riqueza do seu espirito e a poderosa força do genio que desabrocham nas flores mais excentricas e mais bellas.

Com todos ou quasi todos estes moços que constituem uma brilhantissima pleiade, tenho eu eu conviado na doce effusão da cabula e tenho com elles experimentado as agruras dos compendios fradescos e das terriveis decifrações da geometria e do latim. A nossa alma partilha tambem do grande enthusiasmo que explue quando se atira á publicidade e á critica o nosso primeiro volume e portanto esperamos sinceramente interessados na aparição de todos estes volumes.

* * *

As creancitas tem tido estes dias a sua odynéa. Era justo esta consagração—Os seus cabellos louros, as suas caritas expressivas, e as suas boquitas risonhas como uma promessa os seus olhos cheios de innocencia e de bondade.

Mas creio que será entrar muito nos dominios da chronica fazer a apotheose d'um poema divinal de doçura e de encanto. Portanto...

* * *

A' hora assaz adiantada da noute, em que estou escrevendo estas notas, tenho deante de mim o Porto que dorme.

Defronte das minhas janellas estende-se a cidade, coberta d'um nevoeiro tenue. De vez em quando um ou outro bico de gaz e uma janella illuminada, que espregia no escuro das sombras. O monstro dorme, o poço dos vicios e das devassidões burguezas, das batotas e do luxo parasita, descansa. Amanhã ha de elle levantar a face cavada pelos prazeres, e sacudir a cabelleira inculta pelas orgias, á grande cantharida que a Celine Chaumont lhe ministrará na mais fresca de todas as comedias—*La Cigale*.

Veremos como elle se vingará d'esta diabolica que lhe tem feito pruridos na sua penca ver-

melha e corar de pudor a sua dignidade de commerciante e de pae honesto.

JOÃO DATROÇA.

LITTERATURA DO FUTURO

(DE BULWER)

(Excerpto)

No dia em que a humanidade attingir o seu mais elevado grau de perfeição social ou politica pela consecução da verdadeira felicidade, a litteratura contemporanea d'essa epocha perderá o seu actual character de universalidade e preponderancia.

As mais interessantes obras de pura feição litteraria serão as que tratarem de explorações e viagens por um lado, e as que estudarem por outro lado os desenvolvimentos da mechanica.

Por vêzes um ou outro rapaz escreverá contos de aventuras, ou dará em poema livre curso ás esperanças do amor ou ás torturas do ciúme; mas estes productos serão considerados expansões de pequena valia, dignas apenas de cauzarem interesse a crianças e donzellas.

Quando, finalmente, de numerosos seculos de combate, adquirirem as nações uma forma de governo onde não se distingam com honrarias os individuos encarregados de as administrar, não terão as ambições pessoas motivo para se manifestarem. Ninguém lerá obras onde se advoguem theorias que involvam qualquer alteração politica ou social, e por tanto ninguém desejará ter o trabalho de as escrever. Assim a parte da litteratura que se refere a theorias especulativas sobre a sociedade, ha de completamente extinguir-se.

A immensidade de escriptos respeitantes aos attributos e á essencia de Deus, e os argumentos pró ou contra um futuro estado não terão razão alguma determinativa da sua existencia, desde que se venha a admitir a indiscutibilidade das duas seguintes:—ha um ente divino—ha uma vida futura. Por mais que se trabalhe nunca se poderá derramar luz alguma sobre a natureza e condições d'aquella vida futura, nem avivar as apprehensões, isto é, a concepção dos attributos e essencia d'aquelle ente-divino.

Logo, outra parte da litteratura que tende a cair derrocada nos seculos futuros; acontecimento immensamente feliz para os povos de então por quanto desaparecerá assim da terra um motor poderosissimo de contendas e de luctas.

A vasta secção litteraria que comprehende as memorias historicas de guerras e de revoluções findará no momento em que os povos obedecendo á justa theoria da nacionalidade, deixarem de procurar os seus engrandecimentos a expensas das aggremações visinhas. D'esta sorte a vida terá uma serenidade sublime para os estados e para os individuos. Que chronicas serão possiveis quando a existencia se envolver numa atmospheria de monotona felicidade? Tudo se resumirá no seguinte: «Nasceram, viveram contentes, morreram.»

Os homens do futuro devem lêr com certa satisfação as obras primas poeticas da actualidade e mesmo algumas antigas; nunca porem procurarão imital-as, pois que estas são uma photographia exacta de paixões que aquelles nunca hão de conhecer, como a ambição, a vingança, o amor sensual, a ancia da gloria. Os poetas modernos vivem numa atmospheria prenhe d'estas paixões, e sentem activamente aquillo que exprimem com enthusiasmo. Ninguém, n'esses tempos poderá descrever taes sentimentos, pois ninguém os sentirá.

A nossa poesia encontra o seu elemento principal na dissecção d'aquelles mysterios complexos do character humano que conluzem a vicios e crimes anormaes, ou acabam por assignaladas e extraordinarias virtudes. Mas, as sociedades do porvir, evitando as tentações criminosas e os vicios proeminentes, tornarão necessariamente tão identico em todos o trabalho moral, que não haverá tambem então merificas virtudes salientes. Sem o seu antigo alimento das sensações fortes, dos vicios hediondos, das qualidades hiroicas, a poesia ficará por este facto se não condemnada á morte, reduzida pelo menos a proporções micrscopias.

Sentimos actualmentepela novidade uma attracção irresistivel; lê-se com prazer um livro recente, ainda que mediocre, e des-

preza-se um livro antigo, ainda que muito valioso.

Para nós, estados barbaros da sociedade que luctamos desesperados em busca de alguma cousa de melhor, não admira que a Novidade seja uma deusa. Nas sociedades vindouras porém quando para a humanidade estiverem já adquiridas as grandes verdades sociaes, — o trabalho iusano nem encontrará estímulos na ambição da gloria, nem nas sollicitações da miseria.

O estiolamento inevitavel para a litteratura do futuro passará sobre a sciencia sem em nada lhe fazer móssa; por quanto a origem da sciencia, (á parte qualquer consideração de fama) é a gloria, e a sua applicação pratica tornar-se-ha fatalmente necessaria para a conservação social e para as commodidades da vida.

J. J. FÓRBES COSTA.

(Versão do Inglez)

NA LUSA...

No domingo sobre as mesas do marmore pegajoso dos cafés os jornaes da Lusa ostentavam um riqueza de noticias, capaz de fazer inveja ao Incolor das dicitas. E não é vulgar o caso n'estas alturas, por onde o *chroniqueiro* passeia de nariz no ar, desejos de faro, ambições d'escandalo e a *pacata*:—que se está nas tintas para banzês.

E na verdade Coimbra não parece a mesma, o escandalo bateu as azas e fugiu; hoje ninguém commenta o caso do doutor fulano passar a noite em casa do meu vizinho sapateiro; isso passou a ser cousa vulgar, que toda a gente fazia com a simples condição de lhe abrirem a porta... A policia seria e grave seguiu o respectivo organismo e hoje tem ousadias indiscrepiveis passando a vida sem uma costella quebrada, sem a cabeça em risco.

Companhias de theatro chegam e desaparecem sem o gasto de dois caixotes de garrafas de Champagne, sem a provocação d'um duello, sem a recitação d'uma poesia.

Já é!...

Por tudo isto nós no domingo tivemos exclamações d'entu-

siasmo, manifestações d'alegria á leitura dos respectivos órgãos da Lusa.

Era bazar no jardim com illuminação a luz electrica, espectáculo de leões, serenata no rio Paiz das Arrufadas no theatro de D. Luiz.

Pratos finos no *menu* do dia, e para acompanhamento, estimulantes precisos nas faltas d'appetite:—meninas de vestidos apertados em passeios pela Estrada da Beira; engommadeiras de saia curta, meias provocantes, sorrisos de matar, festas do mez de Maria com acompanhamentos de musicas unctuosas de religião e assistencia de devotos d'ambos os sexos.

E á hora em que escrevemos tremulam na nossa rua cordões de bandeiras vistosas; esperam o Nuncio e nós... tambem.

SALAMANDRA.

A AMEAÇA

O Lima era um rapaz de vinte annos que passava uma vida alegre na companhia dos amigos quando estes faziam as despezas das estroinices. Nunca gastava um pataco, não offerecia um café, nem um cigarro, mas expunha desejos de pandegas, desafiava os rapazes conhecidos, e citando casas de petiscos:—Sabem, na posição de casado não posso gastar; tenho familia e... a vocês não faz differença pagar por mais um...—E perguntava, com muitos receios de resposta negativa:—Vamos?

Os rapazes respondiam que sim, pensando na Conceição. A mulher d'elle, que tinha um grande coquettismo, prodigalisava, sorrisos alegres, e ás vezes piscadellas d'olho.

O Lima era muito interessante nas suas desconfianças de que lhe namoravam a esposa, e sem perceber que ella desafiava... desafiava...

Mas... Vamos á ameaça.

O Lima começou uma vida de apoquentação, de muito desconsolo, desde que a Conceição um dia lhe pregou uma partida, que deu causa a varios commentarios feitos ás mesas dos caffes.

Desde então ella tornou-se d'uma exigencia extraordinaria, pedindo muito luxo; não queria

ser das ultimas a usar as modas descriptas pelos jornaes de figurinos estrangeiros; a sua vontade era andar sempre no caminho da modista, fazer encomenda de vestidos novos, de chapéus da *Lisbonense*, e compra de luvas no Bolson.

Num immenso desconsolo elle não se sentia inclinado a satisfazer-lhe os caprichos, e deixava-a pedir tudo sem ao menos lhe dar dez testões para um metro de seda.

—Que havia de acabar por uma vez de ser asno—affirmava. Se queria vestidos novos que usasse primeiro os que tinha. Não estavs o tempo para esbanjamentos de dinheiro.

E ella:—Que não casasse, ninguém o obrigara.

Tambem não estava resolvida a vestir sempre da mesma forma.

Arrepellava-se n'uma grande raiva, fazia mordeduras nos beiços e batia fortemente com os punhos nos moveis, deitando ao chão bonecos de loiça, e jarras que se partiam nuns tilintamentos ruidosos. Um inferno! E com gesto de ameaça, para o marido.

—Que havia de vingar-se, se lhe não dessé os vestidos.

Elle, soffrendo aquillo tudo com paciencia:

—Que desejava saber como...

A Conceição caminhou para um espelho, fitou o, riu cinicamente, e affogando o pescoço:

—Vê como sou bonita...

Ha homens que me desejam e... eu vingo-me...

Era a primeira ameaça de cara a cara.

O Lima, levando as mãos á cabeça.

Casem-se, casem-se...

G. M.

CHRONICA DO PORTO

II

PAIZ DA TRIPA, 15 DE MAIO DE 1884.

Por fim a tão desejada primavera appareceu-nos, toda radiante de gloria, cheia de sorrisos de sol quente, embalsamada d'aromas finos e espalhando por toda a parte a mãos cheias flores das mais delicadas.

O Porto despovoa-se, o *touriste* enche as malas de linhos

frescos, lança o binoculo a tiracollo e eilo a caminho.

Como é bello agora o campo!

Que contraste com esta nossa vida burguezia!

Aqui estiola-se dentro d'uma secretaria, morre-se de tedio na athmosphera pezada dos Cafés.

Ao passo que lá fora ha vida; as campinas vestem-se de verduras fofas, as arvores cobrem-se de rendilhados de flores, que o bom sol doira e a passarada garota entoa hymnos, cheios d'alegria

E'um pequeno quarto de quinto andar, muito abafado, onde a luz entra a custo a *chronica* aborrecia-se:—que não se podia viver assim no velho Burgo—dizia que estava farta, precisava de sahir, respirar o ar puro dos campos, perfumado pelo aroma de madresilvas e ghycinia.

Preparou o seu pequeno sacco de viagem e partiu.

Por isso, *cara pequena*, ella

não te escreveu na ultima semana nem havia que contar, as novidades aqui escaceiam, nem uma só palpitante, nada que te podesse interessar.

Mas agora volta do Porto comprir o que prometeu.

—A companhia dos cavalinhos foi-se embora e com ella a allegria dos burguezes

Leona Dare, olympica, como lhe chama a *Folha Nova*, deixou-nos; os admiradores das suas fornas correctas e aquelles que desejavam as suas sensualidades quentes sentem lhe agora a falta.

—Em quanto em Lisboa se recordam com saudoso enthusiasmo os bellos dias da Kermene no Porto realiza-se no Palacio de Christal um bazar a favor do Hospital de creanças Maria Pia. Tem havido grande concorrência.

Até á semana.

G. DE NARIACK JUNIOR.

ULTIMO OLHAR

(MINHA IRMÃ)

Na hora derradeira essa creança, que eu tantas vezes abracei sorrindo, lançava-me um olhar amargo, infundo, n'um arranco febril de desesp'rança.

De pallidez coberto o rosto lindo, em desalinho a perfumada trança, morreu, morreu,—jaz ella afflicta e mansa... O sol cortava a immensidade rindo...

Hoje, da vida n'este mar dolente, se vérgo á dôr, consoladoramente fulge-me n'alma,—estrella d'esperança,—

O seu ultimo olhar amargo, infundo... e fico-me a pensar n'essa creança que eu tantas vezes abracei sorrindo.

HAMILTON D'ARAUJO

PUBLICAÇÕES

A MOSCA

SEMANARIO ILLUSTRADO

Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS.—SEMESTRE, 500 RS.—ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO—20 réis

Correspondencia—dirigida ao administrador J. R. da Cruz.

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9—Porto.

CRYSTALISAÇÕES

DA MORTE POR

Eugenio de Castro

A' venda em todas as livrarias.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14—Rua dos Coutinho—14

Nesta casa imprimem-se actualmente tres jornaes: *Imparcial*, *Coimbra em Fralda* e *Panorama Contemporaneo*, que era impresso na Imprensa da Universidade.

PROH PUDORI!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.

PREÇO..... 100

PELO CORREIO..... 110

Sabe na proxima semana.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e aceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

CARLOS BRAGA

O PADRE HENRIQUE

DAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J.L.da Costa, editor—Coimbra.

PREÇO..... 400 reis

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.^a—rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista e na agencia de jornaes do Sr. Antonio Maria Almeida.

BRAGA—Kiosque Gonçalves.

VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida.

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.^a—largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

PORTO—Kiosque da Praça de D. Pedro.

COIMBRA—IMPRESA INDEPENDENCIA

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras
recebendo-se um
exemplar

Toda a correspon-
dencia deve ser diri-
gida ao administrador.

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, SALAMANDRA

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre.. 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Adminis-
tração: rua do Coto-
velho, n.º 2.

NUMERO 9

COIMBRA, 31 DE MAIO DE 1884

2.ª SERIE

EXPEDIENTE

Pede-se aos senhores as-
signantes, que tencionam
sair de Coimbra, a fineza
de declararem a direcção
que se deve dar ao jornal.

PAIZ DAS ARRUFADAS

31 DE MAIO

AO JORNAL «A NAÇÃO»

No entorpecimento imbecil de
uma vida que se gasta pouco a
pouco com a parylisa do orga-
nismo, ha para ahi escondidas,
nos covis d'uma typographia, ali-
marias, que de quando em quan-
do atiram cá para fora os salpi-
cos d'uma bada avermelhada pelo
sangue da colera, amarellecida
pelo pus da gangrena. E então
dá-nos vontade de chamar o de-
legado de saude, e mandar abrir
a porta de qualquer fabrica de
guano, desinfectando a athmos-
phera com o gasto de dois fras-
cos d'acido phenico. Quando por
ahi as mattas virgens cresciam
á vontade dando-lhes abrigo, ali-
mentando-lhes a ferocidade, ellas
escondiam-se atraz do tronco mus-
goso de qualquer arvore, e de
lá formavam saltos cobardes, ati-
rando-se ao pescoço das victimas,
saboreando sangue com uma gu-
lodice selvagem. Mas o terreno
limpou-se, e hoje onde as rama-
das dos mattagaes faziam escon-
derijos traiçoeiros, crescem plan-
tas fructiferas, aquecidas pelos
raios d'um sol todo benefico. Os
caceteiros e os carrascos ficaram
sem instrumentos para o seu ofi-
cio, as estradas foram limpas, e
as alimarias bateram em deban-
dado caminho d'outras paragens,

ou estonteadas ficaram para ahi
paralyticas de medo, perdidas
d'ideias.

E as camaras que têm o bolo
de strychnina para o pacifico cão
vadio, deixam-n'as viver ainda
sem inscreverem nas posturas
municipaes a concessão de um
premio para quem acabar de to-
do com as leprozas.

Uns imprudentes estes novos!
Se lhes não temem a dentadura
apodrecida, receiem ao menos o
envenenamento do meio; salve-
mos a hygiene como procuramos
guardar as canellas. E ellas não
viveram, por uma ideia; existi-
ram apascentando-se nos cada-
veres, dando larga aos seus ins-
tinctos carniceiros, mitigando a
sede em sangue e a colera em
embuscadas. E hoje quando uma
baforada de vento rijo as anima,
mostram ainda *aselea gerie* dos
costumes, mas sem força para
abrirem as fauces; e por isso
dispensam o açamo. Vae violen-
ta a nossa linguagem, mas quan-
do nos dirigimos a papeluchos
como a *Nação*, temos por habito
ficar em mangas de camisa, dei-
xar a penna, e tomar o vara-
pau de zambugeiro com que se
desanca a vadiagem, que nos
ataca ás esquinas das viellas...

Podem-nos lembrar que é bar-
baridade espançar moribundos,
mas se não lhes esmagamos a
cabeça não os podemos enter-
rar, e continuam assim a viciar
a atmospheria; não lhe tememos
o dente, mette-nos medo o chei-
ro. Ainda que tivéssemos um
bom estylo não o gastariamos
agora, porque o dictado prohibe
deitar perolas á *Nação*.

Vamos ouvil-a:

«O Sr. Bispo Conde resolveu
ao que parece, fazer este anno

da *Academia de Santo Thomaz*,
no Seminario, um acto de *pir-
raça e de desforra*, pouco edifi-
cante, em additamento á celebra-
rima circular contra a *Ordem*»

«Além de ter convidado para
tomar parte na dita Academia o
catholicismo liberal feito homem,
isto é o sujo author dos sujos
Tugs e o sr. *Miguel das lagri-
mas*, que aliá ha pouco, *tão no-
tavelmente se pronunciou contra
as Ordens Religiosas*, e gosa da
intimidade de S. Ex.ª Rev.ª, con-
sta que recebeu ou vae rece-
ber convite o *bem conhecido ca-
tholico puro*, o Redactor do *Co-
nimbrecense*, Martins de Carva-
lho, *valoroso apoiador do das La-
grimas* na sua condemnação das
Ordens Religiosas!»

«Que mais veremos ainda?»
«Talvez o tal A. B., seja
egualmente convidado.»

«Só faltarà que tambem o seja
o Redactor da *Coimbra em Fralda*
obscena publicação, que tornou
a apparecer e agora se imprime
numa typographia cujo proprie-
tario é *Professor no Seminario
do Sr. Bispo Conde!*»

**Pois fomos convidados,
reverendissima besta!**

E vimos por lá certos figu-
rões, muito conhecidos da *Nação*
e que com certeza entraram sem
convite; foram no embrulho, e
e acharam-se na sala porque o
Sr. Bispo Conde se esqueceu de
mandar para a entrada do edi-
ficio, o homem de roupeta que
guarda a porta da Sé...

Miguel Osorio, e Martins de
Carvalho eram muito dignos de
convite, mas não o eram com
certeza aquelles que beijavam a
fimbria da batina episcopal, para
depois a cuspirem de longe,
muito escondidos.

A *Nação* entende-nos...

E por isso o Senhor Bispo-
Conde avisadamente andou apon-
tando-lhes a porta da rua...

Ainda nos entende a *Nação*...

Agora para a relva, reveren-
dissima alimaria; verdejam as
campinas desafiando appetites...

SOLANO D'ABREU (SALAMANDRA)

A GUITARRA

(A COSTA MACEDO)

A viscondessa abhorrecera-se
muito no baile, muito.

—Uma *soirée* idiota, pensava
intimamente ao entrar para o seu
coupé prateado e macio que os
tigres faziam correr, voar glorio-
samente. Apenas a Baroneza do
Carvalhido a impressionara com
o seu vestido apertado e claro,
hombros immortaes palpitando
de nudez e o olhar escuro relam-
pejando ao largo faiscas d'uma
voluptuosidade fina e humida...
Conbeciam-se de creanças e acos-
tumaram-se, bem novas ainda, a
admirar-se mutuamente.—E de-
pois a baroneza era uma mulher
superior que commentava com
uma fidalga gentileza o ultimo
volume de Daudet, e matava, a
golpes d'ironia, a derradeira bar-
carolla que lhe offerecera um ly-
rico melindroso.

De resto,—uma insipidez! Na-
da em que scintillasse a flamma
do espirito moderno, gracioso e
vivo, com um vermelho tom de
sangue e de prazer...

E, ao despedir-se da amiga,
prodigalizando-se beijos d'uma
infinita meiguice, a viscondessa
sentiu que o coração se lhe dei-
xava vencer d'uma tristeza im-
movel, que lhe trazia ao espirito,

talvez, doiradas reminiscencias d'um passado radioso, sepulto hoje no tumulto do peito immenso e frio...

* * *

Quando entrou na sua pequenina alcova doirada e bella, o luar brilhava lá fóra, embriagando as rosas e aguçando as paixões dos lyrios... O lago fitava humildemente o ceu, agradecendo-lhe submisso os beijos e as ternuras; toda a natureza em volta se sentia palpitar d'amor, vendo-se apertada nos braços venenosos e lubricos da lua, que lá em cima, muito no alto, entre córos d'estrellas, orchestrava as canções da noite, apaixonadas e communicativas como os labios d'uma amante bella...

E, desviando o olhar, via-se ao cimo do leito pesado e morno, dominando a opulencia dos setins, uma guitarra encantadora, com incrustações de marfim e prata,—uma maravilha que a Arte parece destinara para os dedos finamente aristocraticos de alguma princeza muito loira...

E... a viscondessa lembrava-se bem. Tinha sido por uma noite assim, serena e calma.

Fernando—um valente rapaz—escalára o muro do jardim. A guitarra pendia-lhe dos hombros n'um abandono melancolico e doce. E começaram de ouvir-se melodias adoraveis, feitas de queixumes de rouxinoes e aromas brandos de violetas!

Tudo em volta dormindo...

A ultima estrella dá o derradeiro bocejo. Ao fundo da paisagem, o rio murmura vagos canticos d'amor, seguindo por entre alas de choupos, n'uma paz serena e boa.

E só os dois namorados é que riem, troçando as estroinices da lua, confiando-se mutuamente os seus segredos, sorrindo a cada nova confidencia, fortificando-se para o amor pelo contacto e pelo olhar. As primeiras curvas d'um seio immortalmente branco ferem a pallidez da luz. E ouve-se o primeiro beijo, e outro, e outro...

* * *

Bella noite, sem duvida!

O Fernando é que poucas vezes mais voltou.

Como symbolo d'essa paixão palpitante e bella, pende hoje, ao

cimo do leito da viscondessa, dominando a opulencia dos setins, a guitarra encantadora, com incrustações de marfim e prata,—uma maravilha que a Arte parece destinara para os dedos finamente aristocraticos de alguma princeza muito loira...

* * *

E é por isso que ao recolher

a casa, sósinha e desolada, pelo silencio d'uma noite tranquilla; a viscondessa sente que o coração se lhe deixa vencer d'uma tristeza immovel, que lhe traz ao espirito as doiradas reminiscencias do seu passado radioso, sepulto hoje no tumulto do peito immenso e frio...

Coimbra, SANTOS MELLO.

APPARENCIAS

Mais dura que a penedia
Tu és, mais fria que a lua:
Quantas perolãs daria
Por uma lagrima tua!

Mas á luz da pedraria,
Na carne alvissima e nua
Do teu collo, se entibia
O meu olhar que recua:

Que pranto terás vertido,
Modestamente escondido,
Como as perolas no mar!

O rosto é 'spuma das aguas;
Porém lá dentro andam maguas
Constantemente a chorar!

COSTA MACEDO.

NA LUSA...

Correm propicios os dias para a chronica. A *pacata* tem d'estas intermittencias; umas vezes bons dias passados nos ocios fagueiros da Havaneza, nos cavacos do Lusitano, no gasto da cerveja do Anda a Roda, nos passeios em carros do Natividade; outras vezes o zabumba e o foguete nacional no meio da rua, divertimentos ruidosos da academia, e até para variar o seu assassinasito a pôr uma nota interessante n'este meio inerte.

Esta semana foi ella uma pimpona, uma prodiga, e por isso em nome de todos os chronistas aqui lhe deixo o testemunho do meu reconhecimento. E senão veja-mos—Sabia o ultimo numero da «Fralda», e a essa hora aquella bollinha de gordura, que todos conhecemos á porta da igreja de S. João, distribuia pela minha rua riquezas de cobertores de damasco, e ornava as janellas com bandeiras de paninho branco e azul; que ia chegar o Nuncio—affirmava. E effectivamente

á tarde, caminho da Sé, rodavam dezenas de carros levando seminaristas rubicundos, de faces frescas; padres da aldeia de cachaceiras gordas, vermelhos como clarau, bem tractados a presunto de Lamego e a carrascão da Bairrada; e atraz o Nuncio distribuindo benções ao som do hymno de Leão XIII assoprado pelas phylarmonicas, e da Maria Cachucha repicada nos sinos. Á noite illuminações, musica á porta do paço e lá dentro bons gellados, saborosos, que muito refrescaram... quem os tomou.

No dia seguinte, no Seminario luz electrica, bailes de tricanas com o voltear alegre do Malhão, e o bater de dedos no tampo da bandurra, com muito furor das meninas como recommendava em alta voz o marcador, gingando de quadris ao dar da meia volta. Grupos d'estudantes cavaqueando alegremente sobre o ponto e sobre o acto, fazendo projectos de passeios largos, divertimentos bons durante as ferias que se aproximam.

Já vêem que os não enganava

quando lhes dizia que a chronica tinha onde encher o papo.

E não foi só de festas a semana. Os amadores do escandalo, os apaixonados de noticias palpitantes d'interesse, tiveram tambem o seu pratinho. Uma tragedia que fez tremer de susto as meninas nervosas da baixa, que lhes apertou o coração com uns terrores, que só se dissiparam ao beijar da mão do Senhor Nuncio na igreja de Santa Cruz, em uma manhã fresca, muito agradavel para passeios largos no campo e muito pouco propria para festividades dentro dos muros pesados d'um templo.

E a tragedia?

A tragedia teve o seu epilogo no Choupal e narra-se em duas linhas.

—Uma mulher abriu o baixo ventre á amante do marido, e depois com uma devoção muito catholica, muito louvavel, enterrou-a na areia do Choupal.

Coisa simples que qualquer faria com a simples condição de ter a alma da ciumenta...

E fechando a chronica, «Coimbra em Fralda» sente que a falta de saude do seu redactor, lhe prohibisse acompanhar a romagem que a Associação Liberal fez ao tumulto de Joaquim Antonio d'Aguiar, mas associa-se a essa sympathica manifestação, e envia o seu cartão de felicitações aos promotores de tão respeitavel homenagem.

De resto a *Nação conta*, mas não admira, está no seu mez...

SALAMANDRA.

VINGANÇA DO PATIFE

Na capoeira não havia outro. Era um gallo romano de pennas negras, lustrosas, crista de um vermelho sanguineo, disposta airoosamente na cabeça com uma magestade de tyrano poderoso; no bico de duresa cornea, e nos esporões agudos como laminas de punhaes, punha elle toda a segura garantia da fidelidade do seu serralho, e—que o atraçassem, se queriam experimentar todos os horrores do desaggravo da sua honra... Tinha no bando todo o poder de um senhor despotico, mas sabia-o sustentar com dignidade, chegava mesmo

a possuir acções d'uma nobreza distincta.

Durante o dia passeava a sua arrogancia no meio das gallinhas brancas, como pombas, que na sua humildade servil lhe esgaravavam a terra para elle sem incommodo colher as sementes, debicadas com delicadesa, sem voracidade; um bago de milho nunca lhe servira de pretexto para uma escaramuça—que se fartasse a villanagem ruim, que se fartasse a villanagem ruim, que depois elle comeria.

No poleiro occupava o lugar mais elevado, superior ás suas femeas, podendo a todos os momentos lançar-lhes o seu olho pequenino e vivó, protegendo-as, exigindo-lhes respeito. Era sempre o ultimo a recolher, quando o sol se escondia ficava o gallo ainda fóra, vigiando sem a arrogancia d'uma sentinella armada, com um disfarce de manhoso como se procurasse apenas armazenar no papo mais um grão d'appetite.

Nas capoeiras visinhas ao romper da manhã nenhum outro gallo se atrevia a cantar sem aquelle bater as azas grandes, negras, e soltar a sua voz de trovão, a que os outros respondiam com echos repercutidos de monte em monte.

Nascera no inverno, no meio d'uma ninhada de pintos amarelitos; dois dias depois de sahir da casca cahiu no caco, esteve quasi afogado, mas a agua gelada deu-lhe aos nervos uma rigidez de pedra e uma força de luctador; uma trigueirita, olhos negros, peitos grandes, cabellos ligeiramente anellados, que era a creada do pateiro, correu a salvar-o; aqueceu-o, agasalhando-o no seio; mas o instincto de altivez athletica da avesita manifestava-se já, achou o lugar indigno da sua entidade e cobriu-o de picadas, obrigando a enfermeira a retirar os soccorros, que lhe dispensava 'nuns carinhos muito invejados pelo cocheiro da casa no entretenimento d'umas relações amorosas cuidadosamente escondidas pelo fundo escuro das escadas.

Chegou a frango, viu os irmãos entrando a pouco e pouco na cosinha com o pescoço cortado deixando rastos de sangue medonhos, que chocavam o nervoso á menina da casa como uma ma-

china delectrica de grande força, só elle ficou, a sua formosa corpulencia destinava-o ás funcções de reproductor.

* * *

Os dias corriam-lhe agora felizes nas commodidades da vida—bom grão, 'numa prodigalidade de palacio de velhos fidalgos administrados por feitores espertos; agua limpa renovada todos os dias, um bom serralho de gallinhas gôrdas, brancas de neve, cheias de meiguice ás suas caricias d'esposo terno; e a sympathia dos donos, que ao sahir das ninhadas reconheciam, que todos os ovos tinham sido bem gallados.

Uma vez ao saltar do poleiro encontrou outro gallo, de pennas amarellas, cauda rica, bem disposta; era um rival, a guerra domestica, que entrava no pateiro com todos os seus horrores.

O gallo preto, o nosso heroe, chamou todo o bando e encheu-o de caricias, bem repetidas, que chegavam a fatigar as pobres femeaes; e depois com a prosapia d'um amante preferido, e a força consciente do seu despotismo, olhou o outro e atirou-lhe á belleza das pennas um cacarejo ironico, provocador.

O gallo amarello, o hospede, comia a um canto descuidado na sua solidão; e o preto picando na terra, olhava-o por baixo espreitando com modos velhacos.

Uma das mais bellas gallinhas foi beber e passou junto do intruso, que sacudiu a crista altivamente, e seguiu a femea arrastando-lhe a aza . . .

Um canto victorioso soou na capoeira, e o gallo preto sentiu subir á cabeça todo o sangue das veias—fôra atraído na sua honra e no seu poder; queria desaggravar-se, e correu verdadeiramente perdido sobre o outro medonho na sua colera.

A lucta travou-se horrorosa, os dois atletas tinham as penhas do pescoço em pé, como duas colleiras d'espinhos, os esporões faziam estragos horriveis e as cristas enchiam-se de golpes; finalmente os intestinos do D. João de capoeira, do hospede maldicto, sahiam por uma abertura grande, coberta de sangue no meio das pennas amarellas; e o gallo preto, cheio de crueldade no seu odio saltou sobre o cada-

ver do outro, bateu as azas, e soltou um sonoro *có-cro-co*, que os echos das capoeiras repetem hoje sinistramente ás horas mortas da noite.

Estava vingado o patife.

SALAMANDRA.

CARTEIRA

E. Costa Macedo, um dos redactores d'este semanario, um dos rapazes mais sympathicos, e um dos talentos mais promettedores d'esta geração academica, realisou em sua casa a festa mais brilhante que temos visto em casas academicas.

Quiz solemnizar o ponto final dos trabalhos escolares 'neste anno com um sarau que teve o melhor exito!

Musicos, amadores dramaticos, poetas, cantores, litteratos 'numa palavra o que ha de melhor na academia, concorreu para aformosear a festa.

Julio Forbes, Barbosa, Affonso Caldeira, Eduardo do Valle, Miguel Dias, Euphrosino, tocaram piano, violino, guitarras e ocarinas. Julio de Castro, e C. de Sousa desempenharam uma comedia, Alexandre Silva uma scena comica. Faria fez sortes magnificas de *physica recreativa*.

ALLEGROS

AMORES DA ALDEIA

De todo o logarejo é Dorothea quem desperta mais viva sympathia! como ella vai garrida á romaria! como ella nos serões saracoteia!

Por ella o mocetão que a galanteia obra proezas mil: é raro o dia em que não mostre a enorme valentia do grosso pulso aos seus rivaes da aldêa!

Elle que veja alguém na desfolhada ou na missa . . . a fitar-lhe a namorada, —a Dorothea por quem tanto pena . . . —

Diz-se até que ao prior quebrou a espinha, só por que este ao cantar na ladainha —roza mystica—olhou para a pequena!

IDYLLIO

(A JOAQUIM PEREIRA JUNIOR)

E' noute—a rua é solitaria agora, e em baixo na janella pequenina, erguendo branca e tremula cortina assoma Julieta encantadora!

Eis que o Romeu choroso, que a namora, se aproxima—da pallida menina— e, apertando-lhe a mão nervosa e fina, beija-a 'numa caricia tentadora!

Depois exclama tremulo d'enleio: «deixa que beije agora o niveo seio» «e a flor vermelha d'essa bocca . . . vá . . .»

«que eu de gozos do ceu sou tão faminto» «que até, ó minha pomba, sinto . . . sinto . . .» —sentiu trez bengaladas do papá!—

Leiria

COSTA SANTOS.

Manuel Gayo, Bernardo Lucas, Ramos, Pinto da Rocha, Carlos Braga, Costa Macedo recitaram composições suas. Tabor da Ramos e Agostinho Rego cantaram magistralmente.

Santos Mello e Solano d'Abreu leram os contos que hoje publicamos; Trindade Coelho leu a Dolora.

Não sabemos se nos esqueceram algum nome, se assim succedeu a falta é involuntaria.

Estavam mais de 50 pessoas; houve um profuso serviço de gelados.

Ainda mais uma vez:—as minhas felicitações, meu Eduardo..

Vitorias do Diabo. Subiu hontem á scena a revista do anno, que em Lisboa deu bastantes espetaculos no theatro Chalet. É uma *charge* formidavel a costumes e instituições.

Pareceu-nos bem escripta, ainda que não sympathisemos muito com a rhetorica 'neste genero de trabalhos, e com uma certa nudez d'escandalos, que em geral não são bem acolhidas pelas plateias illustradas como a nossa.

Entretanto isto não é um defeito, e não o é porque o seu auctor, um sympathico moço, cheio de talento, conhecia bem a plateia do theatro para que escrevia. Gostámos principalmente dos dois ultimos actos a que achámos muita originalidade.

A falta d'espaco obriga-nos a retirar uma critica mais demorada, que faremos no proximo numero. A revista foi applaudida sendo apenas pateados o apparecimento da personificação da ideia nova, e o do jornal o *Seculo*.

O desempenho ressen-te-se muito naturalmente da mudança do theatro.

O auctor, o Sr. Jacobetti, está em Coimbra; é um sympathico cavalheiro, e um bello cavaqueador. Os nossos cumprimentos.

A' ultima hora.—Hoje não houve espetaculo porque appareceram apenas 6 espectadores.

Actos.—Fizeram acto os nossos condiscipulos:—Abel Garção Abilio Braga, Alexandre Silva, e Rollão Preto.

Gentis bachareis em flor—muitos parabens! E que os vossos risos e doiradas alegrias se

prolonguem pelas almas dos nossos valentes camaradas.

Espera-vos esta noite a nossa taça de crystal finissimo... Meu querido Alexandre, salte d'ahi uma esfusiada de Champagne...

Hurrah!
Coimbra, 30.

Novos collegas.—Recebemos o *Academico* e a *Academia*, jornaes d'estudantes, que agradecemos.

SORRINDO

Um par valsava.
Ella:—Para a esquerda agora se lhe apraz.

Elle:—Perdão, não costumo desfazer o que faço.

'Numa aula de mathematica elementar o professor exemplificava um theorem a quinze discipulos:

—supponhamos que estão aqui quinze burros.

—16, 16—diz um alumno.

E o professor replicava—não admitto que me contradigam; 15 já disse:

—Não serei eu que contradiga V. Ex.ª

E tomando o chapeo e sahindo:

—15, 15—Ex.ª Sr.

'Num exame de introdução um dos membros do jury todo adamado, todo cheio d'aromas, perguntava:

—O que é uma flor?

E o discipulo desistindo do exame e sahindo:

—Uma flor?! Uma flor é V. Ex.ª

Aviso

O nosso collega 'nesta redacção, Rollão Preto, encarregou-se de proceder á cobrança das assignaturas na Beira Baixa. Presadissimos assignantes, vá .. mais esta generosidade...

PUBLICAÇÕES

IMPRESA INDEPENDENCIA

14—Rua dos Coutinhos—14

'Nesta casa imprimem-se actualmente tres jornaes: *Imparcial*, *Coimbra em Fralda* e *Panorama Contemporaneo*, que era impresso na Imprensa da Universidade.

PROH PUDOR!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.

PREÇO..... 100

PELO CORREIO..... 110

Sahe na proxima semana.

A MOSCA

SEMENARIO ILLUSTRADO

Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS.—SEMESTRE, 500 RS.—ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO—20 réis

Correspondência—dirigida ao administrador J. R. da Cruz.

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9—Porto.

CARLOS BRAGA

O PADRE HENRIQUE

DAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J.L.da Costa, editor—Coimbra.

PREÇO..... 400 réis

PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario

José Luiz da Costa

ESCRITORIO DA EMPREZA

231—Rua do Ferreira Borges—237

Recommendamos ao publico esta interessante e luxoso publicação.

CRYSTALISAÇÕES

DA

MORTE

POR

Eugenio de Castro

A' venda em todas as livrarias.

LIÇÕES

Para a cadeira de legislação nos lycens

POR

LUIZ PALMEIRO

Estudante do 3.º anno de direito.

Assignasse em casa do auctor.

Rua do Cotovello

COIMBRA

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e aceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mapps de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe atrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Cotovello, n.º 2, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que continuaremos mandar proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 8.

VENDE-SE-O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª —rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista e na agencia de jornaes do Sr. Antonio Maria Almeida.

BRAGA—Kiosque Gonçalves, VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida,

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª —largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos,

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

PORTO—Kiosque da Praça de D. Pedro.

Combrança
Coimbra

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras
recebendo-se um
exemplar

Toda a correspon-
dencia deve ser diri-
gida ao administrador.

COIMBRA EM FRA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

olverem o
a algum ba-
a magistra-
diabo e por-
entamente os
ia....



ASSIGNATURAS

semestre... 440 rs.
Por trimestre... 220 rs.
Anual... 20 rs.
Redacção e Adminis-
tração, rua do Sargen-
to-mór, n.º 22.

ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, SOLANO D'ABREU

NUMERO 40

COIMBRA, 17 DE JUNHO DE 1884

2.ª SERIE

Pedimos desculpa aos nossos assignantes da demora na sahida d'este numero. Motivos imperiosos, forçaram-nos a não cumprir, como desejavamos, o nosso dever.

PAIZ DAS ARRUPADAS

31 DE MAIO

CHRONICA

O calor assentou por aqui definitivamente os seus arraiaes. E é de vêr como tudo reluz ao sol — homens e coisas, o-verde esmeraldino das arvores e as sedas das mulheres que flanam pela *baixa*, aborrecidas e magras.

Os passaritos estonteados fogem para os salgueiros do rio, a dormir em ninhos de folhagens, á espera que a tarde desça e as tricanas vão á agua, de militar ao lado, 'num *duo* admiravel de namoro e garridice. Só então é que elles, ao desafio, começam a cantarolar as *petaneras* do amor, sorrindo e pipilando, em arrulhos d'uma melancholia graciosissima...

É a hora em que os lyrios do Visconde da Luz—tristes flôres de estufa—descem dos terceiros andares para o seu passeio quotidiano pela Estrada da Beira. Levantaram-se tarde, ás 11 do dia. Na vespera haviam ficado á janella, até alta noite, á espera da serenata promettida. Deitaram-se muito depois das 2 da manhã, quando as guitarras vibravam ao longe, na paz religiosa d'uma madrugada de primavera, os derradeiros soluços e

os ultimos gemidos. A' cabeceira da cama esperava-as, uma novella tentadora, de lances patheticos e commoções violentas, que contava a historia d'uma admiravel andaluza—milagre de Deus 'num momento de bom humor —com um trovador apaixonado que acabára por fugir com ella, montados no mesmo cavallo, atravessando os mesmos descampados e ebrios do mesmo amor... Por isso as mamãs todas se inquietaram e affligiram quando, ao depôr-lhes um beijo suavissimo e casto na desmaiada brancura da face, viram os olhos das suas adoradas filhas mais encovados e mais humidos, e em volta circulos profundamente roxos...

Pelo dia acima, aborreceram-se dentro do seu penteador branco, constellado de rendas; e era de admirar—ó minhas queridas romanticas!—a provocadora malicia com que vós tingieis d'escarlata o esmalte purissimo dos dentes ao trincar a polpa encantadora de duas cerejas bem vermelhas, emquanto o vosso braço se desnudava pallido e tenro, mostrando, como tennes fios de seda, uma adoravel pennugem...

Depois, nós fomos encontrarvos no Jardim, alli pelo decahir da tarde. S. Jorge e os movimentos guerreiros d'um destacamento de cavallaria — os unicos movimentos guerreiros que o exercito portuguez sabe fazer, na phrase d'um nosso galhardo amigo — haviam refinado o vosso tedio. E por isso fostes es-pairecer para o ar livre, ao pé das arvores, e na doce frescura que vinha das plantas. E pensastes então 'num passeio delicioso, á beira d'um riacho, tapetado de relva e orlado de flô-

res, com um rapaz novo e moreno que tivesse expansões d'amor e musculos d'aco a que vos encostasseis — uma d'aquellas marchas delicadas e gloriosas, levemente envolvidas em sombra, de que nos falla a prosa encandescente de Fialho d'Almeida...

* *

Nessa altura da tarde, a multidão voltou-se absorta; e perceberam-se, atravez dos grupos, ligeiros murmurios d'espanto. Era uma gentilissima loira que, cheia d'uma graciosa altivez, nos seduzia o olhar e a alma. E havia no delicado coração d'um nosso companheiro, estrophes riosas para aquella mulher, parece que toda feita de rosas e sol, sahida do ceu ao sereno descer d'um crepusculo, quando tudo é brande e morno, a paisagem se esfuma ao longe e os rouxinoes, ao desafio, começam a cantarolar as *petaneras* do amor, sorrindo e pipilando, em arrulhos d'uma melancholia graciosissima...

SANTOS MELLO.

SCENAS CAMPESTRES

A RESPOSTA DA RUSSITA

(A MANOEL MONTEIRO)

A Russita era uma formosa camponeza de grandes olhos castanhos, que nunca faltava a nenhuma das diversões da aldeia. Sempre que havia serão, descamisada ou festa de familia, lá estava ella a convite dos promotores, distribuindo em volta de si a franca alegria dos seus sorrisos. Era rente em toda a parte onde se tratava de folgar.

A sua presença tornava-se tão necessaria como a do tocador de viola. Dir-se-ia que não podia haver animação e entusiasmo sem a cooperação da Russita. É que ella na verdade era a mais alegre e galhofeira de todas as raparigas da aldeia.

Preparava-se um bailarico; que frieza se não estava a Russita! Mas, em ella apparecendo, as vozes reanimavam-se, os rapazes gingavam com mais garbo, e até os tocadores sacudiam com mais furor as cordas das violas.

*

O tio Manuel do Pico, lavrador remediado a quem tinha chegado ha pouco tempo um filho de volta do Brazil, deu descamisada na quinta do seu sobrenome, convidando para ella a rapasiada mais folgazã do logar, e as raparigas mais frescas e *cantadeiras*. Escusado é dizer que a Russita não faltou, acompanhada pela mãe e seguida do namorado, um grave mocetão, que só depois d'um anno de constante *empiscadella* é que conseguiu collier-lhe o *sim* por entre um sorriso de verdadeiro amor.

Apenas a Russita chegou ao logar da descamisada, todos pronunciaram em côro o seu nome gracioso, que lhe proveio da frescura do rosto e do farto cabello muito louro e setinoso.

—Eh lá, oh Russita, vá de cantar, ordenou do lado o *sé Manoel* do Pico.

A Russita não se fez rogada. Envolveu a roda 'num dos seus olhares mais risonhos, ao radiar do qual se oppoz a densidade da noute, e entoou em seguida com voz firme e timbrada o primeiro

verso d'uma quadra popular. O filho do tio Manoel, o brasileiro, que conversava ao lado com dois camponezes, fazendo-lhes a apologia exagerada do Imperio, veio-se logo impressionado com a voz da Russita.—Devia ed'Abreu trazer em si todos os predes publicos formosura quem possuia leu a voz tão bella, pensou elle.

Quiz conhecê-la, e foi assentando-se ao lado d'ella para verificar se effectivamente era tão bonita como a imaginára.

Reconheceu que não se enganára, e, terminada a descamisada, veio esperal-a ao portão, para lhe dizer baixinho, num tom affectuoso:

—Sua moça, eu lhi quero muito.

A Russita fitou-o com ar de desprezo, e sahio a rir-se interiormente da figura do brasileiro.

Mas elle nem por isso deixou de a perseguir com ternas amabilidades, quer na fonte, quer no campo, emfim por toda a parte onde ella ia.

A Russita já estremecia ao vê-lo. Temia que o conversado, que tinha um genio desconfiado e ciumento, soubesse d'aquelle e fizesse alguma asneira.

Um dia seguia ella descuidosa e ridente ao longo d'um atalho, quando elle lhe appareceu ao fundo inesperadamente. Depois de lhe perguntar o nome, que ella disse com certa timidez, declarou-lhe—que a amava muito, que as suas tenções eram casar com ella, e que não deixava de a perseguir, enquanto elle não respondesse...

Neste momento acudiu á mente da Russita uma ideia admiravel.

—Não tenho *aquella* nenhuma em lhe dar a resposta, disse ella a sorrir, se não tornar o *préscurar-me*. Vá no domingo á missa que lá lh'a darei... Mas se m'apparece antes, nada temos feito.

E foi-se a correr pelo atalho além, deixando-o allí embasbacado, a olhal-a pelas costas e a pensar na resposta que havia de ouvir-lhe no domingo.

Attendendo á recommendação da rapariga, não lhe appareceu durante a semana, ainda que

com isto contrariasse o seu coração sinceramente enamorado.

No peringo, entrou na egreja de crypara ouvir a missa querido Alahida dos labios da uma esfusiaomettida resposta.

Hurrah! interiormente,—Coimbra, 30 e as palavras d'ella ao coração uma

Novos collepleta, quando o Aochor; sahio da sachristia e parou a meio do altar-mór. Ageitou os grandes oculos, encarou meia folha de papel sellado que o acolito lhe passou, e leu:

«Querem contrahir o santo sacramento do matrimonio Luiza da Conceição com José Maria, ambos de S. Martinho.»

A voz do prior pronunciando o nome da Russita, produziu no brasileiro o effeito d'uma paulada que o deixasse atordoado.

Não quiz ouvir mais. E sahio logo da egreja, tremulo e pallido, com a alma a debater-se-lhe no fel d'aquella desillusão.

Coimbra.

EDUARDO D'ALMEIDA.

VELHINHA

Eil-a, descendo a passos vagarosos em busca do seu tumulo, curvada, sempre a fitar a luz d'aquella estrada que ha de levall-a aos páramos ditosos.

A' noite, nos momentos silenciosos, pega num livro, numa fé sagrada, e é vél-a por espaços ajoelhada, resando a meditar nos santos gosos!

Viver assim—que immensa soledade dos sonhos da alma... E como nos captiva vêr-lhe o rosto senil que na verdade

tem a expressão mais dôce e pungitiva: bem como o pranto amargo da saudade, ou qual uma saudade sempre viva!

EXCERPTO

Uma nuvem que fugia
levou as sombras consigo;
foi então que o Sol amigo
deu luz á noite...

Maria,

a nuvem—era a illusão,
as sombras—um mar de abrolhos...
o Sol—a luz dos teus olhos,
a noite—o meu coração.

1883.

ANTONIO FOGAÇA.

CARTAS DO NORTE

I

(A SANTOS MELLO)

Meu amigo:—As arvores do Minho, companheiras leaes da minha relembra da infancia acharam-me velho e triste.

Quando lhes procurei a sombra, quando enviava uns beijos de saudade á primavera das suas folhas, debalde busquei a alegria d'outros tempos em que lhes colhia os fructos e as flôres e doidamente as abraçava aos sons d'uma trova, ou ao canto d'uma cotovia.

Coimbra pesou meus sonhos

na balança da actualidade, e, francamente, achára-os tão leves, tão banaes, que me materializou a ponto de conceber o Ideal encarnado na plastica appetitosa d'uma mulher vulgar, divorciada ha muito do sentimento e da alma.

E isto, meu amigo, não agradou ás minhas arvores. Deixaram de me alegrar, como o sol vae esquecendo a planta que se murcha; e quando agora tentei subir aos seus braços, ellas, retirando-me os sorrisos que já me foram esperanças, e lançando-me um olhar silencioso e vago, desprezaram o seu velho estroina—esse esquecido, incapaz de fazer hoje d'aquelles ramos trapezio de mil loucuras.

Senti então necessidade de aspirar bons ares, envergonhado da sombria mudez da minha ingratição, desejando ao mesmo tempo bater a affronta d'esse desprezo com um inimigo que não tivesse á frente a pobre cezeira do meu lar. Eu respeitara-a sempre, como avó paciente; e custara-me deixar essa velhinha merencorea, apesar de outr'ora lhe ter golpeado os seios com um canivete marca de anzol, que, muito a occultas, trocára na eschola por uns figos passados.

Foi por tudo isto, por me vir arrancar do meu aborrecimento ingrato, que eu abracei, com a sinceridade que me conheces, o nosso bom José Carvalho, quando elle me lembrava o centenário do Bom Jesus, onde eu iria deixar as nuvens da tristeza, enchendo a alma d'um entusiasmo de que a sinto distanciada, como o espirito de Beatrice da nova poesia...

A poucas horas de viagem, achei-me n'esse meio ruidoso de uma cidade em festa, que tu conheces bem: ruas cheias de flores e povo, janellas cheias de mulheres e sedas.

E pela primeira vez contemplei Braga—a *santa*—fazendo esquecer pelos bécos os nichos dos seus bemaventurados, e revestindo-se de gala, com o luxo d'uma freira rica, para chamar as attenções do paiz inteiro e lhes banquetear os olhares com pompas e vaidades, d'uma idolatria raras vezes vista...

Fui depois ao Bom Jesus. Eu precisava de encher o coração e

os olhos com as hallucinações magestosas da arte; precisava de beber a bondade incomparavel de maio, como quem toma um tonico excellente, banhando o peito nos largos d'um horisonte esplendido, já quando o sol poente põe enormes manchas rubras no dorso azul-escuro das aguas.

O Bom Jesus é, como sabes, um verdadeiro paraíso, onde se nos esquece o olhar na frescura dos seus lagos e fontes e na soberba e radiosa comprehensão artistica das suas magnificas estatuas.

A tarde passava serena e fresca, 'numa harmonia deliciosa de sons e côres, de sorrisos e vida, de emoções e franqueza... E a paz convidativa do sitio, os verdes troncos dos vegetaes musgosos, a interminavel variedade de brilhos que a tela da Natureza ostenta, pareciam fazer-me rejuvenescer o espirito 'numa hilaridade triumphante de encantos e virtudes, desconhecida da minha nostalgia habitual e dos meus pezadelos e tedios...

Porém os dias voaram e os festejos acabaram-se. E, então, eu e o meu amigo voltamos para esta formosa aldeia, d'onde te escrevo, sentindo a falta da tua soberba gargalhada, epilogo muitas vezes de doces historietas amorosas que eu te contei nas bellas noites de Coimbra, 'naquellas noites de luar e de goso em que fallavamos muito acerca do sublime e nunca esquecido auctor do *Bispo e dos Falsos Apostolos*, d'esse athletico poeta — o meu predilecto Guilherme Braga — vulto quasi lendario na historia da litteratura portuguezã e que tão cedo deixou de arremessar para a luz esses punhados de mimosas perolas, que só elle entre nós artisticamente sabia buscar no immenso mar que Victor Hugo domina.

Ah! meu amigo, quando fallo d'este genio, — talento excepcional e unico — não posso deixar de recordar, como um triste dobre de finados, a verdade negramente pulsada na melancholia de dois versos seus quando o poeta julgava reconhecer uma voz que estimára muito e muito, interrogando-o da treva

sobre o que o prendia a este mundo, e a quem elle respondia sombriamente:

«Na estrada onde me vês
deixo os outros passar e espero a minha vez!»

*
* *

São onze e meia da noite. Termino, meu caro Mello, porque não devo abusar mais da tranquillidade d'esta casa de campo onde tudo já dorme. E enviando-te um abraço sincero, peço-te sómente, pelo valor da nossa amizade, que quando deixares Coimbra lhe lances por mim um olhar sauloso — que eu não posso esquecer-a, ainda que por lá gastasse a alma febrilmente, lançando sombras na minha mocidade e concorrendo sem o querer para a desdita das minhas pobres arvores!

Teu sempre amigo

JULIO CELENO.

DOIS DEDOS DE PALESTRA

A respeito de novidades, nem uma unica que mereça ser registrada... A cidade indifferente aos altos debates scientificos que ha quinze dias a esta parte se têm exposto ahi para os lados da rua Larga, continúa invariavel a sua marcha pela estrada da sem-saboria, sem alteração importante na pacatez dos seus costumes. Levanta-se de madrugada, quando o azul se esclarece e as cumidadas denunciam o sol, toma aguas ferreas, passeia os leites de burra á beira do Mondego, e recolhe-se pela volta das sete horas, tympanos recheados de gorgeios de rouxinol e grande appetite para o almoço.

Passa o dia alimentando escassamente a pobreza do seu commercio, debicando escandalos futeis pelos centros de cavaco e estropiando musica nos pianos do Tinoco, um afinador que se poz de mal com a harmonia e declarou guerra de ensurdecer aos ouvidos de toda a Coimbra, servindo-se para isso da arma mais atroz que conhecemos — uns Erard no terceiro grau de desafinação, que Tinoco o maldito, fornece desde longa data e por pre-

ços commodos á burguezia da boixa, empenhada em prender as filhas para desenvolverem o appetite matrimonial á algum bacharel baboso, que a magistratura manda-se ao Diabo e por quem suspirem ardentemente os logares de Secretaria...

*
* *

A meio da tarde, quando o sol dobra o Mondego, acenando ás trapeiras por entre os arvoredos do caes, a baixa toma o aspectu d'um grande idyllio que se ostenta picaresco e reles desde as grades da Portagem entre sopeiras rechonchudas e soldados basbaques, 'num descarado *pes-canço*, até aos segundos andares dos altos predios da Sophia, d'onde as Julietas delambidas e espartilhadas, com fartos recheios d'algodão em rama, fazem cahir d'envolta com o pó d'arroz de *Piver*, um chuveiro de sorrisos sobre os Romeus que pavoneam cá por baixo o janotismo das farpellas.

Mas á noute — oh ánoute! quando a lua boiando em pleno azul innunda de luz toda a paysagem atravessada pelo Mondego, a fina flôr das meninas recatadas que soffrem do estomago e do coração, avidas de frescura e de caricias amorosas, seguindo em passo de procissão para a Estrada da Beira, tomam assento n'aquelles bancos de pinho esverdeados, e alli occultando-se na sombra dos arvoredos, vão digerindo socegradamente o platonismo das suas almas com as torradas da ceia — digestões intercortadas de suspiros de melancholia e arrotos a manteiga de vacca. Ó minhas tristes meninas, como me fazem dó os vossos soffrimentos!...

*
* *

São 11 da noute. E a estas horas silenciosas, o meu visinho alli do trapeira esfogueteia-me os ouvidos com os seus estudos de harmonico.

Não conhecem o meu visinho não? E' um excellente moço, caixeiro d'uma loja de pannos, um rosto gorducho e sanguineo de menino Jesus d'oleographia barata, loura cabelleira empastada em banha e penteada com esme-

ro. Este pobre rapaz experimentou uma paixão violenta pela sopeira da casa, e, como ella o trocasse por um clarim de cavallaria, passa agora as horas vagas no fundo da trapeira, procurando esquecer o pranto em que o deixou a ingratição da amada a estender e a encolher na execução d'hymnos nacionaes o seu instrumento predilecto — o harmonico.

Ah! mas como elle me desafina os nervos! Como se contorce horrivelmente a minha sensibilidade — esta rica insensibilidade que enguiça com qualquer coisa!

Meu louro visinho querido, mais senso commum, e menos furor pela arte, sim?

E. d'A.

A VISCONDESSA

(A SOLANO D'ABREU)

—o—

O dia tinha sido quente, abafado; — e quando o sol começou a sumir-se 'numa suave decadencia, 'numa frouxidão lenta, pondo no ar uma côr amarellecida espalhada pelos ultimos raios, ainda a viscondessa sentia no corpo uma forte *quebreira* produzida pelo calor.

Das janellas do seu quarto pendiam cortinados alvadios, obstando a que penetrasse com toda a força as quenturas do sol, que desaparecia. Diffundia-se uma meia luz pelo quarto, uma penumbra tépida, fazendo tons sombrios e ao mesmo tempo deliciosos em todo aquelle ambiente.

Envolvida no finissimo roupão, d'um largo decôte que deixava o collo e os hombros a descoberto, a viscondessa descansava entre estofos, 'numa attitudo cheia de indolencia provocadora... Sentia-se enfasiada 'naquella temperatura calida; e com as mãos pequeninas alargava mais o decôte, nos fortes desejos de brisas frescas e perfumadas, que lhe acalmassem o sangue fêrvido. Sonhava um lago bem frio, onde podesse saltar sem que a vissem, fazer á vontade umas brincadeiras com a agua, pondo frescuras no corpo setinoso, e, depois, metter-se entre finos lençoes de linho macio, muito suavemente,

SONHANDO

(A EDUARDO DO VALLE)

Dorme tranquilla: o roseo peito arfando
Faz-lhe ondular as formas deliciosas...
Distinguem-se-lhe as curvas graciosas
Do corpo esculptural, virgineo e brando...

E a timida cabeça repoisando
Na brancura das roupas setimosas...
Ondula-lhe nas faces melindrosas
Um sorriso gentil de quando em quando.

Desprende-se-lhe a trança caprichosa.
Nas alvuras do linho transparente
Ergue, tremendo, a palpebra medrosa.

Sobe-lhe á face a ingenua cõr do pejo...
E passa-lhe nos labios mansamente
O rumuroso frenito d'um beijo...

SILVESTRE FALCÃO.

CARTEIRA

Realizou-se hontem em D. Luiz, um sarau dramatico-musical, promovido pela *Eschola Livre* em beneficio d'um dos seus discipulos mais distinctos, Julio Motta, que a doença veio surprender em plena expansão de vida e de talento.

Abriu o sarau com as *Tribulações d'um estudante*, uma farsada insulsa com pretensões a *charge* que Santos, Ramallete e Luiz Cardoso desempenharam rasoavelmente.

Seguiu-se uma aria, cantada por José Lucio e um concerto de flauta por A. Paes. Ferreira da Silva recitou os Camarões com aquella intuição de verdadeiro artista que todos lhe reconhecemos.

E para terminar J. Doria e Antonio Cardoso, duas excellentes vocações scenicas, desempenharam com graça e naturalidade, os *Dois candidatos*, entre-acto que para ahi anda massaciado pelos theatros particulares e em que elles obtiveram bastantes applausos. Um bravo a todos pela acção generosa que fizeram e pela bella noite que nos proporcionaram.

A Redacção e Administração da COIMBRA EM FRALDA ficam provisoriamente estabelecidas na rua do Sargento-Mór n.º 22.

a rir-se, a troçar o sol—esse atrevido que a incommodava! Que bom!... Recordava-se do prazer que sentira no banho da manhã, na tina de marmore, ao levantar da cama; mas a frescura d'esse banho passara breve, porque o sol fôra fortissimo durante o dia.

Por vezes agitava o leque de madreperola; e depois, deixando pender o braço nu, ficava na mesma attitude cheia de indolencia provocadora... com os seios palpitantes...

Que calor, que aborrecimento!...

A porta do quarto abriu-se de manso. Era o marido que entrava, a dizer-lhe adeus; ia dar o passeio do costume.

Caminhou para a viscondessa e beijou-a na cabeça loura...

Quando se retirava, perguntou.

—Queres vir?

Que não... disse-lhe ella: Não estava para vestir-se, incommodava-se...

Quando o visconde sahio, ella ergueu-se num adoravel espreguiçamento; e correndo os cortinados da janella:—Que insipido, o sr. meu marido!...

**

Ella tinha feito um casamento de conveniencia. Nunca sentira a minima dedicação amorosa pelo visconde, homem que lhe destinaram, mas... 'naquella occasião... a conveniencia obrigava... E casou, pensando muito num rapaz louro, o Eduardo, com quem brincara desde creança. Dizia-se que ella fôra sempre muito inclinada para aquelle rapaz; gostava d'elle; e ainda na vespera do casamento lhe enviara uma carta, cheia de prazeres e ao mesmo tempo de cinismo, que terminava assim: «Não te querem para meu marido; que importa? Serei esposa do visconde, mas ficarei tua amante.»

E por isso, quando o marido sahio para o passeio do costume, ella acenou para a janella fronteira d'onde o Eduardo espreitava, espreitava muito...

E os cortinados correram-se de novo, alegres e brancos como se escondessem um gracioso crime...

Coimbra. G. MOREIRA.

IMPRESA N DEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e acção todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das prencipal terras do paiz.

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Sargento-mór, n.º 12, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que continuaremos mandar proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 10.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª —rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista e na agencia de jornaes do Sr. Antonio Maria Almeida.

BRAGA—Kiosque Gonçalves, VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida,

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª —largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

PORTO—Kiosque da Praça de D. Pedro.

PUBLICAÇÕES

CARLOS BRAGA

O PADRE HENRIQUE

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J.L.da Costa, editor—Coimbra.

PREÇO..... 400 reis

PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario

José Luiz da Costa

ESCRITORIO DA EMPREZA

231—Rua do Ferreira Borges—237

Recommendamos ao publico esta interessante e luxoso publicação.

LIÇÕES

Para a cadeira de legislação nos lyceus

POR

LUIZ PALMEIRO

Estudante do 3.º anno de direito.

Assigna-se em casa do auctor.

Rua do Cotovello

COIMBRA

COIMBRA—IMPRESA INDEPENDENCIA